MUSEU DO LIVRO
BIBLIOTECA NACIONAL
DE ARTE E ARQUIVO
LISBOA

Digitized by the Internet Archive
in 2016

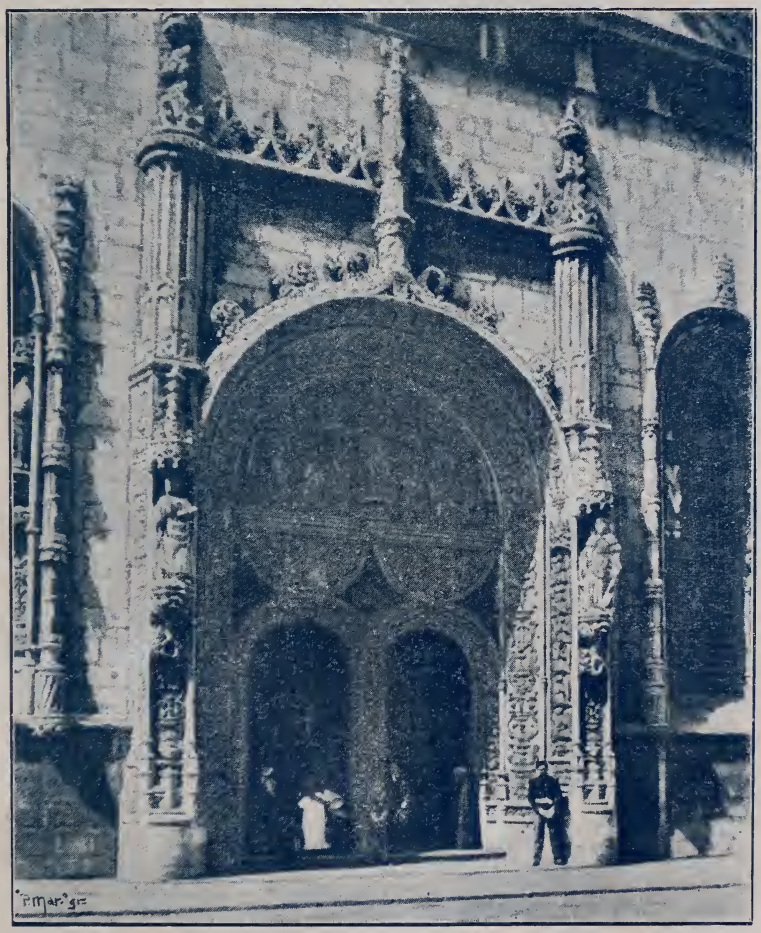
https://archive.org/details/egrehadaconceica00fari

Faria e Silva (Filippe Nery)

A Egreja da Conceição Velha

e

VARIAS NOTICIAS DE LISBOA



1900
Imprensa de Libanio da Silva
87 — Rua do Norte — 103
LISBOA

A Egreja da Conceição Velha

E

VARIAS NOTICIAS DE LISBOA

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

DA CONCEIÇÃO VELHA

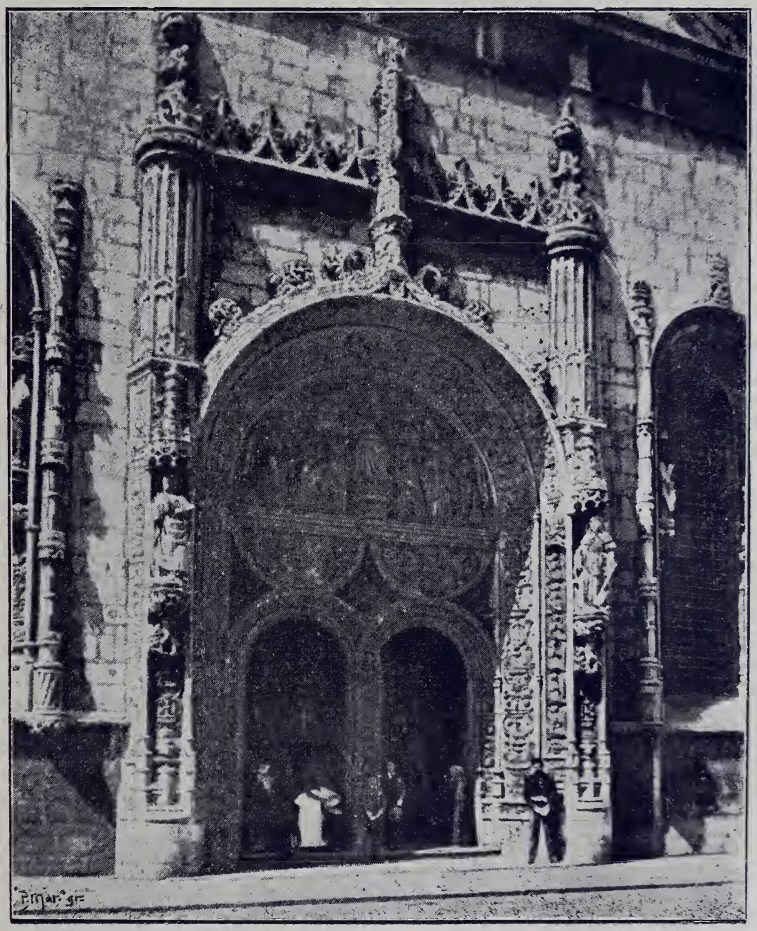
Esculptura de Joaquim Machado de Castro

Faria e Silva (Filippe Nery)

A Egreja da Conceição Velha

e

VARIAS NOTICIAS DE LISBOA



1900
Imprensa de Libanio da Silva
87 — Rua do Norte — 103
LISBOA

Esta obra é a segunda edição, refundida e muito augmentada, da publicação feita em Lisboa, no anno de 1897, com o titulo de *Nossa Senhora do Restello, os freires de Christo e a egreja da Conceição Velha*, em commemoração do 4.º centenario da descoberta do caminho maritimo para a India.

I

De relance

Fundação da ermida de Belem e sua doação aos Freires da Ordem de Christo. —A «esnoga» transformada em egreja da Conceição.—Transporte da Imagem do Restello para este templo.—Creação da freguezia da Conceição.—Fundação da Confraria e egreja da Misericordia.—O que fez o Marquez de Pombal quando o terremoto deitou por terra as duas egrejas. —Passagem da Imagem para a Conceição Velha e noticias d'este templo, aonde a mesma Imagem se encontra presentemente.

Conhecendo praticamente o infante D. Henrique, o fundador da escola nautica de Sagres, que o sitio do Restello, a uma legua da antiga Lisboa, era o local apropriado para a edificação de um templo, por estar em frente do ponto onde as embarcações de alto bordo costumavam fundear, por ser bom o ancoradouro, mandou ali construir uma ermida, doando-a aos Freires da Ordem de Christo, de que era mestre e administrador, e ordonou que os da mesma Ordem ali fossem pôr em pratica as suas caritativas indicações: — de offerecer socorros espirituaes a todos os mareantes, agasalhando os que chegassem e não tivessem logo para onde ir, ministrando tratamento aos enfermos e praticando outras obras de caridade evangelica. (1)

(1) Parte d'este artigo foi publicado pelo author n'*O Seculo*, n.º 5563, de 10 de julho de 1897, visto ser este jornal o que em Portugal tem maior tiragem, com o fim de tornar conhecida do povo, que quasi a não conhecia, a existencia da antiga imagem de Nossa Senhora do Restello.

Foi n'esta pequena ermida, que tinha por orago uma imagem de Nossa Senhora de Belem, assentada, com o menino sobre os joelhos, que Vasco da Gama e seu irmão Paulo da Gama e companheiros, ouviram missa na vespera da partida para a descoberta do caminho da India, na sexta-feira, 7 de julho de 1497, e ali foram armados cavalleiros da muito nobre Ordem de Christo.

João de Barros, nas suas *Decadas*, diz:

A capella de Nossa Senhora do Restello fundou-a o seu governador e perpetuo administrador o serenissimo senhor infante D. Henrique. e a dotou com rendas, terras, pomares e agua, que tinha comprado para sustento dos Freires, e, entre as obrigações que lhe impoz, foi que, nas missas, ao «lavabo», se virassem para o povo e pedissem um «Pater Noster» e uma «Ave-Maria» pela alma do senhor infante, que a mandou edificar, e que os Freires tambem administrassem os sacramentos da confissão e communhão a todos os cavalleiros e mareantes que partissem para as descobertas e conquistas ultramarinas.

N'ella se demoravam estes, ali faziam seus exercicios espirituaes, ouviam missa e esperavam o tempo de embarque, e quando sahiam formavam uma devota e solemne procissão, em que os Freires e muitos sacerdotes, que concorriam a celebrar, cantavam a ladainha, a que o immenso povo respondia, e chegando aos escaleres, feito silencio, e postos de joelhos, um dos Freires da casa dizia em voz alta a confissão geral e depois eram absolvidos na fórma das bullas, que o dito senhor infante, como grão-mestre, tinha conseguido para aquelles que n'estes descobrimentos e conquistas fallecessem.

Querendo el-rei D. Manuel, em memoria de tal descoberta, e para seu jazigo e de sua mulher e filhos, construir n'aquelle ponto uma casa religiosa, deu, por troca, á Ordem de Christo, uma casa de muitos maiores dimensões, no sitio chamado *Villa Nova de Gibraltar,* proximo da Magdalena e dos muros antigos da cidade. Essa casa tinha sido *esgona* ou synagoga de judeus e era conhecida por *Judiaria Grande.*

O templo foi purificado e consagrado a Nossa Senhora da Conceição, e feito de novo, segundo diz Damião de Goes na *Chronica d'El-Rei D. Manuel.* (2)

---

(2) No Porto tambem foi purificada e reduzida a templo christão uma synagoga de judeus. O mosteiro de S. Bento da Victoria occupou o centro da velha judiaria de D. João I.

D. Manuel mandou purificar todas as mesquitas arabes que existiam ainda no seu tempo, transformando-as em templos catholicos.

Lê-se o seguinte n'um manuscripto antigo, que temos presente:

E querendo o senhor infante augmentar mais a dita egreja, lhe sobreveiu a morte, tendo antes recommendado isto ao rei D. Manuel. Este, tomando debaixo da sua protecção esta egreja e expellindo d'este reino e seus dominios os hebreus, mandou que n'esta côrte e no mesmo logar em que elles tinham a sua «Judiaria Grande», a que davam o nome de «esnoga», se preparasse e edificasse um magestoso templo, dedicado á Virgem no veneravel mysterio da sua Conceição Purissima, e que, onde Deus e sua Santissima Mãe tantas vezes tinham sido offendidos, d'ali por deante fossem perpetuamente louvados, o qual foi o primeiro que d'esta invocação houve em Lishoa. Elle foi doado ao grão-mestrado, por causa mutua e em compensação do do Restello, em cujo sitio se erigiu o convento de S. Jeronymo. Creou, com dinheiro do seu bolsinho, uma commenda, com o titulo de Santa Maria de Lisboa, em memoria do Restello.

A imagem de pedra de Nossa Senhora de Belem, que estava na sua ermida da praia do Restello, foi mais tarde trasladada para a sua nova egreja, tendo sido o transporte feito pelo rio acima, n'uma galeota, com grande solemnidade e acompanhamento, e o desembarque levado a effeito no sitio da Ribeira, passando depois para o templo, que era a pequena distancia.

A nova egreja ficava, como dissémos, proximo da Magdalena. Era situada na rua da *Prataria,* ou dos *Prateiros,* que já não existe. (1)

El-rei D. Manuel dotou esta egreja com rendimentos para a

---

(1) Esta rua era tão estreita que não podiam passar por ella cavalgaduras carregadas, e para que alguem não tentasse leval-as por ali, tinham os moradores privilegio d'el-rei para o embaraçarem, o que fizeram pondo dois marcos ou columnas de pedra, assentados nos meios dos topos da rua, deixando apenas a largura necessaria para passar um homem a cavallo.

D. Affonso VI deu ordem ao senado da cidade que alargasse a rua dos *Prateiros,* de fórma que podessem rodar por ella tres carroças emparelhadas. Na rua havia um nicho com a imagem da Senhora da Assumpção, Os moradores intentaram então, por occasião das obras, a construcção de uma ermida o que levaram a effeito no anno de 1697. A festa da abertura foi em dia da Assumpção, com grande solemnidade, havendo á noite, diz a historia — «*uma vistosa encamisada de figuras a cavallo com os attributos da Virgem*».

O restaurador de Lisboa teve ideia de fazer construir em outro ponto um pequeno templo, dedicado á Assumpção da Virgem, e tanto que mandou dar o nome de *Assumpção* a uma das ruas transversaes da cidade baixa, nome que ainda hoje conserva.

sua sustentação e deu-lhe regimento a 29 de janeiro de 1504, approvado por Julio II, que eximio a egreja e as pessoas d'ella do poder do ordinario e as sujeitou a el-rei, como administrador da Ordem de Christo.

Aos 16 de janeiro de 1568, foi ali criada, por el-rei D. Sebastião, com approvação e consentimento do cardeal infante, então arcebispo de Lisboa, a parochia de Nossa Senhora da Conceição, que se conservou 114 annos na egreja onde foi estabelecida e que sahiu por se terem levantado contestações entre os grão-mestres e arcebispos, por serem os Freires de nomeação regia e os curas da ordinaria.

As freguezias da Magdalena, S. Julião e S. Nicolau é que tinham dado maior numero de freguezes para a nova parochia, que foi mudada em 1682 para a ermida de Nossa Senhora da Victoria, na rua da *Caldeiraria,* freguezia de S. Nicolau, e em 1699 para a egreja da Conceição Nova, começada aos 15 de junho de 1698, posto que esta só em 1730 ficasse concluida, na rua Nova dos *Ferros.*

N'esta egreja, a primeira missa foi celebrada aos 23 de agosto e o Santissimo Sacramento, transferido em procissão, aos 13 de setembro do mesmo anno de 1699

Agora damos a palavra ao grande historiador Alexandre Herculano:

> A historia da *esnoga* e do mosteiro do Restello é simples: tel-a-heis lido em dez livros copiados uns dos outros com grande augmento e gloria das lettras patrias. Onde hoje este edificio, amplo como o poderio de D. Manuel, simula aos olhos do vulgo, na vermelhidão dourada das suas pedras, uma edade mais provecta que a verdadeira, existia um convento de Freires de Christo.
>
> D. Manuel vasou-os na synagoga de Villa Nova, desentulhou o chão da ermida de Santa Maria de Belem, que assim se chamava ella, alevantou a machina que ahi vêdes, chantou-lhe dentro não sei quantas duzias de frades Jeronymos de Penha Longa, e morreu deixando a sua obra imperfeita. Tratou de continual-a D. João III, nos intervallos em que lh'o consentiam as suas incançaveis diligencias para obter a santa inquisição, contra a qual reluctou muito tempo a curia romana, que nem sempre é tão boa como alguns a fazem nem tão má como outros o affirmam. Na regencia de D. Catharina parece ter-se acabado a egreja, como actualmente existe.

—Vem a proposito dizer duas palavras a respeito da confraria e egreja da Misericordia, que se relaciona com o que se está escrevendo.

A confraria da Misericordia foi instituida pela rainha D. Leonor, viuva de el-rei D. João II, quando regente do reino, a instancias do seu confessor frei Miguel de Contreiras, religioso trinitario e a cerimonia da instituição foi levada a effeito na capella de Nossa Senhora da Piedade, que ainda existe, nos claustros da Sé de Lisboa, aos 15 de agosto de 1498. (1)

O fim era dar sepultura aos defunctos pobres, casar orphãos, negociar causas de presos desamparados e sustental-os, visitar viuvas bem procedidas e muitas obras de summa piedade e edificação.

El-rei D. Manuel approvou o compromisso da confraria e mandou construir o edificio proprio onde ella definitivamente se estabelecesse. Escolhido o local na praia e proximo do sitio onde estava a egreja que tinha sido dada á Ordem de Christo, as obras tiveram logo grande incremento e o templo ficou o maior e o mais sumptuoso que então havia em Lisboa, depois do de Santa Maria de Belem; porém, só foi acabado 13 annos depois da morte d'aquelle monarcha, reinando então D. João III, aos 25 de março de 1534, que foi quando se fez a transferencia da confraria da capella dos claustros da Sé para a sua nova casa.

Frei Nicolau de Oliveira diz, em 1620, que foi quando escreveu o seu *Livro das Grandezas de Lisboa,* que n'esta egreja da Misericordia se diziam em cada anno mais de trinta mil missas, porque a todo o sacerdote que ali ia celebrar se dava a esmola de meio tostão.

No hospital de Todos-os-Santos, que era administrado tambem pela Misericordia, pagavam-se ao tempo as missas a dois vintens!

Um chronista notavel, falando do edificio e sua grandeza, diz:

O templo de Nossa Senhora da Misericordia era, depois do de Santa Maria de Belem, o mais vasto e sumptuoso de Lisboa. Como todas as egrejas antigas, corria do occidente para o oriente, ficando n'este lado a capella-mór e n'aquelle a frontaria com a porta principal, que deitava para uma pequena rua, que communicava a rua da Misericordia com a dos Confeiteiros. A porta travessa abria-se no corpo da egreja, proximo do cruzeiro, do lado da Epistola e dava sahida para a rua da Misericordia.

---

(1) A Misericordia do Porto teve a sua séde na Sé cathedral d'aquella cidade. D. Manuel deu-lhe alvará de fundação em 1499.

As portas e janellas da egreja ostentavam todas as galas da architectura gothica no seu verdadeiro periodo, em que os architectos, como poetas inspirados por estro divino, phantasiavam mil ornamentos, cheios de significação e de religiosa poesia. As portas e janellas eram, portanto, ornadas de alto a baixo, como as do monumento de Belem, de estatuas de santos, de figuras de cherubins postos em adoração, de rendas delicadas, de silvados, arabescos e outros desenhos de singular invenção, campeando sobre todos os ornatos a cruz de Christo e a esphera armillar, nobres divisas do rei *afortunado*, um symbolo sagrado da redempção do genero humano, o outro prophetico emblema da moderna civilisação, para a qual a descoberta da carreira da India foi pedra fundamental.

Vinte columnas de marmore de elevadissima altura e curiosamente lavradas, seis dividindo a egreja em tres amplas naves e quatro meio embebidas nas paredes, sustentavam a aboboda, toda de laçaria de pedra, com artesões e florões, onde se alternavam os emblemas da fé christã com as divisas do rei fundador. A capella-mór era um monte de ouro em obra de talha, relevada de excellente esculptura. No cruzeiro viam-se duas ricas e elegantes capellas occupando os topos, e dois bem armados altares nas paredes lateraes. No corpo da egreja não havia primitivamente capella ou altar, mas no terceiro quartel do seculo XVI uma dama abastada, chamada D. Simôa, edificou n'elle uma capella do lado do Evangelho, que dedicou ao Espirito Santo, dotando-a liberalmente.

Foi construida esta capella toda de marmore de côres, não em harmonia com as mais partes do templo, pois que o estylo gothico achava-se então proscripto, mas no gosto moderno da architectura classica.

Dois recolhimentos de orphãos, um hospital, espaçosas salas para a secretaria, cartorio e mais officinas, formavam juntamente com a egreja um edificio vasto e grandioso.

Um dia bastou para lançar por terra esta soberba fabrica, que tantos annos levou a erigir-se. Derrocou-o o terremoto do 1.º de novembro de 1755, e o incendio que a seguir reduziu a cinzas quasi tudo quanto o cataclismo poupára.

A egreja da Conceição dos Freires não escapou á catastrophe e tinha padecido tão grave ruina, que devia ser demolida inteiramente, bem como os predios que formavam as estreitas ruas e travessas proximas.

Assevera João Baptista de Castro, no seu *Mappa de Portugal,* que n'aquelle ponto as ruinas estavam tão confusas e alteradas, que não se distinguiam n'ellas mais do que montes de pedra e de caliça!

O marquez de Pombal, o famoso restaurador de Lisboa, ordenou então que dos restos da egreja da Misericordia, que tambem tinha sido victima da fatal catastrophe, tendo unicamente em pé a capella do Espirito Santo e a porta travessa que lhe ficava

em frente, com as suas duas formosas janellas, se formasse uma egreja, para ser dada aos Freires da Ordem de Christo, em logar da sua, que estava irremediavelmente perdida.

A egreja, que então se construiu, com os restos da primitiva Misericordia, que tinha passado para a casa professa da Companhia de Jesus, a S. Roque, fundada em 1553, é essa que ahi vemos na rua da Alfandega, antigamente rua da *Misericordia*. A capella do Espirito Santo é hoje a capella mór da Conceição Velha.

Os Freires passaram para o seu novo templo em 1770, e lá estiveram até á extincção das ordens religiosas, continuando com a cerimonia de armarem os cavalleiros da Ordem de Christo. Na egreja existem ainda dois capacetes que serviam para aquelle fim e o respectivo livro das orações.

Uma coisa notavel. O titulo de Conceição Velha tem sido dado pelo povo a duas egrejas. A' que havia na rua da *Prataria*, ou dos *Prateiros*, que passou a ser *Velha* desde que se fundou a Conceição Nova, e á capella construida com os restos da Misericordia, e que foi feita a bem dizer de novo, e que ficou sendo *Velha* desde que se abriu! (1)

O mesmo manuscripto, a que já nos referimos, diz ainda:

O templo dos Freires foi incendiado pelo terremoto de 1755, e, ficando intacta a imagem da Senhora do Restello, o serenissimo rei o senhor D. José a fez trasladar para a sua nova egreja, onde actualmente officiam os ditos Freires.

E com effeito, a imagem passou para a egreja da Conceição

---

(1) A este respeito, diz o sr. Vilhena Barboza:

«Concluida a egreja de Nossa Senhora da Conceição, tomaram posse d'ella os Freires da Ordem de Christo. E o povo para a differençar da parochia da mesma invocação, continuando a denominar esta Conceição Nova, deu áquella o nome de Conceição Velha, com que já designava a que pertencera aos ditos Freires antes do terremoto.

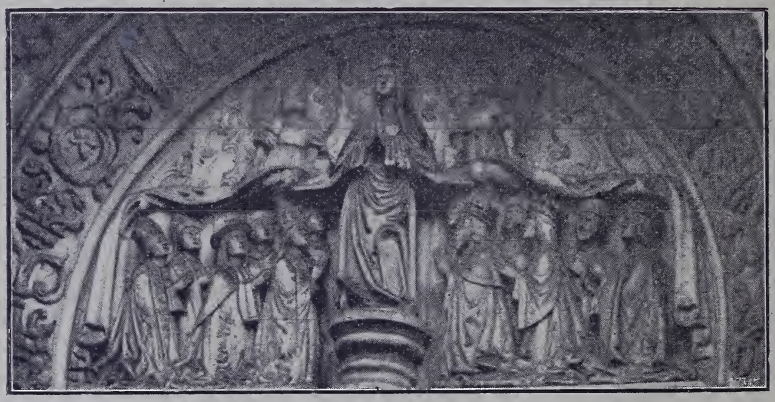
«D'esta mudança de invocação popular, de uma para outra egreja, veio a resultar em nossos dias uma tal confusão, que tem feito cahir em erro muitos e graves escriptores, affirmando que a actual egreja da Conceição Velha fôra a synagoga dos judeus, que el-rei D. Manoel lhes tirou e mandou purificar para a entregar aos Freires da Ordem de Christo, em troca da ermida de Nossa Senhora do Restello, em Belem.»

e ali está exposta á veneração dos fieis. Está collocada no segundo altar do lado da epistola, tendo passado para ali quando em 1872 se construiu, n'aquella egreja, um camarim para o Senhor dos Passos. A imagem, já o dissémos, é de pedra, mas foi pintada e envernisada, trabalho antigo, ao que se vê.

N'esta egreja, ainda em 1834 se celebraram mais de 40 missas diarias, desde o romper do dia até á uma hora da tarde.

Em 1841 ainda existiam alguns padres, que continuavam com os officios divinos e o vigario era o frei Thomaz Correia de Sá (1).

— Por cima da porta principal da Conceição Velha, foi, em 1880, collocado um quadro de figuras esculpidas em pedra, que d'ali tinha sido tirado pelos Freires, em 1818, para dar mais claridade ao côro, sendo em seu logar posta uma grade de ferro.



Grupo da frontaria da egreja

O quadro representa a imagem de Nossa Senhora da Misericordia, de manto aberto, sustido por dois anjos, e a seus pés, de um lado, el-rei D. Manoel, a rainha D. Leonor, sua irmã, viuva de el-rei D. João II e principes d'aquelle tempo, todos de joelhos; e do outro lado o pontifice Leão X, o instituidor frei Miguel de Contreiras, cardeaes e bispos, que concederam a estes reinos a

(1) Ainda existem pessoas de idade que se lembram de ter visto na egreja da Conceição Velha um empregado muito velho, com murça preta e cruz de Christo ao peito. Era o ultimo sacristão, do tempo dos Freires. Todos o tratavam por *senhoria*.

fundação de hospitaes, misericordias e albergarias. Tem $4^{m},40$ de comprido por $3^{m},10$ de largura. E' composto de sete pedras.

O sr. Vilhena Barbosa diz, no *Archivo Pittoresco,* que aquelle grupo, como objecto historico e archeologico, é d'alta valia e de muito interesse, pois que é a chronica em pedra da mais religiosa e caridosa instituição que os homens teem creado. E' um quadro authentico dos costumes da época.

Causa pena que os nossos governos não tenham feito caso de uma reclamação, por diversas vezes formulada, de ser substituido o actual frontão por uma balaustrada no gosto manuelino. O tal frontão foi feito quando se tratou da reconstrucção da egreja, mas foi um remendo que não dá honra ao mestre que o mandou executar. A despeza a fazer não devia ser grande, e bem empregado seria o dinheiro que ali se gastasse, porque ficaria uma obra harmonica e perfeita.

Como é sabido, foi Eugenio dos Santos de Carvalho o architecto que delineou a planta da reedificação de Lisboa e quem fez o risco e dirigiu os trabalhos de quasi todos os edificios publicos. Não é, porém, obra sua o aproveitamento dos restos da egreja da Misericordia e fundação do templo actual. Esta obra pertence ao architecto Francisco Antonio Ferreira, por alcunha *O Cangalhas.*

Um dos archeologos mais estimaveis diz que — «o remate da fachada não abona, certamente, a sua pericia e bom gosto, pois que o frontão, que a corôa em toda a sua largura, está em completa desharmonia com o estylo do portal e janellas.»

— Pela extincção das ordens religiosas, a egreja da Conceição Velha entrou na lista dos bens nacionaes e esteve para ser vendida, tendo havido quem a quizesse, e n'isso fizesse empenho, para estabelecer n'ella, por ter os tectos altos, uma estancia de madeiras!

Felizmente, houve quem acudisse a uma tal desgraça e aquellas reliquias da primeira Misericordia escaparam ainda a este segundo cataclismo, pois a egreja foi retirada da praça, tendo sido vendida a casaria que a contorna. Venderam até uma pequena casa, que fica pela parte de baixo do camarim da capella mór, e n'ella está estabelecida uma venda de linho em rama, o que é excellente combustivel para um caso de incendio!

E, por cima d'aquelle deposito de linho, está, dividido por um tabique, a mais perfeita imagem de Nossa Senhora da Con-

ceição que hoje temos, attribuida ao eximio esculptor Joaquim Machado de Castro, o immortal auctor da estatua equestre de D. José I!

Como a capella mór é muito escura faz pena que aquella imagem não possa ser bem examinada, porque é deveras digna d'isso. Os leitores encontram n'este folheto a imagem de Nossa Senhora da Conceição, copia de uma boa photographia tirada pelo sr. Avellar, estabelecido na rua de D. Pedro V.

— E' justo fazer aqui menção de dois nomes que andam ligados á historia moderna d'aquelle templo. São elles os dos srs. José Gregorio da Rosa Araujo (1) e Justiniano José Marques (2), ambos já fallecidos. Aquelle promoveu, do seu proprio bolso, custosas e muito explendorosas festividades, que ainda hoje são falladas; este como procurador da irmandade, prestou relevantes serviços á egreja, pois era incansavel em beneficiar tudo quanto estava ao seu cuidado, e em promover a entrada de novos associados.

Tambem prestaram serviços, entre outros, os srs :

José Anastacio Ribeiro de Gouvêa, Leandro José Gonçalves de Freitas, Antonio Maria da Fonseca, Agostinho Frederico da Silva Gomes, padre Domingos Amancio da Silva e Francisco Duarte Raposo.

— A capella do Espirito Santo da Misericordia, que hoje é capella mór da Conceição Velha, foi instituida por D. Simôa Godinho, de côr preta, mas de origem nobre, nascida na ilha de S. Thomé, senhora muito rica, que tendo casado com um fidalgo de Portugal, D. Luiz d'Almeida e Vasconcellos, de que ficou viuva e sem filhos, dispendeu avultados bens em obras pias.

— A principal funcção dos Freires era feita a 14 de setembro de cada anno, no dia da Exaltação da Santa Cruz. El-rei D. João VI assistiu a um ou a mais d'esses actos, sendo devidamente preparado para o receber o 1.º andar, por cima da sacristia da actual egreja da Conceição Velha.

— Na egreja estão estabelecidas tres irmandades: a do Santissimo Sacramento da Ressurreição e Caridade, que veiu do convento do Carmo, por provisão de 5 de abril de 1837; a de Santa Cruz e Passos, fundada na egreja da Penha de França em 1857,

(1) Falleceu a 27 de janeiro de 1893.
(2) Falleceu a 11 de janeiro de 1890.

por occasião de grassar em Lisboa a terrivel epidemia da febre amarella, e que, tendo passado para a ermida do Monte, veiu d'ali para a Conceição Velha em 1872; e a de Nossa Senhora da Conceição, de origem moderna, tendo havido uma outra, que pertenceu á corporação dos correeiros.

Tambem ha diversas associações de devotos, que contribuem para o sustento do culto: a de S. Joaquim, que veiu da egreja de Sant'Anna; a do Coração de Jesus, que todos os annos recebe um lausperenne; a da Senhora das Mercês, que n'outro tempo teve irmandade; a de Nossa Senhora do Restello, fundada em 1898, e ainda outras.

— A egreja desde a primitiva tem as honras de capella real; não está sujeita á jurisdicção parochial. E' administrada por um sacerdote a quem é dado o titulo de vigario, recebendo este do prelado a sua nomeação. O actual vigario é o padre Joaquim da Silva Porto e Curado, prégador bastante conhecido e apreciado e capellão militar.

— De quasi tudo que n'este primeiro artigo foi tratado, se fallará com mais desenvolvimento nos seguintes.

II

As synagogas dos judeus

Duas palavras para explicação da obra.—O toque do sino da oração e o que diz Alexandre Herculano a este respeito.—Como era fechado o bairro privativo dos judeus.—Vê-se que frei Miguel de Contreiras e outros oradores sagrados iam prègar ás synagogas.—As «esnogas» convertidas em templos da nossa fé.—A quem se deve o ter sido purificado e consagrado em templo christão o edificio da «judiaria».—Cita-se a chronica da Trindade e marca-se com firmeza o sitio da «judiaria grande».

Duas palavras apenas para explicar o motivo porque esta pequena obra foi organisada da maneira que se vae vêr, assemelhando-se a uma coberta de retalhos. Recorreu-se, para o fim desejado, aos archivos, folhearam-se manuscriptos e obras diversas e copiaram-se trechos de authores diversos, que melhor se casavam com as differentes descripções, que desejavamos levar a effeito, como o amador tira *clichés* photographicos para mais tarde proceder aos necessarios retoques, colhendo provas e fazendo reproducções. Alguns d'esses pequenos retalhos estavam desenhados com traços tão firmes, apresentavam tanta vida, e com tanta verdade e clareza descreviam o que se desejava, que não houve outro meio se não, por conveniencia propria, o de conserval-os intactos, pois alterar uma virgula sequer em algumas d'essas descripções, feitas por mão de mestre, era até um sacrilegio!

E assim prova-se que não architectamos aqui, ao tratar da historia, artigos de pura phantasia. Apenas reproduzimos o que se encontra descripto ha muito tempo, ha seculos até, em boas obras.

Todas as transcripções levam os nomes dos seus authores ou a nomenclatura das publicações onde são encontradas, e quem fôr curioso póde, querendo, fazer as necessarias confrontações para se certificar da verdade.

O que desejavamos provar está frizante n'essas linhas. A essas, e não ás nossas, devemos o valor, pequeno ou grande, que a obra representa.

— N'estas paginas encontram-se algumas repetições, é verdade, mas isso era até preciso, pois vê-se assim não haver opiniões isoladas. E o leitor, passando mais de uma vez pelo mesmo sitio tem a grande vantagem de se encontrar em terreno conhecido, que parece sempre custar menos a percorrer.

Em copias authenticas não se podem fazer córtes. E' crime punido pelas leis do reino!

— A nossa pequena descripção, vae propositamente e de caso pensado adubada com noticias historicas do seculo XVI, principalmente, não só para distracção do leitor menos versado nas cousas antigas, como para tornar a narrativa menos fastidiosa, pois da falta de variedades nasce sempre a monotonia. Assim, passa-se de uma cousa a outra, sem perigo de estar a martellar continuamente n'um certo e determinado ponto.

— Para dar maior valor á narrativa vamos em primeiro logar fazer uma pequena transcripção de uma das obras do nosso grande historiador Alexandre Herculano, que tem os seus restos mortaes em Belem, assentes nas historicas areias do Restello, proximo do sitio, ou talvez no mesmo logar onde a Boa Mãe de Deus abençoou os filhos predilectos d'esta terra, nos aureos tempos Manuelinos, que tão ricos foram de altos feitos gloriosos, cantados com extraordinario ardor e sublime grandeza d'alma pelo nosso primeiro épico Luiz de Camões, e que tambem ali está, *se é que está*, sepultado. (1)

Lê-se no *Monge de Cister:*

«Eram perto das 6 horas da tarde do dia 6 de Maio do anno 1389. No pequeno terreiro que formava, pela parte inferior, a entrada das Portas do Mar, já mal se divisavam os objectos, porque a noite descia rapidamente do lado oriental, posto que ainda o clarão avermelhado do crepúsculo tingisse os

(1) Tambem para Belem foram transferidos os restos mortaes de D. Vasco da Gama.

altissimos corucheus azulejados, que serviam de topo e remate ás torres da cathedral. Pelo arco escuro e profundo das Portas do Mar entrava grande multidão de povo miudo, principalmente pescadores, que se recolhiam antes que a escuridão da noite tornasse mais tenebrosos os encruzilhados becos e ruas torcidas, que davam para o interior de Alfama. Com estes se misturavam os judeus e divisando se-lhes escaçamente os signaes vermelhos, que traziam cosidos nas roupas sobre o estomago, corriam apressados para o seu bairro, situado mais ao oriente juncto da porta de Alfama, no angulo da velha cerca, para lhes não saír da bolça a inevitavel multa, que deviam pagar, sendo encontrados fóra da judiaria depois de terem soado as tres fataes badaladas do *sino da oração*. Com igual ou rapido movimento se viam branquejar os albornozes alvacentos dos mouros no meio do encontrado prepassar de gente. Mais raros em numero que os judeus, e seguindo differente rumo, estes se encaminhavam para a banda da antiga Porta de Ferro, d'onde, atravessando pelo sopé da Alcaçova, desciam para o valle da Mouraria, cujo nome provinha de ser ali situado o bairro em que elles habitavam, e em que ao mesmo signal das trindades, eram obrigados a recolher-se, sob pena de castigo igual ao que se impunha aos judeus. O dia pois acabava, e a noite ia em breve estender o seu manto de escuridão e silencio sobre a vetusta cidade, cabeça de boa e nobre terra de Portugal.»

O mesmo author, no seu romance *Arrhas por foro d'Hespanha*, diz que o bairro dos judeus era fechado por travessas e cadeias nos topos das ruas, e que este desenhava uma especie de triangulo, cuja base assentava sobre o lanço oriental da muralha mourisca, e cujo vertice, voltando para o occidente, se corôava com a synagoga, abrigada á sombra do vulto disforme da cathedral.

— Os judeus formavam colonias, viviam separados e tinham leis e juizes privativos. A sua authoridade suprema era o *araby-maior*.

Cada comarca tinha o seu ouvidor.

Aos bairros não podiam ir mulheres christãs, senão acompanhadas de homens. D. Affonso IV obrigou os judeus a trazerem signaes no vestuario para serem differençados. D. João I determinou que se cumprisse a antiga lei e que os signaes fossem vermelhos e de seis pernas.

A extinção dos judeus e mouros em Portugal data de 1497. Os convertidos ficaram considerados como os outros portuguezes. A estes eram chamados *christãos novos*. D. José I, em 1773, aboliu a distincção de *novos* e *velhos*.

— E' de saber, diz frei Agostinho de Santa Maria, que nos

tempos antigos se permittia em Lisboa synagogas de judeus, aonde estes se juntavam e faziam as suas ceremonias, e para que os mesmos se podessem reduzir á fé do verdadeiro Messias Christo Jesus, que duvidavam, mandavam-lhe, em certos dias da semana, oradores sagrados, que lhes faziam largas praticas.

Frei Miguel de Contreiras

O venerando padre Frei Miguel de Contreiras, da Ordem da Santissima Trindade, ia ali prégar amiudadas vezes e era tanto o seu fervor e zelo que reduziu muitos ouvintes á nossa santa fé (1).

—O retrato de frei Miguel de Contreiras é copia photographica do que existe na galeria da Bibliotheca Nacional, quadro n.º 11, e que tem pela parte inferior o seguinte letreiro:—*O reverendo Padre Mestre Frei Miguel de Contreiras, confessor da serenissima rainha de Portugal D. Leonor, instituidor da Irmandade da Misericordia de Lisboa* No gabinete da provedoria d'este estabelecimento ha uma copia do mesmo quadro.

Conta o citado escriptor que foi frei Miguel de Contreiras quem obteve da rainha D. Leonor que seu irmão mandasse purificar e consagrar aquella casa em templo christão, dedicado ao Mysterio da Immaculada Conceição.

O seguinte periodo é copiado textualmente:

O principio d'onde nasceu ser esta egreja da Ordem de Christo foi que

(1) George Cardoso tambem diz que frei Miguel de Contreiras costumava frequentar a synagoga dos judeus, que então havia na cidade, prégando áquella gente e reduzindo muitos á fé catholica, e que foi devido á sua influencia que el-rei D. Manuel mandou purificar aquella casa e consagral-a em templo, com o titulo de Nossa Senhora da Conceição.

fundando el-rei D. Manuel o real convento de Belem e incorporando n'elle a ermida de Nossa Senhora do Restello, que era dos religiosos da Ordem de Christo, que lh'a havia dado o infante D. Henrique, sendo mestre d'ella, porque não ficasse a Ordem defraudada d'aquella casa totalmente, se lhe deu por ella a egreja de Nossa Senhora da Conceição, e de então para cá se conserva em poder dos clerigos Freires da mesma Ordem.

— A *Historia da Santissima Trindade,* de frei Jeronymo de S. José, conta o seguinte:

Viviam n'aquelle tempo os hebreus n'esta cidade, na sua lei mosaica, e tinham a sua synagoga no logar aonde esteve a Conceição Velha (1).

Sentia este apostolico varão (frei Miguel de Contreiras) que em uma cidade tão populosa, e em um reino tão christianissimo, houvessem judeus, que publicamente celebrassem as ceremonias segundo a lei de Moysés, e movido de um ardente zelo christão e salvação d'estes proximos, intentou combatel-os e disputar com elles na sua mesma synagoga.

A este logar se conduzia o nosso Contreiras, quando elles se juntavam e lhes prégava a lei evangelica, disputando juntamente com os seus rabinos, que são os mestres da sua lei.

Com estas palavras, nascidas de um ardente zelo, persuadia o nosso veneravel Contreiras aos hebreus, para os reduzir ao caminho da verdade, deixando os seus erros.

Muitos foram os que se converteram com esta tão admiravel doutrina, mas como havia ainda bastantes pertinazes, rogou ao augustissimo rei o Senhor D. Manuel que os exterminasse para fóra do seu reino e dominios, para ficar mais puro na fé. Assim o fez o piedosissimo monarcha, mandando por editos publicos que todos se ausentassem, excepto os que se quizessem baptisar, e viver na fé verdadeira de Jesus Christo, por cujo decreto parece que Deus o fez mais feliz e prospero que muitos imperadores e potentados do mundo.

Livre, pois, na nossa côrte d'essa qualidade de gente, ficou tambem a sua synagoga despovoada. O nosso illustre Contreiras, que nada perdia, nem se descuidava no que entendia ser do serviço de Deus, com a mercê da rainha sempre augusta D. Leonor, obteve licença do inclito monarcha o Senhor D. Manuel para edificar no mesmo logar uma egreja, dedicada ao Soberano Mysterio da Conceição da Senhora, de quem era especial devoto, a qual por ser feita com despezas reaes, ficou sendo, por concessão do mesmo monarcha, do mestrado da Ordem de Christo, e uma das parochias mais principaes da côrte. Conservou-se n'este logar até ao tempo do fatal terremoto de 1755, e como por elle se incendiasse, com real ordem do nosso fidelissimo rei o Senhor D. José I, se transferiu, no anno de 1770, para o sitio da Misericordia velha, aonde se acha.

---

(1) A Conceição Velha antiga, a que esteve proximo á Magdalena. Esta nota é para evitar equivocos com a Conceição Velha actual.

— No museu archeologico do Carmo existe uma curiosa vista geral da cidade de Lisboa no anno de 1650, que foi offerecida áquelle museu pelo sr. José Ribeiro da Cunha.

N'essa vista, aonde estão ennumerados os principaes edificios da cidade, encontra-se, sob o n.º 53, a historica egreja de Nossa Senhora da Conceição, á esquerda, proximo da Magdalena, que então era um edificio de pequenas dimensões. Vê-se a torre, que era na frontaria, e quatro grandes janellas do lado direito do edificio.

Em vista das provas que temos diante dos olhos, ao consultar os antigos mappas de Lisboa, não temos a minima duvida em reconhecer que o local onde estava estabelecida a synagoga dos judeus, conhecida por *Judiaria Grande,* era proximo á Magdalena. Era ali o logar de *Villa Nova de Gibraltar,* de que falla el-rei D. Manuel, na doação da casa de Belem aos religiosos de S. Jeronymo. O antigo bairro dos judeus tinha sido transferido para outro sitio, para junto de S Pedro de Alfama. Os judeus tiveram em Lisboa uns poucos de bairros. Estiveram no sitio da *Pedreira,* no tempo de D. Diniz, que era entre o Carmo e a Trindade; e Alexandre Herculano diz que os judeus estiveram do mesmo modo estabelecidos no local onde hoje é a cidade baixa e que d'ali tinham sido expulsos.

Diz textualmente:

«Quando, porém, no seculo XIII a população christã, alargando se para o occidente, veiu expulsar os judeus do *seu bairro primitivo, situado na actual cidade baixa,* e os acantoou para a parte do sul da cathedral, a Alfama foi perdendo gradualmente a sua importancia, e converteu-se afinal n'um bairro de gente miuda e sobretudo de pescadores».

Em Alfama, proximo ao Arco do Rozario, existe ainda a *rua da Judiaria,* que recorda a existencia do antigo bairro dos judeus.

— Na Sociedade de Geographia existem tambem diversos mappas de Lisboa antiga, que os curiosos podem examinar, aos domingos, quando estão patentes ao publico as vastas salas da rua das Portas de Santo Antão. Em alguns d'elles apparece a egreja da Conceição dos Freires e a antiga Misericordia. N'uma das salas d'esta sociedade vê-se o tumulo onde estiveram depositados em Gôa os restos mortaes de Affonso de Albuquerque.

— O sitio chamado *Villa Nova,* e n'outro tempo *Judiaria*

Grande, estava fóra dos muros da antiga cerca mourisca, que começava junto da porta principal do Castello e descia á Sé pelas proximidades da ermida de S. Chrispim, e ia ás chamadas Portas do Mar, seguindo pelo caes de Santarem até á Adiça.

D. Fernando, porém, em 1373, mandou fazer em Lisboa novo cinto de muralhas, abrangendo então maior espaço, desde as Portas de Santa Catharina até ás Portas da Cruz, pelo Cata-que-farás, Ribeira e Chafariz de Dentro. É portanto fóra de toda a duvida que o local, á Magdalena, aonde se encontrava a synagoga dos judeus, ao tempo que D. Manuel a mandou purificar, estava então dentro dos muros da cidade.

As *Judiarias* ou bairro dos judeus eram dentro das cidades e villas, no que se distinguiam dos mouros, cujas *Mourarias* eram sempre nos arrabaldes das povoações. Ao Arco do Marquez de Alegrete era a porta da Mouraria. Esta ficava de fóra da cidade.

III

A Ermida do Restello

A aldeia do Restello.—A origem do nome.—O papa Pio II dá á ermida prerogati as de parochia.—O que escreveu o dr. Alvares Secco depois de transcrever a bulla de Pio II.—Termo de doação da ermida do Restello aos Freires do Christo.—Missa, em 8 de Maio de 1500.—Aonde era a ermida do Restello.—Do convento dos Jeronymos e sepultura de el-rei D. Manuel.—Falla-se no infante D. Henrique e no seu testamento.

«A PEQUENA aldeia do Restello, situada a uma legua de Lisboa, dentro do districto chamado, desde as épocas mais remotas da monarchia, o *Reguengo d'Algés*, o qual comprehendia todas as aldeolas e campos ao occidente e noroeste da cidade, por duas leguas ou mais de distancia, era no XIV seculo habitado, em grande parte, por mouros forros, que nos arredores grangeiavam algumas hortas e pomares, de que ajudavam a abastecer a cidade, ou por pescadores, que d'ahi saíam em seus bateis a pescar no Tejo. Grande parte d'estes pescadores eram tambem mouros, ou livres ou escravos. Restello, como quasi todas as aldeias das cercanias de Lisboa, parecia quasi uma terra mussulmana ainda no fim do seculo XIV. Ainda então avultava, entre a raça goda e christã, a raça africana-arabe. Até esta época, ou antes até quasi ao fim do seculo seguinte, as Hespanhas offereciam um phenomeno unico, talvez, na historia: o de tres povos, sectarios de tres religiões inimigas, vivendo juntos, e cada qual adorando Deus a seu modo, sem que por isso viessem ás mãos, apezar de todas essas crenças

serem persuasões profundas, e por consequencia exclusivas. As tres religiões eram o christianismo, o islamismo, e o judaismo: o primeiro dominante, o segundo tolerado, e o terceiro consentido. Nobres, cavalleiros, e o grosso dos burguezes pertenciam ao primeiro, os homens de trabalho, em boa parte, ao segundo, os mercadores, em grande numero, ao terceiro. E acima do Evangelho, e da Toura, e do Alcorão, havia um livro que fazia o que nunca souberam fazer os commentadores de cada um d'elles; um livro que os conciliava. Este livro era a lei. A lei protegia os diversos cultos nacionaes, sem que todavia fosse incredula, como as leis da tolerancia moderna.» (1)

— Em documentos antigos tambem apparecia o nome de *Rastrello,* dado ao pequeno logar, que foi conhecido por *Rastello* e mais modernamente por *Restello.* (2)

Na obra, d'onde tiramos estes apontamentos, lê-se o seguinte:

«Parece-nos que o nome da praia era de longa data Belem, e que *Rastrello* era uma designação generica dos logares de ancoradouro. Pelo menos encontramos para as bandas de Santos outro logar denominado *Rastrello Novo,* talvez para o differençar do de Belem, que seria o *Rastrello Velho.*»

— *Restello* é o nome dado a um pente de ferro, que serve para tirar a estopa ao linho.

Restellar linho, segundo Moraes, é tirar-lhe a estopa por meio do restello.

A denominação é muito antiga e talvez a origem de assim ser chamada, em outros tempos, a praia de Belem, provenha de ali ter vivido quem trabalhasse em linho.

— A bulla do Papa Pio II, de 1459, deu todas as prorogativas de parochia á ermida de Santa Maria de Belem, fundada na praia do Restello, pelo infante D. Henrique.

O dr. Pedro Alvares Secco, do desembargo de el rei, foi mandado em 1560 ampliar e fazer nova compilação de todos os documentos pertencentes á Ordem de Christo. O mesmo, depois de transcrever a bulla acima citada escreveu o seguinte:

---

(1) Alexandre Herculano, no *Monge de Cistér.*

(2) *Restello*, é tambem o nome de uma povoação da freguezia de Vizella (S. Paio), districto de Guimarães.

«Esta egreja deu celebre e perpetuo nome, em todo o mundo sabido e divulgado, de Belem, aonde d'antes se chamava Restello. Esta liberalidade, doação e nome d'este senhor infante dilatou a magnificencia do catholico e digno de eterna memoria, rei D. Manuel, que n'esta mesma cidade e sitio d'ella edificou o nobre, sumptuoso e famoso mosteiro de Santa Maria de Belem, o qual apropriou á ordem de S. Jeronymo, a que tinha especial devoção, porque mais perfeitamente se cumprisse a vontade do dito infante, como sempre. E foi causa esta insigne obra do mosteiro, de se fazer ahi uma nobre povoação de moradores, a qual attrahe a si em tanto a dilatação da povoação da dita cidade, que se espera que em breve tempo seja uma continua povoação da cidade a este mosteiro e povoação de Belem.»

E com effeito as portas da cidade estão já hoje em Algés, muito além do centro da povoação de Belem, que ficou dentro da cidade.

— É do theor seguinte o termo de doação (1) da ermida do Restello, feito, em 18 de setembro de 1460, pelo infante D. Henrique aos Freires da Ordem de Christo:

«Eu infante Dom *Anrrique*, regedor e governador da ordem da cavallaria do mestrado de Nosso Senhor Jesus Christo, duque de Vizeu e senhor da Covilhã. Faço saber aos que esta minha carta virem que considerando *(esguardando)* eu, como em Rastello, termo da cidade de Lisboa, por muitas vezes eram juntos muitos homens, estando ahi por espaço de tempos em armadas, que se faziam d'estes reinos para muitas partes e isso mesmo dos que iam e vinham a tratar suas mercadorias para logares desvairados, na qual estada, que alli estava no dito porto, nem podiam ouvir missa, carecendo elles dos ecclesiasticos sacramentos e morriam muitos alli, e os lançavam n'aquellas areias, e sendo desfallecidos de não poderem haver sacerdote que os confessassem, nem egreja, nem cemiterio, em que taes corpos assim mortos podessem ser lançados.

«E por os ditos mortos assim não houvessem os que pela Santa Madre Egreja é estabelecido, e suas almas com seus corpos recebessem n'elle pena e pouca consolação, e os vivos e sãos que assim ali estavam, e por tal logar passavam, assás recebiam n'elle affecção e pouco conforto, por sómente ali não acharem agua; por onde, por serviço de Deus e de seu Santo nome e em louvor e reverencia da Gloriosa Virgem Maria, minha Senhora, madre do meu Senhor Deus, mandei alli fazer uma egreja, pondo lhe o nome de Santa Maria de *Bethlem*, mandando isso mesmo fazer um cano e chafariz e fonte para uso da dita egreja, e para os sobreditos, que em tal ponto estivessem, e para os que por ali fossem podessem haver agua.

(1) Este termo é extrahido de uma copia muito antiga, existente no archivo dos Freires. Para que se possa entender tivemos que alterar a orthographia que encontrámos e mesmo de substituir por outros alguns termos antigos, que hoje não estão em uso.

«E attendendo *(resguardando)* eu como tenho recebido muitos bens da dita Ordem e assim das pessoas d'ella como da renda, faço pura e irrevogavel doação para todo o sempre á dita Ordem da dita igreja, agua e terra, que lhe comprei, as quaes alli dotei e annexei á dita igreja com certas condições escriptas; saber que da agua haja a Ordem sempre servidam, para o que lhe mister fazer para seus pomares e hortas e outra qualquer despeza, e que outro sim os ditos caminhantes e os dos navios hajam e se possam servir da dita agua, assim para beber como para suas bestas e gados e seus usos dos ditos navios, pelo qual agua não pagarão nenhum tributo á dita Ordem nem a outra pessoa; sómente em reconhecimento do bem que assim recebem refresco, e folgança que dão aos corpos e salvação que dão ás suas almas, lhes apraza, por minha contemplação, dizer uma vez um Pater Noster e Ave Maria cada um por salvação da minha alma e por os que eu sou obrigado *(theudo)* a rogar.

«E a qual egreja e padroado d'ella, hortas, casas e terras com todas as suas pertenças, dou á dita ordem, demittindo a ella o dominio seu *quassi* da dita egreja, e cousas d'ella assim, e por dispôr *(aguissa)* que me convem e pertence por direito, e por aquella forma e regra que ha, eu tenho e posso dar á dita Ordem por authoridade do Santo Padre; por as quaes herdades e outras cousas que assim comprei, e houve para a dita egreja, praza ao capellão que n'ella estiver dizer cada semana uma missa de Santa Maria, ao sabbado, por minha alma e a commemoração seja de Santo Espirito, com seu responso e a oração *Fidelium Deus*. Antes de começar a missa se volva o sacerdote para os que a ella estiverem, pedindo-lhe, alta voz, no amor de Deus, que digam o *Pater Nostre* e Ave Maria pela minha alma, por esta egreja que mandei fazer e dos da Ordem e d'aquelles que obrigado sou, e depois, que sentir que a oração é acabada, vá por sua missa em diante, da qual doacção que assim faço, mandei fazer, digo ser feita esta minha carta, por firmeza d'ella assignada por minha mão e sellada do sello das minhas armas e a mandei pôr no cartorio do convento da minha villa de Thomar, por a qual hei por tomada a posse da dita egreja e cousas sobreditas para a dita ordem.

«E por esta presente rogo e encommendo aos mestres e governadores d'ella, que apoz mim vierem, que assim o mandem cumprir, como aqui é contheudo.

«Feito na minha villa XVIII dias de setembro. *Johão de Moraes* a fez Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quatrocentos e sessenta.

«E rogo e peço, mando e encommendo aos ditos mestres e governadores que depois de mim forem da dita Ordem, que em cada um anno por a minha renda que render a dita egreja de Santa Maria de *Bethlem* mandem sempre dar ao capellão, que assim tiver de a cantar, um marco de prata, pagado em prata, que lhe mando dar para ter cargo ao dito dia de sabbado sempre dizer a dita missa, como d'esta faz menção, mandando cada um fazer d'elle mui bom pagamento, como é razão por esta doação, que assim fiz á dita egreja, e por muitos outros accrescentamentos e bens que n'ella feitos tenho.»

— Na antiga ermida do Restello estavam apenas dois freires

da Ordem de Christo, segundo o que diz Christovão de Oliveira, no seu *Summario de Noticias de Lisboa*, escripto em 1551.

— Nas habitações juntas á pequena ermida do Restello, residiu o infante D. Henrique, por differentes temporadas.

— Pedro Alvares Cabral foi mandado em 1500, por el-rei D. Manuel, firmar allianças com o rei de Calecut e levantar, n'aquella cidade uma feitoria, como principio do grande commercio do Oriente. Cabral ia por capitão-mór de uma armada de treze velas, sendo dez naus e tres navios redondos, com mil e duzentos homens e outros capitães debaixo do seu commando.

A 8 de março de aquelle anno foi el-rei, com toda a côrte, a Nossa Senhora de Belem, e ali mandou celebrar missa de pontifical, na ermida do Restello, orando o reverendo D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta, que depois foi de Vizeu. El-rei, emquanto este acto durou, teve junto de si, dentro da cortina de sua tribuna, a Pedro Alvares Cabral e lhe entregou depois, de sua propria mão, uma bandeira, que em todo o tempo esteve arvorada e fez benzer no fim da missa pelo mesmo bispo, e lhe poz na cabeça um barrete bento, que o papa lhe havia mandado por grande honra. Com esta solemnidade, acompanhado de el-rei até ao embarque, sahiu a armada de Lisboa no dia seguinte, que era uma segunda feira' 9 de Março de 1500.

Como é sabido foi Pedro Alvares Cabral o descobridor do Brazil, que por sua devoção intitulou *Terra de Santa Cruz*, em memoria de uma cruz que mandou arvorar em padrão de pedra, aonde fez celebrar missa com solemnidade e sermão, sendo orador frei Henrique de Coimbra, franciscano, que ia por guardião de alguns frades e que depois foi confessor de el-rei e bispo de Ceuta.

Vê-se que o commandante da segunda expedição á India se curvou tambem, antes da partida, diante da imagem da Senhora do Restello, implorando o auxilio divino para a arriscada empreza de que estava encarregado.

— A ermida de Belem foi doada, aos 22 de dezembro de 1498, aos religiosos de S. Jeronymo, que viviam sob a regra de Santo Agostinho, no hospicio da Penha Longa, na Serra de Cintra, que d'ella tomaram posse por bulla do Santo Padre Alexandre 6 °

— N'uma obra, publicada ultimamente com o titulo de *Mosteiro dos Jeronymos*, pelo sr. Cesar da Silva, falla-se da antiga ermida do Restello, sendo seu author de opinião que a velha

egreja estava situada á beira mar, em sitio muito proximo do logar aonde se construiu o actual convento dos Jeronymos.

Diverge, porém, d'esta opinião o sr. Luciano Cordeiro, secretario da sociedade de geographia, pois diz n'uma nota ao seu bello livro — *Uma sobrinha do Infante*, que a egreja do Restello era uma capellinha que ainda existe no alto do morro, que se ergue logo por detraz do mosteiro.

A tradicção diz que a ermida estava collocada ao nascente do monumento, pouco mais ou menos no logar aonde hoje existe um chafariz, a distancia de uns cem metros.

— Segundo o que se lê na *Chronica de el-rei D. Manuel,* de Damião de Goes, os alicerces do mosteiro dos Jeronymos foram feitos em redor da antiga ermida do Restello. Ouçamos o que diz o historiador.

«... esta capella se converteu no sumptuoso mosteiro, que no mesmo logar fundou el-rei D. Manuel, depois que Vasco da Gama tornou da India, o que certo é muito de louvor em el-rei, que com não ter mais conquistado da India, que saber que se podia ir a ella, por mar, foi tanta sua fé em Deus, que, como se já tivera ajuntados muitos thesouros da conquista d'ella, logo da sua propria fazenda *mandou abrir os alicerces em redor d'esta capella*, sobre os quaes se fez um dos grandes e magnificos edificios de toda a Europa...»

— O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, na sua importante obra, intitulada *Estudos historicos e archeologicos,* diz que el-rei D. Manuel fundou o mosteiro da Nossa Senhora de Belem no proprio logar em que se erguia a ermida de Nossa Senhora do Restello.

D. Raphael Bluteau, no seu *Vocabulario*, é tambem da mesma opinião.

— Alguns documentos antigos dão a entender que a antiga ermida do Restello existiu ainda por alguns annos depois da fundação do convento dos Jeronymos, mas não se diz quando foi deitada abaixo. Sabe-se que a 20 de outubro de 1551 mandou el-rei D. João III fazer a trasladação solemne dos restos de el-rei D. Manuel, da ermida do Restello, para o grandioso mosteiro, que então estava quasi concluido. Do mosteiro da Madre de Deus foram levados para ali os restos mortaes da segunda mulher de D. Manuel, a rainha D. Maria, e da Sé seguiram ao mesmo ponto os restos do Cardeal D. Affonso. Os outros filhos e netos de D. Manuel, que estavam enterrados na ermida do Restello, foram tambem na

mesma occasião para os Jeronymos. No sahimento encorporaram-se mais de setecentos frades!

Os restos de D. Manuel e de sua mulher D. Maria foram enterrados no meio da capella-mór, *em campa chã, para que se possa andar por cima d'ella*, segundo a expressa determinação do monarcha. Os restos dos principes e infantes foram sepultados em differentes capellas.

Os ricos mausoleus, que se encontram aos lados da capella-mór d'aquelle magestoso templo, foram mais tarde mandados construir pela rainha D. Catharina. Estão n'elles sepultados el-rei D. Manuel e sua mulher D. Maria, el-rei D. João III e sua mulher D. Catharina.

Foi frei Diogo Gomes, provincial do convento, quem compoz os epitaphios em latim que se encontram nos mesmos mausoleus.

Na actual capella do Santisssimo d'aquelle templo existe o tumulo qne encerra os restos mortaes do cardeal D. Henrique, pela parte detraz do altar, tendo aos lados as sepulturas dos filhos de D. Manuel, que durante muitos annos estiveram encobertas com alguns quadros.

Defronte d'esta capella existe a denominada de Nossa Senhora do Restello, aonde esteve n'outro tempo um presepe. Tem em frente um tumulo com as falsas ou verdadeiras cinzas de D. Sebastião. O epitaphio que foi escripto em latim, pelo conde da Ericeira, diz, na sua traducção, o seguinte: — *Se podemos dar credito á fama este tumulo conserva os restos de D. Sebastião, morto nas plagas africanas. Mas não digas que é falsa a opinião dos que acreditam que elle ainda é vivo, porque a gloria lhe assegura a immortalidade.*

Na mesma capella estão depositadas em tumulos, mandados fazer por Luz Soriano, as ossadas de Vasco da Gama e de Luiz de Camões, para ali trasladadas solemnemente em 1880, por occasião do centenario do author dos *Lusiadas*. Em 1898 deu ali entrada *uma outra* ossada de Vasco da Gama, precedente da Vidigueira.

Tambem ali estão, desde 1895, os restos mortaes do poeta João de Deus.

— Do *Guia de Portugal*, de Francisco de Almeida, recortamos o seguinte:

«Anteriormente ao reinado de el-rei D. Manuel, o sitio onde hoje está collocado este magnifico templo (Jeronymos), era todo ermo; só existia perto da praia, que então era muito mais avançada, uma casa que o infante D. Henrique mandára edificar para receber e abrigar os mariantes, quando voltando das suas viagens precisasem d'esse abrigo.

«Além d'aquella piedosa casa havia perto uma ermida denominada de Santa Maria do Restello, que pertencia aos Freires de Christo. Foi n'aquella ermida que no dia 7 de julho de 1497 se disse uma missa, assistindo D. Manuel, Vasco da Gama e os 160 homens de armas e equipagem que o deviam acompanhar na projectada viagem do descobrimento da India.

«No dia seguinte, 8 de julho de 1497, sahiu a frota ao seu destino, composta de tres embarcações, e D. Manuel foi n'esse dia vêr a sahida dos seus intrepidos navegadores de um posto elevado, que ficara sobranceiro ao local da ermida, que se denominou e se denomina *Alto de S. Jeronymo.*

«El-rei prometteu a Nossa Senhora do Restello de mandar construir no logar da ermida um templo dedicado á Mãe Santissima e um convento de frades Jeronymos, se tivesse bom exito da sua empreza. Como o devoto e brioso monarcha se desempenhou da sua promessa é testemunha a magestosa egreja de Santa Maria de Belem, conhecido geralmente pelo titulo de convento dos Jeronymos.»

— El-rei D. Manuel foi enterrado na antiga egreja do Restello. Veja-se o que diz Damião de Goes:

«Falleceu ás 9 horas da noite. Deixou por seus testamenteiros D. Diogo de Souza, arcebispo de Braga, e D. Martinho de Castello Branco, conde de Villa Nova de Portimão, com o corpo ficaram os prelados e religiosos que foram presentes a seu fallecimento e D. Pedro de Castro seu veador de fazenda, que a tudo o que cumpria para o enterramento deu a ordem necessaria, até que o levaram ao mosteiro de Bethlem, que foram duas horas ante manhã, o qual elle começou de edificar de novo para sua sepultura e da rainha D. Maria sua mulher e de seus filhos, como fica apontado, e por o corpo da egreja não ser ainda acabado *o lançaram na egreja velha, em uma sepultura raza*, pelo elle assim mandar, donde depois el-rei D. João III, seu filho, fez trasladar seus ossos para a nova.»

— Segundo se lê no *Panorama*, el-rei D. Manuel escreveu em pedra as suas divisas em quasi todas as terras do reino, já nos pelourinhos de muitas villas que ia creando, já nas portas das egrejas que construia. E com effeito as espheras armillares e as cruzes de Christo são os mais communs ornatos de toda essa architectura, pertencente sim, em geral, á época anarchica do renascimento, mas constituindo em Portugal um estylo particular *sui generis*, que ainda se ha de caracterisar com o nome talvez de *manuelino*, quando por cá se der importancia á architectura, que

de certo está mui longe de consistir nas regras materiaes de Vignola e seus numerosos commentarios seguidos nas escholas.

São d'esse estylo *manuelino*, cujo typo é Belem, os seguintes edificios: — Santa Cruz de Coimbra, as capellas imperfeitas e arrendadas da crasta real e a portada da freguezia da Batalha; a egreja de S. João, a casa do capitulo e o claustro antigo em Thomar; as egrejas principaes de Soure e Evora de Alcobaça; em Lisboa, a fachada da Conceição Velha e a porta da Magdalena; o convento da Pena, em Cintra; e o convento de S. Francisco, em Evora. E centos de construcções em Serpa, Tavira e outras terras.

— A capella real, mandada construir nos paços da Ribeira, por el-rei D. Manuel, foi dedicada ao apostolo S. Thomé, protector da India. A capella real do paço das Alcaçovas, no Castello, tinha por orago o archanjo S. Miguel. A egreja das Chagas da Christo, que ainda existe na freguezia da Encarnação, era a parochia dos navegantes da carreira da India e do Brazil. Foi erecta em 1542. Tinha por isso sacrario, pia baptismal e gozava de todas as regalias parochiaes. A irmandade das Chagas administrava todos os bens d'esta egreja, na qual apresentava um cura, com rendimento incerto, como incerto era o numero dos parochianos.

— Tratando de el-rei D. Manuel e da Ordem de Christo, diz Alexandre Herculano:

«Este soberano, assim como nos descobrimentos e conquistas foi o émulo e imitador de seu inclito tio o infante D. Henrique, da mesma sorte levado pelo amor e zelo que teve pela Ordem de Christo a augmentou, engrandeceu e elevou a um gráu d'esplendor nunca mais visto nem imitado. As conquistas do Oriente continuaram, assim como o haviam sido as das costas d'Africa, a serem feitas com os antigos direitos, instituto, e vocação primitiva da Ordem de Christo e sob os auspicios da sua bandeira, como o testeficam Barros e Couto nas suas Decadas. As rendas avultadissimas da mesma Ordem, de que dispunha o mesmo soberano, lhe facilitavam em grande parte o preparativo das suas frotas, e a recompensa devida aos seus melhores servidores.»

— D'uns artigos, a respeito do convento de Christo, em Thomar, publicados no *Panorama,* vamos fazer um pequeno extracto:

«N'esta empreza, em que os successos prosperos foram corôando, empregava o infante D. Henrique além de suas rendas proprias, que eram considera-

veis, os rendimentos da Ordem de Christo; porque quasi por amor d'ellas se faziam as conquistas, e para sua gloria e proveito se estabeleciam as egrejas e colonias catholicas d'além-mar. Se o mesmo infante alcançou para a dita Ordem a maior influencia e dominação espiritual de que ha exemplo na historia das corporações religiosas, tambem se não descuidou d'augmental-a e engrandecel-a igualmente nas construcções e fundações materiaes. A egreja e convento de Santa Maria do Restello em Belem, aonde como com um pé sobre os mares collocou alguns freires da Ordem, e os dois claustros que o chronista Azurara, na chronica já citada, aponta feitos em Thomar, são boa prova da solicitude do mesmo infante.»

Infante D. Henrique

—Na *Homenagem ao Infante D. Henrique*. publicada em 1894, pelo sr. Antonio Francisco Barata, da bibliotheca de Evora, se falla da *Tercena Naval*, fundada por aquelle *homem bom*, para facil abastecimento das caravellas, barineis e naus, e trato com marinheiros.

«Da famosa *Tercena Naval*, depois *Villa do Infante*, diz aquelle illustre escriptor, nada subsiste hoje, nada! Lambeu-a da base da montanha o mar levantino que açoita inclemente as costas do Algarve, arrastou-a para suas entranhas tenebrosas, deixando no logar d'ella esburgadas rochas, furnas murmuradoras, a ponta de Sagres sómente, ainda coroada de modernas fortificações, sem vestigio algum dos paços e da escola do Infante.»

No Porto está sendo levantada uma estatua ao infante D. Henrique, na praça fronteira ao edificio da bolsa. Em Lisboa ha uma estatua do infante na frontaria da egreja dos Jeronymos e outra na frontaria da estação central dos caminhos de ferro, ao largo de Camões. Ás Portas do Sol, ha a chamada rua do Infante D. Henrique.

—Na *Historia Geneologica da Casa Real*, n'essa obra monumental, consultada a cada passo, lê-se que o conde D. Henrique favoreceu tanto os estudos que deu o seu proprio paço de

Lisboa para n'elle se formarem aulas publicas. A sua casa foi o seminario do valor, aonde se crearam fidalgos e homens dignos do seu exemplo e que pelas suas emprezas se fizeram conhecidos do mundo. Foi muito applicado ás sciencias e ao estudo das letras sagradas, que tratou com grande religião e devoção. Estudou as sciencias humanas com grande genio, principalmente as mathematicas, de que colheu copiosos fructos, pelo que eternamente será louvado, não só de nacionaes mas de estrangeiros.

— E' um documento antigo muito curioso, e por isso digno de ser lido, o testamento do infante D. Henrique, feito em Sagres, aos 13 de outubro de 1460. No mesmo se lê: — Item, estabeleci e ordenei a egreja de Santa Maria de Bethlem, situada em Restello, termo da cidade de Lisboa. — Este documento foi reproduzido ha poucos annos, pela casa editora José Bastos, na obra intitulada *O Infante D. Henrique*.

Pertencem a esta excellente obra os seguintes periodos:

»Que nome tão sonoro aos ouvidos portuguezes! O infante D. Henrique, o nosso infatigavel navegador! Quanta gloria para a marinha nacional se resume n'este nome do infante D. Henrique!

«*A Patria honrae que a Patria vos contempla* é o lemma que se inscreve na praça d'armas dos nossos navios de guerra! Quem mais honrou a armada, quem mais lhe elevou seu nome, fez respeitar e tornar a nossa marinha a primeira do mundo, preparando-a para a conquista da India? Quem tornou mais honrado Portugal, como nação maritima e guerreira, do que o filho do mestre de Aviz?

«Obreiro infatigavel do glorioso edificio da nossa nacionalidade é o glorioso navegador, como Camões, o mais seguro esteio d'essa nacionalidade. Chegou pois a hora de se levantar um monumento ao infante D. Henrique.

«Sem elle, sem a sua obra, nós não teriamos o orgulho, o mais fortificavel perante a historia, do descobrimento da India, talvez não possuissemos Vasco da Gama e outros gloriosos nomes perante a historia — e mesmo Luiz de Camões nunca teria encontrado o grande assumpto dos *Luziadas*.»

— De uma *Ode* de Antonio Ribeiro dos Santos:

Assim do alto lycéu da illustre Sagres
A marinha sciençia nasce ao orbe,
E a esphera alarga as nauticas derrotas
O novo Deus dos mares.
D'alli, d'alli raiaram novas luzes,
Brilhantes mais que o lume das estrellas,
Que guiavam depois a novos mundos
Colom e o illustre Gama.

IV

Vasco da Gama

Na vespera da partida de Vasco da Gama para a India.—No dia da sahida, 8 de julho de 1497.—O que diz Lopes de Castanheda.—Descreve-se em poucas palavras a primeira viagem de Vasco da Gama á India.—Quando voltou e as honras que recebeu de el-rei D. Manuel.—Fundação do convento dos Jeronymos.—O que escreve Garcia de Rezende na «Chronica de D. João II.»—Os tumulos de Camões e Vasco da Gama, em Belem.—D. Manuel, conquistador do Oriente.

Eis como uma das principaes folhas(1) descreve a partida de Vasco da Gama para a India:

«A 7 de julho de 1497, vespera da partida, o Gama e a maior parte das tripulações vão á pequena ermida do Restello implorar a protecção do ceu e preparar a sua alma de crentes para aquella immensa aventura de vida ou de morte.

«Era uma veneranda ermida a que o Infante de Sagres mandára edificar no Restello, sob a invocação de Santa Maria de Belem, e confiára á guarda dos freires da ordem de Christo.

«Tornára-se um santo asylo para aquella forte gente cheia de fé que ia desbaratar a vida nos descobrimentos, ou voltava das rudes campanhas do mar. Ali os acolhiam piedosamente os freires, ali oravam e recebiam a communhão os que partiam, ali iam chorar as mães e as esposas, ante a mãe su-

---

(1) *O Seculo,* n.º 5:561, artigo do sr. Antonio de Campos Junior, que escreveu para o mesmo jornal o magnifico romance *Guerreiro e Monge*, que tambem trata da partida de Vasco da Gama para a India.

blime do Senhar Jesus dos Navegantes; ali voltavam enternecidamente, com a alma cheia de santas visões da patria, ali voltavam com os seus votos, com as suas offerendas, os que tinham trazido a vida perdida sobre as aguas do mar.

«As invernias e as lufadas do oceano tinham crestado a face gothica da velha ermida. A poucos passos ficava o chafariz da aguada para os navios; em volta as hortas vicejantes dos moiros forros da aldeia do Restello; em frente o Tejo amplissimo, ao longe o mar.

«Está-se orando ali com enternecido fervor. Os cirios ardem tristemente no altar de pédra de Santa Maria de Belem.

«A' frente de todos, mais proximo da Virgem, o capitão-mór, velando a sua bandeira branca, a bandeira com a grande Cruz vermelha da ordem de Christo, a bandeira que o rei lhe confiara. Velando a como os antigos cavalleiros medievos velavam o seu arnez d'aço e a sua espada de punho de oiro.

«E aos pés da imagem de pedra d'aquella angustiada mãe de Jesus, quantos olhos turvos de lagrimas não julgariam ver tambem, a soluçarem, de joelhos, a pobre velhinha, sua mãe, a dolorida esposa, os filhos que iam deixar?

«Se aquillo seria a previsão de um funeral enorme ou de uma eterna apotheose?

«Anoitecera. Cá fóra, fulge a lua como enorme lampadario de prata na cupula do céu, e as aguas mansas do Tejo embalam docemente o arcaboiço negro das naus.

—Senhora, protegei os vossos cruzados do mar, inclita vanguarda da civilisação moderna. Fazei que esse punhado d'homens mais valha para o christianismo e para o progresso humano que os dois milhões de guerreiros, em quatro seculos arrojados á Palestina.

«Rompe a manhã de sabbado, 8 de julho. Dia santo, dia de eterna gala para a civilisação do mundo.

«Sae da ermida a heroica procissão. Os frades entoam psalmos, o povo canta a ladainha, soluçam preces os que teem ali alguem que vae partir.

«Treme na aragem do mar a luz vermelha dos brandões, e os destemidos que vão embarcar para cinco mil leguas, volvem em volta de si um immenso olhar de saudade para tudo o que ali lhes resume a patria. Para tantos d'elles o derradeiro olhar!

«Chegam á margem do rio. Ajoelham todos commovidamente. O vigario da ermida pronuncia alto a formula da confissão geral e, invocando a bulla de Martinho V, absolve os que vão partir.

«Para bordo, que o lance é terrivelmente angustioso. Corôam-se os navios de galhardetes, desprega-se a bordo a bandeira do capitão-mór, soltam-se as velas ao vento. A esquadra partiu.

«Alma portugueza, boa viagem para a historia, santa viagem para este povo de um punhado de homens.»

—Conta Fernam Lopes de Castanheda, na *Historia do Descobrimento da India,* que:

«estando despachado Vasco da Gama, em Monte-mór-o-Novo, aonde el-rei estava, partiu-se com os seus capitães para Lisboa, aonde feita a sua armada embarcou-se a gente d'ella, que foram 148 pessoas, em Restello, que será uma legua de Lisboa, em sabbado, 8 dias de julho de 1497. E ao embarcar sairam todos em procissão, de Nossa Senhora de Belem, que é agora um mosteiro da ordem de S. Jeronymo, e iam em pelote, com cyrios accesos nas mãos, e os frades rezando; e ia com elles a maior parte da gente de Lisboa, e a mais d'ella chorava com piedade dos que iam embarcar, crendo que haviam todos de morrer. Embarcados todos, e Vasco da Gama com os seus capitães, logo deram ás vélas e se partiram de foz em fóra.»

—Tratemos agora resumidamente da primeira viagem á India.

No mesmo anno, em que o rei de Portugal D. Manuel realisou o seu casamento com D. Izabel de Castella, enviou á descoberta da India a armada que o seu predecessor havia preparado, e cujo commando foi confiado a Vasco da Gama.

A esquadra partiu das praias do Restello a 8 de julho de 1497 e a sua guarnição compunha-se apenas de 160 homens.

Vasco da Gama descobriu a 4 de novembro a bahia de Santa Helena, ainda na Costa Occidental de Africa. A 22 dobrou o cabo da Boa Esperança. A 25, chegou ao logar da Aguada de S. Braz, 60 leguas além do cabo, e perto do qual fez queimar, por já ser inutil, o navio de mantimentos. Depois, a 25 de dezembro, descobriu a terra do Natal; a 1 de março de 1498, a ilha de Moçambique; a 7 de abril, Mombaça; a 15, Melinde, na costa oriental de Africa, e atravessando o grande golpho aportou a Calecut, na India, côrte do rei Çamori, poderoso senhor da Costa de Malabar, a 20 de Maio, tendo gasto 11 mezes n'esta viagem.

Foi a 20 de maio que Vasco da Gama teve entrevista com o rei Çamori, a quem entregou as cartas que levava do rei de Portugal e deu conta da sua embaixada.

Vasco da Gama descobriu, já de regresso á Europa, a ilha de Anchediva, e os ilheus de Santa Maria, d'onde sahiu a 5 de outubro, chegando a Melinde a 7 de fevereiro de 1499.

Passando entre Quiloa e Mombaça perdeu-se a náu S. Raphael, salvando-se a tripulação, que foi dividida pelos outros dois navios.

A 20 de março dobrou a armada o cabo da Boa Esperança. Uma tempestade separou os navios nas alturas de Cabo Verde.

Nicolau Coelho, chegando ao Tejo a 10 de julho, informou

el-rei D. Manuel do feliz resultado da expedição. Então el rei se preparou para receber com toda a pompa Vasco da Gama, o qual tenda arribado á Ilha Terceira, na qual ficou sepultado Paulo da Gama, seu irmão, entrou em Lisboa a 29 de julho.

El-rei fez a Vasco da Gama uma solemne e pomposa entrada, indo recebel-o ao caes de Belem debaixo do pallio; nomeou-o almirante dos mares da India e conde da Vidigueira, deu-lhe o tratamento de *Dom,* 300$000 réis de renda annual, licença para empregar por anno, na India, duzentos cruzados, em mercadorias livres de direitos, tudo de juro e herdade, e ordenou que nas armas do conde se accrescentasse uma parte das armas do reino.

D. Vasco da Gama

Todos os tripulantes da frota foram recompensados generosamente e ás familias dos fallecidos foram concedidas pensões

Em memoria de tão notavel acontecimento, fez D. Manuel edificar no logar aonde havia embarcado a celebre expedição, e aonde existia uma pequena ermida, que o infante D. Henrique fizera construir para a devoção dos marinheiros, o magnifico e sumptuoso mosteiro dos Jeronymos, que dotou com largas rendas.

No logar mais eminente da parte superior da porta principal do templo fez el-rei collocar a estatua do immortal infante D. Henrique, o iniciador das viagens e descobertas de Portugal.

— Parece averiguado que as naus que seguiram á India, sob o commando de Vasco da Gama, foram construidas no Tejo, no sitio da *Azinheira* aonde existiu a *Feitoria,* baptisadas na egreja parochial de Santo André. El-rei D. Manuel assistiu, da torre da egreja, ao lançamento d'ellas ao rio. Vasco da Gama foi por capitão-mór da nau *S. Gabriel;* seu irmão, Paulo da Gama, ia na nau *S. Raphael;* e Nicolau Coelho, na nau *Berrio.* A barca *Pero de*

Escobar seguiu com mantimentos. As naus eram embreadas, segundo o costume portuguez.

— Conta Garcia de Rezende, na *Chronica de D. João II,* que este monarcha, pelos grandes desejos que sempre teve do descobrimento da India, no que muito tinha feito e descoberto até além do Cabo da Boa Esperança, tinha concertada e prestes a armada para descobril-a, com os regimentos feitos e por capitão-mór d'ella Vasco da Gama, fidalgo de sua casa, e por fallecimento de el-rei a dita armada não partiu. E el-rei D. Manuel, logo que reinou, mandou partir a dita armada assim como estava prestes, pela mesma ordenança e os mesmos regimentos que estavam feitos, e por capitão-mór o mesmo Vasco da Gama, que depois foi conde da Vidigueira e almirante das Indias, que com a ajuda de Deus e seu esforço como valente cavalleiro, com grandes perigos e trabalhos a descobriu.

— Vasco da Gama tinha 28 annos quando partiu para a India. Nasceu em Sines em 1469. Era filho de Estevam da Gama, alcaide-mór de Sines, commendador do Seixal, casado com D Isabel Sodré.

Quando Vasco da Gama voltou da segunda vez da India, concedeu-lhe el-rei a graça de juntar ao seu escudo d'armas em abysmo as armas reaes, e deu-lhe o senhorio da villa da Vidigueira, a 17 de dezembro de 1519, e o condado depois, a 5 de janeiro de 1522. Foi nomeado viso-rei da India, para onde voltou a 9 de abril de 1524, partindo com 14 navios e 3:000 homens. Morreu em Cochim, n'esse mesmo anno, sendo sepultado no mosteiro de Santo Antonio, e transferido 14 annos depois para o extincto convento da Vidigueira.

— Em Lisboa, no Arco da Rua Augusta, existe uma boa estatua em marmore de D. Vasco da Gama, esculpturada por Victor Bastos. Em Belem, ha a praça de D. Vasco da Gama, em frente da egreja de Santa Maria de Belem. A Santos, ha a rua de Vasco da Gama; em Ajuda, a calçada de D. Vasco e a travessa de D. Vasco. Em commemoração do 4.º centenario da India, foi fundado, em Algés, o Aquario de D. Vasco da Gama.

—Á direita do cruzeiro, na egreja de Santa Maria de Belem, na capella chamada do *Restello,* foram construidos em 1894 dois tumulos de pedra, que encerram os restos mortaes de Camões e Vasco da Gama, por disposição testamentaria do notavel historia-

dor Simão José da Luz Soriano. São em estylo *gothico-portuguez*, e um do genero do outro. Sobre as tampas descançam as figuras dos dois grandes homens. Vasco da Gama traja o habito de Christo. No topo tem este tumulo as armas de D. Manuel, do lado opposto os brazões dos Gamas e em volta do friso da tampa, em caracteres gothicos, estes versos dos *Lusiadas:*

> Partimo-nos assim do santo templo,
> Que nas praias do mar está assentado.

Por decretos de 24 de fevereiro de 1871 e 18 de maio de 1880 se mandou fazer a trasladação dos restos mortaes de Vasco da Gama da egreja da Vidigueira para o convento dos Jeronymos, ceremonia que se effectuou com grande pompa a 8 de julho d'este ultimo anno. Foram então exhumadas as ossadas de quatro individuos, havendo mais tarde a certeza de que nenhum d'elles era o grande navegador. A 9 de maio de 1898 se fez a trasladação da ossada, tida por verdadeira, da capella de Nossa Senhora das Reliquias, da Vidigueira, para o famoso templo manuelino, de Belem.

— Os padres da Companhia de Jesus festejaram a estada de D. Filippe II, em Lisboa, na anno de 1619, com a representação de uma tragi-comedia, intitulada — *El-rei D. Manuel, conquistador do Oriente,* espectaculo este que foi levado a effeito no collegio de Santo Antão, em duas tardes, dos dias 21 e 22 de agosto. A tal peça, representada na lingua latina, tinha sido escripta pelo padre Antonio de Souza, mestre de rethorica do mesmo collegio, e foi desempenhada pelos estudantes. As figuras que appareciam em scena passavam de 350. Só animaes, aves e monstros marinhos eram mais de 40.

Lavanha diz que estes eram representados com tanta propriedade que podiam enganar os que d'elles não tivessem perfeito conhecimento. Os fatos eram riquissimos. No *Livro da entrada de Filippe II em Portugal,* vem o enredo da peça, que enche umas poucas de paginas. O theatro tinha 145 palmos de comprimento e 90 de largura.

NOSSA SENHORA DO RESTELLO

Foi deante d'esta Imagem que Vasco da Gama ouviu missa antes da partida para a descoberta da India

V

Nossa Senhora do Restello

Antiguidade da imagem da Senhora do Restello.—Denominações diversas.—Tentativa de organisação de irmandade propria.—Obras emprehendidas depois de 1820.—Descripção do altar em 1842.—A virgem considerada patrona dos navegantes.—A imagem da Senhora de Belem, do convento de Santa Clara.—A imagem offerecida pelo Papa Julio II.—Solemnidades feitas antes e por occasião do 4.º centenario da India.—Uma carta do sr. Visconde de Castilho.

A IMAGEM de pedra de Nossa Senhora, venerada com o titulo de Belem ou do Restello, acompanhou os freires da Ordem de Christo desde a sua primeira capella até á extincção das ordens religiosas, conservando-se depois d'isso a ter culto na egreja aonde os mesmos Freires a deixaram ficar.

A imagem é muito mais antiga que a data da descoberta do caminho da India, commemorada ha pouco no seu 4.º centenario.

A ermida do Restello foi dada aos Freires em 1460, como se vê do respectivo termo reproduzido n'esta obra, e o infante D. Henrique mandou vir de Sagres, segundo resa a historia, quando fundou a Ermida do Restello, tudo quanto guarnecia o sanctuario que ali tinha mandado construir; portanto é de suppor que aquella preciosa reliquia tivesse vindo de Sagres e mesmo que tivesse acompanhado o infante em alguma das suas viagens (1).

(1) O infante D. Henrique fixou a sua residencia em Sagres, nos annos de 1418 ou 1419 e foi n'esta época que começaram as primeiras descobertas. Em

Não deve ter, ao que se vê, menos de 450 annos.

Para ter tanto tempo, ter passado, posto o seu grande peso, para uns poucos de logares, ter ficado, em 1755, debaixo das ruinas de um templo, d'onde foi tirada inteira, está, relativamente, bem conservada.

Do lado que se encontra voltada para a parede, e que não está pintada nem envernisada, é que se conhece bem a sua muita antiguidade. Basta raspar com a unha na pedra para esta se desfazer no sitio da fricção, como se fosse feita d'argila simplesmente amassada com agua!

Tivemos, em 1880, occasião de fazer essa experiencia, quando a imagem passou para o camarim onde hoje está. Deu isso por signal bastante trabalho, posto o serviço fosse levado a effeito por muitos operarios e a elevação effectuada por meio de um guincho e de cabos de grande grossura. Por vezes se julgou que a imagem se desfazia antes de chegar ao sitio onde devia ser collocada, tanta era a argilla que de si lançava! Chegou ainda a despegar-se um pedaço de um dos lados, o que foi logo reparado.

Estava antigamente em cima do altar e era ali coberta por occasião da semana santa, pois ninguem se atrevia a pegar-lhe para a levar para outro ponto, mas a madeira do altar tinha vergado e portanto houve necessidade de mudança, para não se dar o caso de algum desastre.

O espaldar e os braços da cadeira são de madeira entalhada e dourada e é obra moderna, comparativamente com a antiguidade da Imagem. Tanto o espaldar como os braços são de pôr e tirar, e ha muitos annos que não estavam no seu logar.

A imagem tem de altura um metro e vinte centimetros, e com a peanha eleva-se a um metro e noventa e cinco centimetros; o espaldar da cadeira passa da cabeça da Imagem noventa centimetros. Tem a mesma de frente, na sua maior largura, no sitio dos joelhos, setenta e dois centimetros e de espessura quarenta e

---

1418 effectuou-se a descoberta da ilha de Porto Santo e em 1419 a da ilha da Madeira.

O marquez de Sá da Bandeira mandou em 1839 collocar uma lapide em Sagres, como recordação do ponto aonde o infante fundou a escola de cosmographia, o observatorio astronomico e as officinas de construcção naval. Lá se lê a data da morte do infante, que foi a 13 de Novembro de 1460, com 66 annos de idade.

cinco centimetros. A corôa é de prata e peza novecentos cincoenta e nove grammas.

O manto é pintado de azul ferrete com cercaduras e florões dourados e o vestido de côr magenta, igualmente com dourados.

Na peanha encontra-se, logo na frente, a Cruz da Ordem de Christo, em obra de talha.

O povo dá a esta imagem diversas denominações. Não é sómente conhecida por Senhora do Rastello ou de Belem, tambem o é por Senhora do Parto, por ter o menino nú sobre os joelhos, e muitas senhoras apègam-se a ella, quando estão no seu estado interessante, mandando accender alguns cirios ou a lampada no seu altar; é tambem conhecida pela Senhora da Cadeira, por estar assentada. Antigamente o altar tinha um docel, segundo o que se encontra descripto nos antigos inventarios.

— O fallecido sr. José Gregorio da Roza Araujo andou n'outro tempo muito influido, a querer arranjar uma irmandade, que tratasse especialmente do culto de Nossa Senhora do Restello. Queria que a Irmandade fosse constituida unicamente pelos commendadores e cavalleiros da Ordem de Christo, que os ha de sobejo. Fallou muito, mas nunca conseguiu nada.

— O padre Gumpemberg no seu *Atlas*, chama á Senhora do Restello — *Nossa Senhora do Porto*. Talvez fosse por considerar a imagem como protectora do porto de Lisboa.

— No tempo do vigario Frei Thomaz Corrêa de Sá, que tomou passe do cargo a 29 de Fevereiro de 1820, se emprehenderam na egreja diversas obras, com a ajuda dos fieis, como se vae vêr: A Imagem de Nossa Senhora da Conceição foi encarnada e dourada e a maquineta, a peanha e os degraus do throno foram feitos de novo; a Imagem da Senhora do Restello foi encarnada e dourada, estreiando por essa occasião uma grande corôa de prata, que ainda tem na cabeça, sendo feita de novo a peanha e a cadeira em que está assentada; foi renovado o painel da Senhora da Piedade e Descimento da Cruz; encarnadas as Imagens do Senhor Jesus da Humildade, Santo Amaro, S. Miguel e Sant'Anna; foi comprada uma alcatifa para a armação dos cavalleiros, etc.

— Em Belem, existe uma associação de soccorros mutuos, com o titulo de *Nossa Senhora do Restello,* com séde na rua direita de Pedrouços.

— No inventario de 5 de Setembro de 1842; vem descripto

o altar de S. Miguel, da egreja da Conceição Velha, da seguinte maneira:

«Compõe-se este altar de retabulo da mesma invocação e de uma Senhora com a invocação do Restello ou de Belem, de pedra, e que tem uma cadeira de espaldar de pau dourado e pintado, volante, com uma corôa de chumbo dourado, tendo uma peanha de pau dourado e pintado com a insignia da commenda da Ordem de Christo.»

O retabulo citado está presentemente no fundo da egreja, na parede do côro, e a imagem da Senhora do Restello no altar immediato áquelle, que é aonde se vê o retabulo da Senhora do O'.

— O padre Luiz Cardoso diz no seu *Diccionario Geographico*, de 1751, que o infante D. Henrique teve a Virgem do Restello por *sua especial patrona nas navegações*. O artigo trata de Belem e entre outras coisas diz o seguinte:

«O real convento de Belem está fundado n'este logar em uma alegre e vistosa planicie junto do mar, em um sitio que antigamente se chamara *Barra ou surgidouro do Rastello*, e depois Restello, aonde havia uma ermida de Nossa Senhora, que fundou o infante D. Henrique, 1.º duque de Vizeu, filho d'el rei D. João I, e a deu aos religiosos da ordem de Christo, sendo Grão-mestre d'ella, para ali servirem a Deus e a Nossa Senhora, *sua especial patrona nas navegações*, o que com tão feliz auspicio conseguiu.»

— O infante D. Henrique, todo entregue aos seus projectos de descobrimentos, deixou a côrte para ir habitar em Sagres, no Algarve, onde fundou a celebre academia, que tanto floresceu, dirigida pelos dois sabios judeus Rabi Joseph e Rabi Rodrigo, e de que sahiram os grandes navegadores que n'aquella época tanta gloria nos deram.

Chama as sciencias, e convida as artes,
Que em torno assim reune!
Novo lyceu resurge
A' tua voz, oh principe, nas praias
Da maritima Sagres;
Sagres então sem nome
Hoje nobre por ti, por ti famosa!

Costa e Silva. — *Odes*.

— O *Santuario Mariano*, livro 1.º, titulo XXVIII, tratando da

imagem de Nossa Senhora de Belem, do convento de Santa Clara de Lisboa, conta uma historia muito comprida, dizendo que um clerigo ouvio em sonhos, por tres noites repetidas, umas vozes que lhe diziam que fosse á praia de Belem, que n'aquelle tempo se chamava ainda *Restello*, e que n'ella acharia uma imagem de Nossa Senhora, e que a levasse ao convento de Santa Clara, para ali ser venerada, e — *por não ser ingrato ao favor que a Rainha dos Anjos lhe fazia, se foi ás praias do Restello, e n'ella achou a preciosa concha, que o mar, sem duvida por não se achar digno de a possuir, havia posto branda e suavemente sobre a areia.*

As religiosas, crentes na apparição, mandaram construir nos claustros uma rica capella, aonde foi collocada a imagem de Nossa Senhora de Belem, que parecia ser de pedra pelo seu grande peso. A esculptura era boa, e tinha sido pintada a oleo, como era uso nas imagens antigas. Tinha palmo e meio de altura e estava assentada n'uma cadeira, com o Menino Jesus nos braços. A apparição da imagem foi pelos annos de 1529, pouco mais ou menos. O convento foi fundado em 1287.

Parece, em vista da discripção, que a imagem encontrada tinha sido esculpturada em ponto mais pequeno, pelo modelo da Senhora do Restello, orago da antiga ermida d'aquella praia e que hoje se encontra na Conceição Velha.

Frei Manuel da Esperança, na *Historia Seraphica*, conta, com pequena alteração de palavras, a mesma historia.

— Dizem alguns escriptores que a imagem da Senhora do Restello, venerada no templo dos Jeronymos, era de linda e admiravel esculptura e de pouco mais de tres palmos de altura. Tinha sido offerta do Papa Julio II ao fundador d'aquelle magestoso templo. Frei Agostinho de Santa Maria descreve esta imagem e diz que ella era de madeira, e textualmente o seguinte: — *O Menino Jesus tem a Senhora da parte direita, e sustenta com muita graça, com os pés em uma laçada de uma liga, que pende da cintura da Senhora.* Em vista do exposto em nada se parecia esta com a antiga imagem da Senhora do Restello, orago da ermida, construida no sitio pelo infante D. Henrique.

— A irmandade dos Passos fez festejar, em maio de 1897, na egreja da Conceição Velha, a Senhora do Restello e o mesmo fizeram os devotos do Coração de Jesus, em novembro do mesmo anno. Em ambas as festividades foi orador o reverendo padre Na-

poleão José Thomaz d'Aquino, que apresentou dois bellos discursos, altamente patrioticos, como o caso pedia.

Em 1898, por occasião das festas commemorativas do 4.º centenario da descoberta do caminho maritimo para a India, levou-se a effeito, na mesma egreja, a 14 de maio, uma solemne festividade á imagem de Nossa Senhora do Restello, com o producto da venda de alguns exemplares da primeira edição d'esta publicação.

Em seguida vão duas noticias da mesma festa, dadas, em tempo proprio, pelo jornal *O Seculo*.

Solemnidade religiosa

«Realisa-se no proximo sabbado 14 na egreja da Conceição Velha, que pertenceu aos freires da Ordem de Christo, uma solemne festividade em honra de Nossa Senhora do Restello, que teve capella em Belem, onde Vasco da Gama e seus companheiros ouviram missa antes da partida para a descoberta do caminho maritimo da India.

E' feita com o producto da venda da publicação intitulada *Nossa Senhora do Restéllo, os freires de Christo e a egreja da Conceição Velha* e com esmolas offerecidas por algumas pessoas devotas.

A commissão do centenario não deu, nem lhe foi pedida, coisa alguma para esta festividade, que ainda assim é feita com a maior pompa.

O templo foi ricamente armado pelo sr. Antonio Maria Lopes e ha grande profusão de lumes e de flôres.

Os oito lustres são do sr. José Francisco Pernes e a cera do sr. Luiz Miguel Furtado. Por occasião da festa devem arder 200 lumes.

A's 11 horas e meia, no altar da Senhora do Restello ha missa rezada por alma do glorioso Vasco da Gama e seus valentes companheiros, dita pelo rev. Napoleão e mandada celebrar por uma senhora, que não quiz declarar o nome.

A missa da festa começa pelo meio dia e préga ao Evangelho o rev. vigario Silva Curado, capellão de infanteria 5. Executa-se a missa grande de Casimiro Junior.

Pelas 6 horas e meia da tarde ha sermão pelo rev. Napoleão e, em seguida, solemne *Te Deum*, egualmente a grande instrumental.

Na egreja, onde está o sagrado *lausperenne*, e que se conservará aberta até ás 10 horas da noite, se encontrará á venda o folheto commemorativo do centenario, ao preço de 200 réis cada exemplar, e bem assim as estampas da imagem do Restello, reproduzidas por meio de photo-gravura.

Na mesma egreja acaba de se estabelecer uma associação de devotos com o titulo de Nossa Senhora do Restello, com o fim de levar a effeito identica festividade nos annos seguintes. Não tem pagamento de joia, e os annuaes, tanto para homens como para senhoras, são apenas de 240 réis.»

Egreja da Conceição Velha

«Celebrou-se hontem 14, com grande esplendor, a festividade a Nossa Senhora do Restello. O altar da imagem estava lindamente ornamentado de flôres e lumes. A' meia hora da tarde começou a missa, sendo celebrante o rev. Barbosa, capellão de engenheria, acolytado pelos reverendos Carlos de Sá e Xavier Santos.

Ao Evangelho subiu ao pulpito o rev. vigario Joaquim da Silva Porto e Curado, que fez um bello discurso, começando por dizer que o facto que se commemorava estava ligado a duas gigantescas individualidades da nossa historia, as quaes obrigavam n'estes dias o universo a volver seus olhares para este pequeno mas glorioso canto da Europa. O infante D. Henrique e D. Vasco da Gama; o primeiro, o sonhador de Sagres, o investigador dos mares; o segundo, o destemido, o navegador intemerato que teve a gloria de realisar a aspiração do filho de D. João I.

Este facto estrondoso e que assombrou o mundo, foi como que a glorificação d'este povo tão pequeno na sua origem, mas que, pelo seu arrojo, pela sua temeridade, pela sua coragem, e, finalmente, pela sua fé se tornara o primeiro povo do mundo.

E a prova é que, effectivamente, Portugal predominava em quasi toda a parte.

Terminou o exordio por affirmar que devemos ter fé e appellar para a virgem do Restello, a cujos pés ajoelhou Vasco da Gama com os seus valorosos companheiros e a quem deram o adeus de despedida.

Percorreu a historia patria, penetrou na historia de quasi todas as nações da Europa, invocou os nossos primeiros homens, desde Affonso Henriques até Vasco da Gama, cuja fé e coragem pôz em relevo, especialmente durante a viagem, que tanta gloria nos deu.

Terminou por exhortar todos os portuguezes a que sejam bons filhos d'esta querida patria, procurando engrandecel-a e tornal-a respeitavel.

A's 6 horas da tarde subiu ao pulpito o rev. Napoleão, que fez um brilhantissimo discurso, referindo-se egualmente aos feitos notaveis de Vasco da Gama e de seus companheiros e á imagem historica do Restello, seguindo-se o *Te-Deum*, acompanhado a musica de grande instrumental, sob a direcção do sr. Carlos d'Araujo.

A festa foi feita com o producto da venda do folheto *Nossa Senhora do Restello*, e por iniciativa do sr. Filippe Nery, escrivão da irmandade, incansavel na realisação d'esta festividade.

Foi offerecida á imagem, por uma senhora, uma toalha de linho com grandes lettras bordadas a ouro.

—Teem ido, nos ultimos dias, muitos artistas e amadores á egreja tirar desenhos e photographias da historica imagem da Senhora que, como se sabe, teve capella na praia do Restello e que pertenceu aos freires da ordem de Christo, que a receberam por offerta, em 1460, do infante D. Henrique, fundador da mesma capella.

Esta imagem, que é de pedra, estava na antiga egreja, aonde se estabeleceu a primeira freguezia da Conceição, nas proximidades da Magdalena, no

local chamado *Judiaria Grande*, mandada purificar por el rei D. Manuel, como em tempo largamente orientamos.

Em 1755 ficou debaixo das ruinas produzidas pelo terramoto, e d'alli foi tirada inteira, sendo depois passada para a egreja que o marquez de Pombal offereceu aos freires, em troca d'aquella, e reconstruida com os restos da antiga Misericordia, aonde está.

A imagem deve ter mais de 450 annos e para ter tanto tempo está relativamente bem conservada.

E' digna de ser visitada por quem vier ás festas do centenario.»

E com effeito milhares de pessoas vieram do reino, ilhas, possessões, e até do estrangeiro assistir em Lisboa ás festas do centenario e estiveram no templo admirando a antiga imagem da Virgem, e levando para todos os pontos registos e descripções, que se venderam em grande quantidade, chegando a esgotar-se quasi por completo, a primeira edição d'esta obra, que foi de mil exemplares.

Os jornaes fallaram na existencia da imagem e alguns nacionaes e outros estrangeiros a reproduziram em gravura, bem como a frontaria da egreja aonde é venerada.

Hoje está organisada uma associação de devotos que festeja annualmente, com a possivel pompa, a antiquissima imagem da Senhora do Restello.

— Não tendo a commissão official promotora das festividades commemorativas do 4.º centenario da descoberta do caminho maritimo para a India, introduzido no seu programma uma festividade á Virgem do Restello, unica reliquia que existe d'aquelle tempo, o author d'este folheto offereceu 200 exemplares da 1.ª edição d'esta obra, para com o producto da venda se levar a effeito a dita solemnidade na egreja da Conceição Velha. Agora, n'esta segunda edição, tem cabimento a apresentação de conta de receita e despeza d'essa festa. A receita importou em 106$645 réis e a despeza na mesma quantia, porque o saldo de 7$405 réis foi entregue á Irmandade dos Passos em troca da cera gasta. A musica custou 32$400 réis, a armação 15$000 réis, o pessoal do altar 9$100 réis, impressões 7$700 réis, alluguer de lustres 5$800 réis, sermões 9$000 réis, percentagem pelas cobranças 17$950 réis, cêra 7$405 réis e despezas miudas 2$290 réis.

D'aqui se agradece a todas as pessoas que ficaram com os folhetos e offereceram esmolas, e bem assim ás pesssoas que assistiram á solemnidade.

— Da verdadeira imagem da Senhora do Restello não encontramos descripção alguma que podessemos reproduzir, posto tivessemos ido para esse fim differentes vezes á Bibliotheca Nacional, consultar diversas obras antigas e modernas.

Alguns escriptores fallam de uma imagem, com aquelle titulo, que se encontra no mosteiro de Belem, mas essa era de madeira e não de pedra, como a historia diz ser a que se venerava no altar da pequena ermida. D'essa mesma apresentámos já a descripção.

Outros auctores confundem o verdadeira imagem com algumas outras, não só nas descripções da antiga egreja da Conceição, como na da actual Conceição Velha. Tem sido confundida com a Senhora da Conceição, da Expectação e até com a Senhora da Atalaya, que pertenceu á Alfandega de Lisboa!

E' digno de se lêr o que se encontra a este respeito na *Ribeira de Lisboa,* que recebeu aguas de differentes nascentes.

A proposito. N'este apreciavel livro, ao tratar, da actual capella-mór da Conceição Velha, lê-se o seguinte:

«Ha poucos annos a junta de parochia, ou quem quer que foi, entendeu dever aperfeiçoal-a, alargal-a, e não sei que mais; modificou sem dó a antiga architectura, e um dos ultimos restos velhos do edificio.»

Deixando no tinteiro os commentarios, que se encontram no citado livro, a pag. 213, não podemos deixar de declarar, visto que ha 20 annos trabalhamos desinteressadamente para sustentar o culto da egreja, que as obras que se fizeram, a nosso pedido, de que não estamos arrependidos, em 1880, e quatro annos depois, pelo ministerio das obras publicas, em nada o edificio ficou prejudicado. E para prova basta citar que só então se fez a collocação do grupo da Senhora da Misericordia na frontaria do templo!

Agora alargar a capella-mór?...

A quem se metteria isso na cabeça!...

— Deixamos de proposito para o fim d este artigo o que acima se lê, para ter o prazer de reproduzir, sem a minima discussão, a carta que o ex.mo sr. visconde de Castilho teve a bondade de nos mandar, e que muito e muito nos penhorou, fechando o assim com chave de ouro.

Eis a carta de s. ex.ª:

... Sr. Filippe Nery de Faria e Silva. Hoje mesmo recebi o interessante

folheto de V. *Nossa Senhora do Restello, os Freires de Christo e a egreja da Conceição Velha.* Li-o com o maior gosto, porque é estudo consciencioso, da indole dos que me occupam ha muitos annos. Acha-se ali uma consideravel somma de noticias; aquillo é uma util *mãe-de-agua, que recebeu agua de differentes nascentes*, todas authenticas. Hei-de muita vez compulsar esta obra; e este exemplar, obsequiosamente offerecido por V. (segundo creio), fica fazendo parte da minha vasta collecção de livros sobre a nossa Lisboa.

Recebi tambem, a pag. 104, uma palmatoada delicadamente dada. E' preciso, porém, que me seja consentido dizer o seguinte: eu não puz (nem ponho) em duvida, um instante sequer, os trabalhos desinteressados de V. durante vinte annos para sustentar o culto na egreja da Conceição; acceito essa declaração, e louvo as intenções religiosas e patrioticas de quem assim procede, O que me parece, salvo melhor juizo, é que as obras que lá se realisaram a pedido de V. (segundo o declara) na capella hoje principal, foram talvez um pouco além do que o sentimento artistico deveria tolerar. Em todo o caso isto é uma opinião minha pessoal, que póde ser erronea; opinião fundada no que por toda a parte, e a cada passo, as obras publicas perpetram nas edificios publicos, opinião ainda azedada, quando escrevi aquelle trecho d'*A Ribeira de Lisboa,* com o que eu acabava de presencear n'um veneravel mosteiro dos arredores da capital. Portanto: se V. se não acha arrependido (como lealmente o confirma a pag. 104), de ter promovido que as taes obras se fizesssem na Conceição Velha, eu tambem não me acho arrependido de as ter combatido no meu livro. Ambos podemos errar mas ambos erramos de boa fé.

Dou os meus parabens sinceros a V. pela sua obra, e assigno-me pela primeira vez

De V. etc.

Ameixoeira — Lumiar, 19 de Novembro da 1897.

Julio de Castilho.

VI

Os freires de Christo

Os Freires.—Dignidades da Ordem de Christo.—Os conventos de Thomar e da Luz.—Representação feita a D. João VI.—O archivo dos Freires.—Portaria do conde de Oeiras.—Representação feita pelos Freires em 1818.—Extracto curioso.—Escripto de Vilhena Barboza.—A meza da consciencia.—A collegiada em 1786.—Noticia das Ordens Militares.—Como eram armados os cavalleiros.—Extracto da Chronica de D. Pedro I.—Noticias diversas.

FREIRE era antigamente o mesmo que *irmão,* titulo usado entre religiosos. Eram chamados *Freires* os cavalleiros das ordens militares, que tinham alguns votos religiosos. Vem do francez *Frère.*

— A Ordem de Christo tinha as seguintes dignidades:

1.º o Mestre. D. Gil Martins foi o primeiro, em 1321. D. Henrique administrou a Ordem com o titulo de Governador.

2.º o Prior-mór, que tinha jurisdição no espiritual e temporal do convento.

3.º o Commendador-mór, que presidia na ausencia do prior.

4.º o Chaveiro, que tinha as chaves do convento, distribuia alimentos e tomava conta dos gastos.

5.º o Sachristão-mór, que tinha em seu poder os sellos da Ordem.

6.º o Alferes, que levava a bandeira nas procissões.

— O habito dos cavalleiros é uma cruz vermelha, fendida no meio por outra branca A cruz dos Templarios era toda vermelha.

— Como se sabe, o principal convento da Ordem era em Thomar. Proximo a Lisboa havia o convento de Nossa Senhora da Luz, pertencente aos Freires, mandado construir pela infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manuel e da rainha D. Leonor, sua terceira mulher, em 1575. O terremoto de 1755 deitou-o por terra, deixando apenas de pé a capella mór e parte das paredes do corpo da egreja. O que ficou ainda é digno de se vêr.

— Duarte Nunes de Leão, na *Descripção de Portugal,* de 1739, diz, tratando do convento de Thomar, o seguinte:

«Na parte mais eminente da cidade da banda do oceano está o famoso convento cabeça e bailio da Ordem de Christo, cuja maravilhosa fabrica em grandeza, custo e architectura mostra bem que foi empenho dos srs. reis D. Manuel, D. João III, D. Sebastião e de dois Filippes. Todos os monarchas o dotaram de tantas rendas, previlegios, isenções e mercês, que é das grandes cousas que ha no reino e em toda a christandade. Antigamente tinha Freires clerigos, mas el-rei D. João o III o reduziu á Ordem Regular, em que hoje se conserva. Seu prelado tem o titulo de D. Prior de Thomar e Geral da Ordem de Christo, do conselho de Sua Magestade, e nas côrtes tem assento com os prelados do reino.

«A fabrica material é de tanta capacidade que póde hospedar dois reis com toda a sua comitiva, sem que tão grandes hospedes incommodem os religiosos do convento N'elle celebraram capitulo geral e côrtes os reis D. João III, D. Fiiippe II e III e el-rei D. Sebastião. Os priores presidem nos capitulos geraes, quando não assiste el rei como Grão Mestre, e quando elle está presente occupa o primeiro logar á mão direita. Tem tido vinte e quatro prelados illustres em santidade e letras.

«A Ordem de Christo teve principio na extincção da dos Templarios, e dos bens que ficaram d'elles impetrou el-rei D. Diniz bullas de confirmação da Ordem que instituia de Nosso Senhor Jesus Christo, o que com effeito concedeu o Papa João XXII, em 14 de Março de 1319 O primeiro mestre que teve se chamou D. Gil Martins, que jaz no seu convento, sem pompa alguma no sepulchro pelo ordenar assim no seu testamento. Esta esclarecida milicia é hoje das mais ricas, que tem a christandade; passa de quinhentas as commendas e alcaiderias móres, que se dão com o seu habito, não havendo casa illustre no reino, que se não distinga com esta preciosa insignia. As suas rendas chegam a quatrocentos mil cruzados e por este computo se póde vêr quanto excede ás outras Ordens militares que ha dentro das Hespanhas, e que não ha muitas nos reinos estranhos, que possam entrar á comparação com esta illustrissima e poderosa milicia, de quem sua magestade por bullas apostolicas é perpetuo Grão Mestre e administrador, e n'esta qualidade governa o espiritual d'esta comarca por um ecclesiastico, que toma o titulo de prelado da jurisdicção quasi episcopal da notavel villa de Thomar e de todos os vassallos e terras adherentes da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Christo».

— É assaz curiosa a representação que os Freires da Ordem de Christo fizeram a el-rei D. João VI, quando este monarcha estava no Rio de Janeiro [1], pedindo augmento de vencimentos. É a historia d'aquella corporação, contada com todos os seus pormenores. No texto citam-se varios documentos, que não foram encontrados. É nosso dever declarar ter sido esta representação que nos deu a precisa luz para procura de elementos concernentes á historia da egreja da Conceição Velha.

Eis o documento:

«Senhor: — Dizem os Freires da Real Egreja e Collegiada de Nossa Senhora da Conceição da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Chisto de Lisboa que, depois da extincção da Ordem do Templo, fôra instituida e creada esta dita Ordem, por bulla do Santo Padre João XXII, a instancias do sr. rei D. Diniz; ella foi enriquecida de grandes prerogativas pelos senhores reis d'estes reinos e seus Grão Mestres; os seus cavalleiros fizeram a esta monarchia muitos, distinctos e assignalados serviços em Portugal, na Asia, Africa e America e por isso foram dadas a esta dita Ordem muitas villas e cidades em Portugal e todas as ilhas e terras ultramarinas.

«Entre os seus Grão-Mestres sabresaiu em virtudes, sciencia e valor o senhor infante D. Henrique, lustre d'esta monarchia, que com os ditos cavalleiros fez grandes acções, conquistas e descobriu muitas terras, e por isso era incançavel no augmento da Ordem; o primeiro templo, que ella teve em Lisboa, foi por elle mandado edificar no sitio do Restello, vulgo Belem, a quem dotou com muitas terras; n'elle vinham fazer, por oito dias, os exercicios espirituaes os generaes e capitães que espalharam o nome portuguez pelo mundo, em beneficio dos seus soberanos e da patria; all passavam as vigilias, com os Freires, até que promptas as esquadras partiam ao seu destino; d'esta ceremonia se não isentou o dito senhor infante e a executaram Vasco da Gama, Affonso de Albuquerque e outros, o que comprovam as Historias da Ordem e as do Reino.

«O Senhor D. Manuel tomou immediatamente a Ordem debaixo da sua real contemplação e aos Freires d'ella, e expulsando d'estes reinos a gente da nação Hebrea, mandou que em Lisboa, no mesmo sitio em que os hebreus tinham a sua synagoga, se preparasse e edificasse um templo magestoso, dedicado por sua especial devoção á Virgem Santissima da Conceição Immaculada,

---

[1] A familia real portugueza partiu para o Brazil a 29 de novembro de 1807, tendo embarcado dois dias antes no caes de Belem. A esquadra compunha-se de 8 naus, 5 fragatas, 2 corvetas, 3 brigues e 2 escunas. Depois d'este triste acontecimento nunca mais a marinha portugueza poude reunir tão grande numero de vasos de guerra. No Tejo ainda ficaram 2 naus, 3 fragatas e mais alguns pequenos navios, que arvoram o pavilhão tricolor.

A 30 do mesmo mez e anno entraram os francezes em Lisboa.

para aonde fez tambem trasladar a imagem de Nossa Senhora do Restello, creando, com dinheiro do seu bolsinho, uma commenda, com o titulo de Santa Maria de Lisboa, e metade da qual deu aos Freires e a outra ao commendador, inspector da dita egreja; instituiu o numero dos Freires e mais ministros, intitulou-os seus capellães, estabeleceu seus ordenados e obrigações e lhes mandou edificar uma propriedade de casas para sua residencia junto á egreja, em compensação e escaimbo da do Restello, em cujo sitio o dito senhor tinha começado a fundar o convento de S. Jeronymo, e que os Freires ouvissem de confissão e dessem a sagrada communhão aos cavalleiros e commendadores pela Paschoa, Natal e Pentecostes e dirigissem nos exercicios espirituaes aquelles que ali os fossem fazer e que estes assistissem á funcção da Ordem que na dita egreja se celebra no dia da Exaltação da Cruz, a 14 de setembro, o que tudo comprovam pelo documento n.º 1 extrahido do regimento que seu augusto fundador deu a esta real capella e pelos deffinitorios da Ordem feitos em Thomar, no ultimo capitulo geral no n.º 12 da 1.ª parte.

«Pelo documento n.º 2 mostram que o dito senhor rei D. Manuel impetrou a bulla do Santo Padre Julio II, em que isentou a dita, e seus Freires e seus familiares, da jurisdicção dos Arcebispos de Lisboa e seus officiaes e outra do Santo Padre Leão X para que houvesse n'ella pia baptismal, para n'ella serem baptisados os mouros e indios reduzidos á nossa santa fé catholica; e pelo mesmo documento n.º 2 se mostra outra bulla, impetrada pelo senhor rei D. João III, do Santo Padre Paulo IV, para augmentar o numero de Freires, instituir dignidades, conegos e outros ministros e fazer da dita Real Capella collegiada insigne, o que não se chegou a executar por chegar no fim da vida do dito senhor, e querendo pôr em execução o senhor rei D. Sebastião, primeiro creou uma parochia e separando freguezes das tres circumvisinhas, com approvação e consentimento de seu tio, o senhor Cardeal Infante, então Arcebispo de Lisboa, de cuja erecção se seguiram muitas utilidades á dita egreja e a seus ministros, mas bastantes annos depois se originaram contestações entre os Grão Mestres e Arcebispos, por serem os Freires de apresentação de V. Magestade e os parochos da dos Arcebispos, o que deu motivo a ficarem os supplicantes separados da dita parochia e ficar a dita egreja na sua primitiva, o que prejudicou muito os supplicantes.

«Pelo documento n.º 3 deixam vêr que o senhor rei D Filippe vendo as precisões dos supplicantes, depois de lhes augmentar seus ordenados, conforme as circumstancias e vicissitudes dos tempos, lhes fizera mais a graça de lhe dar a outra metade da commenda, que possuia o seu inspector commendador, dando-lhes por isso a commenda de S. Salvador da Vargea; e do mesmo documento n.º 3 se vê egualmente que o Senhor Rei D. João V lhes fez a graça de permittir aos supplicantes licença para aforarem, comprarem e administrarem os bens d'esta commenda.

«Crescendo mais as carestias do tempo, lhes foram os senhores reis d'estes reinos augmentando seus ordenados, segundo a proporção das suas precisões até ao reinado do Senhor Rei D. João V; achava-se este senhor com intentos de instituir uma nova Ordem de Christo com a Virgem da Conceição, a dilatada molestia de que padeceu lhe impediu de executar o dito intento; entretanto augmentou aos supplicantes os seus ordenados, pondo-os no estado

em que se acham, o que mostram no documento n.º 4, pagando do seu bolsinho a varios ecclesiasticos para que nas funcções maiores do anno viessem ajudal os

«No dia 1.º de Novembro de 1755 aconteceu o fatal terremoto e incendio que reduziu a cinzas a maior parte d'esta cidade e seus templos, comprehendendo tambem o que lhes tinha dado o seu augusto fundador e as casas construidas para sua residencia.

«O Senhor Rei D. José, como seu Grão-Mestre, fundador e fabricario, pelo conselho de sua real fazenda, a quem esta egreja está subordinada e aonde existe o conselheiro superintendente da mesma, que V. Magestade nomeia, lhes mandou logo edificar a egreja, em que actualmente officiam e uma propriedade de casas que lhe está annexa, e por não ter esta as condições precisas para os supplicantes o mesmo conselheiro superintendente as aluga e entra com o seu producto no real erario, e por isso o mesmo senhor mandou que o equivalente, para as alugarem aonde podessem, que até ao anno de 1762 se lhes pagava pela thesouraria do conselho, fosse d'ali em diante mettido em a folha das despezas do mesmo conselho, de julho a dezembro, pagas pela thesouraria mór do erario regio, assim como as vestiarias dos seis moços do côro e as despezas diarias que na dita real egreja se fazem com o culto divino, o que mostram nos documentos n.ºs 5 e 6.

«Pelo documento n.º 7 mostram que esta dita real collegiada é composta de 18 pessoas; seus Freires são capellães de V. Magestade, como seu rei e Grão-Mestre, e tem residencia no côro de manhã e de tarde, e as funcções da religião são n'ella bem desempenhadas, com applauso e edificação do povo; todos os dias celebram pela vida e saude de V. Magestade tres missas e offerecem uma antifona e oração ao Archanjo S. Miguel depois de laudes e completas, o que provam no supracitado documento n.º 1, no paragrapho 25.º, o que invariavelmente tem sido sempre observado ainda no tempo que os francezes occupavam a cidade.

«E como os senhores reis d'este reino tenham reconhecido esta dita egreja como casa de piedade e determinado que se dessem guisamentos a todo o sacerdote secular regular da cidade e reino, que a ella venham celebrar, succede haver diariamente grande concurso de povo, e immensos ecclesiasticos, que concorrem a celebrar desde o romper do dia até depois da uma hora da tarde, e por isso o beneficiado thesoureiro, depois de concluidas as funcções do culto divino na collegiada, tem de residir continuamente, para repartir pelos sacerdotes as funcções das missas que os fieis ali mandavam dizer e com os moços do côro ajudar a administrar os guisamentos precisos para o santo sacrificio da missa, e tornarem de tarde para as vesperas, vindo a ser seus empregos trabalhosos e captivos todos os dias; o zelo com que todos desempenham as suas occupações lhes mereceram do seu respeitavel prelado a attestação do documento n.º 8, n'ella se vê tambem que impedidos os supplicantes de poderem adquirir pelo sacerdocio, fôra d'esta real egreja, o seu sustento, por serem capellães de V. Magestade e Freires de uma Ordem tão distincta n'estes reinos, vivem empenhados e em summa penuria, e do pouco que teem sempre e escrupulosamente pagaram as decimas e contribuições de guerra, para defesa do throno de V. Magestade e do reino.

«Se o augusto fundador lhe deu bons ordenados para o seculo de mil e quinhentos, em que foram instituidos, a carestia dos tempos fez com que os senhores reis d'este reino usassem da sua piedade e lh'os fossem augmentando á proporção das suas precisões até ao reinado do Sr. D. João V, e desde essa epocha nunca mais pediram augmento, não obstante ter V. Magestade com liberal piedade augmentado a todas as egrejas e beneficiados das ordens militares assim como aos capellães vitalicios e outros.

«Até ao anno de 1755 tinham a commenda de Santa Maria de Lisboa, de que acima se faz menção; era ella constituida em propriedades de casas da rua Nova, d'esta cidade, tudo reduziu a cinzas o terremoto, e na edificação das ruas, e faltos de meios para edificarem, ficaram sem chão e sem casas, e a dita commenda reduzida a 38$300 réis de renda annual, o que mostra pelo documento n.º 8.

«Não teem os supplicantes emolumentos sequer de estola parochial e depois da destruição dos bens da dita commenda ficaram reduzidos só aos seus tenuos ordenados, que as propinas dos cavalleiros minoravam a sua pobreza. Os cavalleiros, Real Senhor, armavam-se n'esta egreja e pagavam de propina 8$480 réis e sendo commendador o dobro; e se alguma vez V. Magestade permittiu a algum o fazer este acto fóra da dita egreja não se lhe passavam seus alvarás, ainda que fosse para a egreja do convento de Thomar, sem primeiro vir pagar a propina, que para taes actos está estabelecida, e o mesmo era mandado observar para todos aquelles que eram agraciados com o habito da dita Ordem para as ilhas, Africa, Asia, e Brazil, o que mostra o documento n.º 10, mas depois que V. Magestade mudou a séde da monarchia e sua côrte para a cidade do Rio de Janeiro, os supplicantes, tendo sempre a gloria de serem muito fieis vassallos, perderam a estimavel e real presença de V. Magestade na dita egreja, na funcção da Ordem, no dia da Exaltação da Santa Cruz, a 14 de Setembro, e desde esse tempo perderam tambem as ditas propinas, que lhes pagavam os cavalleiros dos logares ultramarinos, e se tenuos e diminutos eram os ditos ordenados dos supplicantes até então, mais pobres, desgraçados e individados se tornaram depois, elles persuadem-se dignos da real beneficencia de V. Magestade e por isso...»

— Pelo reino dá-se ainda a differentes logares o nome de *Freiria*. E' que aquelles logares foram habitados n'outro tempo por Freires das ordens religiosas.

Tambem antigamente se dava o nome de *Freiria* aos conventos de freiras.

— O archivo dos Freires ardeu quasi todo por occasião do incendio que se seguiu ao terremoto de 1755. Os Freires tiveram depois muito trabalho em mandar tirar copias de diversos documentos, que lhe eram necessarios. O regimento de 1504, dado por D. Manuel, ardeu tambem, mas d'elle foi possivel obter uma publica fórma, porque estava registado na secretaria do Tribunal

da Mesa da Consciencia e Ordens, no livro 1.º, folhas 26 verso. De alguns documentos que escaparam, principalmente processos de demandas e de legados, apresentam-se em tal estado que ninguem é capaz de os lêr, ainda mesmo armado de lente. A tinta, em que eram escriptos, com o tempo desappareceu, e as folhas de papel ficaram com uns traços amarellados, umas sombras de lettras, impossiveis de decifrar. Talvez entre aquella papelada esteja algum documento curioso; talvez, mas assim o tempo deu cabo d'elle.

— Tambem tivemos conhecimento da representação que os Freires fizeram em 1818, quando conseguiram do governo abrir uma janella no côro e tirar da frontaria da egreja o magnifico grupo que ali se encontrava, no qual figura em principal logar a imagem de Nossa Senhora da Misericordia.

N'essa representação diz-se:

«E' pena que a milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Conceição sendo tão perfeita e tão devota se não possa gozar bem dos fieis, pela grande falta de luz que ha na dita egreja, pois que até no mesmo côro, nos dias que não são bem claros, ha tal escuridão que sem velas accesas não podem officiar e satisfazerem aos officios divinos, o que tem prejudicado muito os supplicantes achando-se alguns com muita falta de vista, e dois quasi cegos.»

A tal janella pouca ou nenhuma luz dava á egreja, como se viu depois quando o grupo voltou para o seu logar. Se a Imagem do altar-mór estava ás escuras antes da janella aberta, ás escuras ficou do mesmo modo depois d'isso.

O mal está em a capella ter muito fundo e pouco pé direito; a imagem está relativamente muito elevada e não recebe por isso a luz que entra na egreja por bastantes janellas.

Parece impossivel que os padres não vissem no côro a lettra do cantochão, porque os livros que existem são de grande tamanho e cada nota é um borrão de oito centimetros quadrados!

— Os Freires, tendo gasto o dinheiro auctorisado pelo governo para... *dar cabo da frontaria da egreja,* fizeram uma exposição ao conselheiro superintendente pedindo nova verba, pois tinham gasto a mais 396$000 réis. N'essa exposição feita pelo vigario, lê-se o seguinte:

«Por uma ordem de V. S.ª de 10 de setembro de 1818 fui para a direcção da dita obra, que se acha ha tempos concluida com disvello, economia e de-

cencia, o que já tem sido visto e examinado por V. S.ª e pelos senhores conselheiros da fazenda.

«Succedeu, porém, que abrindo-se a janella sobre o côro, esta sahisse maior do que se tinha calculado, e por ser sobre a frontaria principal foi preciso fazer uma grade de risco mais elegante e mais segura e portanto veiu a importar em mais do dobro que se tinha imaginado; e como apparecesse no interior da dita janella, por baixo do manto da Senhora da Misericordia, as effigies do Sr. Rei D. Manuel, fundador da mesma egreja, sua irmã a Sr.ª Rainha D. Leonor e de mais familia real de uma parte e da outra a effigie do Santo Padre Leão X, de frei Miguel de Contreiras, bispos, cardeaes e mais prelados que concederam e instituiram para este reino a irmandade da Misericordia, foi preciso fazer-lhe, conforme V. S.ª me recommendou, um altar decente e bem apropriado, que se acha acabado com azulejos, docel e urna dourada, e as mesmas effigies tambem douradas e encarnadas, que actualmente serve de devoção aos fieis e de admiração, concorrendo muita gente a fazer as suas rogativas á Virgem da Misericordia, na qual V. S.ª e os senhores conselheiros ouviram a primeira missa que n'elle se celebrou.»

Vê-se que os Freires, não contentes por terem despojado a frontaria d'aquelle edificio do seu principal ornamento, ainda commetteram a barbaridade de mandar encarnar, pintar e dourar aquellas figuras de pedra, que, por muitos annos, figuraram no chão, ao fundo de uma pequena sacristia, com um altar na frente.

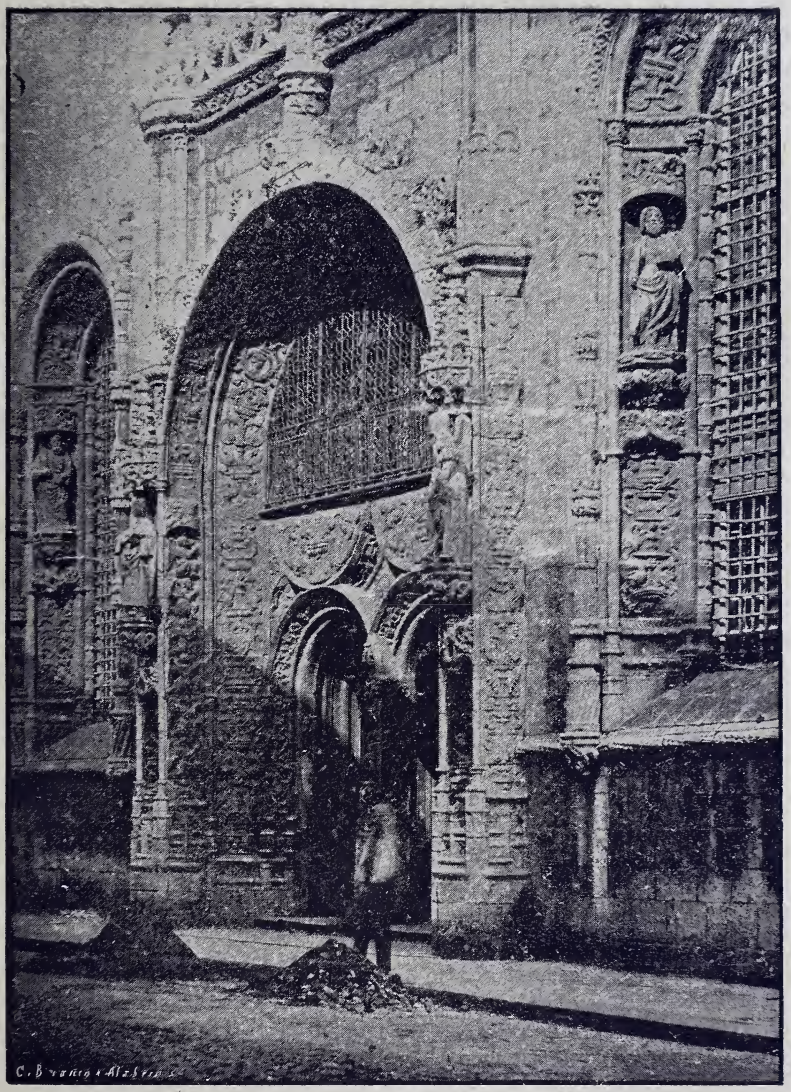
Quando se conseguiu que o governo mandasse pôr o grupo no seu logar, houve grande difficuldade em tirar as tintas, sem damnificar as figuras, o que foi levado a effeito por meio de acidos e com muito trabalho.

O sr. Vilhena Barbosa, escreveu a tal respeito no *Archivo Pittoresco:*

«Em tempos muito mais proximos de nós, commetteu-se n'este edificio um novo e mais revoltante acto de vandalismo. Arrancaram do portico o grupo de figuras, que occupava o vão, aonde agora se vê uma vidraça com grades de ferro. Para dar ao templo mais alguma luz, não acharam outro meio senão despojar o portico do seu principal adorno, e o edificio da parte mais significativa, como monumento religioso e historico.

«Como obra de arte revela a pouca perfeição dos artistas n'aquelle genero de esculptura, que não era o que mais sobresahia n'essa época, comquanto existam na egreja de Santa Cruz de Coimbra alguns bellos modelos de estatuas e de figuras de meio relevo, mandadas fazer por el-rei D Manuel.

«Como decoração do portico faz tanta honra ao talento do architecto que a imaginou, como deverá causar vergonha aos que a tiraram do seu logar, destruindo assim o sublime pensamento da adoração, que o poetico cinzel do esculptor gravou na pedra, cercando o portico de cherubins.»



FRONTARIA DA CONCEIÇAO VELHA

Com a grade de ferro por cima das portas. Época :— 1818 a 1880

— A mesa da Consciencia costumava annualmente recommendor aos Freires que assistissem com mantos á procissão do Corpo de Deus, que sahia da egreja de S. Domingos; parece porém que muitos faltavam a este acto, porque, em 1833, *mandava-se tomar cautellas e providencias para que se emendasse o abuso, que se tinha observado nos annos antecedentes, dos Freires faltarem á procissão e estarem gozando o espectaculo das janellas e ruas por onde ella passava.*

— Junto á egreja actual da Conceição Velha, foi mandado construir, pelo estado, uma propriedade de casas, que foram cedidas ao Freires de Christo para sua habitação. Ficavam por cima da actual sacristia. Como, porém, as casas eram pequenas, os Freires pediram e obtiveram auctorisação para as arrendar e com o producto poderem alugar casas em outros pontos.

Essa auctorisação tambem nos veiu parar ás mãos. E' concebida n'estes termos:

«Sua Magestade, havendo mandado edificar uma nova egreja para servir de collegiada da Conceição dos Freires de Christo e havendo-se tambem feito, por conta do mesmo senhor, no fim da capella-mór e sachristia da egreja, uma pequena morada de casas de tres andares, com aguas-furtadas e sem lojas. E' o mesmo senhor servido mandar entregar a administração da referida morada de casas ao conselheiro que servir de superintendente da mesma egreja, para alugar e cobrar o seu rendimento; entregando-o no fim de cada um anno no erario regio, para se applicar ao pagamento da despeza que Sua Magestade está fazendo com as casas que dá aos ditos Freires. O que V. S.ª fará presente ao conselho da fazenda para que assim se ordene ao conselheiro que servir de superintendente da referida egreja.

Deus Guarde a V. S.ª. Paço em 12 de Junho de 1770.= *Conde de Oeiras.* = Sr. José da Costa Ribeiro.»

— Um documento, que temos presente, diz mais o seguinte:

«Passados tempos, os ministros da dita egreja apertaram mais as ditas officinas e *para utilisarem mais os cofres do estado* taparam portas e paredes e fizeram uma loja debaixo do throno e camarim da veneranda imagem de Nossa Senhora da Conceição, por appellido *A Velha*, que anda alugada por 100$000 réis e de outra officina, ainda que pequena, se fez outra pequena loja, que rende 48$000 réis, e nas costas da capella da Senhora da Misericordia fizeram tambem um pequeno armazem, que rende 78$400 réis.»

Assim está explicado o motivo porque o governo vendeu a casa que está por baixo do camarim da capella-mór da egreja.

Vendeu tudo quanto os Freires tinham dado de arrendamento e não fez excepção d'aquelle pequeno espaço que pertenceu e devia continuar a pertencer á egreja.

Tanto o predio, por cima da sacristia, como a loja, por baixo do camarim, pertencem hoje ao conhecido industrial, sr. Augusto Machado Franco, que os herdou de quem os comprou ao estado.

— Em 1786, a real collegiada da egreja de Nossa Senhora da Conceição dos Freires da Ordem de Christo, era composta de: 1 vigario, 7 beneficiados, 1 thesoureiro, 1 organista e 6 meninos do côro, sendo 4 numerarios e 2 supra-numerarios.

O vigario tinha 160$000 réis de ordenado, moio e meio de trigo, pago pelo preço medio que este cereal corria no Terreiro no mez de agosto e 60$000 réis para casas.

Cada beneficiado recebia 106$000 réis de ordenado, um moio de trigo e 45$000 réis para casas, tendo além d'isto o beneficiado que ensinava os moços da capella mais 16$000 réis por tal serviço.

O thesoureiro percebia 80$000 réis, meio moio de trigo e 30$000 réis para casas; o organista 45$000 réis de ordenado e os moços do côro numerarios 25$000 réis; tendo estes e os supras 12$000 réis para vestiarias.

Tinham além d'isto, para dividir pelos nove primeiros, as propinas dos cavalleiros e o rendimento da commenda de Santa Maria.

A collegiada foi creada por el-rei D. Manuel e os capellães recebiam as suas congruas ou ordinarias pelos bens da mesa mestral e real fazenda.

— Do convento de Christo, em Thomar, eram enviados todos os annos para Lisboa grande quantidade de volumes de fructas e doces, principalmente camoezes, para serem distribuidos como presentes pelos principaes homens do estado e chefes de repartições. Os Freires eram os correspondentes.

— As ordens militares de Christo, Aviz e S. Thiago, foram admittidas no reino para deffensão dos seus moradores. A de Aviz foi instituida em 1150 e é a mais antiga de Portugal, posto na batalha de Ourique e tomada de Lisboa já se faça menção d'estes cavalleiros. A de S. Thiago floresceu em Castella, pelejando valerosamente contra os infieis e os cavalleiros vieram em soccorro do nosso primeiro rei, quando este estava cercado de mouros em

Santarem. A de Christo foi fundada em 1319, a 14 de março, pela extincção da ordem do Templo, por el-rei D. Diniz. E como os reis d'este reino tiveram esta milicia por sua, a honraram e enriqueceram mais do que a nenhuma das outras. El-rei D. Manuel applicou em commendas de Christo todos os bens ecclesiasticos das conquistas fóra da barra, o que veio a tornar esta a mais rica das ordens militares.

Em remuneração de serviços foram dados, até ao tempo d'este monarcha, aos commendadores de Christo, 21 villas e logares e 454 commendas; aos de Aviz, 18 villas e 48 commendas; aos de S. Thiago, 47 villas e logares e 150 commendas.

Tambem havia a religião do hospital de S. João de Jerusalem, fundada em 1119 e que entrou em Portugal no tempo de D. Affonso Henriques. No reino tinham 21 villas e 24 commendas. Estes cavalleiros militavam na ilha de Malta contra os turcos.

Nas cortes de D. João I foi estabelecido, que as ordens militares deviam ter 340 lanças e 160 arnezes, afóra a gente de pé.

Todos os que tinham habitos com tenças eram obrigados, pelo juramento da sua profissão, a terem armas e cavallos, para acudirem em deffensão do reino e contra os infieis, aonde quer que fossem mandados.

—El-rei D. José, por provisão de 6 de Julho de 1768, mandou conservar aos Freires da egreja da Conceição o uso dos habitos de ouro e de murças com capello.

—Segundo se vê nas *Noticias de Portugal,* de Severin de Faria, os antigos reis de Castella costumavam armar-se cavalleiros a si mesmo, antes de se corôarem, e o nosso D. Affonso Henriques, diz a *Historia dos Godos,* elle mesmo se armou cavalleiro, tomando as armas do altar.

El-rei D. Affonso V, armou cavalleiro a seu irmão, o Infante D. Fernando, com tanta solemnidade, que quasi o menor apparato d'essa pompa foi precederem diante d'esse magnifico acto mil tochas, levadas por cavalleiros e escudeiros dos mais luzidos da corte. Para padrinhos se buscavam sempre cavalleiros de grande nome e linhagem.

Eis em que consistiam as cerimonias, usadas no reino, conforme o regimento de guerra de Affonso V:—O cavalleiro novel vigiava em uma egreja desde o meio dia anterior, resando e encommendando-se a Deus, que acceitasse aquelle acto para seu serviço.

Vinha a manhã, e acabada a vigia, se vestia ricamente, e ouvia, na mesma egreja, missa cantada e muito solemne, depois da qual posto de joelhos deante do padrinho era perguntado se queria receber aquella honra. Dito que sim, o padrinho lhe fazia uma pratica, explicando as obrigações que tinha a cumprir e como em todas as acções de armas devia favorecer a justiça. Acabada a pratica dois cavalleiros lhe collocavam as esporas e outro lhe cingia a espada, que significava o antigo Baltheo, insignia propria dos soldados; o padrinho lhe arrancava da cinta a espada e dando-lhe com ella tres vezes por cima do capacete, dizia:—*Eu te armo cavalleiro em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.* Feito isto o abraçava e lhe dava paz e elle fazia o mesmo a todos os outros cavalleiros, que ali se achavam. Depois é que lhe lançavam o habito.

Os filhos de D. João I, só com o intento de serem armados cavalleiros, emprehenderam a expugnação de Ceuta, e el-rei D. João II, sendo principe, a de Arzilla.

Dava-se tambem esta dignidade em tempo de paz, e com grandes festas, quando algum personagem subia a novo titulo e como o fez el-rei D. Pedro quando creou Conde de Barcellos D. Affonso Tello, seu privado, para o qual acto mandou fazer cinco mil cyrios, que outros tantos homens tinham na mão toda a noite, que o Conde velou as armas em S. Domingos de Lisboa, estando postos em procissão, desde o convento até aos paços de Alcaçova.

Lê-se o seguinte na *Chronica de El-rei D. Pedro I,* de Fernão Lopes:

«Ordenou el-rei de fazer conde e armar cavalleiro a João Affonso Tello, irmão de Martin Affonso Tello, e fez-lhe a maior honra em sua festa que até áquelle tempo fora vista, que rei algum fizesse a semelhante pessoa.

«El-rei mandou lavrar seiscentas arrobas de cêra, de que se fizeram cinco mil cyrios, e quando o conde houve de velar as suas armas no mosteiro de S. Domingos d'esta cidade, ordenou el rei que desde aquelle mosteiro até aos seus paços estivessem quedos outros tantos mil homens, todos e cada um com seu cyrio na mão accesos, que davam muito grande lume, e el-rei, com muitos fidalgos e cavalleiros, andava por entre ellas dançando e tomando sabor, e assim despenderam grande parte da noite.

«E ao outro dia estavam grandes tendas armadas no Rocio, acerca d'aquelle mosteiro, em que havia grandes montes de pão cosido, e assás tinas de vinho, e logo prestes copos porque bebessem, e fóra estavam ao fogo vaccas inteiras

em espetos a assar e quantos comer queriam d'aquella vianda tinham-na muito prestes e a nenhum era vedada, e assim estiveram sempre emquanto durou a festa, na qual foram armados outros cavalleiros, cujos nomes não curamos dizer.»

— Agora o que se usava na Conceição Velha. A cerimonia de armar cavalleiros principiava pela benção da espada, que depois das orações do ritual recebia a agua benta. Competia então ao padrinho tomar a espada e depois de embainhada a cingir ao afilhado. Em seguida procedia-se á benção das armas e depois das orações proprias e do Freire recitar a *antiphona* diz o livro proprio: — o padrinho, que ha-de armar o cavalleiro, tomará o murrião, e o porá na cabeça do afilhado, e os dois cavalleiros assistentes lhe calçarão as esporas, e o padrinho lhe tirará a espada da bainha, e lhe perguntará: — Quereis ser cavalleiro? — Responde: Sim — Prometteis de guardar tudo o que os cavalleiros são obrigados a guardar, segundo a Ordem das Cavallarias? — E responde que sim. Logo o padrinho lhe dará uma pancada com a espada no murrião, dizendo: Deus vos faça bom cavalleiro. E o Freire seguirá com as orações apropriadas ao caso, findo as quaes o padrinho tornará a metter a espada na bainha. Mais algumas orações em latim e o padrinho principal porá termo ao acto tirando o murrião da cabeça ao afilhado e os outros dois cavalleiros lhe tirarão as esporas e elle tirará a espada da cinta. O padrinho, que o armou cavalleiro, o abraçará, e os mais assistentes.

Eis a minuta da certidão, passada pelos Freires:

«Sr..... cavalleiro processo na Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo certifico que na Real Egreja de Nossa Senhora da Conceição dos Freires da dita Ordem armei cavalleiro F..... contheudo no alvará de Sua Magestade, sendo mais adjuntos dois cavalleiros mim requeridos, e em tudo se procedeu conforme os difinitorios da dita Ordem. Lisboa, .. de..... de...

— Já que temos fallado da maneira de armar cavalleiros é bom registar a ceremonia da desauctoração, que vem descripta no regimento de guerra de D. Affonso V.

O cavalleiro era levado a um logar publico, sem armas. Um escudeiro lhe calçava as esporas e lhe cingia a espada; feito isto cortava-lhe com um cutello a cinta pela parte detraz e do mesmo modo a corrêa das esporas. Feito isto, o cavalleiro ficava degradado da ordem e coberto de perpetua infamia.

— Tambem tem cabimento n'estas paginas o fragmento de uma representação que os Freires fizeram a el-rei D. José, logo depois do fatal cataclysmo que lançou por terra a primeira egreja da Conceição. Diz assim:

«E como no dia 1.º de novembro de 1755 aconteceu o fatal terremoto e incendio, em que se destruiu e abrazou a maior parte da cidade e seus templos e n'esta calamidade se comprehendeu a dita egreja e sua fabrica, desejam cordealmente os supplicantes, como ministros d'ella, a sua reedificação para n'ella continuarem os divinos louvores e satisfazem, como já praticam na sacristia, que para isso prepararam com a possivel decencia, as obrigações dos seus beneficios, em que se incluem tres missas quotidianas por tenção de Vossa Magestade, sendo a primeira conventual e cantada aos Anjos da Guarda, a segunda a Nossa Senhora e a terceira pelas almas.

«Para esse effeito expõem os supplicantes na Real presença de Vossa Magestade que a reedificação da egreja será melhor no mesmo logar em que foi fnndada, não sómente pelos motivos expressados mas tambem pela notoria utilidade que n'isso resulta ao bem da real fazenda com o menor dispendio, pois a torre ficou intacta e a sachristia só precisa de algum concerto; sobre os mesmos alicerces se podem continuar as novas paredes e com o mesmo que fôr necessario demolir se ajudará grave parte da obra, sem que se necessitem novas conducções de tantos materiaes, quantos se forem mister edificando-se a egreja de novo, com diversa planta e em diverso sitio.»

E' notavel não terem caido pelo terremoto as torres das duas egrejas, que depois se fundiram n'uma só, a da Conceição e a da Misericordia.

— El-rei D. João V augmentou os vencimentos aos Freires da Conceição, impondo-lhes a obrigação de cantarem quotidianamente todas as Horas Canonicas e Missas, ainda que honvesse duas ou tres ao mesmo tempo! A collegiada representou contra tal exigencia, allegando falta de pessoal, sendo então nomeados alguns ministros supranumerarios. D. João V mandava dar particularmente oito moedas aos padres, que suavisavam o trabalho da semana santa.

Depois da morte d'este monarcha ficou tudo reduzido á antiga. Nos dias ordinarios era entoado todo o Officio divino em corda coral, uniforme e sem cantoria, como se pratica em collegiadas que contam muito maior numero de ministros; e nos dias solemnes era todo o officio cantado.

— Posto fosse extincta a collegiada dos Freires por occasião da extincção das ordens religiosas, o governo ficou pagando os

vencimentos aos Freires existentes ao tempo, emquanto elles foram vivos, e por isso a egreja não se fechou. Em 1842 existiam ainda os beneficiados Frei Thomaz Corrêa de Sá, Frei Luiz Antonio Alves e Frei Luiz Thomé Coelho Fragoso, segundo se vê de um inventario, feito a cinco de setembro d'esse anno.

Os logares de vigarios foram depois exercídos pelos reverendos Antonio Joaquim Borges de Carvalho; Pedro Henrique da Costa Pereira, que foi prior do Sacramento; abbade Francisco de Gusmão Cabral; Domingos Amancio da Silva, que foi prior encommendado da Magdalena e Carlos Leal de Sá, thesoureiro de S. Nicolau e capellão da casa real. O actual já atráz dissemos quem era.

VII

A antiga egreja da Conceição dos Freires

A egreja primitiva da Conceição.—O que diz o padre Carvalho, na sua «Chorographia».—O preambulo do regimento de 1504.—Os vencimentos do pessoal em 1831.—Quantos visinhos tinha a freguezia.—Cita-se um decreto de D. Pedro II.—Falla-se na irmandade de Santa Cruz.— Aonde ficava a egreja.—A celebre arvore de prata.—O pelourinho velho.—Extractos do antigo regimento.—O que diz Vilhena de Barboza, no «Archivo Pittoresco».—O terremoto e incendio de 1755.—Plantas antigas de Lisboa.—Tombo da cidade.—Irmandades existentes em 1742.—Os banhos romanos.—Noticias diversas.

Do *Summario*, de Christovão Rodrigues de Oliveira, de 1551, recortamos os seguintes periodos:

«A egreja de Nossa Senhora da Conceição não é parochia (1). E' da ordem de Christo e tem um vigario e sete capellães, que o ajudam a servir. Tem o vigario de renda em cada anno, com os benesses, e com um cruzado que lhe dão de cada navio, que vem da Guiné, com escravos, para os baptisar, 150 cruzados. Os capellães são pagos pela Casa da India a 30 cruzados cada um, e tem mais um thesoureiro com 30 cruzados de ordenado. Está esta egreja na freguezia da Magdalena.

«Estes capellães são do habito de Christo e fazem os officios divinos em todo o anno no côro e no altar, como se faz em qualquer egreja das princi-

---

(1) Ao tempo, ainda o não era. Na 2.ª edição da mesma obra, em 1755, já tinha deixado de o ser.

paes da cidade. Ha n'esta egreja muitos e bons paramentos e muita prata, e o culto divino muito venerado, e muito bem cantado, com todas as cerimonias romanas, conforme a capella de el-rei. Ha n'esta egreja prégador com 60 cruzados de ordenado.

«O vigario e capellães d'esta egreja, tem aposento no circuito e pateo d'ella, que lhe é dado por el-rei, sem d'isso pagarem cousa alguma.»

— O padre Antonio Carvalho da Costa diz, na sua *Chorographia*, que a egreja de Nossa Senhora da Conceição, fundada por el-rei D. Manuel, era muito vistosa e alegre, com porta principal para o poente e outra para o sul, e que tinha boas capellas, limpas e curiosamente adornadas.

Na capella-mór, via-se uma excellente tribuna, obra do Sr. Rei D. Pedro II, que deu a esta egreja muitas peças de prata e de ouro e ricos paramentos. N'esta capella estava a milagrosa Imagem de Nossa Senhora do Restello, que tinha vindo da sua ermida do logar de Belem. As outras capellas tinham as seguintes invocações: — Santissimo Sacramento, Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora da Atalaya, Nossa Senhora da Luz e Neves, a do Senhor Jesus, aonde estava Nossa Senhora do Rozario, e a de S. Braz, aonde estavam as imagens de Santo Ignacio e de S. Bazilio, todas estas capellas da parte do evangelho. As que estavam da parte da epistola, começando do cruzeiro, eram as do Espirito Santo, das Almas, aonde estava S. Jeronymo, S. Miguel e S. Leonardo; a de Santa Catharina, a de Sant'Anna, S. Joaquim e Nossa Senhora, e a de Nossa Senhora da Apresentação, junto da porta travessa (1).

O mesmo padre Carvalho affirma na sua obra publicada em 1712, ter sido baptisado n'esta egreja, aonde havia um vigario, oito beneficiados, um thesoureiro, todos com habitos de Christo e mais quatro moços do côro e um sachristão. Tinha ao tempo as seguintes confrarias: a das Almas; a dos correeiros, que festejavam com grandeza o dia de Nossa Senhora da Conceição; e a dos cavalleiros da Ordem de Christo, que tambem faziam uma

(1) Por esta descripção parece vêr-se que passaram para a actual egreja da Conceição Velha as imagens de Nossa Senhora do Restello, S. Miguel, Sant'Anna, Santa Catharina, Senhor Jesus, S. Braz e Nossa Senhora da Atalaya. E' de crêr que algumas não sejam as da primitiva e que fossem depois do terremoto substituidas por outras de igual titulo.

grande festa no dia do seu oitavario, e outra a 3 de maio, no dia da Invenção de Santa Cruz.

Era antigamente esta egreja, diz ainda o mesmo historiador, annexa á freguezia de Santa Maria Magdalena, e vendo o Cardeal Rei D. Henrique, que algumas tinham muitos freguezes, ordenou fazer outras de novo em capellas, que não fossem curados, para melhor administração dos sacramentos, com que tiraram muitos freguezes da egreja da Magdalena e alguns da de S. Julião e fizeram a freguezia de Nossa Senhora da Conceição, que durou até 16 de Abril de 1682. N'esse dia, ás 9 horas da manhã, para evitar discordias, que havia entre o vigario, cura e irmãos do Santissimo, resolveu o arcebispo de Lisboa, D. Luiz de Souza, separar a freguezia e para esse effeito poz uma pastoral, para que se desobrigassem os freguezes e conhecessem por sua verdadeira parochia a ermida de Nossa Senhora da Victoria, situada na freguezia de S. Nicolau, aonde o Santissimo Sacramento esteve durante 18 annos, com grande detrimento dos freguezes.

—No *Santuario Marianno*, vem descripta a frontaria da egreja da Conceição dos Freires. No meio tinha a imagem de Nossa Senhora da Conceição e aos lados as imagens de S. Pedro, S. Paulo, S. Francisco e Santo Antonio e as divisas do rei fundador D. Manuel, que são as armas reaes e a esphera.

—Posto seja alguma cousa extenso não devemos deixar de publicar o preambulo do regimento de 1504, dado á collegiada de Nossa Senhora da Conceição, por el rei D. Manuel, que se encontrava copiado n'um dos livros da meza da Consciencia e Ordens, d'onde foi extrahido por certidão aos 12 de agosto de 1757. E' d'este documento a nossa copia.

Diz assim:

«D. Manuel, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, Senhor de Guiné e da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India.

«Façamos saber a quantos esta nossa carta de regimento virem ordenado e feito por nós para a governança do espiritual da casa de Nossa Senhora da Conceição d'esta cidade, que logo com a graça do mui alto Deus Nosso Senhor determinamos entender na conversão dos judeus de nossos reinos para a nossa santa fé serem ajuntados, e no conhecimento e obras d'ella se salvarem com muita devoção nos offerecemos, e deliberamos da casa da Esnoga dos judeos, que estava na Judiaria Grande d'esta cidade, assim como ella era a mais principal, em que o nome de Nosso Senhor era blasphemado e as cousas

da nossa santa fé catholica reprovadas e aminguadas, fazemos uma solemne egreja e casa da invocação de Nossa Senhora da Conceição, na qual com mais grande solemnidade e devoção os officios divinos fossem celebrados e ali aonde a Nosso Senhor por tanto espaço de annos e tempos fôra feito deserviço, e o seu nome, e suas cousas blasphemadas perpetuamente, com toda a perfeição seus louvores se fizessem, e o culto divino fosse continuamente e com grande solemnidade servido e exaltado e como Nosso Senhor, por sua infinita piedade, as cousas virtuosas, e de seu serviço, e louvor, sempre ajuda, n'este assim lhe proveu fazer, que a dita casa de Nossa Senhora é feita e acabada, e n'ella com muita devoção é servido, e os officios divinos feitos e celebrados, a qual casa de Nossa Senhora dotamos na Ordem do Mestrado de Nosso Senhor Jesus Christo, cuja governança temos, com 50$000 réis que de nossa renda lhes damos de renda em cada um anno, por fóros de casas nossas apartados: convém a saber 30$000 réis que apropriamos para o commendador da dita casa, o qual com elle fazemos encommenda da dita Ordem e 10$000 réis para a fabrica da dita egreja e outros 10$000 réis para um capellão, que logo em principio ordenamos, que na dita casa houvessé segunda que por nossa doação, que adiante e n'este regimento será assentado e cumpridamente se póde vêr, e isto em compensação e por escabio da casa de Nossa Senhora de Belem, que era da dita Ordem de Christo, que isso mesmo dotamos a Ordem de S. Jeronymo, para n'ella se fazer um solemne mosteiro da dita Ordem, segundo que já vae começado por authoridade apostolica nos foi concedido, o qual adiante n'este regimento se achará, e como no principio das obras, quaesquer que sejam, não possam logo ser vistos seus fins. e de umas cousas a outras venha a perfeição. e por nossa mui grande devoção. que a esta casa de Nossa Senhora temos, e a toda a perpetuidade d'ella, e pelo muito que desejamos de n'ella serem os officios divinos feitos, e celebrados o mais solemne e perfeitamente que possa ser, e assim feito todo outro serviço a Deus e de Nossa Senhora o acrescentamos, e ordenamos mais sete capellães, e assim ha de havér na dita egreja com o primeiro, que n'ella tinhamos ordenado, oito capellães; os quaes queremos, ordenamos e mandamos que tenham as obrigações abaixo declaradas e ácerca d'elles e do serviço da casa cumpram e guardem o regimento que se segue.»

O vigario, que era o principal, tinha de ordenado em cada um anno 10$000 réis e casas de graça e era obrigado a dizer as missas dos domingos em todo o anno e das festas de Jesus Christo e Nossa Senhora e dos Apostolos e de todas as outras que a egreja solemnisa. Cada um dos 7 capellães tinha em cada anno 9$000 réis e casa de graça, salvo o primeiro nomeado, que tinha 10$000 réis de ordenado; e eram obrigados a dizer todos os dias tres missas, uma dos Anjos cantada, uma da Conceição resada, e outra de finados resada, isto ás semanas e de combinação com o vigario. O thesoureiro recebia por anno 7$000 réis, e tinha obrigação de estar de continuo na egreja, de arrecadar os para-

mentos, de correger os altares e lampadas, de cerrar e abrir as portas e de tanger os sinos.

Tanto o vigario como os capellães e o thesoureiro, deviam ter o habito da Ordem de Christo, e sem elle não podiam ser nomeados para taes logares.

Agora, para comparação, é bem que se veja qual era o vencimento do vigario e dos beneficiados em 1831, segundo uma nota que temos presente e que julgamos official. O vigario thesoureiro percebia de seu ordenado 310$000 réis e 90$000 réis para casas e 110$650 réis de juros, capellas e fóros. Cada um dos beneficiados tinha de ordenado 146$000 réis, e 45$000 réis para casas e 58$465 réis de juros, capellas e fóros. Veja-se a differença que vae d'estes rendimentos para os de 1504.

— A primitiva freguezia da Conceição, segundo um auctor antigo, contava 550 visinhos, que se dividiam pelas seguintes ruas: — Rua do Adro da Real Egreja da Conceição, Becco da Sardinha, Travessa da Conceição, Rua da Tinturaria, Largo da Egreja dos Carmelitas Descalços, Becco dos Tintes, Rua da Fancaria de Cima, Travessa da Correeria, Becco de João das Armas, Becco dos Latoeiros, Rua dos Mercadores, Becco do Coveiro, Pateo da Rosa, Rua do Matta-porcos, Becco de Leva-cabeças, Becco do Manuel Luiz, Rua Nova (da banda da terra, em parte), Becco da Chamica, Becco dos Seguros, Largo do Poço da Fotêa, Becco do Serrão, Becco do Gaspar da Costa, Rua da Gibitaria Velha e Rua de S. João.

Aquellas ruas e travessas, diz o mesmo auctor, estavam depois do terremoto tão confusas e alteradas, que não se distinguiam n'ellas mais que montes de pedras e de caliça.

— El-rei D. Pedro II decretou que as tenças dos cavalleiros da Ordem de Christo tivessem o mesmo encargo que as commendas dos commendadores e que assim como estes, pelos rendimentos d'ellas, eram obrigados a reedificar, conservar e ornar as suas egrejas annexas; assim tambem o fossem os cavalleiros a respeito da egreja da Conceição, pelo rendimento das tenças, para o que se lavrou assento na folha do almoxarifado da mesa mestral da Ordem. O dinheiro era applicado para as obras da capella-mór, que por essa occasião ainda não estavam concluidas. Pela mesma occasião se passou ordem para que os sobejos dos almoxarifados de Thomar, Soure, Benavente, Alcacer do Sal, Ilhas e cancellaria

da Ordem, fossem entregues ao thesoureiro, para serem applicados e dispendidos nas obras da fabrica da mesma egreja.

O mesmo monarcha acceitou em perpetua protecção a Irmandade de Santa Cruz, que os cavalleiros erigiram n'aquella egreja, applicando annualmente 100$000 réis do almoxarifado de Soure para as despezas d'essa mesma Irmandade, na persuasão de que a egreja teria melhor subsistencia e mais augmento e explendor do que se n'ella residisse a freguezia.

Lê-se n'um manuscripto antigo:

«Sem duvida seria a dita Irmandade de grande utilidade a esta egreja se todos os cavalleiros da Ordem se congregassem e se inscrevessem n'ella com estatutos convenientes e necessarios para a sua conservação. Mas como estes faltaram e na administração dos referidos 100$000 réis e das quantiosas esmolas, que os cavalleiros nomeados para servirem na meza davam todos os annos, houvessem descaminhos, extinguiu-se esta Irmandade pelo decurso do tempo, com decadencia do culto divino, e não pequeno sentimento dos que n'ella tinham servido com zelo e desinteresse.»

El rei D. João V mandou mais tarde applicar aquelles réis 100$000 para a fabrica da egreja, que tinha de frente 57 palmos e meio e de fundo 172 palmos e meio, conforme a medição feita officialmente depois do terremoto.

— Junto á antiga egreja da Conceição ficava a rua dos *Prateiros,* que era conhecida por differentes nomes, sendo até chamada *rua da Ourivesaria.* Por esta estreitissima rua não era permittida a passagem de qualquer vehiculo de transporte e mesmo de cargas ás costas de pessoas, quando não destinadas aos proprios moradores. As penas eram em dinheiro e 3 dias de cadeia.

Nos *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa,* de onde colhemos o apontamento acima, se diz que el-rei D. Manuel, por alvará de 19 de Abril de 1514, ordenou que os ourives do ouro e joalheiros não podessem habitar, nem ter as suas lojas, na rua destinada aos ourives da prata, e que estes deviam estar arruados desde o canto da travessa que vae debaixo da Magdalena, para a Conceição, pelo Pelourinho Velho.

Mais tarde, em 16 de Março de 1706, foi permittido que os ourives da prata podessem estar arruados em lojas e casas desde o canto da rua Nova até ás Pedras Negras, a findar no canto das casas que então eram do senado, e da outra banda do canto da Fancaria até á egreja da Magdalena, accrescentando mais ao que

já tinham desde a travessa da Conceição até á esquina das Pedras Negras. Nenhuma outra pessoa podia morar no dito arruamento senão os ourives da prata, assim em casas como em lojas, sob penas rigorosas.

— No livro *Grandezas de Lisboa,* vem a descripção dos festejos feitos por occasião da chegada a esta capital de D. Filippe III em Hespanha e II em Portugal. Procurámos a rua aonde estava edificada a egreja da Conceição e eis o que encontrámos:

«Na rua dos Ourives da Prata, estava na entrada d'ella uma grande e alta arvore, lavrada ao buril, e os ramos em que estavam eram de prata de martello, ficando o tronco e os mais grossos ramos com raizes cobertas com folhas de prata fina. Ao pé d'esta arvore estava el-rei D. Affonso Henriques, e nos ramos de uma e outra parte estavam os reis seus descendentes, e em remate Sua Magestade el-rei D. Filippe II. Custou esta arvore com o seu ornato mais de dois mil cruzados.»

— Diz Lavanha, na sua obra, já por mais de uma vez citada n'estas paginas:

«Na bocca da rua da Prataria fabricaram os prateiros uma grande arvore dos 18 reis de Portugal, desde D. Affonso Henriques até D. Filippe I. Era o tronco d'esta arvore de madeira prateada e todos os ramos e folhas de fina prata, com grande arte e perfeição lavradas. Os reis eram estatuas de tamanho natural, sustidas e ornadas segundo convinha mais ás suas acções, e estavam em pé, sobre os ramos de prata, que procediam do tronco, a que estava arrimado el rei D. Affonso Henriques, como 1.º rei d'esta arvore, que morreu no anno de 1183. Os outros reis iam dispostos segundo a successão, com os seus nomes aos pés.»

Esta obra, que é enriquecida de grande numero de gravuras, traz uma representando os nossos reis, na tal arvore de prata, de formato de pagina *in-folio.*

— Proximo da antiga egreja da Conceição, ficava o Pelourinho Velho, aonde havia casas foreiras á mesma egreja. N'este sitio havia o antigo costume de assistirem varios homens, com suas mesas, para escrever cartas e petições ás pessoas que tinham d'ellas necessidade. N'aquelle tempo havia muito menos gente, do que hoje, que soubesse lêr e escrever.

Segundo a *Estatistica de 1552* eram 10 os homens que ali estavam com suas mesas a escrever cartas e petições. *Ha homem,* diz o documento citado, *que ganha com que casa filhos e filhas e compra propriedades e ganha cada um por dia 2$000 réis.*

O *Summario de Varia Historia* accrescenta: — *Lá parece muito ganho; todavia a geral ignorancia devia produzir bons lucros a esses homens.*

Do Natal aos Reis appareciam n'aquella praça umas outras mesas. Eram ali que se estabeleciam as vendedeiras de doces, com os seus taboleiros cobertos de toalhas muito alvas, aonde se encontrava a boa pinhoada, nogado, laranjada, cidrada, marmellada, gergelim, fartos, etc.

SANTO AMARO
Imagem muito antiga, que pertenceu á egreja da Conceição.

Era esta a mais antiga praça de Pelourinho, de que ha noticia. Ficava, pouco mais ou menos, no local aonde hoje é a rua da Prata, entre as ruas de S. Julião e Nova d'El-rei.

Segundo um mappa de 1650 devia ter 44 metros de comprimento e 33 de largura.

O *Tombo,* feito depois do terremoto, diz que o largo tinha de comprimento desde o cunhal da Rua Nova até ao Ver-o-peso 122 palmos e de largo 120. As lojas, onde estava o Ver-o-peso, ao fim da Rua Nova, pertenciam ao senado, e os altos, que eram 3 andares, a Marçal da Silva.

Em 1650 já existia o Pelourinho Novo, que ficava na Ribeira Velha. O terreno tinha 1:100 metros de comprimento e terminava a Oeste pela Misericordia, Terreiro do Pão, Sete Casas e Alfandega e a Este pela Fundição.

Depois do terremoto, foi Lisboa sujeita a um novo plano de construcção regular, deixando de existir esse labyrintho inextrincavel de bitesgas, bêccos e alfurjas, que construiam a cidade baixa. O Pelourinho passou para a praça aonde hoje está, no sitio aonde antigamente era o Largo da Tanoaria. A planta foi levada a effeito pelo engenheiro Eugenio dos Santos Carvalho.

— Do regimento de 20 de Janeiro de 1504, vamos extrahir algumas informações assás curiosas.

Os tres moços do côro, tinham de ordenado 3$000 réis em cada um anno. Os vencimentos eram todos pagos ás terças do anno.

El-rei D. Manuel, além de 50$000 réis, dados primeiramente, mandou dar mais 80$000 réis para pagamento do augmento do pessoal, recommendando que houvesse um escrivão de receita e despeza, e que este devia ser um dos capellães.

Ordena que em todos os domingos e festas estejam todos os tres altares allumiados; o altar-mór com dois cyrios de uma libra cada um, e os altares travessos com dois cyrios de meia libra cada um. Queria que todos estes cyrios fossem brancos, com a cruz de Christo e Imagem da Conceição. E em todas as outras horas do anno ardessem no altar-mór um cyrio de meia libra, e nos travessos, em cada um, seu cyrio de dois terços de libra. E as alampadas estivessem sempre accesas.

No artigo 19.º recommenda que os capellães, quando virem os altares revestidos, virão de maneira que lhes não appareçam os pés, e com muita honestidade, e não vindo assim serão apontados e perderão seus salarios.

No artigo seguinte manda que o vigario, capellães, thesoureiro e moços do côro são obrigados, cada quinze dias, a rapar suas barbas e corôas, e a trazerem os cabellos feitos em tanta altura que lhe appareça meia orelha, para celebrarem como o direito manda, e não o fazendo assim concorrerão em perder seus ordenados.

No artigo 22.º diz que o vigario e capellães, quando estiverem no côro ou sachristia, estarão com toda a honestidade e não *palrarão,* nem farão cousa deshonesta.

Manda que o vigario e os capellães venham ás matinas de côro de suas pousadas, por uma varanda, que para isso será feita, e não pela rua, por mais honestidade.

D. Manuel tambem ordenou que houvesse uma confraria de Nossa Senhora; havendo missa aos sabbados muito cedo, e primeiro que as outras missas, e que houvessem sermões na quaresma, pagos á custa da renda da confraria, tendo o commendador e vigario cuidado de ir buscar o melhor prégador que possa haver.

A confraria de Nossa Senhora poucos annos existiu; não sabemos, ao certo, o anno, em que ella terminou.

— Eis a nota que o Sr. I. de Vilhena Barbosa poz ao artigo *Conceição Velha*, publicado no tomo V do *Archivo Pittoresco:*

«Ficava proximo da egreja da Magdalena. Esta é que foi a synagoga dos judeus, a qual el-rei D. Manuel purificou e consagrou a Nossa Senhora da Conceição, dando aos ditos Freires em troca tambem da Ermida do Restello, em que fundou o Mosteiro de Belem. Em 1568 erigiu-se n'esta egreja dos freires a parochia de Nossa Senhora da Conceição, e ali permaneceu até 1682 em que se mudou para a ermida de Nossa Senhora da Victoria, na qual se conservou até 1699. Transferiu-se n'este anno para a sua nova egreja, que se lhe construiu na Rua Nova dos Ferros, e que se acabou em 1730. Começou-se então a chamar a esta *Conceição Nova* e á outra que fôra synagoga, *Conceição Velha.* O terremoto fez alguns estragos á Conceição Nova, que logo se repararam, e esta egreja parochial lá existe no mesmo local, e com o mesmo nome popular. Entrando os Freires de Christo na posse do templo edificado com os despojos da egreja da Misericordia, passou com elles para a sua nova casa, a invocação popular de — Conceição Velha.»

— João Baptista de Castro, fallando da antiga egreja da Conceição diz que o templo não padeceu muito com o terremoto, comtudo o incendio o abrazou de fórma que d'elle se não via mais que o esqueleto com toda a pedraria estalada. A torre não cahiu nem desmentiu do nivelamento. El-rei, no sitio da capella-mór, mandou erigir uma barraca para os Freires resarem, e o corpo da egreja se mandou demolir por causa do novo plano regular da cidade.

O incendio, que se desenvolveu em seguida ao terremoto, começou no palacio dos condes de Villa Nova de Portimão, hoje parte da cadeia do Limoeiro, e lavrando com grande furia e espantoso impeto reduziu e cinzas quasi todos os edificios da cidade baixa e alguns das Portas de Santa Catharina e de S. Roque, e até ardeu a egreja do Loreto, que tinha resistido aos abalos do terremoto.

Proximo do Limoeiro ficava a freguezia de S. Jorge, cuja egreja foi reduzida a cinzas.

— Segundo a planta de Lisboa, antes do terremoto, traçada por José Valentim de Freitas, que existe em manuscripto na Bibliotheca Nacional de Lisboa, o largo da antiga egreja da Conceição ia dar á rua dos Mercadores, que tinha começo nas proximidades da egreja de S. Julião. A egreja da Conceição Nova tinha sido edificada na rua Nova dos Ferros, e mais além era o historico chafariz dos cavallos, de que não resta o mais pequeno res-

quicio. O Terreiro do Paço tinha ao tempo um chafariz ao centro. (1)

— Na estampa de Jorge Braunio, do seculo XVI, reproduzida n'um dos volumes de *Lisboa Antiga,* vê-se a primitiva freguezia da Conceição. Para elle enviamos o leitor curioso, que quizer estudar o assumpto.

—Varias capellas, instituidas na egreja da Conceição dos Freires, passaram, não sabemos em que tempo, para a freguezia da Magdalena, aonde ainda hoje estão sendo administradas pela Irmandade do Santissimo d'aquella egreja.

— No archivo da Camara Municipal de Lisboa, ha tambem uma planta de Lisboa, feita no anno de 1650, por João Nunes Tinoco. (2) N'essa planta tambem apparece marcado o logar onde foi a egreja da Conceição, mandada edificar por El-rei D. Manoel. Por ella se vê que a egreja tinha um adro, com bastantes degraus. Devia ficar, na rua da Conceição, vulgò Retrozeiros, aonde estão os dois primeiros quarteirões, lado direito, vindo da Magdalena, entre a rua d'este nome e a dos Douradores. O edificio, que foi mandado deitar abaixo pelo marquez de Pombal, occupava naturalmente o espaço que foi cortado pelas duas novas ruas, da Magdalena e da Conceição.

Como se sabe, n'aquelle sitio havia um labyrintho de ruas estreitas e tortuosas, bastantes travessas e beccos sem fim; era uma segunda Alfama correcta e augmentada. O que d'ali escapou ao camartello da civilisação pombalina foi o predio, da esquina da travessa do Almada, onde foi o antigo senado. Veja-se adiante o artigo que trata da freguezia da Magdalena.

---

(1) Este chafariz foi mandado fazer por el-rei D. João IV. Tinha 4 bicas e era encimado pela figura de Apollo. Junto d'elle estacionava uma sentinella.

No Rocio, entre o palacio dos Estáos e a egreja de S. Domingos, havia um chafariz de 4 bicas, tendo em um pedestal a estatua de Neptuno. Foi demolido em 1786.

(2) Da planta de Lisboa, de João Nunes Tinoco, foram tiradas provas lythographicas, em 1853, na imprensa Nacional. Temos uma d'essas provas, adquirida n'um alfarrabista das Portas de Santo Antão.

Para dar força ás nossas affirmativas mandámos reproduzir um retalho d'esse mappa, que o leitor encontrará n'estas paginas. Não precisa de explicação. Quem olhar para elle vê logo aonde era a antiga egreja da Conceição, que foi construida no sitio da antiga *esnoga,* e bem assim aonde era a Misericordia antiga, que é aonde está a actual egreja da Conceição Velha.

Uma cousa notavel. As duas egrejas Nova e Velha, estavam collocadas em dois pontos determinalmente oppostos. O terremoto destruiu tudo e o restaurador da cidade passou uma linha recta da Conceição Nova ao local onde existiu a Conceição Velha, ficando o sitio d'esta, á direita, no começo da rua, e o logar d'aquella, á esquerda, no fim da mesma rua, que recebeu o nome de Nova da Conceição, que ainda conserva o ultimo. E, para coroar, foi collo-

Retalho do mappa de Lisboa de 1650, de J. B. Tinoco.

cado na frente da rua, na frontaria da Magdalena, o portal gothico da antiga egreja da Conceição.

— O sr. Vilhena Barbosa diz que quem correr os olhos pela planta de Tinoco vê indicada uma egreja com o titulo de Concei-

ção, do lado de norte de uma rua, que em direcção de oeste para leste, com pouca differença da actual rua dos Retrozeiros, conduzia á egreja parochial da Magdalena.

A egreja da Conceição era a que fôra synagoga dos judeus, nem podia confundir-se com outra, porque era o unico templo de Lisboa, em 1650, com semelhante invocação.

Vê-se, pois, n'aquella planta que a situação da mencionada egreja correspondia, pouco mais ou menos, ao logar que presentemente desemboca a rua dos Douradores, na rua dos Retrozeiros (1).

— Vamos agora ao *Tombo da cidade,* que nos dá curiosas informações.

Diz que a *rua-travessa* de Nossa Senhora da Conceição dos Freires era chamada vulgarmente *travessa da Conceição Velha.* Tinha de comprimento desde o cunhal da rua dos Ourives da Prata até á rua dos Mercadores, 445 palmos; e de largura, pela banda da rua dos Ourives 18 e defronte da porta travessa da egreja 46. A egreja tinha de frente 75 $^{8}/_{10}$ palmos, e de fundo 172 $^{1}/_{2}$ palmos. A rua da Tinturaria começava no largo da egreja e ia terminar ao convento do Corpus Christi, de que ainda ha restos na rua dos Fanqueiros, esquina da rua de S. Nicolau. Tinha 231 palmos de comprimento e 11 palmos de largura de um lado e 18 do outro.

— A primitiva egreja da Conceição tinha em 1551 as seguintes confrarias: — A confraria de Nossa Senhora da Conceição, a de Nossa Senhora da Luz, a de S. João Baptista, a de Nossa Senhora da Atalaya e de Sant'Anna. Todas ellas pagavam á egreja 240 cruzados.

— Em 1742, haviam em Lisboa 202 irmandades, 6 congregações de ordens terceiras, 4 de seminaristas, 22 de religiosos, 1 de conegos seculares, 3 de congregados e 41 parochias, entrando a do Loreto, dos italianos, e a das Chagas, dos maritimos.

Haviam irmandades das Almas por todas as freguezias.

Na Graça havia a irmandade de Santa Cruz dos soldados da

---

(1) O vulgo chama á rua da Conceição rua dos *Retrozeiros*, por ser o local designado por el-rei D. José para o arruamento obrigado d'esta classe commercial. Adiante vão mencionados os arruamentos da cidade baixa, ao tratar da freguezia da Conceição Nova.

armada, que nada tinha com a antiga irmandade dos Passos; em S. Nicolau a irmandade dos soldados do azul e a irmandade dos pretos do Rosario; em S. Miguel a irmandade do Senhor Jesus da Pobreza.

Na egreja de Santo Antonio da Sé existia uma confraria governada pelos letrados da cidade, com o titulo de Nossa Senhora das Neves.

Na antiga freguezia do Loreto havia uma confraria de Santo Antonio, administrada pelos indios da cidade. Na mesma egreja existiam as confrarias de Nossa Senhora do Loreto, a do Santo Sacramento e a de Santa Catharina, todas tres administradas por mercadores italianos.

A egreja da Conceição dos Freires tinha então as irmandades de Santo Antonio, Senhor Jesus, Almas, Nossa Senhora da Luz e Neves, Conceição, Santa Catharina e Escravos do Santissimo.

Todas ellas figuraram na procissão do Corpo de Deus, que se fez n'esse anno.

— El-rei D. Sebastião mandou que os 8 capellães da egreja da Conceição tivessem a natureza de *beneficios collados,* e d'elles se formasse uma capella de cantores, destros em musica, em que fossem providos dois contra-baixos, dois tenores, dois contraltos e um mestre de capella, impondo-lhes a obrigação de cantarem de canto de orgão as missas de todos os domingos e dias santos, regulando-lhes o modo e ordem em que n'esta parte se devia observar, e que o vigario fizesse exame de cantochão e de... grammatica.

— O governo mandava dar todos os annos para a ajuda da armação e cera da festividade da semana santa, na egreja da Conceição dos Freires, 60$000 réis. Em 5 de Junho de 1762 foi passado n'este sentido um novo titulo.

— Frei Miguel de Contreïras ia prégar amiudadas vezes á antiga egreja da Conceição dos Freires.

— Os moços do côro da collegiada da Conceição tinham um vestido de dois em dois annos, que constava de loba, capa e cabeção, duas sobrepelizes, uma liza e outra com renda e seis tostões para voltas, o que foi compensado em 12$500 réis em cada anno, pelo aviso regio de 22 de novembro de 1770.

— Haviam antigamente sermões nas domingas do advento e de quaresma, mandato, paixão e paschoa. Os religiosos de Xabregas

é que os vinham prégar e recebiam por esmola 20$000 réis, pela casa da India, em quanto existiu esta repartição.

— El-rei D. Manuel mandava dar, em todos os annos, da casa da India, esmolas de incenso para o culto divino, aos religiosos de todas as ordens.

— A freguezia da Conceição, poucos annos depois de instituida, tinha 680 fogos e 4:150 habitantes. N'este numero não entravam as pessoas de menos de 7 annos, nem os escravos e estrangeiros.

A freguezia da Magdalena, que lhe ficava proxima, tinha 1:120 fogos e 3:960 habitantes. E a da Sé, 718 fogos e 6:187 habitantes.

Em 1620 tinha a cidade 40 freguezias (1).

O Mosteiro de Belem tinha 40 religiosos e o de Nossa Senhora da Luz, da Ordem de Christo, 25.

— Reinerio Bocache fez uma nova edição da *Chronica de D. Manuel*, de Damião de Goes, no anno de 1749.

No frontespicio d'essa obra, lê-se: — *Vende-se no largo da Conceição Velha, nas casas dos religiosos do Carmo, em todo sima, onde se vendem outros livros curiosos.*

Serve isto para provar que a primitiva egreja era, antes do terremoto, conhecida por *Conceição Velha*.

— Tambem proximo da egreja existiam as thermas ou banhos do tempo dos romanos. O sr. Augusto Vieira da Silva fez a descripção em poucas palavras:

«Outras thermas, denominadas dos *Augustoes*, ficavam situadas pelo cruzamento da actual rua da Conceição (dos Retrozeiros), com a rua Bella da Rainha (da Prata). Pela sua inscripção, que ainda existe em uma das paredes da loja que tem os n.os 79, 81 e 83 da rua da Conceição, se deve attribuir a construcção ao templo de Tiberio (14 a 37 D. C.) e a reedificação ao de Constantino (313 a 337). Foram descobertas em 1770, depois em 1773, quando se abriu

(1) Lisboa, em 1551, tinha 24 freguezias, a saber: Sé, Santa Justa, S. Nicolau, *S. Gião*, *Madanela*, Martyres, Loreto, S. João da Praça, S. Pedro, S. Miguel, Santo Estevão, S. Vicente de Fóra, Santa Marinha, Salvador, Santo André, S. Thomé, S. Thiago, S. Martinho, S. Jorge, S. Bartholomeu, Santa Cruz, S. Mamede, S. Christovão e S. Lourenço.

A freguezia de S. Martinho tinha apenas 28 casas, a de S Jorge 48, a de S. Lourenço 70, a de S. Bartholomeu 74 e a de S. Mamede 79. Estas eram as freguezias mais pequenas.

o cabouco para o collector da rua da Prata, estudadas n'este ultimo anno, e novamente descobertas e estudadas em 1859. Entulhado o esteiro do Tejo, ficaram estas thermas soterradas, e sobre ellas se construiram casas e abriram ruas do bairro judeu, ou Judiaria Grande. Havia varios poços que eram alimentados pelo mesmo lençol d'aguas, um dos quaes, chamado poço da Fotéa, denominação de origem hebraica, teve grande nomeada; já assim era chamado no reinado de D. Diniz, e só desappareceu o nome em 1755; ficava o poço no limite sul da linha que separava a communa judaica da população christã, e na Lisboa actual o seu logar era na rua de S. Julião, a meio da distancia entre a rua Bella da Rainha (da Prata) e a rua da Princeza (dos Fanqueiros). Nos arredores do local onde existiram as thermas romanas, e alimentados pelo mesmo manancial, ainda existem hoje alguns poços no interior das propriedades.»

VIII

Belem e Jeronymos

A fundação do mosteiro.—Nossa Senhora de Belem.—Quantos conventos fundou D. Manuel.—Prova-se que o infante D. Henrique deu o nome ao sitio de Belem.—Damião de Goes e as portas dos Jeronymos.—Versos de Garrett.—A torre de Belem.—A celebre biblia dos Jeronymos.—O tumulo de D. Manuel e a praia das Lagrimas.—O cardeal D. Affonso.—Trasladação de D. Manuel.—Indulgencias.—Ainda o famoso mosteiro

O MOSTEIRO de Belem, diz, em 1622, João Baptista Lavanha, na sua obra descriptiva da entrada de Filippe II em Portugal, é um dos grandes e magnificos edificios da Europa, fundado por el-rei D. Manuel, de gloriosa memoria, para sua sepultura e da rainha D. Maria, sua segunda mulher, no surgidouro do Rastello, uma legua dos muros de Lisboa, toda formada de nobres templos e casas, aonde o infante D. Henrique, filho de el-rei D. João I, que deu principio aos descobrimentos de novos mares e terras, levantou uma casa de oração, dedicada á Virgem Mãe de Deus, da invocação de Belem, na qual poz Freires da Ordem de Christo, de que o infante era governador e administrador, para que os sacerdotes que ali residissem administrassem os sacramentos da egreja aos navegantes que partiam d'aquelle logar aos novos descobrimentos.

El-rei D. Manuel succedendo a este inclito infante no governo e administração da mesma Ordem de Christo, antes de ser rei, e

depois que o foi, no descobrimento de novos mundos, logo que da India tornou Vasco da Gama, não tendo d'elle mais que a certeza da sua navegação, foi tamanha a fé em Deus d'este glorioso rei, que como se tivera já juntos grandes thesouros da conquista da India, por permicias d'elles, abriu os fundamentos d'este sumptuoso templo, *no sitio da mesma egreja do infante* e com a mesma invocação, fazendo eleição antes d'este, que de outro logar, pelas mesmas causas que moveram o infante a edificar n'elle o pequeno convento dos Freires, e para que uma tal memoria de agradecimento, feita com tão grande gosto, se fundasse em sitio aonde as varias nações do mundo, quando entrassem em Portugal por esta porta, a primeira cousa que d'elle se lhe representasse á vista, fôra este soberano templo, como tropheu das victorias e triumphos do Oriente, o qual templo deu el-rei aos religiosos da Ordem de S. Jeronymo e foi tão magnanimo que tomou para a sua estatua, e da rainha sua mulher, a parte mais pequena, na qual se veem estes reis postos de joelhos, e mandou pôr a do infante D. Henrique em pé, armado, como hoje apparece, sobre o pilar do meio da porta travessa, que é a principal.

E para guarda d'este mosteiro e do porto mandou fundar dentro do mar a torre de S. Vicente, que por outro nome se chama de Belem, fabrica que ainda que em si não seja grandiosa é magnifica na estructura.

Ficou por acabar este mosteiro por morte do seu primeiro fundador el-rei D. Manuel e pela de el-rei D. João III, seu filho, que mandou proseguir a obra, e a esclarecida rainha D. Catharina sua mulher, fez a capella-mór, cujo retabulo é de excellente pintura e sua architectura de belissimos marmores brancos de Extremoz, dos mesmos e de outras côres é a abobadà da capella e ornamentos das sepulturas dos reis D. Manuel e D. João II, e das rainhas D. Maria e D. Catharina, suas mulheres São os encerros umas urnas de marmores de estranha côr e boa traça, sobre elephantes de pedra negra. Nos lados do cruzeiro ha duas grandes capellas, enriquecidas com os mesmos marmores, nas quaes estão os corpos dos reis D. Sebastião e D. Henrique, e dos infantes, filhos dos reis D. Manuel e D. João.

— O *Santuario Marianno* trata da imagem de Nossa Senhora de Belem, que se venera no templo dos Jeronymos, e diz que foi mandada fazer pela rainha D. Maria, mulher de el-rei

D. Manuel. Esta princeza era muito devota e dizem varios auctores que por seu conselho edificára el rei seu marido aquella casa. A imagem tinha oito palmos de alto e era de vestir, tendo fatos muito ricos e preciosos que lhe offereceram rainhas e princezas e até as senhoras da côrte lhe offereciam as galas preciosas dos seus desponsorios. Figurava todos os annos no antigo presepe, armado na capella chamada da Senhora do Restello, que é a primeira do lado da epistola. A obra citada diz: — *E' imagem de excellente esculptura e de tanta formosura que não ha quem a não deseje furtar e leyar para casa.* Era festejada a 6 de janeiro, porque tambem era conhecida pela denominação de Nossa Senhora dos Reis,

— El-rei D. Manuel fundou 13 conventos, sendo um da Ordem de Christo, um da de S. Bento, tres da de S. Domingos, quatro da de S. Francisco e quatro da de S. Jeronymo. Além de muitos outros nas conquistas. Fundou o hospital da Covilhã, o de de Monte-mór-o-velho e o de Beja, e acabou o de Lisboa. Mandou lavrar a sepultura de prata de S. Pantaleão, no Porto, e a do nosso primeiro rei, em Coimbra.

— A primeira pedra para a porta principal do mosteiro de Belem foi lançada a 6 de janeiro de 1501. Os alicerces começaram em 1499. Diz uma obra, existente em manuscripto na Bibliotheca Nacional, que o nome de Santa Maria de Belem foi dado ao mosteiro em 1536.

—«Se a cidade de Silves, no Algarve, diz Ribeiro Guimarães, recorda o nome do preclaro infante D. Henrique, filho de el-rei D. João I, porque ali foi o ponto de partida para todos os gloriosos emprehendimentos e navegações que o infante intentou com tanta gloria para si, como para a patria, o sitio de Belem igualmente é um padrão d'aquelle illustre principe, porque foi elle quem poz o nome ao sitio, e porque o seu vulto ahi está de pé, no portal da egreja de Santa Maria, com a face para o mar, e para o mesmo logar d'onde partiram as armadas, que proseguiram as famosas emprezas que encetára.»

Como é sabido, foi o infante D. Henrique quem fundou, no local, aonde está o mosteiro dos Jeronymos, a ermida de Nossa Senhora de Belem. Foi, pois, o preclaro infante que deu o nome ao logar com a fundação da ermida na praia do Rastello.

Em 1712, o sitio de Belem, era já bastante povoado. Hoje, é cidade.

— Real Cabral, no seu livro *Glorias e Primores de Portugal*, trata do infante D. Henrique. São seus estes versos:

O principe guerreiro,
A quem a patria inspira um genio aventureiro
P'ra feitos de valor; p'ra nautica e sciencias,
Que o fez da Europa assombro, e inveja das potencias.

E mais m'recida fama, sabio algum colheu,
Pois fôra quem a terra e o mar desenvolveu.
Na plana sup'rior das historicas proezas,
E' o vulto secular das glorias portuguezas!

— Damião de Goes, fallando da porta principal dos Jeronymos, diz:

«N'esta mandou el-rei pôr a sua imagem, de uma parte assentada em joelhos, em um setuál, coberto de vestidos roçagantes, e da outra banda, tambem em joelhos, em outro setuál (setial, diz-se hoje), a rainha D. Maria sua mulher. Estas duas imagens são talhadas de vulto em pedra lioz, e os rostos ambos tirados assas bem ao natural. Defronte d'este edificio mandou el-rei fazer a torre de S. Vicente, que se chama de Bethlem, fundada dentro de agua, para guarda d'este mosteiro e do porto de Lisboa, edificio que ainda que em si não seja grande em quantidade, comtudo a instructura d'elle é magnifica.»

Tratando da porta travessa, falla assim da estatua do infante D. Henrique, que ainda ali se vê:

«A egreja d'este mosteiro tem duas portas, das quaes a da travessa, que está contra a praia, é a maior e a mais sumptuosa, na qual mandou pôr em pé, na columna do meio da porta, a imagem do Infante D. Henrique, primeiro auctor d'estas navegações, talhada de vulto em pedra, armado com cota d'armas e a espada nua na mão, alevantada para riba, do qual modo se affiguram todos os reis e principes que em pessoa se acharam em feitos de guerra e n'elles foram vencedores.«

— A titulo de *Curiosidade* publicou o *Diario de Noticias* o seguinte:

«Na praia de Belem, defrontando com o actual monumento, existiu até 1836 um cruzeiro que, segundo tambem reza a tradicção, commemorava a partida de Vasco da Gama para a descoberta da India e marcava o sitio em que se fizera o embarque.»

— Agora um extracto da *D. Branca*, de Garrett:

No mar que Europa de Africa divide,
Entra, como a explorar o seio ás ondas,
O saxeo promontorio que de Sagres
Tem hoje nome. Na moderna historia
Dos povos do universo, porventura
Não ha hi ponto do orbe que assim lembre
Tanto feito de gloria e de heroismo;
Nem ha padrão erguido por mão d'homens,
D'alto custo e valor, que outro recorde
Época tal aos seculos e idades.
D'ali Henrique aos astros perguntava
Da eternidade a estrada; e novos mundos,
Novos climas e ceus lhe offereciam.
D'ali os curvos lenhos desprenderam
Primeiro o voo audaz a ignotos mares.
Ali o berço foi de lusa gloria...

— O que vae lêr-se é do talentoso escriptor L. A. Ribeiro da Silva:

«D. Manuel colhendo maduras e formosas as sementes que o reinado precedente lançára á terra, foi o herdeiro ditoso das emprezas do infante D. Henrique e das reflectidas e calculadas tentativas do neto de D. Duarte.

«O explendido monumento do mosteiro dos Jeronymos, que é o padrão erguido á memoria dos primeiros navegadores que sujeitando os mares e as tempestades abriram a nova estrada e a nova época; a torre de S. Vicente de Belem, edificada quasi no mesmo periodo, e posta no meio das ondas, foi a testemunha muda mas segura, d'esse immenso poder naval, cujos braços armados se alongaram até Goa, Malaca, Adem e Ormuz, ao passo que assoberbava na Africa Occidental as bellicosas tribus dos cavalleiros do Islam, e que na Africa oriental cravava os marcos de posse com os brazões da monarchia em perto de tres mil leguas de costa!

«A torre de Belem é contemporanea do mais venturoso reinado, que viu Portugal.

«Se não tremulavam ainda nas suas ameias as côres do estandarte nacional, quando Vasco da Gama se fez de vela em 1497, nem quando voltava, dois annos depois, em 1499, com as naus triumphantes, que romperam além dos mares o caminho da India, assistiu meia erecta já á partida de outras armadas, e a onda, que gemia á raiz dos seus muros, tinha-se curvado primeiro debaixo da quilha dos galleões, que transportavam ao Oriente, Affonso d'Albuquerque, Duarte Pacheco e D. Francisco d'Almeida.»

— A Torre de Belem, que hoje está em terra firme, foi ou-

tr'ora construida no meio das aguas e entre ella e a terra passavam navios, como se vê em algumas estampas antigas.

— Nas marés vivas chegava a agua do rio ás paredes e portas do convento dos Jeronymos. O actual aterro, que se vê em frente d'este magestoso edificio, é de construcção moderna.

— Conta o sr. Fonseca Benevides, no seu apreciavel livro intitulado *No tempo dos francezes,* que, entre outras preciosidades que Junot levou para França, figurava a celebre biblia dos Jeronymos, com ricas illuminuras do seculo XV, de que o rei D. Manuel fizera dadiva ao mosteiro de Belem. Feita a paz geral em 1815, depois da queda de Napoleão, e precedendo laboriosas negociações diplomaticas, em que tomou parte activa o conde, depois duque de Palmella, e vencidas as difficuldades que apresentára a duqueza de Abrantes, viuva de Junot, em poder da qual se achava o precioso manuscripto, de o ceder, conseguiu-se que o vendesse por oitenta mil francos, que foram pagos pelo rei de França, Luiz XVIII, que em seguida o restituiu a Portugal, sendo trazido para Lisboa e entregue ao convento dos Jeronymos em Belem, aonde esteve até 1834. Hoje existe na Torre do Tombo.

— Agora mais uma transcripção do *Summario de Varia Historia,* a respeito do mosteiro e egreja de Santa Maria de Belem:

«Na capella-mór, á porta do Evangelho: *Primeiro mausoleu.* — N'elle jaz el-rei D. Manuel, que nasceu em Alcochete a 31 de maio de 1469, e falleceu nos paços da Ribeira, em Lisboa, em 13 de Dezembro de 1521, com 52 annos de idade e 20 de reinado.

«Foi fundador do mosteiro, para commemorar as inclitas acções do seu preclaro primo o infante D. Henrique, filho de el rei D. João I, e da virtuosa rainha D. Filippa. A estatua do infante lá está no portal da egreja, que olha para o sul, appoiando-se no seu montante, como de guarda ao monumento contra os vandalos e como padrão perpetuo do muito que amou a sua terra e do muito que a illustrou.

«El-rei D. Manuel foi primeiro sepultado na egreja que os freires de Christo tinham em Belem e na praia do Restello, que, depois por algum tempo se chamou a praia das *Lagrimas,* pelas muitas que ali se derramaram quando partiu para correr «mares nunca d'antes navegados» a famosa frota, ás ordens de Vasco da Gama.

«Camões, no canto IV, descreve as magoas da partida da frota, que ia buscar a India e os seus thesouros, gloria, mas talvez perdição de Portugal, como prophetisava o velho, que se ficou entre as gentes na praia, depois de todos embarcados:

A branca areia as lagrimas banhavam,
Que em multidão com ellas se egualavam.

«Uma chronica manuscripta do mosteiro de Belem, diz que por muito tempo se deu o nome de *praia das Lagrimas* á do Restello, e d'ahi tirou a noticia quem viu a referida chronica.

«Em 20 de setembro de 1551, el-rei D. João III fez trasladar os restos mortaes de seu pae e de sua mãe a rainha D. Maria, segunda mulher de el-rei D Manuel, para a egreja nova, quando estava concluida, e ahi foram postos em uma sepultura decente, mas raza, que D. Antonio Caetano de Sousa descreve assim: — «Uma cova formada de pedraria com um poyal de pedra no meio, com a sua porta e fechadura mourisca, e em cima do poyal de pedra uma tumba forrada de setim branco; por fóra havia um estrado forrado de tela de ouro, com umas grades ao redor, forradas do mesmo, com uma franja por cima.»

«Foi durante a gerencia da rainha D. Catharina, que os despojos mortaes do fundador do mosteiro foram colloçados no mausoleu de marmore onde descançam; e no qual se lê um eloquentissimo epitaphio latino, composto pelo insigne André de Rezende.»

— Outros tempos, outros costumes. O cadaver de el-rei D. Manuel, foi transportado do paço da Ribeira para os Jeronymos, ás 3 horas da noite, em cima de uma azemola e acompanhado por duas mil pessoas a cavallo e mais de 600 tochas accesas.

Na capella do mesmo paço recebeu o pequeno infante D. Affonso, filho de el-rei D. Manuel, em 1516, aos 7 annos de idade, o barrete cardinalicio, que lhe foi enviado de Roma pelo Santo Padre Leão X.

O infante D. Affonso nasceu em Evora, aos 23 de Abril de 1509.

O Papa Leão X mandou-lhe o capello de cardeal no anno de 1516, com o titulo de *Bispo Zagitano, diacono, cardeal de Santa Luzia,* do qual foi portador Manuel de Noronha da Camara, que foi bispo de Lamego, de cuja mão o recebeu em Lisboa, nos paços da Ribeira, sendo el-rei seu pae a isso presente. O infante D. Affonso foi bispo de Evora, arcebispo de Lisboa e abbade de Alcobaça.

A *Historia Genealogica da Casa Real,* tratando do infante D. Affonso, diz: — «O Papa Leão X o creou cardeal diacono, de tão curta idade, que lhe pôz por clausula que não seria tratado por cardeal emquanto não cumprisse 14 annos, e que então sem alguma declaração seria associado ao sacro collegio, como consta da bulla, que o mesmo papa expediu no 1.º de Junho de 1518, dando-lhe o titulo de Santa Luzia *in Septem Soliis.*» Morreu a 21 de abril de 1540.

— A trasladação de D. Manuel para o convento dos Jeronymos effectuou-se a 20 de Outubro de 1551. Ao meio dia estavam juntos de Belem os religiosos de todos os conventos e clerezia de Lisboa. Depois de sepultado se cantaram de tarde os officios e toda a noite se gastou em suffragios. No dia seguinte houve missa de pontifical, com assistencia de el-rei D. João III, orando o prégador regio Dr. Antonio Pinheiro.

— Lê-se o seguinte na *Historia Genealogica da Casa Real:*

«Já seus predecessores, os papas Alexandre VI e Julio II, tinham feito diversas concessões a el-rei D. Manuel. O primeiro por um breve passado em Roma, a 26 de Março de 1500, para poder nomear missionarios apostolicos, com poder ordinario, nas terras descobertas e conquistas dos portuguezes, desde o Cabo da Boa Esperança até á India, do que bem se vê o quanto antigo é o mandarem os nossos reis missionarios ás terras e provincias das suas conquistas. O segundo por um breve passado tambem em Roma, no anno terceiro do seu pontificado, a 12 de Julho de 1506, para que mais se accendessem os fieis no zelo das conquistas, concedeu indulgencia plenaria para sempre, não só aos missionarios, mas a todas as pessoas de um e outro sexo que el-rei mandasse á India, não sómente os que lá se estabelecessem, mas ainda os que houvessem de voltar para o reino.»

— Com o titulo *Mosteiro dos Jeronymos,* o sr. Zeferino Brandão fez publicar ultimamente no *Diario de Noticias,* o seguinte artigo:

«Como não é geralmente conhecido o *Compendio historico-critico da origem e continuação do instituto Bethlemitico Jeronymiano*, por frei Antonio de Bettencourt, extrahimos d'essa obra erudita, cujo original se guarda na Torre do Tombo, algumas noticias, que nos parecem interessantes, ácerca da egreja de Santa Maria de Belem, a qual attrahe n'este momento mais seria attenção tanto dos estudiosos como dos poderes publicos, por causa do centenario da India.

«Foi o mosteiro de Belem dedicado aos Reis Magos, ao Santissimo Mysterio da Natividade de Christo e a S. Jeronymo. D. Manuel entregou-o apezar de incompleto á ordem bethlemitica, assim como já lhe havia dado o da Pena, que primeiro edificou, e ambos elles em cumprimento de voto que fez quando Vasco da Gama partiu para a India.

«Para serem collocados na magestosa egreja de Belem, mandou o papa Leão X a D. Manuel quatro imagens de porcellana: a de S. Jeronymo, e as de mais tres santos padres do monachato, como S. Basilio Magno, S. Leonardo e S. Bernardo.

«Quando florescia o commercio das conquistas orientaes, os nossos monarchas abasteciam de ouro, incenso e especiarias os mosteiros bethlemiticos,

sendo raros os que não tivessem pensão na *Casa da India* afim de serem providos de incenso para o culto e de especiarias para os proprios usos.

«O primeiro ouro que veiu a Portugal d'aquellas conquistas foi o que trouxe de Quiloa Vasco da Gama, e D. Manuel fez offerta d'elle ao mosteiro de Belem, na celebre custodia de raro valor. Conhecia-se o facto por tradição. Affirmado pelo monge Bettencourt, não é licito pôl-o em duvida.

«No mesmo real mosteiro, davam-se solemnemente as graças pelas victorias que as nossas armas alcançavam; e pelo prospero successo das cousas da India faziam-se preces duas vezes no dia.

«Ali celebrou D. Affonso VI a melhor victoria que se conseguiu no seu tempo das armas hespanholas, e foi a da batalha de Montes Claros, que pôz termo á guerra da Restauração. Para commemorar esse triumpho, mandou o monarcha lavrar o sacrario de prata que existe ainda, e que sómente se acabou quando já reinava D. Pedro II. Tem-se attribuido essa obra preciosissima á notavel Josepha de Obidos, a quem a familia real portugueza encommendava com frequencia diversos trabalhos.»

—No actual reinado, foi agraciado com o titulo de Conde de Restello, o sr. conselheiro Pedro Augusto Franco, proprietario e morador em Belem, antigo deputado, par do reino e presidente da camara municipal de Lisboa.

IX

Da origem e estabelecimento da Misericordia

A Misericordia é o brazão da caridade portugueza.—Frei Miguel de Contreiras, o fundador.—O que se lê na «Evora gloriosa».— Contreiras e a sua caridade.—Lisboa no seculo XV.—O hospital de Santo Antonio da Sé.— Origem da irmandade.—Fundação da egreja·—A sepultura de Contreiras.— As bandeiras.— O primeiro compromisso de Misericordia.—Extractos de artigos diversos.— Quantas misericordias ha no reino e seus rendimentos.—Os mamposteiros —Os expostos.—Noticias differentes.

O seguinte artigo foi por nós publicado, em commemoração do 4.º centenario da Instituição das Misericordias, no jornal *O Seculo,* n.º 5959, de 14 de agosto de 1898:

«Fazendo ámanhã 400 annos que foi instituida na nossa capital a irmandade da Misericordia, que *é o brazão da caridade portugueza*, no dizer de um escriptor notavel, é do nosso dever dizer alguma coisa a respeito d'esta importante instituição e do fundador da mesma, o muito reverendo padre trinitario frei Miguel de Contreiras.

Começaremos por dar a palavra a Ribeiro Guimarães, que no seu *Summario de Varia Historia*, diz que a Misericordia era, e é, a instituição piedosa de mais alcance que a caridade christã tem fundado. «Em parte alguma do mundo, continua o mesmo escriptor, se viu a caridade tão desenvolvida como nas misericordias em Portugal. Póde dizer-se que não havia miseria a que não acudisse, infortunio a que não valesse. O homem invalido da fortuna ali tinha amparo, desde que vinha ao mundo até que descia á terra, ainda mesmo criminoso lhe estendia braços protectores ou para tratar do seu livramento ou

para o acompanhar longe da patria, se tinha de expiar no desterro os seus crimes, ou para lhe dar as ultimas orações e a sepultura.»

Frei Miguel de Contreiras, nascido a 8 de maio de 1431, valenciano de nação, perfilhado no convento da Trindade, prégador e confessor da rainha D. Leonor, mulher de D. João II, foi quem fundou esta admiravel instituição (1).

Era muito caritativo e o povo o appelidára *o pae dos pobres, dos presos e dos orphãos.*

Costumava prégar em Santa Maria Maior e o povo corria para o ouvir em grande numero, enchendo a egreja até á porta. A familia real ia tambem ouvil-o. Pelas ruas andava pedindo esmola acompanhado de um anão, que guiava um jumento, e conduzia as esmolas n'uns grandes alforges.

O mesmo frade não descuidava o enterramento dos defuntos, dando aos mesmos sepultura em sagrado e com os suffragios da egreja.

No seu tempo os mortos eram, principalmente os escravos, vergonha é dizel-o, lançados ao desamparo pelas ruas e pelas praias. Pelas ruas, por summa miseria, expostos á compaixão dos fieis; pelas praias, porque as tripulações das embarcações procediam no rio do mesmo modo que no alto mar, lançando ás aguas os cadaveres dos seus defuntos e o resultado era apparecerem os mesmos, mais tarde, a descoberto, pelas praias.

Contreiras comparecia logo que tinha conhecimento d'essas apparições e os enterros eram levados a effeito em acto continuo, pelo *divino amor de Deus*, como então se dizia e ainda hoje se diz.

Foi por esse tempo que el-rei D. Manuel recommendou ao senado que mandasse fazer um poço, onde fossem lançados, com cal virgem, os cadaveres dos escravos encontrados ao abandono pela cidade e d'aqui a origem da rua, ainda hoje chamada do Poço dos Negros.

Tambem do Alto de Santa Catharina eram lançados os cadaveres dos desgraçados pela ribanceira abaixo, para o lado do rio.

N'essa época era ali um deserto. A população, no reinado de D. Manuel, ainda lá não tinha chegado; não passava das celebres portas de Santa Catharina.

O bom do frade da Trindade vendo que se encontravam ao desamparo, pela cidade, muitos enfermos, principalmente estrangeiros, gemendo e chorando, por falta de hospitaes onde fossem recebidos e tratados, cobertos de andrajos, cheios de fome, ardendo em febres, patenteando chagas e isto pelos adros das egrejas e arcos do Rocio, não havendo quem os recolhesse, tratasse e abrigasse do rigor do tempo, pediu e obteve do senado uma casa, a Santo Antonio da Sé, onde fundou um pequeno hospital.

O *Agiologio Lusitano* diz que Contreiras tinha instituido o hospital para enfermos necessitados, por detraz da egreja de Santo Antonio da Sé, onde elle

---

(1) Diz o Padre Francisco da Fonseca, na sua *Evora Gloriosa*: — «ser indeciso para Portugal qual descobrimento foi para elle mais glorioso — se o de D. Vasco da Gama na India, origem de tantas riquezas, se o d'este veneravel, na sua illustre irmandade, fonte de tanta piedade.»

mesmo fazia as camas e outros abatidos officios, ministrando o necessario com tanta vontade que de tal modo trazia rebatidos os animos e linguas de todos, que se não falava n'outra coisa na cidade.

El-rei D. Manuel, ao sahir da Sé, foi um dia de surpreza visitar o pobre hospital. Quando conheceram o visitante ficaram todos que ali estavam na occasião muito atrapalhados, e largando o serviço, apresaram-se a ir beijar a mão ao rei. A *Chronica da Santissima Trindade* diz textualmente: «El-rei, vendo-os perturbados com a sua presença, lhes disse: — *Fazei a vossa obrigação.* Continuando elles a pegar nos cobertores, el-rei os seguiu e tomando um pela ponta acabou de dizer: — *E eu tambem.* Mostrando este monarcha n'esta acção que queria ajudal os e ser participante dos merecimentos de obra tão pia e caritativa. Foi tão forte este exemplo, que d'ahi em deante tudo foi em maior augmento.

El-rei D. Manuel

Cada dia se juntavam mais devotos para servirem os pobres enfermos e muitas mais esmolas para as suas despezas. Este mesmo soberano os louvou muito e exhortou a que continuassem essa obra tão caritativa e sahindo do hospital lhes mandou dar uma avultada esmola.»

Frei Miguel reunia-se no pateo da Sé com alguns irmãos da irmandade da Piedade, que tinha capella nos clastros, e era ali que se repartiam as esmolas, em cima de uma grande pedra.

A distribuição era feita em tres quinhões iguaes: um para viuvas pobres e recolhidas; um para pobres que ali se recolhiam e outro para presos.

O proprio Contreiras, acompanhado do seu anão e de um devoto, em seguida ao acto, ia aos carceres distribuir as esmolas pelos presos.

Parece fóra de duvida ter sido n'uma d'essas occasiões, em que se faziam as distribuições das esmolas, que nasceu a santa idéa de se organisar uma irmandade destinada a pôr em pratica as obras de misericordia, o que se levou a effeito a 15 de agosto de 1498, nos claustros da mesma Sé, na capella de Nossa Senhora da Piedade, vulgò da Terra Solta, que ainda existe e que está sendo reconstruida.

O primeiro compromisso da Misericordia foi organisado e escripto pelo proprio punho de Frei Miguel de Contreiras.

A irmandade, poucos annos depois, foi em tanto augmento que já não cabia na pequena capella dos claustros da Sé, onde foi instituida.

O hospital tambem se tornou diminuto para tão grande caridade. El-Rei D. Manuel mandou então construir, a expensas suas e de esmolas dos fieis, a primitiva egreja da Misericordia, no sitio da Ribeira, no local onde hoje se encontra a egreja da Conceição Velha, que ostenta restos d'aquelle edificio.

O mesmo monarcha mandou tambem acabar com brevidade o hospital do Rocio, que el-rei D. João II, seu antecessor, tinha feito começar a rogos da rainha D. Leonor, estabelecimento este que se conservou com muita grandeza pela avultada renda que lhe deixou el rei D. Manuel, a rainha D. Leonor e os seus augustos successores.

Para o hospital real se fez a trasladação do pequeno hospital de Santo Antonio da Sé, com outros que havia espalhados pela cidade, com diversas denominações, e por isso se ficou chamando ao estabelecimento — hospital de *Todos-os-Santos*(1).

*

* *

O padre Carvalho, na sua *Chorographia*, diz que frei Miguel de Contreiras foi varão de vida admiravel, visitava os carceres, pedia publicamente pelas ruas da cidade esmola para os presos, acompanhava os que padeciam por justiça, servia nos hospitaes, consolava os afflictos, curava os enfermos, sepultava os mortos e finalmente era tão caritativo com os pobres que de todos era respeitado como pae e a todos queria como filhos.

Este proeminente bemfeitor da humanidade falleceu em Lisboa, na edade de 74 annos, aos 29 de janeiro de 1505, no convento da sua ordem, e foi sepultado na capella mór. Os seus ossos se confundiram com os de outros muitos religiosos que ali jaziam de tempos antigos.

Era tanta a negligencia que no reino havia antigamente de conservar a memoria e reliquias de pessoas de reconhecido merecimento, que não ha que espantar da grande ignorancia que temos da sepultura de muitos dignos, e assignalados varões, que nos seculos passados houve em Portugal.

---

(1) Este hospital foi devorado por tres incendios. No dia de S. Simão e S. Judas, no anno de 1601, pela hora e meia da noite; no dia de S. Lourenço, em 1750, no qual se queimou a egreja e algumas enfermarias; em 1755, pelo terremoto, que ficou incendiado e totalmente arruinado. O hospital andou então volante. Foi para o convento do Desterro e voltou para o mesmo sitio no Rocio. Em 1775 é que passou para o collegio de Santo Antão, com o titulo de hospital real de S. José, por doação regia de el-rei D. José, que quiz dar o seu nome ao hospital.

A primeira pedra, do vasto e sumptuoso hospital de *Todos-os-Santos*, foi lançada a 15 de maio de 1492. El-rei D. João II assistiu á cerimonia e por sua propria mão depositou nos alicerces diversas moedas de ouro e prata.

O hospital tinha a frente voltada para o Rocio e occupava o espaço aonde é hoje a praça da Figueira, propriedade, e ruas circumvisinhas. A porta principal era ornada de primorosa architectura gothica, com os *pellicanos* de D. João II e a *esphera armilar*, de D. Manuel.

E já que se commemora a instituição da Santa Casa da Misericordia, não devem ficar no esquecimento os altos feitos da viuva de el-rei D. João II, a rainha D. Leonor, a instituidora do hospital de *Todos-os-Santos*, que, estando como regente do reino, deu a sua plena approvação á obra caridosa do seu confessor, Frei Miguel de Contreiras (1).

Rainha D. Leonor

El-rei D. Manuel, irmão da rainha viuva, tinha ido a Castella com sua mulher D. Izabel, a fim de se fazer jurar principe d'aquelles reinos, na occasião em que se fundou em Lisboa a irmandade da Misericordia.

Quando voltou, approvou o que estava feito, e offereceu logo um conto de réis de renda para tratamento dos orphãos e 500 mil réis para outras obras de caridade.

A rainha D. Leonor é, pois, crédora da nossa gratidão, pois não só abraçou o pensamento caridoso do seu confessor, como «pediu, insinuou, accumulou sobre a sua irmandade beneficente as esmolas e bençãos dos grandes e dos pequenos, e até privilegios dos Summos Pontifices», como diz o sr. visconde de Castilho, na sua *Ribeira de Lisboa*.

E' sabido que nos tempos antigos se permittiam em Lisboa synagogas de judeus, onde estes se juntavam e faziam as suas cerimonias e para que os mesmos se podessem reduzir á fé do verdadeiro Messias Christo Jesus, que duvidavam, mandavam-lhe, em certos dias da semana, oradores sagrados, que lhes faziam longas praticas.

---

(1) O *Diario Illustrado* acompanhou o retrato da rainha D. Leonor com as seguintes linhas:

«É da Santa patrona da Misericordia, que está agora em festa, o retrato que hoje damos.

Foi ella, com o seu coração de oiro, purificado na lucta constante em que viveu contra o meio de terror, creado por D. João II, seu marido, quem ajudou e patrocinou a obra do padre mestre Contreiras, instituidor da Misericordia.

D. Leonor, filha do infante D. Fernando, nasceu em 1458, e casou apenas com 12 annos de edade.

Vendo seu irmão o Duque de Vizeu, assassinado por seu marido, seu fi-

Frei Miguel de Contreiras ia amiudadas vezes prégar á *Judiaria Grande*, que ficava proximo á Magdalena, e era tanto o seu fervor e zelo que seduziu muitos ouvintes á nossa santa fé.

O auctor do *Santuario Marianno* diz que foi frei Miguel de Contreiras, quem obteve da rainha D. Leonor que seu irmão mandasse purificar e consagrar aquella casa em templo christão, dedicado ao Mysterio da Immaculada Conceição,

Garcia de Rezende, na sua *Miscellanea*, diz o seguinte:

Os judeus vi cá tornados
Todos n'um tempo christãos,
Os mouros então lançados
Fóra do reino passados
E o reino sem pagãos.
Vimos synagogas, mesquitas,
Em que sempre eram ditas
E prégadas heresias
Tornadas em nossos dias
Igrejas, santas bemditas.

*
* *

O primeiro compromisso da Irmandade da Misericordia de Lisboa tem a data de 15 de novembro de 1516. Na Santa Casa não existe este compromisso, que ardeu, provavelmente, no incendio succedaneo ao terremoto de 1755. Em seu logar ha um exemplar em gothico, com bellas illuminuras, adquirido no leilão do fallecido marquez de Castello Melhor. Este exemplar tem a data de 27 de abril de 1520.

Pela *Hisioria da Santisima Trindade* vê-se que o compromisso primitivo estava *encadernado em taboas de pau, coberto de velludo azul, com brochas de prata.*

George Cardoso diz ter visto este cumpromisso, que estava assignado pela rainha D. Leonor, el-rei D. Manuel com a rainha sua mulher, a infanta D. Beatriz sua mãe e o arcebispo de Lisboa. Começa assim: *Eterno, immenso e poderoso Deus*, etc.

Este auctor traz, no seu *Agiologio*, uma extensa lista de nomes de 211

---

lho morto n'um desastre, o logar d'este quasi occupado por um bastardo, a rainha fugiu para Setubal, alanceada, quasi morta!

Lá a foi procurar D. João II, finalmente commovido, e lá morreu elle com 40 annos de edade.

Foi então que começou a sua vida de santa, patrocinando obras de caridade e obras de arte, ajudando a um tempo o padre Contreiras, o benemerito, e o poeta Gil Vicente, que para ella escreveu os seus primeiros autos.

Boa, caridosa, querida, veiu morrer a Lisboa, trinta annos depois de ter visto morrer seu marido, legando á posteridade uma obra toda pura e alta, que tem a sua melhor joia na Santa Casa da Misericordia de Lisboa.»

provedores. O primeiro, depois do fundador Frei Miguel de Contreiras, foi D. Pedro de Moura, do conselho de el-rei.

Nos *Documentos historicos da cidade de Evora*, do sr. Gabriel Pereira, encontra-se a copia do compromisso de 1516. A irmandade foi instituida com a invocação de *Nossa Senhora Madre de Deus Virgem Maria da Misericordia.*

O artigo 1.º trata das *Obras de Misericordia*, que se encontram nos cathecismos da doutrina christã, e diz que as mesmas *serão cumpridas quanto fôr possivel.* O seguinte trata da fundação com cem homens de *sã consciencia e honesta vida.* Os irmãos eram obrigados a comparecer quando ouvissem tocar a campainha da Misericordia e a não faltar no dia da Visitação para as eleições, na quinta-feira santa para a procissão de penitentes e no dia de Todos-os-Santos, para dar sepultura em sagrado aos ossos dos justiçados.

Quando fallecia algum irmão os confrades deviam leval-o a enterrar, indo com sayos (capas) e cirios accesos e devendo cada um resar por alma do defunto 5o Padre-Nossos e 5o Ave-Marias.

N'outro artigo trata das visitas aos presos desamparados, que eram feitas duas vezes por semana, ás quartas-feiras e aos domingos.

A irmandade mandava enterrar os mortos, fazendo celebrar uma missa por alma de cada pobre que enterrava. Os irmãos que fossem ao enterro deviam resar por alma do defunto 14 Padre-Nossos e 14 Ave-Marias, representando as 14 Obras de Misericordia. Levavam para isso uns rosarios especiaes, com 14 contas pretas.

No começo a Misericordia tinha tres capellães, um com obrigação de celebrar missa cantada e de prégar em todas as quartas-feiras e os dois de officiarem e irem aos enterramentos.

Tinha duas andas (tumbas) para os justiçados e uma outra para os enterros dos pobres.

Em cada freguezia eram eleitos tres ou quatro confrades para pedirem, aos domingos, depois das missas, pão para os enfermos e necessitados. No fim dos mezes iam provedor e officiaes fazer peditorio pelas freguezias.

No capitulo XVIII se trata dos que padecem por justiça e descreve o acompanhamento com que estes devem sahir da cadeia e manda que logo, ao chegar em frente de qualquer egreja, todos se *assentem em joelhos* e chamem tres vezes pelo Senhor da Misericordia e o irmão que levar o crucifixo o dará a beijar ao penitente para sua consolação. Adeante da bandeira de Nossa Senhora deviam ir todos os meninos das escolas, para rogarem a Deus pelo padecente.

Tambem trata dos que forem aquartejados, cujos quartos eram postos ás portas da cidade (frei Appolinario da Conceição diz na sua *Demonstração Historica,* ter visto quartos dos justiçados expostos nas portas de Santa Catharina) nos pelourinhos ou em outras partes. A Misericordia, ao terceiro dia, ia proceder aos enterramentos d'esses desgraçados. Os restos dos que morriam queimados eram recolhidos n'um lençol e sepultados em sagrado.

Uma das obras de misericordia é remir os captivos. Segundo uma nota que temos presente, no anno de 1626 foram remidos 13; em 1628, 11; em 1628, 14. N'este ultimo anno importaram as remissões em 2:034 cruzados.

— Eram chamados *maniposteiros* os homens que pediam pão e dinheiro

para os presos e pobres, por conta das misericordias. *Os maniposteiros da bulla* eram os que arrecadavam as esmolas d'estas; *os maniposteiros dos captivos* os que cobravam o pertencente ao resgate dos mesmos. Estes foram extinctos por el-rei D. José. Os *maniposteiros* gosavam de diversos privilegios.

A real casa de Santo Antonio de Lisboa tambem gozava de privilegio de ter pelo reino *pedidores de esmolas*, que andavam de monte em monte pedindo para o santo, segundo se vê da previsão de 21 de julho de 1721.

A limpeza das cadeias estava tambem a cargo das Misericordias, que não pagavam imposto de real d'agua pela carne fornecida aos presos.

Em 1621 a Misericordia de Lisboa sustentara nas cadeias 1:049 presos, dos quaes fez soltar 480 e embarcar para degredo 318. As tumbas enterraram 1:541 pessoas e o esquife 263 escravos.

— Em 15 de janeiro de 1775 foi prohibido á Misericordia de Lisboa o dar dinheiro a juros. O principal rendimento da maioria d'estas instituições de piedade, espalhadas pelo reino, era o juro do dinheiro emprestado. O alvará de 23 de junho de 1758 regula a maneira e segurança de emprestar a juros o capital montuado.

O sr. Costa Gooldophim, na sua obra *As Misericordias*, publicada ultimamente, por occasião da commemoração do 4.º centenario da India, apurou a existencia de 215 Misericordias, sendo 202 no reino e 13 nas ilhas, com a receita de 1.290:715$000 réis, o capital nominal de 14.592:519$000 réis e o capital mutuado de 3.146:449$000 réis. Estes estabelecimentos de caridade são na realidade em numero muito superior e a mesma obra cita até a existencia de varias instituições, que ha pelo reino, e que, por falta de elementos, não entraram na lista.

Diz a *Chronica de D. Sebastião* que a princeza D. Joanna, ao regressar a Madrid, ia tão impressionada dos bons effeitos d'esta bella instituição, genuinamente portugueza, que foi n'aquelle reino a instituidora de tão santa caridade.

A instituição da Misericordia espalhou-se com incrivel rapidez por todo o reino, ilhas e possessões, e nas bandeiras d'estes estabelecimentos começou a apparecer o retrato de frei Miguel de Contreiras; porém o tempo, que tudo estraga, fez n'isso mudança e cada instituição, meio seculo depois, pintava nas respectivas bandeiras o retrato do santo mais seu affeiçoado!

Frei Bernardo da Madre de Deus sollicitou e conseguiu, em 1575, que se pintasse nas bandeiras das Misericordias o retrato do seu verdadeiro instituidor, e por alvará de 26 de abril de 1627 se ordenou que as pinturas de todas as bandeiras das Misericordias que ha no reino fossem copia da de Lisboa (1).

---

(1) Frei Miguel de Contreiras esteve n'outro tempo pintado no retabulo da capella da sua irmandade nos claustros da Sé, aonde primeiramente foi instituida; no arco da mesma havia outra pintura; na caixa das esmolas, outra; na capella-mór da Misericordia, no sitio da Ribeira Velha, outra; e em uma bandeira que se achou do tempo antigo, na villa de Serpa, que tinha sido da casa da Misericordia de Lisboa.

O quadro que existe na galeria da Bibliotheca Nacional, cuja copia fi-

A mesa da Misericordia de Lisboa, por acordão de 15 de setembro de 1576, resolveu tambem fazer pintar nas suas bandeiras a figura do seu instituidor, da seguinte maneira:— «á mão direita um papa, um cardeal e um religioso da Santissima Trindade, grave, velho e macilento, de joelhos e mãos levantadas, com estas letras: F. M. I., que querem dizer Frei Miguel Instituidor.»

Quando se extinguio a Companhia de Jesus, foi dado o collegio de S Roque á irmandade da Misericordia, por alvará de 8 de fevereiro de 1768, para ali se estabelecer a roda e hospicio dos engeitados. A trasladação effectuou-se a 1 de julho de 1769, vespera da Visitação, indo encorporadas na procissão as communidades da Trindade, S. Domingos e do Carmo.

A Misericordia acceitou então o patrimonio de cem contos de réis e com elle a obrigação da creação dos expostos.

Por decreto de 31 de dezembro de 1833, foi ordenada a secularisação do convento de S. Pedro de Alcantara. O governo cedeu este convento á Misericordia com obrigação de servir de recolhimento a meninas orphãs.

A Misericordia era tambem um tribunal de conciliação, pois tinha por dever tratar *do modo como se hão de fazer as amisades.*

Ali não se pagava a procuradores, advogados e juizes. E até eram gratuitas as custas do processo!»

— O sr. Barbosa Canaes deixou archivados, nos seus *Estudos Bibliographicos,* os seguintes traços:

«Frei Miguel de Contreiras não conheceu outro meio de empregar o tempo senão exercitando a caridade. Ninguem o viu senão no altar offerecendo o santo sacrificio da missa, sentado no tribunal da penitencia, levantado no pulpito para annunciar as verdades eternas, prostrado diante da divindade orando pelos homens, andando a esmolar de porta em porta para soccorrer os necessitados, visitando os hospitaes para alliviar os enfermos, os carceres para instruir e consolar os presos, advogando a sua causa entre os principes, exhortando os padecentes a morrer conforme a divina vontade e acompanhando os mortos á sepultura; e nenhum homem, por mais elevado que fosse a sua esphera, a começar por el-rei D. Manuel, recusou obedecer á voz do bom sacerdote do Senhor quando ordenava que o seguissem, conduzindo sobre seus hombros aquelle que havia passado d'esta vida. Assim fez o servo de Deus a sua passagem sobre a terra.»

---

gura n'esta obra, pertencia ao convento da Trindade. Segundo se lê na respectiva Chronica estava nas varandas do claustro pequeno; é muito antigo e de valor muito estimavel.

No convento da Trindade, em Santarem, tambem havia um outro quadro. Na obra *Donas e Varões Illustres* vem tambem um retrato de Contreiras, que não tem parecença alguma com a do quadro acima citado. Qual seja o verdadeiro retrato não se póde agora saber. De Vasco da Gama tambem ha uns poucos de retratos, totalmente differentes uns dos outros.

— A irmandade da Misericordia, não tomou a seu cargo, logo que foi instituida, a creação dos expostos, porque já a esse tempo existia, em Lisboa, uma casa de expostos, chamada o *Hospital dos Meninos,* mantida á custa de esmolas e administrada pelo senado. Em 1324 estava essa casa de caridade estabelecida á Mouraria, na rua das Portas de S. Vicente.

Depois de instituido o Hospital de Todos-os-Santos, foi annexado o Hospital dos Meninos a esse estabelecimento, occupando este a parte do edificio que deitava para a estreita rua da Bitesga. A juncção dos dois hospitaes foi feita pelo alvará de 28 de março de 1635. A' administração geral dos expostos se chamava a *Mesa dos Santos Innocentes.*

Só depois do terremoto, a 4 de janeiro de 1768, é que se juntou o hospital dos expostos com a Irmandade da Misericordia, no edificio de S. Roque. O hospital da Senhora do Amparo, que existia por debaixo do hospital de Todos-os-Santos, na rua do Amparo, aonde tinha ermida, tambem passou para a Misericordia e hoje está annexo a este estabelecimento, lado da calçada da Gloria.

A santa casa tinha n'outro tempo duas succursaes para os expostos. Uma na rua de S. Boaventura e outra na rua de S. Bento. N'esta havia collegio, aonde se ensiva a lêr e a escrever. A roda esteve por algum tempo na travessa da Fabrica das Sedas, a S. Mamede.

A respeito dos engeitados, diz uma canção popular:

Não conheço pae nem mãe,
nem n'esta terra parentes,
sou filho das tristes hervas,
neto das aguas correntes.

Os meus paes me abandonaram
foram-se todos os meus,
entre os filhos da desgraça
só tenho a graça de Deus.

— No *Ceu aberto na terra,* publicado em 1697, diz-se que, ao tempo, havia em Lisboa 40 freguezias e perto de 60 mosteiros, além de muitos hospitaes, seminarios, recolhimentos e ermidas.

Já que fallámos d'esta obra, vamos apresentar apontamentos de alguns pontos curiosos.

A primeira irmandade dedicada ao Santissimo Sacramento foi instituida na egreja dos Loyos. Depois é que se crearam pelo reino tantas quantas são n'elle as freguezias.

N'aquella egreja havia dois côros, sendo um d'elles chamado o *côro das rainhas,* pois n'elle assistiam as pessoas reaes aos officios divinos.

Era ali que fazia oração a rainha D. Leonor, mulher de D. João II. As pessoas reaes habitavam nos paços de S. Bartholomeu, que tinha passadiço para o convento, e a rainha assistia quasi perennemente no citado côro.

Quando el-rei D. Filippe III veio a este reino, esteve no eirado do convento dos Loyos, dizendo que aquella era a melhor vista que tinha gozado na sua vida. Outros visitantes accrescentaram que aquelle era o melhor logar do mundo, discorrendo um d'elles da seguinte maneira: — A melhor parte do mundo é a Europa; a melhor provincia é a Hespanha; de Hespanha o melhor reino é Portugal; de Portugal a melhor cidade é Lisboa; de Lisboa o melhor sitio é o eirado de Santo Eloy. — El-rei, affirmam, dissera que nenhuma cousa levaria para Madrid com tanto gosto, se fosse possivel, como aquella vista.

Tratando da maneira esplendorosa como em Lisboa eram feitas as festividades religiosas, a citada obra apresenta o seguinte raciocinio: — Se a França é o corpo da egreja catholica, a Italia é o cruzeiro, a Hespanha a capella-mór, Portugal o sacrario; d'este sacrario é Lisboa o cofre preciosissimo, porque é incomparavel o fervor e zelo com que o Santissimo Sacramento é servido e venerado n'esta cidade.

— O provedor da Misericordia e os irmãos eleitos para servirem em mesa, confessaram-se e tomaram todos juntos o santo sacramento da communhão, no dia 2 de Julho, e que a egreja resa da Visitação de Nossa Senhora. E o mesmo faziam em Quinta-feira da Ceia; no dia do Nascimento da Virgem, a 8 de Setembro; e a 8 de Dezembro, no dia da Immaculada Conceição. As confissões e communhões de obrigação eram quatro em cada anno.

— N'outro tempo, as Misericordias tinham boticas por conta propria. Os praticantes d'esses estabelecimentos eram isentos do serviço militar.

— A receita da Misericordia de Lisboa, em 1894 95, foi de 230:257$570 réis, e na despeza figurava a creação de expostos

com 104 contos, a dos hospitaes do Amparo e Sant'Anna com 6 contos e 400 mil réis, a do Recolhimento dos orphãos com 11 contos e 900 mil réis, a dos presos com 2 contos e 600 mil réis, a Sopa de caridade com 25 contos, o subsidio de renda de casas com 6 contos e 400 mil réis, e as visitadas com 8 contos e 700 mil réis.

— O provedor da Misericordia e os cem irmãos, deviam estar presentes ás vesperas e officios por alma de el-rei D. Manuel, nos dias 12 e 13 de Dezembro de cada anno, e bem assim a 16 e 17 de Novembro por alma da rainha D. Leonor. Tambem n'outro tempo se levava a effeito officio e missa por alma da rainha D. Maria a 27 de Março, e missa cantada a 7 de Junho, dia do nascimento de D. João III, sendo esta da Visitação de Nossa Senhora quando foi visitar Santa Izabel — «para que suas altezas, principe e infantes, sejam visitados com a sua graça e os irmãos rogarem que lhes conceda longos dias de vida, augmentando seu real estado em tal maneira que seus reinos sejam bem regidos com amor e justiça e finalmente acabem em seu santo serviço.»

A Misericordia de Lisboa ainda em todos os annos faz celebrar exequias solemnes por alma de el-rei D. Manuel e da rainha D. Leonor.

— O sr. Costa Goodolphim, no seu apreciavel livro *As Misericordias,* depois de mostrar o estado de abandono a que chegou a administração da Misericordia de Lisboa, que em 1834 apresentava uma divida activa de mil e duzentos contos de réis, escreve o seguinte:

«Ás commissões succederam os provedores, cargos officiaes, de nomeação regia.

«Nobres e mechanicos deixaram de estar reunidos para a pratica das obras de caridade.

«O seu compromisso, que era o codigo da instituição, foi substituido por decretos e portarias.

«O primitivo exemplar nem sequer estava archivado, como recordação dos tempos idos.

«Mas ficou a sua historia em traços luminosos, apontando o que foi a Misericordia de Lisboa, e seus tempos aureos, de tão fervorosa fé no amor da caridade. Tudo o correr dos seculos modifica e até esquece.

«Os grandes monumentos, porém, ainda que derribados, deixam sempre um grande rastro. Das suas ruinas ergue-se a voz do passado.

«Passou a uma nova feição a Misericordia de Lisboa, e os serviços hoje prestados não são de certo menos distinctos e menos dignos de applauso.

«Os novos provedores têem sabido cumprir a sua missão com disvelado affecto e dedicação.

«Parece que a sombra do trinitario e a alma formosa da rainha D. Leonor encaminham e dão força aos que por dever têem de dirigir aquelle estabelecimento, que aos orphãos ampara e aos desvalidos conforta.

«E' que pensamento tão alevantado não se estiola como a flôr, robustece-se com o tempo. Vive atravez das gerações, sempre grande e luminoso, tem um grande templo, que é a alma, aonde estão escriptas as eternas verdades, boas e infinitas, que são Deus e caridade.—*Deus caritas, Deus veritas.*»

—Entre os nomes dos bemfeitores, que deixaram bens á Misericordia de Lisboa, figura n'uma relação de 1621, o de D. Simôa Godinho, que fundou a capella, hoje a principal, da Conceição Velha.

—No Porto, a primeira irmandade da Misericordia, foi fundada em 1499, no claustro da Sé, na capella de Nossa Senhora da Encarnação.

A fundação da Misericordia, em Santarem, data de 1502. No anno seguinte cedeu D. Manuel a este estabelecimento os privilegios da de Lisboa.

A Misericordia de Leiria data de 1544. A invasão franceza destruiu o cartorio d'este estabelecimento. Um boi, custava ao tempo da instituição 1$500 réis!

—Dois irmãos da irmandade da Misericordia foram a Almada, em 1581, cumprimentar D. Filippe II de Hespanha, quando este monarcha visitou Portugal. Quando chegaram ajoelharam e beijaram a mão ao rei, dizendo que ali iam pedir a protecção regia. D. Filippe accedeu logo ao pedido, e quando os dois, depois de agradecer a mercê, iam a sahir tornaram a ajoelhar. O rei então lhes disse, conta Nicolau de Oliveira: — «*Tendo-vos que se quando chegastes me beijastes a mão como a vosso rei, agora que sou vosso irmão, não tendes para que useis da mesma cerimonia.*»

X

A antiga egreja da Misericordia

O que diz Lavanha na sua obra.—As vendedeiras de flores.—A Tatuagem.—A primitiva irmandade da Misericordia.—A procissão de 2 de julho.—O painel da tribuna principal.—Vê-se que a egreja primitiva da Misericordia foi edificada na praia.—O Asylo feminino.—Os bens dos jesuitas.—Versos de Rezende.—A capella antiga, que escapou ao terremoto.—A festa em 1594.—O acompanhamento dos padecentes á forca.—Irmandades de mendigos.—A procissão de 1717.

João Baptista Lavanha falla, na sua obra, *Entrada de Filippe II em Portugal,* da egreja e irmandade da Misericordia. Vejamos o que diz este auctor:

«No dia 1.º de Julho, foi el-rei D. Filippe II ouvir vesperas á egreja da Misericordia, dedicada á Visitação de Nossa Senhora, cuja festa se celebra a 2. El-rei ia acompanhado dos fidalgos portuguezes, com sua guarda ordinaria e com a que costuma servir aos vice-reis, a qual por vestir de negro ia adiante e serviu a princeza e infantes emquanto suas altezas estiveram em Lisboa.

«E' esta egreja de excellente fabrica de uma confraria chamada Irmandade, a mais assignalada da Europa, que na Sé d'esta cidade foi primeiro instituida no anno de 1498, pelo padre mestre Frei Miguel de Contreiras, religioso da Santissima Trindade e confessor da rainha D. Leonor, viuva de D. João II e por outras pessoas devotas, cujos primeiros estatutos confirmou el-rei D. Manuel e d'ella foi irmão, como depois o foram todos os reis, rainha e infantes d'este reino. Da Sé se passou esta Irmandade á egreja aonde agora está no anno de 1534, a qual foi edificada de esmolas, a maior parte das de el-rei D. Manuel e da rainha D. Leonor sua irmã.»

— A irmandade da Piedade tinha sido fundada, na sua capella do claustro da Sé, em 1230, reinando D. Affonso III, e seus piedosos fins eram enterrar os mortos, visitar e soccorrer os enfermos e encarcerados e acompanhar os miseraveis que no patibulo iam expiar suas culpas.

Na bandeira da Misericordia de Lisboa, ainda, de um dos lados, se vê a imagem de Nossa Senhora da Piedade, para recordar esta antiga instituição. A excellente obra que está sendo publicada, *Historia do culto de Nossa Senhora em Portugal,* traz em gravuras as duas faces da actual bandeira d'aquella instituição de piedade.

— A antiga egreja da Misericordia tinha á entrada um grande adro (mais adeante se fallará d'elle), e para ali vinham diariamente as camponezas dos arrebaldes vender flôres. Tambem por ali se vendiam passaros, gazetas e ferros velhos! Da fronteira da actual egreja da Conceição Velha, ainda ha poucos annos, se tiraram das juntas das cantarias centos de pregos, do tempo que ali se dependuravam cousas velhas para venda (1).

N'uma descripção antiga, diz-se que era n'aquelle sitio que os *mestres de tatuagem* exerciam a sua industria, que consistia em fazer desenhos pelos corpos das creaturas, por meio de picadas de agulhas embebidas em tinta e polvora.

Antigamente, os homens do mar, principalmente estes, usavam muito os taes enfeites pelo corpo, feitos a tinta azul, representando corações, flôres, signos, imagens, lettras, etc.

— A primitiva Irmandade da Misericordia era composta de 100, depois de 300 e mais tarde de 620 irmãos, sendo 300 nobres, 300 mechanicos e 20 letrados.

Governava-se por um provedor sempre fidalgo, escrivão, thesoureiro, 2 conselheiros e 6 irmãos nobres e outros 6 mechanicos.

Duarte de Leão diz que a egreja tinha 60 capellães, que re-

---

(1) A feira da *ladra* foi primitivamente no Chão da Feira, junto ás muralhas do Castello. Veio depois estabelecer-se na Ribeira, aonde estava a egreja da Misericordia, no primeiro quartel do seculo XVI, e depois d'esse seculo passou para o Rocio, aonde se fez até 1809. Depois estabeleceu-se na rua Occidental do Passeio Publico, desde a rua do Principe até á Praça da Alegria. Em 1823 passou para o Campo de Sant'Anna, e em Junho de 1882 foi parar ao Campo de Santa Clara, aonde está presentemente.

savam no côro as Horas Canonicas, com mais de 100$000 réis cada um. A irmandade administrava o Hospital Real de Todos-os-Santos e a ermida de Nossa Senhora do Amparo, em que se diziam annualmente 20 mil missas e perto de 40 mil na egreja da Misericordia (1).

— El-rei D. Manuel mandou que o dia 2 de Julho, em que a santa egreja solemnisava a Visitação de Nossa Senhora, que as Misericordias tomaram por Orago, fosse celebrado com uma solemne procissão em todas as cidades e villas do reino.

Durante muitos annos a procissão ia da Sé á Misericordia e voltava de novo á Sé.

— O padre Antonio Vieira prégou em 1655, na egreja da Misericordia, o celebre sermão do *Bom Ladrão*.

— Na bocca da tribuna da antiga Misericordia havia um painel representando a vinda do Espirito Santo, pintado em 1534 por Gaspar Dias, segundo d'isto faz menção Pedro Guarenti. E' d'este auctor o painel de S. Roque, que existe na actual egreja da Misericordia.

— Ainda no seculo XV o muro que ficava sobre a praia era no sitio aonde hoje estão as propriedades do lado do norte da rua dos Bacalhoeiros. Tudo em frente era rio, e um pouco ao nascente era na praia o mercado da Ribeira, aonde tinha havido um estaleiro em tempos mais antigos (2).

O templo da Misericordia e seus recolhimentos foram edificados nos terrenos roubados ás aguas, assim como o Terreiro do Pão, que lhe ficava em frente.

Da Porta de Ferro, junto de Santo Antonio da Sé, descia o

---

(1) Em 1621 disseram-se na Misericordia 127:578 missas, e nos hospitaes de Sant'Anna, Senhora do Amparo e Recolhimento das Donzellas 5:749.

(2) O primeiro arsenal que houve em Portugal, digno d'esse nome, foi mandado construir por el-rei D. Fernando no sitio hoje chamado *Ribeira Velha*, que então era um vasto terreiro, que se estendia por fóra da cêrca de muralhas e banhado pelo rio. Eram ali as falladas *Tercenas navaes*. Em tempos, ainda mais antigos, houve ali um estaleiro, aonde foram construidas as embarcações do estado, ao tempo de el-rei D. Sancho II.

D. Affonso V foi quem mandou construir embarcações de guerra no sitio aonde hoje está o arsenal da marinha. D. Manuel augmentou este estaleiro e deu-lhe fórma regular. Até 1755, chamou-se a este arsenal *Ribeira das Naus*. Annexo a elle existiu o deposito dos petrechos de guerra, que no reinado de

muro á rua das Canastras e ali ficava a Porta do Mar, a que chamavam *Postigo da rua das Canastras;* depois havia a Porta do Mar, a S. João, fronteiro ao chamado *Caes de Santarem,* e ahi era o logar das execuções dos reus condemnados á pena ultima. Foi a este logar, segundo a lenda, que veio Santo Antonio salvar o pae da morte, que injustamente ia a padecer. Por cima do arco esteve n'outro tempo um painel com o retrato do thaumaturgo. Todas essas *Portas do Mar* iam dar á praia.

Ha quem diga que no logar aonde foi construida a Misericordia estava em outras épocas a *Torre da Escrevaninha,* que existiu, mas que não se sabe bem em que sitio. Não é provavel que a tal torre fosse construida na praia, fóra do cinto das muralhas da cidade. Se existiu ali proximo, foi construida nas proprias muralhas, para serviço de atalaya, como existiram outras torres de que ainda restam fragmentos em differentes pontos da cidade. As nossas pesquizas levam-nos, porém, a crêr que n'aquella praia nunca se tinha levantado qualquer outro edificio de pedra e cal. O Terreiro do Paço era n'outro tempo praia, a continuação da praia da Ribeira. Foi D. Manuel quem mandou fazer o aterro, como diz Damião de Goes, ao affirmar que aquelle sitio *era todo praia, o que se fez com grande trabalho e despeza até se ganhar ao mar.*

— O *Seculo* publicou, no seu n.º 6:702, um artigo illustrado com o titulo *Lisboa antes da conquista christã,* extrahido de um trabalho do sr. Augusto Vieira da Silva. Veio a proposito. A nossa mesa de trabalho é um laboratorio chimico. Dos extractos fazem-se extractos.

«Da Porta do Ferro continuava a muralha descendo em direcção ao Tejo, ao longo da antiga rua da Padaria, que seguia approximadamente o traçado da

---

D. João III tinha armamentos para 40 mil homens de infanteria e 3 mil de cavallaria, além de muitas peças de artilheria.

No local aonde tinham sido as *Tercenas navaes,* de D. Fernando I, foi mais tarde occupado pelo *Pelourinho Novo,* e depois pela *praça da Ribeira,* que durante muitos annos foi o principal mercado de Lisboa, e aonde se vendiam em barracas os generos que hoje se vendem na praça da Figueira. Depois do terremoto esteve ali a antiga alfandega municipal e os mercados do carvão e azeite. As novas mesas de despacho da alfandega occupam o logar das antigas tabernas da Ribeira, que officialmente tinham o nome de *Malcosinhado.* Com as obras do Porto de Lisboa está por ali tudo mudado. No caes da antiga Ribeira estão hoje construidas diversas propriedades, a repartição da Contrastaria e uma das Cosinhas Economicas.

moderna rua que tem a mesma denominação. As casas que a ladeavam pertenciam de um lado áquella rua, do outro á antiga rua das Canastras, de que apenas resta uma pequena extensão, que é o beco do Arco Escuro.

Pouco antes de chegar á actual rua dos Bacalhoeiros, e proximo do Arco Escuro, formava a muralha um angulo recto para nascente, e seguia ao longo da citada rua, do Campo das Cebolas e da rua do Caes de Santarem até ao extremo oriental do chafariz d'el-rei.

No tempo da construcção da cerca batia o mar n'esta muralha, ou pelo menos havia na sua frente apenas uma pequena praia. N'esta extensão ainda se conserva parte dos muros, que se conhecem especialmente no interior das lojas da rua dos Bacalhoeiros, entre o Arco Escuro e o Arco das Portas do Mar.

Desde um até ao outro extremo da fortificação ao longo da Ribeira foram-se construindo palacios e casas de fidalgos, encostadas, ou melhor, a cavallo no muro; d'estas adquiriu grande nomeada a Casa dos Bicos, cujas lojas e sobrelojas resistiram ao terremoto de 1755.»

E mais adeante:

«Para a Ribeira de Lisboa communicava-se por varias portas, que caminhando de oeste para leste constituem hoje o Arco Escuro, o Arco das Portas do Mar, o Arco de Jesus, e o começo inferior da travessa de S. João da Praça, n'outros tempos Porta do chafariz d'el-rei. D'estas todas, porém, apenas o Arco de Jesus remonta, com probabilidade, á construcção da cerca, ou melhor, marca o sitio em que existiu uma das suas portas militares.

Perto do vertice sud-oeste da cidade existiu uma torre a que chamavam da Escrevaninha. Não se lhe póde precisar o sitio, mas devia ficar approximadamente na visinhança da capella mór da actual Egreja da Conceição Velha. Conjectura-se que foi demolida quando no principio do seculo XVI se construiu a Egreja e o Recolhimento da Misericordia.»

— O asylo feminino que existia junto á Misericordia assentava sobre 16 arcos, como os que havia antigamente no Rocio, rua Nova e em outras partes da cidade.

As lojas eram allugadas a vendedeiras do Terreiro de Trigo, e a rua tinha o nome: — *Rua dos Arcos da Misericordia.* Era a antiga *Portagem.*

— Em 31 de janeiro de 1775 foram concedidos á Misericordia de Lisboa os bens que os jesuitas possuiam no largo de S. Roque.

— Garcia de Rezende escreveu, a respeito da instituição da Misericordia, os seguintes versos:

Vimos tambem ordenar
a Misericordia santa,
coisa tanto de louvar,
que não sei quem não se espanta
de mais cedo não se achar;

soccorre a encarcerados,
e conforta os justiçados,
a pobres dá de comer,
muitos ajuda a suster,
os mortos são enterrados.

— A capella do Espirito Santo, da antiga egreja da Misericordia, hoje capella-mór da Conceição Velha, passou a capella do Santissimo em 1594. Esta capella ficou de pé por occasião do terremoto de 1755 (1) e ao desamparo durante 5 ou 6 dias, em que durou o incendio. Os padres continuaram depois na capella a exercer os actos do côro e assim até ao dia de S. Thomé, em que houve um novo tremor de terra, e então, com medo, passaram para uma barraca da freguezia de S. José, aonde só um dia rezaram. O prelado aproveitou a mesma barraca para mandar para ali a communidade da basilica de Santa Maria. Os padres capellães da Misericordia passaram então para a ermida do Bom Successo, na Calçada do Lavra, e ali rezaram até setembro de 1756, segundo o que escreve Baptista de Castro no seu *Mappa de Portugal.*

Os padres da Misericordia estiveram depois na ermida de S. Pedro, a Valle de Pereiro, e ainda na de S. Vicente Ferrer, ás Olarias. As orphãs, não se achando bem acommodadas n'um edificio á Bica do Sapato, passaram para a rua dos Anjos, defronte da Travessa do Desterro, aonde estiveram até ao S. João de 1756, passando depois para a Calçada de Santo André, e em 1762 para o collegio de Santo Antão.

— O poeta Quita trata do grande terremoto de 1755. Ahi vão alguns versos:

Quando a terra as entranhas revolvendo,
Com forte impulso, com estrondo horrendo
Dentro em seus proprios ambitos se abala;
E em medonhas gragantas toda estala;
Move-se o monte, move-se a cidade,
Como as ondas na grande tempestade,

---

(1) Conta o conhecido pharmaceutico, o sr. commendador José Tedeschi, que hoje tem mais de 80 annos de idade, que uma sua avó escapou milagrosamente do terremoto n'esta capella, aonde se encontrava na occasião do cataclysmo.

Da imminencia da terra se despenha
Em pedaços desfeita a tosca penha;
Rodam uns para o valle e vão matando
O rebanho, que andava ahi pastando:
Ficam outros abertos e entalados
Na destroçada rocha desbruçados.

. . . . . .

Caem os templos, os porticos se abatem,
Os muros com os muros se combatem;
O edificio, que foi mais levantado
Mais horroroso acaba destroçado,
E aos homens este estrago, esta desgraça
A uns sepulta, a outros despedaça.

— O *Agiologio Lusitano,* de George Cardoso, falla na festividade que houve na egreja da Misericordia a 19 de Maio de 1594, em quinta feira da Ascenção, para a collocação do Santissimo Sacramento na capella do Espirito Santo. A solemnidade foi feita a expensas de D. Luiz de Lencastre e com licença do arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro.

— No tomo IV do *Panorama* se diz que em 1598 o convento da Cartuxa, de Laveiras, proximo a Caxias, foi fundado na quinta que fôra de D. Simôa Godinho, mulher de côr preta, mas muito rica, e principal da ilha de S. Thomé, que tinha casado com um fidalgo portuguez, e enviuvando sem successão veio a este reino, e por sua morte distribuiu em obras pias os seus cabedaes.

É a esta dama que se deve a construcção da actual capella-mór da Conceição Velha.

— Como curiosidade diremos que os monges da Cartuxa não se alimentavam de carne de vacca ou de outra qualquer de uso commum. Quando estavam doentes tomavam caldos de kágados, para o que tinham tanques ou viveiros cheios d'elles. Usavam a cabeça rapada, vestiam um habito de borel branco quasi sem feitio, só podiam fallar em certos e determinados dias, não admittiam musica nos templos e as mulheres não podiam entrar em suas egrejas. Esta Ordem foi introduzida em Portugal em 1587.

— A irmandade da Misericordia tinha por dever acompanhar os padecentes á forca. Vamos extractar o que a tal respeito encontramos n'uma descripção antiga, que temos presente, mas que pécca por ser muito extensa.

No dia em que a sentença era publicada ia um sacerdote

confessar e consolar o penitente; no dia seguinte havia missa na cadeia, para o mesmo commungar; e no terceiro dia mandava-se correr pela cidade as *insignias dos penitentes*, que eram umas bandeiras, que de um dos lados tinha pintada uma figura de homem vestido com uma alva e do outro lado uma figura de mulher no mesmo traje. Ia para deante a figura da pessoa que havia de padecer. Isto tinha por fim juntar as pessoas que por devoção queriam acompanhar o penitente e mandar-lhe a veste de linho branco, com que devia ir para o cadafalso,

No dia em que o penitente ia a morrer sahia a irmandade da Misericordia com 8 capellães, levando adeante um homem a tanger uma campainha e a bandeira entre dois cyrios.

Quando o penitente sahia da prisão punham-se todos de joelhos e o capellão dava-lhe o Christo a beijar e resavam a ladainha até ao dizer: — *Santa Maria, ora pro nobis.* Ao chegar a este ponto todos se levantavam e o prestito seguia ao seu destino, indo o crucifixo junto ao padecente e os pregoeiros da justiça adeante da bandeira. Os capellães iam pelo caminho cantando a ladainha.

Quando o padecente chegava á Porta de Ferro, que era no largo da Sé, por onde se sahia da cidade antiga e sobre a qual havia uma ermida da invocação de Nossa Senhora da Consolação, estava a missa preparada de modo que o padecente podesse assistir ao levantar da Hostia e do Calix, para pedir perdão a Deus (1).

No logar do supplicio o capellão lhe dava outra vez a Cruz a beijar, cantando os capellães: — *Ne recorderis Domine, etc.* e lançando-lhe agua benta.

No fim do dia sahia novamente a irmandade a dar sepultura ao justiçado, conforme a qualidade de sua pessoa. A mesma ir-

---

(1) A missa dizia-se, em tempos ainda mais antigos, debaixo de um arco de pedra, que existia junto á torre da Sé, do lado do mar, isto quando a cadeia era no Castello, e o logar das execuções o sitio onde foi edificada a egreja parochial de S. João da Praça.

Na capella de Nossa Senhora da Consolação que estava por cima do arco aberto nos muros da cidade, e conhecido pelo nome de *Porta de Ferro*, havia missa cantada todos os domingos e dias santificados. N'outro tempo podia-se mandar cantar missas. Estas eram pagas a 70 réis! Hoje, o celebrante, em festas solemnes, costuma receber pelo menos, 2$500 réis.

O arco da *Porta de Ferro* foi demolido em 1782.

mandade, no dia de Todos-os-Santos, á tarde, costumava sahir encorporada e ir buscar ao Campo de Santa Barbara os ossos dos enforcados, para dar aos mesmos sepultura em sagrado.

— Os mendigos, em tempos passados, tinham em Lisboa duas irmandades (1). Uma d'ellas era a dos cegos, na egreja parochial de Santo André, e a outra a de Santo Aleixo, na egreja da Misericordia. Estas irmandades concorriam ás mais notaveis funcções de devoção ou jubilo, levando nas mãos cannas verdes, insignia esta que costumavam usar os que acompanhavam os *imperadores do imperio* (2), e tão antiga que teve o seu começo entre os annos de 1282 e o de 1336.

Frei Appolinario de Azevedo trata na sua obra d'estas irmandades, e provando a existencia das mesmas diz ter encontrado escriptas diversas descripções de festejos, em que entravam os mendigos.

Em 21 de maio de 1639 foi recebido na egreja da Misericordia, e levado em procissão á Sé, o arcebispo D. Rodrigo da Cunha, quando veio de Madrid.

---

(1) Em 1552, andavam por Lisboa mais de 2000 pobres, pedindo esmola de porta em porta, e ganhavam cada dia, uns por outros, dois vintens. Era preciso licença para pedir esmola, mas o maior numero andava sem licença.

Ribeiro Guimarães diz no seu *Summario* que os mendigos tiveram em Lisboa tres confrarias, e accrescenta que antigamente se considerava necessaria a mendicidade ou mendignidade, para que podesse haver caridade. E exclama: Que valor teria o caldeirão dos conventos se não houvera mendigos? Dizia-se com ergulho, tantos mil pobres recebem a caridade do caldo das portarias dos conventos, mas ninguem sentia a necessidade de crear e estabelecer hospicios para recolher os mendigos. A mendicidade era inherente á existencia dos conventos, era portanto natural animal-a e protegel-a. Sem mendigos os frades deixavam de ser caritativos. Muita gente se lembrará do grande numero de mendigos que vagueava por essas ruas antes de 1834, e que todos os dias, pelo meio dia, se juntavam nas portarias dos conventos. Todos se recordam das ascorosidades que em constante exposição e no meio de grandes alaridos percorriam a cidade. Era um espectaculo ignobil e um documento tristissimo da atrasada civilisação d'esses tempos.

(2) Fallámos nos *Imperadores do Imperio*. É bom que se diga o que isso era. No domingo de Paschoa entrava na egreja a creança que devia ser o imperador acompanhada de mais outras creanças que eram os reis, quatro pagens, nobreza e povo. O padre coroava o imperador e os reis e assim iam na procissão da Resurreição. De tarde o imperador dava volta pelo povoado, acompanhado de trombetas e de grande multidão de povo com cannas verdes nas

D. Manuel Caetano de Andrade diz a respeito d'esta procissão o seguinte:

«O que fez que esta procissão fosse em glorioso triumpho d'este prelado foi que iam n'ella todos os pobres da cidade, com cannas verdes na mão, mudas as linguas, mas chorando os olhos e saltando os corações de alegria.»

Por occasião da chegada das santas reliquias á casa professa de S. Roque, sahiu, a 27 de janeiro de 1588, uma procissão da egreja da Misericordia e se dirigiu áquelle templo.

O licenceado Manuel de Campos diz que as mulheres iam de uma parte e os homens de outra com cannas verdes nas mãos, com capella de canto de orgão e charamellas. A imagem de Santo Aleixo foi levada em charola pelos seus confrades, e diz o citado auctor: — «cousa muito nova e de grande consolação vêr quasi todos os pobres de Lisboa juntos em piedoso exercicio irem visitar as santas reliquias.»

O padre jesuita Ignacio Martins (1), o conhecido auctor da *Cartilha*, que ainda se vende aos milhares de exemplares (a 100 réis, encadernada) começou depois a sahir com os meninos que aprendiam a doutrina, formados a dois e dois. No dia de Santo Aleixo, a 17 de julho, iam em procissão de S. Roque á egreja da Misericordia. O bom do padre gostou de vêr os pobres armados de cannas verdes e por isso arranjou tambem canninhas para os seus meninos, e a moda pegou, a ponto da procissão se tornar notavel pelo grande acompanhamento que chegou a levar, pois iam n'ella todos os collegios da capital. Os meninos passaram de-

---

mãos. As damas do imperador tinham dote para casamento. Voltava o imperador de novo á egreja a offerecer a corôa e um sacerdote de novo lh'a entregava, havendo então grandes festas, e assistindo a ellas o heroe principal no seu throno, com docel. E todos os domingos havia festas até ao do Espirito Santo, que era quando se celebrava a festividade principal, com mais ou menos explendor, conforme as forças pecuniarias dos festeiros.

Conta-se que foi el-rei D. Diniz e sua esposa a rainha Santa Isabel, os instituidores da festa do Imperio do Espirito Santo, no convento franciscano da villa de Alemquer.

Em Lisboa, ainda não ha muitos annos, se fizeram grandes festas ao Imperio na Lapa e na Esperança, e ultimamente em Cascaes.

(1) O padre Ignacio morreu em cheiro de virtude, em 1598, segundo se lê na *Bibliotheca Lusitana*.

pois a ir formados e armados com pequenas armas de fogo, bastões e velas e poucos levavam cannas, e esses mesmos eram os mais pobres. Iam alguns montados em cavallos, com fatos enfeitados, outros levavam andores, instrumentos e invenções diversas. E isto chegou a tal ponto que em 1750 os paes queixavam-se da muita despeza que faziam com os filhos, para dignamente os apresentarem na tal procissão, que ao tempo já não ia á Misericordia mas sim á Sé.

— Na procissão do Corpo de Deus, feita na Lisboa Occidental, em 1717, iam 14 irmandades do convento de S. Francisco, 12 da Trindade, 12 de S. Domingos, 10 do Carmo, 9 de S Julião e 6 de S. Roque, além de muitas outras. De S. Domingos ia a irmandade de Santo Christo dos Passos, cuja imagem está presentemente na Conceição Velha; de S. Paulo, a irmandade de Nossa Senhora da Boa Virgem, dos Soldados; de S. Nicolau, a irmandade do Menino Perdido e a de Nossa Senhora das Mercês. O orago d'esta ultima está na Conceição Velha. Na procissão figurou tambem a irmandade da Madre de Deus, da ermida de S Sebastião da Padaria. A da Magdalena e a de Nossa Senhora dos Martyres iam em duas alas, dando-se a mão direita á irmandade dos Martyres.

As irmandades receberam ordem para estar n'esse dia na Sé, ás 6 horas da manhã!

— Na noite de quinta feira santa era costume sair da antiga egreja da Misericordia uma procissão de penitencia, que tinha por fim visitar as egrejas e sepulchros onde estava o Santissimo Sacramento. Era chamada a procissão das endoenças ou dos fogaréus, e segundo um antigo compromisso devia sair ás 2 horas da tarde, indo adeante a bandeira da Misericordia levada por uma irmão nobre, acompanhado de outros dois irmãos, um nobre e outro official, com tocheiros.

Eis o que encontrámos na *Estatistica de 1552*, existente em manuscripto, letra gothica, na Bibliotheca Nacional:

«Partem na quinta feira os irmãos em anoitecendo e vão pela Rua Nova ter a S. Francisco e d'ali passam á Trindade e descem ao Carmo, e d'ali vão a S. Domingos e tornam pelo Rocio, Praça da Palha, Rua das Arcas, Correaria até á Sé, e da Sé tornam á Misericordia, gastando n'isso até á meia noite e ás vezes até á uma hora.

«Os irmãos serão sempre de 250 até 300 e todos vão vestidos com as

suas vestimentas pretas e postos em ordem de procissão com as suas velas na mão.

«Diante d'elles vão 800, 900 até 1:000 homens e mulheres disciplinando-se, os quaes todos vão vestidos de vestimentas pretas e assim homens e mulheres se ferem com as disciplinas, que tiram muito sangue. Esta procissão vae repartida em tres ou quatro estancias e entre uma e outra um retabulo ou Christo posto na cruz, e no meio vão 10 ou 12 irmãos com suas varas regendo-os e mettendo-os na ordem.

«Entre estes disciplinantes vão muitos homens com barras de ferro e cruzes de pau grandes ás costas; e para claridade da gente levam 50 pharoes de fogo, em que gastam dois mil novellos de fiado de tomentos engraxados em borras de azeite e cebo para darem bom lume, os quaes pharoes vão postos em hasteas muito compridas e altas, e levam 30 lanternas muito grandes, mettidas tambem em hasteas com velas dentro accesas; e os irmãos que regem, trazem nas mãos quantidades de velas, para tanto que faltar proverem de outras. Levam mais 30 homens bacias nas mãos, cheias de vinho cosido, e os disciplinantes molham e lavam n'elle as disciplinas, porque lhes apertam as carnes.

»Da mesma maneira vão 10 ou 12 homens com caixas de marmelada feita fatias, as quaes mandam muitas pessoas fidalgas, que dão aos penitentes; e levam outras de confeitados e cidrão, para os que enfraquecerem soccorrer-em-lhes com um bocado; e vão uns outros tantos homens com quartas de agua e pucaros nas mão, dando agua as que n'ella têem necessidade. E tanto que chegam á Misericordia estão physicos que espremem as chagas dos penitentes, e lh'as lavam com vinho para isso confeccionado, e os apertam e vestem, e se vão curados para suas casas.»

— Diz ainda frei Nicolau de Oliveira:

«Quem fôr todos os dias aos degraus da egreja da Misericordia achará de 15 até 20 moças vendendo boninas e flores, assim soltas como em ramilhetes e capellas, que fazem por extremo bem feitas, e d'estas se gastaram em quatro egrejas, em que se festejou o segundo domingo de agosto de 1620, tres mil capellas e dois mil e tantos ramilhetes, afóra muitas boninas soltas e mangericões e belverdes, e se ouvessem mister no mesmo dia outros tantos se acharão e muitos mais.»

— A ossada de Affonso de Albuquerque, mandada vir de Goa, por seu filho, foi depositada na egreja da Misericordia, em acto successivo ao seu desembarque em Lisboa, a 6 de abril de 1566. D'aqui foi levada depois com grande pompa e solemnidade a 19 de maio para o convento da Graça, da Ordem de Santo Agostinho dos Ermitães, e sepultado na capella-mór, recebendo os frades por essa graça 50 moios de trigo de juro. Nas exequias foi panegyrista frei Sebastião Toscano, prégador de el-rei D. João III.

Segundo diz Damião de Goes, acompanharam esta ossada, da egreja da Misericordia até ao mosteiro onde jaz, os irmãos d'esta confraria, e as ordens de Santo Agostinho e S. Francisco da Observancia e os conegos e cabido da Sé de Lisboa e capella real d'el-rei, nobreza do reino e grande parte do povo da cidade.

—A Misericordia, em 1620, tinha um esquife para o enterro dos escravos e pobres das portas. Era levado por 4 homens, e o capellão acompanhava sempre os enterros.

Para o enterro de pessoas importantes ia a *tumba*, que occupava 18 homens, a saber:—4 ás tochas, 6 ás argolas, 3 á bandeira, 1 á vara, o capellão, o irmão official, um homem que ia pedindo para as obras de misericordia e um vestido de azul que ia tangendo uma campainha.

A *tumba* não tinha preço certo. A Misericordia acceitava a esmola que lhe queriam dar.

Tambem havia uma *tumba* especial para os irmãos.

As bandeiras eram 3.

—Antigamente as irmandades e confrarias iam encorporadas buscar a cêra precisa para o gasto do anno a outra egreja ou a alguma praça publica. A cêra era collocada em cima de um bufete. Esta costumeira durou até aos meiados do seculo XVII.

—Frei Appolinario da Conceição diz que a antiga egreja da Misericordia era sagrada. Ao seu tempo eram sagradas, além d'esta, as seguintes egrejas:—Patriarchal, Sé, S. Domingos, Carmo, Santa Marinha, Loreto, Necessidades, S. Lourenço e S. Sebastião da Padaria. As egrejas dos Martyres e S. Braz não tinham cruzes nas portas e paredes, signal indicativo da sagração, mas dava-se como certo que tambem o tinham sido.

XI

A actual egreja da Conceição Velha

Descripção da actual egreja da Conceição Velha.—As imagens.—Paramentos e alfayas.—Quem foi o architecto.—O actual frontão.—A rua dos Bacalhoeiros.—Nossa Senhora do Populo.—Uma reliquia da Misericordia no museu do Carmo.—A frontaria actual da egreja.—Mais um Vigario.—Os quadros.—O pessoal em 1824.—Noticias diversas e anedoctas.

É já sabido que foi el-rei D. José I quem mandou construir o actual templo de Nossa Senhora da Conceição, pelo vulgò chamado Conceição Velha, aproveitando-se para tal fim as ruinas da antiga egreja da Misericordia, cahida pelo terremoto de 1755.

A egreja tem 7 altares, incluindo o da capella-mór. Este é dedicado a Nossa Senhora da Conceição e os outros ao Santissimo Sacramento, Senhor dos Passos, Senhora do Restello, Senhor Jesus da Humildade, S. José e S. Joaquim. Os retabulos representam em telas a Soledade, Nossa Senhora do O', Ceia do Senhor e Nossa Senhora da Pureza. Na frente do côro está collocado um quadro representando S. Miguel, que pertenceu ao altar aonde está a imagem do Senhor dos Passos. Aos lados da capella mór, e por cima das portas das sacristias, ha duas boas imagens de madeira, de S. Pedro e S. Paulo.

Na sacristia principal ha um grande arcaz de pau santo, com nove gavetões e dois armarios, aonde estão guardados os para-

mentos. Esta sacristia tem porta para a rua dos *Bacalhoeiros*. A egreja não tinha pulpito; o que existe foi feito em 1884.

A torre dos sinos está encravada entre propriedades particulares e só por um dos lados ligada á egreja. Só se vê do largo da Sé e do Campo das Cebolas. Tem cinco sinos e duas sinetas.

No tempo dos Freires a quadratura era na capella-mór. Tinha 8 cadeiras com os seus competentes espaldares, divididas em 4 corpos.

Na frontaria do templo houve n'outro tempo uma lampada, allumiando a imagem de Nossa Senhora da Misericordia, que, ainda no seculo passado, segundo está escripto, estava resguardada da acção imperiosa do tempo por meio de um caixilho de madeira com vidros. Ora para existir um caixilho, a resguardar um grupo de figuras de pedra, é porque estas estavam pintadas ou douradas, o que foi moda n'outro tempo, e vê-se por isto que os freires não fizeram, ao tiral-as do seu logar, mais que seguir o processo antigo, pois as mandaram pintar e dourar de novo para as guardarem depois n'uma arrecadação, d'onde foram tiradas ha poucos annos.

A Cruz de Christo

Antigamente usava-se dourar e pintar figuras e ornatos de pedra. A capella-mór da egreja na Real Casa da Nazareth tem ainda douradas quasi todas as pedras.

— As urnas dos altares apresentam ao centro, na frente, a Cruz de Christo, que se vê tambem na frontaria do côro. O lavatorio da sacristia, que é de pedra, tambem tem a mesma Cruz e bem assim os reposteiros das portas de entrada e os quatro da capella-mór apresentam igual ornato. E' para recordar que o templo pertenceu aos Freires da Ordem de Christo.

— A egreja actual não é bonita. A capella-mór, principalmente, é muito pouco clara e quando está armada, por occasião das festividades, ainda a falta de luz natural se torna muito mais notavel. Não tem obras de talha, nem ornatos, que a possam embellezar. Vê se que foi feita unicamente para aproveitamento dos restos que o terremoto deixou em pé. A porta principal não está bem ao centro da egreja, está um pouco ao nascente, o que se dá

bem a conhecer pelas duas columnas que sustentam o côro, que está uma aqui e a outra acolá! Deixaram ficar ao centro a capella, que aproveitaram para ser collocado o altar-mór, e não se guiaram pela direcção da porta, que hoje é a principal, e que n'outro tempo era porta travessa.

O grande oculo, que está na frente, visto do interior, apparece todo enrevezado. A um mestre d'obras, ouvimos, parecer impossivel ter havido artista de nome que não se envergonhasse de apresentar uma obra d'aquellas. E' positivamente um grande remendo. A capella-mór tambem não está completa. E' toda de marmore e tem a frontaria de madeira! A parte do fundo, que lhe falta, ou foi tirada ou cahiu pelo terremoto. Talvez fosse tirada, porque a rua que hoje é dos Bacalhoeiros era n'outro tempo muito mais estreita e a capella talvez fizesse pejamento na rua. Junto á capella-mór ha um pequeno saguão com um poço, d'onde n'outro tempo se tirava agua, mas hoje está tapado. N'um pateo, ao lado da egreja, estão no pavimento grandes lageas com epitaphios, que serviram de cobrir sepulturas de correeiros, pertencentes á Irmandade de Nossa Senhora da Conceição.

S. Braz

—Ha na egreja as imagens de Nossa Senhora da Conceição, que tem irmandade sua, de que mais adiante se trata; o Senhor Jesus dos Passos, de que tambem se fallará; a de Santo Amaro, que era festejada a 15 de janeiro, e a de S. Braz, a 3 de fevereiro; uma bonita imagem de Sant'Anna, com a menina ao collo, que pertenceu ao officio dos tanoeiros; uma outra imagem de Sant'Anna, com o livro debaixo do braço; a de Santa Catharina, muito antiga; a de S. Gonçalo de Amarante, que, posto seja o casamenteiro das velhas, nunca aqui foi festejada; a de S. Joaquim, que veio do convento de Sant'Anna, como já tivemos occasião de dizer;

a do Senhor Jesus da Humildade, que é festejada na primeira oitava da Paschoa, e parece não offerecer duvida, ser esta a imagem que os Freires de Christo festejavam todos os annos; a de Santo Antonio, que n'outro tempo teve irmandade; a Senhora do Restello, a Senhora das Mercês e a Senhora da Atalaya. Trata-se d'estas em artigos especiaes.

— De S. Braz ha uma reliquia mettida n'um braço de prata, que foi salva das ruinas do terremoto. As festividades de S. Braz e de Santo Amaro eram feitas a expensas de foreiros, estes, porém, foram acabando, e ha annos que nem uma nem outra festa se faz.

— Existe ainda uma associação de devotos do Sagrado Coração de Jesus, que todos os annos recebe o Sagrado Lausperenne, no mez de novembro, fazendo por essa occasião a sua festividade. Tem painel em um dos altares.

— Ha a notar, entre as alfayas pertencentes á egreja, um grande cofre de prata, com a respectiva peanha, que serve para o deposito na semana santa e que figurou na ultima exposição da arte ornamental. Pesa, incluindo a madeira, que a peanha tem no interior, 22 kilogrammas.

Ha tambem de notavel um calix de prata dourada com campainhas e duas patenas, que pesa 1:107 grammas e que mostra ser obra muito antiga.

Existe tambem uma bonita costodia de prata dourada, que tem de peso 2 kilogrammas e um bonito missal bem encadernado com guarnições de prata e uma imagem de Nossa Senhora da Conceição em alto relevo de cada lado da capa

Ha mais a notar a existencia de uma rica banqueta de madeira entalhada e prateada, composta de 6 grandes castiçaes e cruz, que só serve em dias de festa, no altar-mór. Diz a tradição ter sido esta banqueta offerecida por um devoto, que acabou a vida mendigando o pão de cada dia de porta em porta.

— A actual egreja tem de comprimento $28^{m},30$ e de largura $11^{m},70$. O cruzeiro tem 4^{m}, de comprimento, e a capella-mór $7^{m},10$ de comprimento e $5^{m},50$ de largura. O presbyterio tem de comprimento $4^{m},50$.

A egreja tem orgão. Typo ordinario, mas que não é de todo mau. Tem boas vozes.

— Houve n'outro tempo uma irmandade de S. Miguel, que

acabou, deixando a imagem na egreja. Antes do terremoto tinha algumas propriedades de casas nas immediações da Sé e Magdalena. Depois ficou sem ellas e sem terrenos, porque o marquez de Pombal não attendeu a reclamações quando quiz abrir novas ruas e reedificar Lisboa. N'um documento, escripto 14 annos depois do terremoto, se diz não se saber ao tempo em que sitios eram os predios, porque tudo estava completamente mudado.

— Tambem houve uma Associação de Escravos do Coração de Maria, que festejava no ultimo dia de Agosto, havendo exercicios religiosos em todo o mez e algumas vezes com praticas. Existe o painel. O sr. Rosa Araujo foi o protector d'esta associação.

— Na egreja existem duas boas imagens offerecidas ha cerca de 20 annos pela sr.ª D. Anna Joaquina de Miranda e Brito, já fallecida. São ellas um S. José e uma Senhora das Dôres. O sr. Rosa Araujo fez festejar por diversas vezes, com grande pompa, a imagem de Nossa Senhora das Dôres, sendo a festividade precedida de septenario. Tambem festejou a expensas suas, por vezes, a imagem de S. José. Esta senhora D. Anna offereceu tambem differentes alfayas a esta egreja.

— Ha poucos annos existe n'esta egreja uma imagem de Nossa Senhora da Arrabida, que pertenceu ao convento da Esperança (1) e d'ali era levada annualmente em procissão ao sitio da Arrabida. Os bens da confraria foram mandados entregar a estabelecimentos de caridade.

— Na *Descripção dos Monumentos Sacros de Lisboa,* de Luiz Gonzaga Pereira, que existe em manuscripto na Bibliotheca Nacional, vem a descripção da actual egreja da Conceição Velha, dizendo-se ter sido edificada pelo famoso architecto Francisco Antonio Ferreira, conhecido pela alcunha *O Cangalhas,* cujos esboços foram postos a limpo pelo architecto Honorato José Corrêa.

A citada recopilação foi effectuada em 1840, e vê-se, pela

---

(1) O convento da Esperança, depois do fallecimento da ultima freira, foi demolido para a abertura da rua de D. Carlos, que liga a rua marginal 24 de julho com o largo das Côrtes. A inauguração da nova rua foi levada a effeito em 1889.

No museu de Bellas Artes, ás Janellas Verdes, existem uns lindos quadros, feitos d'uma especie de alvenaria, que foram tirados do interior do mosteiro em 1891, sob a direcção do distincto architecto da camara, o sr. José Luiz Monteiro.

gravura que acompanha a obra, que a egreja tinha, ao tempo, em frente da porta principal, uma grande quantidade de frades de pedra (colunellos), a guarnecer o passeio.

N'esse tempo ainda existia a irmandade de Sant'Anna, pertencente aos tanoeiros. O oratorio, que estava na rua dos Bacolheiros, por cima de uma das portas travessas da antiga Misericordia, tinha sido destruido, em virtude das ordens da camara de

O frontão da Conceição Velha

Lisboa, que prohibiu cruzes, azulejos e oratorios nas ruas. A imagem, ao tempo, estava guardada na sachristia, bem como o grupo que tinha sido tirado da fronteira.

Na mesma obra se diz que a egreja tem capacidade para 600 fieis, e que el-rei D. João V, por consulta da mesa da Cons-

ciencia, tinha mandado dar ao vigario d'esta egreja uma pensão annual.

Gonzaga Pereira diz ainda que um dos seus professores de desenho tinha sido ajudante do architecto *Cangalhas,* ao tempo em que este tratava da edificação da egreja.

— No segundo volume do *Archivo Pittoresco,* em 1858, ao tratar da reconstrucção da egreja da Conceição Velha, se diz que áquelle trabalho presidiu detestavel gosto, entendendo o architecto que podia rematar, como rematou, a fachada da nova egreja com um frontão de estylo classico, ficando assim em desagradavel desharmonia com a restante fabrica. Entretanto o portal ficou intacto, e devemos, ainda assim, agradecel-o a quem dirigiu similhante obra.

A direcção das obras publicas mandou, ha uns vinte annos, formar, por um dos seus architectos, o plano de acabamento da frontaria da egreja sem o tal frontão, que é vergonhoso. Não sabemos se o desenho se chegou a fazer se não. Tomaram-se as necessarias dimensões e não appareceu mais nada. Cousas nossas!

— Garrett, nas suas *Viagens,* tomo 2.º, condemna o tal frontão. Diz o grande escriptor:

> Perverteu-se por tal arte o gosto entre nós desde o meio do seculo passado especialmente, os estragos do terremoto grande quebraram por tal modo o fio de todas as tradições da architectura nacional, que na Europa, no mundo todo, talvez se não ache um paiz onde, a par de tão bellos monumentos antigos como os nossos, se encontrem tão villans e tão ridiculas e absurdas construcções publicas como essas quasi todas que ha um seculo se fazem em Portugal.
>
> Nos reparos e reconstrucções dos templos antigos é que este pessimo estylo, esta ausencia de todo o estylo, de toda a arte, mais offende e escandaliza.
>
> Olhem aquella impena classica posta de remate ao frontespicio todo renascença da Conceição Velha, em Lisboa. Vejam a implastagem de gesso com que estão mascarados os elegantes feixos de columnas gothicas da nossa Sé.
>
> Não se póde cahir mais baixo em architectura do que nós cahimos quando, depois que o marquez de Pombal nos *traduziu*, em vulgar e arrastada prosa, os *rococós* de Luiz XV...

— A rua que hoje se chama dos *Bacalhoeiros,* tem tido uns poucos de nomes. Antes d'este era a rua dos *Confeiteiros* e antes dos *Confeiteiros* foi a rua *Nova dos Freires.* Este titulo foi dado ao sitio depois que os Freires tomaram conta da egreja, cons-

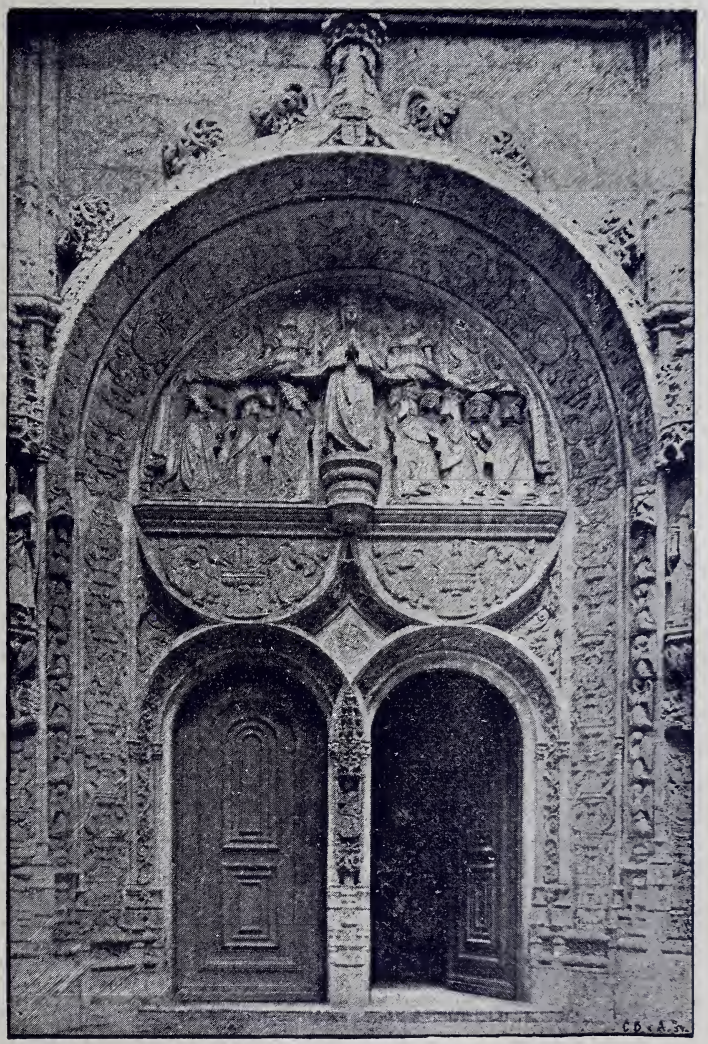
truida com os restos da Misericordia. Antes do terremoto era a *rua de Cima da Misericordia,* que tinha apenas o comprimento d'este edificio. A antiga rua dos *Confeiteiros* ou da *Confeitaria* era aonde hoje é a rua *d'El-rei.* Depois do terremoto se juntou a rua *Nova dos Ferros d'El-rei* com a da *Confeitaria,* formando uma unica rua. Esta estava a par d'aquella e algumas lojas tinham sido construidas na propria muralha da cidade. O palacio real da Ribeira tinha janellas para esta rua.

Ha 30 annos ainda na rua dos Confeiteiros se viam dois porticos e um nicho, restos da antiga Misericordia

Os dois porticos faziam parte de um immundo barracão de madeira, que tinha sido alugado a uns taberneiros, successores do celebre *Mal-Cosinhado,* que perto tomava assento, do lado do mercado da Ribeira. D'ali sahiam, desde o nascer do dia até ao fechar das portas dos estabelecimentos, ás 9 horas de inverno e ás 10 de verão, nuvens de fumo de azeite requeimado, que era mesmo de tombar. Era uma antiga taberna de gallegos, e, como se costuma dizer, *com todos os seus matadores.*

O sr. José Rodrigues Mendes comprou aquelle terreno, que faz esquina para a rua dos Arameiros, e ali construiu uma bella propriedade. Os porticos citados pertenciam a uma das serventias da Misericordia; o outro, que appareceu entaipado, pertencia á outra sahida do lado do norte, pois o estabelecimento tinha duas sahidas para esse lado. Por cima das portas da taberna existiu um nicho; muitas pessoas do sitio ainda se lembram d'elle. Quando foi pelo terremoto escaparam os arcos das duas portas, e por cima, no intervallo d'ambas, o tal nicho ou oratorio com a imagem de pedra de Nossa Senhora do Populo, que está arrecadada na Conceição Velha. O povo viu n'isto um milagre e por muito tempo correu ali a fazer oração e a cumprir promessas, até que a imagem foi mandada tirar d'aquelle sitio. N'outro logar se fallará mais detalhadamente da imagem de Nossa Senhora do Populo.

No museu archeologico do Carmo existe um portal, com arcada, no estylo da renascença, que foi desentaipado dos restos da antiga Misericordia, hoje Conceição Velha, do lado da rua dos Bacalhoeiros, por occasião de se fazerem ali os alicerces para a propriedade do sr. Rodrigues Mendes. No portal vê-se claramente a data de 1534, em que se effectuou a abertura da egreja, e foi offerecido ao museu, em 1873, pelo sr. Valentim José Corrêa, ha



PORTICO DA ANTIGA EGREJA DA MISERICORDIA,
HOJE CONCEIÇÃO VELHA

pouco fallecido. Encontra-se logo á entrada, na ala esquerda. Pertencia á porta travessa, do lado do norte.

— Eis como o sr. Vilhena Barbosa descreve a frontaria do templo, reproduzida em gravura:

«Abre-se o portal entre dois soberbos bataréus, corôados por espheras armilares entre as quaes avulta a Cruz de Christo, divisas de el-rei D. Manuel, e cuja fórma se esconde sob mil variados lavores, d'onde resaltam estatuas dos apostolos, mettidos em nichos, com peanhas e baldaquinos lavrados e arrendados primorosamente.

«Compõe-se o portal de um grande arco de volta inteira, dentro do qual se abrem outros dois arcos, tambem de volta inteira, unidos por um pilar que a ambos serve de esteio, e que se ergue apenas a meia altura do arco grande. Estes dois vãos são as portas do templo.

«O espaço que medeia entre dois arcos pequenos e a volta do arco grande divide-se presentemente em duas partes distinctas, a inferior toda de pedra lavrada com variedade de lavor; a superior occupada com uma grade de ferro, que resguarda uma vidraça em toda a largura e altura d'essa parte do arco.»

Esta descripção, como se vê, foi feita antes de 1880.

— Durante certo periodo de obras na Conceição Velha os officios divinos foram celebrados na ermida de Nossa Senhora da Oliveira, conhecida por *Oliveirinha,* sita na rua dos Algibebes, freguezia de S. Julião. A imagem do Senhor dos Passos foi para ali levada em procissão a 6 de janeiro de 1884, retirando a 19 de novembro do anno immediato.

— Na egreja da Conceição Velha está estabelecida ha annos uma delegação das conferencias de S. Vicente de Paulo. Os associados costumam reunir ás sextas-feiras á noite, e o producto das esmolas obtidas é distribuido em obras de beneficencia.

— Em commemoração do 4.º centenario da India, mandou o governo fazer uma serie de bilhetes postaes para Portugal e Hespanha, que tiveram larga extracção. Uma das chapas apresentava a frontaria da egreja da Conceição Velha em Lisboa, e pela parte de baixo tinha a data de 1498-1898.

Ha edicções de bilhetes particulares, que servem para transitar no correio, com uma estampilha de 10 réis, que tambem apresentam a frontaria d'este monumento nacional.

Na nova edicção da *Historia de Portugal,* de Pinheiro Chagas, que está sendo publicada pela Empreza Editora, tambem se escolheu a frontaria d'esta egreja e a gravura da Senhora do Restello para illustração d'aquella obra monumental.

O nosso governo tambem se serviu da gravura da frontaria para ornamento do quadro das Misericordias do reino, mandado á exposição de Paris no presente anno.

NOSSA SENHORA DAS DORES
Venera-se na egreja da Conceição Velha

Na *Historia do Culto de Nossa Senhora em Portugal* tambem vem a gravura da frontaria e a da Senhora do Restello.

A photographia da imagem, que nós mandámos tirar a todo o custo, pois teve de se armar na egreja um alto estrado para o

trabalho poder ficar perfeito, e que ainda assim não ficou á nossa vontade, apresentando até as vellas tombadas, é que tem servido para a illustração de differentes obras.

Já se mandaram tirar 5:000 registos.

— A Conceição Velha teve mais um vigario, como se vê pelo documento seguinte, do patriarcha D. Guilherme:

«Tendo vagado a thesouraria da antiga egreja e collegiada de Nossa Senhora da Conceição Velha, d'esta cidade, por obito do reverendo Luiz Antonio Alves, e competindo-me prover ao serviço e guarda d'aquella egreja, para que sempre haja n'ella um sacerdote, que vigie pela conservação d'aquella egreja, dos vasos sagrados, imagens e mais alfayas a ella pertencentes, e que ali sustente o culto divino e arrecade as esmolas dos fieis, que ali queiram fazer celebrar missas ou festividades, ou exequias, e que presida ás funcções ecclesiasticas que n'ella se fizerem: confiando na intelligencia e experiencia, probidade e zelo do reverendo Padre Francisco da Rainha dos Anjos, egresso do extincto convento das Covas de Monte Mór-o-Novo, da Ordem dos Monges de S. Paulo 1.º Eremita, que ha de desempenhar aquellas funcções como convem ao serviço de Deus e da Egreja.

«Nomeio vigario encommendado d'aquella thesouraria da sobredita egreja de Nossa Senhora da Conceição Velha d'esta cidade de Lisboa, servindo-lhe esta de titulo, em quanto não se lhe passar outro na competente fórma, e por elle haverá os próes e precalços, que por direito lhe competirem.

Dada em Lisboa, aos 24 de Dezembro de 1857.»

O mesmo patriarcha mandou por essa occasião proceder ao inventario das alfayas, paramentos e mais objectos do culto.

— As lampadas de prata, que havia na egreja, foram, no tempo dos francezes, mandadas entregar na casa da moeda. As tres lampadas de latão, compradas depois pelo governo, custaram 133$880 réis.

— O quadro de Nossa Senhora da Expectação, da Conceição Velha, que representa a imagem que os empregados da alfandega levavam annualmente á Atalaya, foi pintado, segundo Volkmar Machado, por D. Joanna Ignacia, chamada a Joanna do Salitre, em 1770. Os da Senhora da Piedade e de S. Miguel foram pintados por Bruno José do Valle, o da Ceia do Senhor por Manuel Joaquim da Rocha e o de Nossa Senhora da Pureza por Gérard, pintor francez. Nos estuques trabalhou Felix da Rocha, artista brazileiro. O do tecto, que é muito apreciado, representa o *Triumpho da Conceição*.

— Na sacristia chamada dos Passos existem alguns quadros.

Um d'elles, o *Triumpho da Conceição,* foi offerecido pelo irmão Justiniano Marques, o de *Santa Maria Magdalena,* pelo sr. José Maria Pereira de Lima. O de *Nossa Senhora da Conceição,* que pertenceu á Irmandade dos Correeiros, estava na sua casado despacho, segundo é tradicção. Ha mais um quadro, com a figura de *S. José,* e um outro representando um frade ainda novo, a que o povo trata por Santo Antonio, mas que o não é, e não se sabe d'onde veio. Esse quadro tem o seguinte letreiro:

«O Ir. Fr. Bernardo de Santa Maria, natural das Chachoeiras, em 5 annos que viveu chorista não houve religioso mais virtuoso e de penitencia mais austera e tão devoto de Nossa Senhora como se prova, por signaes certos, que varias vezes lhe fallara n'esta capella. Falleceu em 1634.»

Na passagem para o camarim dos Passos está collocado um quadro da *Conceição de Maria,* offerecido á Irmandade por uma senhora, na hora da morte.

No camarim ha os quadros da *Flagellação, Santa Maria Magdalena* e *Calvario.*

De todos, o que parece melhor é o da Nossa Senhora da Conceição, que pertenceu aos correeiros.

— Vejamos agora qual era o pessoal da real capella da Conceição Velha, no anno de 1824: — 1 vigario, 8 capellães, 1 thesoureiro, 1 ouvidor, 1 escrivão da ouvidoria, 1 mestre de capella, 1 organista e 6 moços do côro. O ouvidor recebia 20$000 réis por anno, o escrivão 16$000 réis e o organista 100$000 réis. O organista tinha por obrigação tocar todos os dias ás missas cantadas e nas outras funcções do culto divino. Os vencimentos eram pagos pelo thesouro publico, aos quarteis, da mesma maneira que então recebiam os empregados publicos. No pagamento entravam lettras da alfandega, que os empregados tinham de rebater, se queriam ter dinheiro de prompto, perdendo bastante. A egreja estava debaixo da direcção do superintendente, que era um conselheiro da fazenda, nomeado pelo governo, mas de serviço gratuito. Não recebiam dizimos, benesses, direitos de estola, ou pé d'altar. Tambem não havia passaes. A folha dos vencimentos e despezas importou no citado anno em 2:590$560 réis.

— O governo mandava antigamente dar vinte arrobas de cêra, em cada anno, para o culto da egreja da Conceição dos Freires. Um documento de 1761 diz que tal despeza entrava na folha do

guarda reposte. Toda a despeza feita em guisamentos era paga pelo estado.

— Quando o sr. infante D. Augusto regressou da India, houve um solemne *Te-Deum* na Conceição Velha, a que assistiu o mesmo sr. infante.

S. JOAQUIM
Venera-se na egreja da Conceição Velha, em Lisboa

— E' de antigo uso, por occasião do enterro de pessoa real, o prestito parar á porta d'esta egreja, esperando que o pessoal ecclesiastico venha de cruz alçada fazer as absolvições.

— Durante muitos annos houve, a 11 de novembro, exequias solemnes por alma de el-rei D. Pedro V, a expensas do sr. Rosa Araujo, e com assistencia da irmandade do Santissimo.

— El-rei D. Luiz foi, por muitos annos, juiz da irmandade dos Passos. Sua Magestade a Rainha D. Amelia foi uma vez a esta egreja visitar o sagrado lausperenne.

— Na egreja da Conceição Velha, esteve, ha cêrca de 40 annos, a freguezia da Sé, quando houve obras no interior d'este templo.

Segundo o que diz Pinho Leal, no seu *Portugal antigo e moderno,* as obras da Sé começaram em 1860 e terminaram em 1864.

— A 31 de Dezembro de 1859, houve na Conceição Velha

festa ao Sagrado Coração de Maria, havendo chrisma, ministrada pelo sr. cardeal patriarcha. A freguezia da Sé estava já n'esta egreja, e era prior o rev. João Alves do Castanheirinho, que para aquelle acto convidou as irmandades.

— O altar-mór da Real Capella da Conceição é previlegiado, desde 10 de Maio de 1884.

— Na sexta-feira santa fazia-se na Conceição Velha a acção do *contra sepulchro,* havendo exposição do Santissimo Sacramento, ás 4 horas da tarde. Na egreja de Santa Joanna levava-se a effeito a mesma acção.

— A egreja da Conceição recebia antigamente a esmola de nove cantaros de azeite para gasto das lampadas, assentados no almoxarifado da mesa mestral da villa de Thomar, pelo rendimento da Tulha d'aquella villa, como foi determinado por um alvará regio, que mandou accender em dias de festa todas as lampadas da egreja, estando porém permanentemente accesas as do altar do Santissimo e as duas do altar da Conceição.

Estas tres lampadas foram mandadas fazer pelo estado em 1818. As outras cinco, que existem na egreja, pertencem á Irmandade dos Passos.

— Depois de 1890, que foi quando se declarou entre nós a chamada *crise economica e financeira,* o rendimento das instituições de piedade, principalmente das que vivem exclusivamente de esmolas, tem ido em progressivo decahimento. Todas essas instituições passaram a fazer economias, a cortar nas despezas, mas se isto assim continúa, não havendo por onde cortar, o remedio unico, o que terá de succeder, é fechar as portas. Os peditorios pouco rendem, são já muitos a pedir e poucos a dar, e os mealheiros ainda menos. E o que é para censurar, segundo o que se tem visto nos jornaes, é que irmandades antigas, com boas receitas, estão fazendo concorrencia, nos peditorios, a outras que não podem subsistir sem elles!

Na Conceição Velha, n'outro tempo, podia haver missa ao meio dia, nos dias santificados, porque o producto das offertas chegava para isso; hoje não póde haver missa porque faltam as esmolas, por não haver dinheiro para pagar ao celebrante.

O mealheiro do Senhor dos Passos, que é o principal da egreja, tem diminuido de rendimento por effeito da crise, e, diga-se tambem, por ter apparecido, ao centro d'uma egreja paro-

chial proxima, uma imagem da mesma devoção, a fazer-lhe concorrencia!

N'outro tempo eram poucas as egrejas que estavam abertas ás sextas-feiras, onde os devotos podiam ir fazer oração e beijar o pé á imagem do Senhor Jesus dos Passos. Hoje estão abertos, n'esses dias, todos estes templos: — Graça, Carmo, Estrella, Desterro, S. Vicente, Ordem Terceira de Jesus, Santa Justa, Magdalena, Francezinhas, Corpo Santo, Ordem Terceira do Campo Grande, Santa Engracia, Santa Maria de Belem, Chagas, Monicas, Caetanos, Fieis de Deus e Conceição Velha.

As missas, principalmente aos domingos e dias santificados, estão hoje em Lisboa por um preço assás elevado. Ha falta de sacerdotes, e algum que apparece, sem capella effectiva, não se encarrega de qualquer missa, em taes dias, por menos de 2$000 réis. Irmandades pobres não podem estar sobrecarregadas com uma tal despeza; ha capellas de missa, ao meio dia, pagas a réis 200$000 annuaes!

Ora em vista da falta de esmolas e de sacerdotes, não se poderá obter que alguns padres digam em Lisboa duas missas, á similhança do que se faz, para não irmos mais longe, nos arredores da cidade? Não será razoavel pedir-se a Sua Eminencia que alguns sacerdotes possam binar em Lisboa, obrigando-se estes a dizerem a segunda missa por uma modica esmola? Appareça alguem que se metta n'isso, e talvez alguma cousa se consiga, temos n'isso fé.

— O povo, na sua maioria, tira o chapeu ao passar pela frente da egreja da Conceição Velha, o que hoje não é vulgar vêr-se em outras. Mesmo nos carros americanos se vê muita gente, ao passar pela porta do templo, levar a mão ao chapeu, em ar de respeito. (1)

Com um funccionario publico, conhecido por andar repetidas vezes abtracto, deu-se ha dias um caso que tem tanto de veridico como de engraçado.

---

(1) A cause des nobles traditions qui se rattachent à l'église de la *Conceição Velha*, ce temple est tellement vénéré par les habitants de Lisbonne qu'il est excessivement rare de voir passer quelqu'un devant son portail sans se découvrir respectueusement.

Revue Illustrée du Portugal.

O tal individuo queria ir do Terreiro do Paço para o Caminho de Ferro e foi andando pela rua da Alfandega á procura de um carro americano que o transportasse áquelle ponto, e casualmente parou defronte da egreja da Conceição Velha, a folhear um livro que levava debaixo do braço.

Eis que passa um individuo e tira o chapeu ao pé d'elle, ao que elle corresponde; passa outro e faz o mesmo; passa mesmo uma duzia, um cento e elle sempre a cumprimentar. E o carro sem apparececer e os cumprimentos a continuarem.

Chega, finalmente, o carro, e o nosso homem, que vê n'elle pessoa conhecida, diz logo ao amigo:

— O' Fulano, você acha-me na cara alguma cousa estranha? Eu estarei hoje parecido com alguma outra pessoa que não seja eu...?

— Porque é que você me faz essa pergunta?

— E' porque estou ha 20 minutos parado na rua á espera de um carro e não fiz outra cousa senão tirar o chapeu a toda a gente, pois todos quantos passavam me cumprimentavam, e eu sem conhecer ninguem...

— Você entrou para o carro ali ao pé da egreja?

— Entrei, sim.

— Então está a cousa explicada. Os cumprimentos não eram para si.

— Mas ali não estava mais ninguem parado.

— Não tem duvida. Os cumprimentos eram... para a egreja.

E o nosso homem, convencido da verdade, foi contar o succedido aos collegas, que do caso se fartaram de rir.

O fallecido Rosa Araujo fazia á sua custa, na Conceição Velha, grandes festividades. De uma vez mandou elle vir camelias e fetos de Cintra para enfeitar o altar de Nossa Senhora da Conceição, no dia da sua festividade principal, a 8 de dezembro.

Rosa Araujo tinha por costume guardar tudo quanto tinha a fazer para a ultima hora. Na egreja havia sempre grandes serões nas vesperas das solemnidades, porque a cêra vinha muito tarde e o mesms succedia ás flôres e a tudo que era necessario.

D'aquella vez as camelias tinham chegado ainda com dia, mas os fetos não houve quem lhe pozesse a vista em cima, por terem

ficado naturalmente no rol do esquecimento. O arranjo do altar consistia em collocar as camelias no centro da verdura, para realçarem mais, e mesmo em formar um tapete em frente da Imagem

Araujo apparece já bastante tarde e diz para a sachristão, que estava meio tonto de somno:

— Vá ao pateo. Estou com cuidado nos fetos. Veja bem não estejam elles mettidos ahi por algum canto.

O sachristão levou uma luz e foi, mas ia resmungando:

— Fetos... fetos...

Em breve voltou, dizendo:

— Não estão lá fetos nenhuns. Fetos são creanças nascidas antes de tempo... Não estão lá com certeza, e se lá estivessem eu bem sabia o que havia de fazer. Ia dar parte á policia...

Escusado é dizer que Rosa Araujo e todos os assistentes se fartaram de rir com o tal caso dos fetos.

Agora um calemburgo.

— Acabando uma festividade o procurador disse para o sacristão:

— Vamos agora a *apagar*.

O sachristão ficou immovel, como se estivesse á espera de alguma cousa.

— Então, disse-lhe o homem, as velas ficam a arder?

— Como o sr. disse: *vamos a pagar* — estava á espera do dinheiro. Depois é que tencionava apagar a cêra.

— O tecto da actual egreja da Conceição Velha é notavel como obra de estuque. A imagem de Nossa Senhora da Conceição figura ao centro, cercada de anjos, tendo na parte superior a figura do Padre Eterno, e por baixo um anjo cravando a lança n'um dragão infernal. O grande quadro central é guarnecido de diversos emblemas religiosos. E' intitulado o *Triumpho da Immaculada Conceição*.

Com a figura do tal dragão, que se apresenta de bocca aberta, mostrando os seus grandes dentes, garras, azas e cauda de serpente, tal como a fabula o descreve, deu se ha annos um caso engraçado, que passamos a descrever.

A egreja estava muito precisada de limpeza interior e o

sr. Rosa Araujo, mandou chamar o armador, sr. Antonio Maria Lopes, da rua Nova da Palma, e encarregou-o d'esse serviço.

Elevou-se uma grande escada no meio da egreja, surpensa por meio de guias e o artista, mais leve que um sargento, por ella subiu até a fim dos degraus, para proceder a limpezas do tecto, armado para isso de uma vassoura, cravada n'uma vara de grandes dimensões. Ia tudo muito bem, mas quando a vassoura, em busca de uma teia do aranha, passou pela boca do dragão, este tomou-a entre os dentes e ficou com ella em si, vindo para baixo unicamente o cabo do tal instrumento de limpeza!

Então é que foram ellas, como se costuma dizer, para se tirar a vassoura dos dentes do *bicho!* O artista, suava a bom suar e nem para traz nem para diante não havia meio de extrahir o objecto do local aonde tinha ficado seguro. Como a escada era movel, e sustida por 4 homens com cordas, á maneira do pendão do Senhor dos Passos, foi isso tambem, por certo, o que muito contribuira para o grande trabalho que deu a tal vassoura, que só poude ser extrahida dos dentes do animal, no fim de duas ou tres horas de aturado trabalho! Ainda estão vivas algumas pessoas que presensearam o caso.

Na Conceição Velha é sachristão já ha tempos, um individuo que foi mestre de meninos e pertenceu á corporação dos matinarios, que antigamente andavam cantando, ás noites, pelas egrejas, aonde estava o lausperenne. É bom conversador e conhece bem o *Flos Sanctorum* e de per meio aos seus contos mette as suas citações em latim. O *lagarto* da Penha de França deu-lhe que fazer. Escreveu a historia d'esta egreja mas na 1.ª edicção não appareceu o *lagarto*. Dando pela falta fez deitar abaixo as partelleiras da Bibliotheca Nacional e depois de grandes buscas lá arranjou a *historia do lagarto,* para a 2.ª edicção. Com estas e outras comprehenções esquece-se ás vezes do que tem a fazer. Uma vez esqueceu-se de accender as velas de um altar, no dia proprio do santo, que no mesmo era venerado. Accusado da falta respondeu logo: — *Não tem duvida. Não se accendeu hoje, accende-se amanhã! O que não se faz em dia de Santa Maria*... E queria por força accender as velas no outro dia, dando trabalho para o convencer que devia desistir do intento, porque... o que lá vae, lá vae.

XII
Extincção das ordens religiosas

Transcrevem se dois decretos, de 1836 e 1839, que dizem respeito á egreja.— Memoria que os Freires de Christo apresentaram quando foi a extincção das ordens religiosas.—Representação que fizeram os moradores do sitio da Ribeira Velha, pedindo a conservação da egreja e seu culto.

Tendo, no presente folheto, dado publicidade a todas as informações e apontamentos que nos foi possivel obter sobre o assumpto de que se trata, não devemos deixar no esquecimento a reproducção de dois decretos que dizem respeito á egreja.

O primeiro é de 26 de fevereiro de 1836, mandando supprimir a capella de Nossa Senhora da Conceição, e o segundo, de 11 de dezembro de 1839, mandando declarar sem effeito aquelle decreto, na parte que diz respeito á mesma capella.

Eis o contheudo dos dois decretos:

«Devendo considerar-se legalmente supprimidas, nos termos, e no espirito dos Decretos de 30 de maio e 14 de julho de 1834, todas, e quaesquer capellas que pertenciam a algum dos conventos das extinctas ordens regulares, por isso que são dependencias, e accessorios d'esses conventos. Hei por bem declarar effectivamente supprimidas as Capellas de Nossa Senhora da Luz, nos suburbios de Lisboa, e de Nossa Senhora da Conceição na mesma cidade, as quaes pertenciam a conventos da extincta Ordem de Christo; e bem assim todas e quaesquer outras que estejam em iguaes circumstancias; e se procederá sem demora á arrecadação de todos os bens e alfaias das referidas capellas, tomando-se devidamente contas aos seus respectivos administradores, e liquidando-se depois, pela repartição competente, aos empregados, a quem assistir o direito, os ordenados que venceram antes de se effectuar a suppressão.

O ministro e secretario de estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça assim e tenha entendido, e faça executar. Paço das Necessidades, 26 de Fevereiro de 1836. — *Rainha.* — *Manuel Antonio Vellez Caldeira Castel-Branco.*

«Secretaria de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. Repartição dos Negocios Ecclesiasticos. Tendo-se, por decreto de 26 de fevereiro de 1836, declarado supprimidas todas e quaesquer capellas que pertenciam a alguns dos conventos das extinctas ordens regulares, por isso que eram dependencias e accessorios d'esses conventos; fazendo-se no dito decreto expressa menção das duas capellas de Nossa Senhora da Luz, nos suburbios de Lisboa, e de Nossa Senhora da Conceição, da mesma cidade; e constando das informações posteriormente recebidas, que o fundamento d'aquella disposição não procede a respeito da segunda capella mencionada, que é rigorosamente uma collegiada, com beneficiados proprios: Hei por bem declarar sem effeito o citado decreto de 26 de Fevereiro de 1836, sómente pelo que respeita á capella de Nossa Senhora da Conceição, a qual deve continuar a subsistir como collegiada que é, sem prejuizo das medidas que houverem de tomar-se a respeito das outras collegiadas do reino, e dos seus beneficiados. E emquanto á Capella de Nossa Senhora da Luz deverá, na conformidade do mesmo decreto, proceder-se sem demora á arrecadação e segurança de todos os bens e alfaias que lhe pertencem; tomando-se devidamente contas ao seu actual administrador; e liquidando-se depois pela repartição competente aos empregados d'ella, os vencimentos a que tiverem direito até ao momento da suppressão. O conselheiro João Cardoso da Cunha Araujo, ministro e secretario dos negocios ecclesiasticos e de justiça, o tenha assim entendido e faça executar. Paço de Cintra em 11 de setembro de 1839 — *Rainha.* — *João Cardoso da Cunha Araujo.*

— Temos presente uma memoria, de que vamos fazer alguns extractos, apresentada pelos Freires da Ordem de Christo, existentes no templo da Conceição Velha, quando foi a extincção das ordens religiosas. E' um documento interessante. Por elle se vê que os Freires não estavam dependentes do convento da Ordem, em Thomar. Formavam apenas uma collegiada, paga pelo estado; não viviam, como os frades em commum e clausurados, tinham as suas casas e moravam aonde queriam; o estado dava mais a cada um, um tanto para isso. Ora vejam:

»Os Freires professos da Ordem de Christo nunca foram regulares da Ordem, nem viviam em clausura e em commum, nem dependeram ou estiveram sujeitos em cousa alguma ao convento de Thomar; são Freires seculares como são os parochos e outros beneficiados das egrejas da Ordem, e como são os cavalleiros e commendadores sendo capellães d'esta real capella, apresentados por el-rei e collados nos seus beneficios, como o são todos os mais

beneficiados de outras collegiadas e corporações ecclesiasticas seculares do reino.

«Nem esta egreja, em tempo algum, pertenceu ao convento, mas sim ao estado, e a el-rei como Grão-Mestre da Ordem, aonde se armavam os cavalleiros e se faziam as funcções da Ordem, a que assistia o Mestre,

«Da origem, historia e outros documentos, que se acham juntos ao requerimento, se vê que esta corporação nunca foi regular nem viveu em commum ou esteve sujeita ao convento, creado no castello de Sagres, pelo sr. infante D. Henrique. Sustentados á sua custa serviam ali de capellães ao mesmo infante, e á sua academia, e armavam os cavalleiros que saiam nas expedições, porque o mesmo infante era o 8.º Grão-Mestre da Ordem.

«Passando depois a sahirem as expedições mais frequentemente pela foz do Tejo, por ser melhor porto, transferiu o mesmo sr. infante estes capellães para o Restello, para ali administrarem os soccorros espirituaes aos mareantes e armarem cavalleiros os capitães das armadas, fazendo-lhes exercicios espirituaes, etc., e por isso o mesmo infante comprou á sua custa terras, mandou abrir fontes, plantar pomares, edificar casas e uma capella que dedicou a Nossa Senhora de Belem e entregou tudo isto, em 1460, a estes padres, com certas obrigações, mas sem que esses vivessem em commum, ou estivessem sujeitos ao convento da Ordem, mas só a elle infante, como mestre, e assim se conservaram até ao tempo de el rei D. Manuel, que veiu a ser o 11.º Grão-Mestre da Ordem, ainda antes de ser rei; reunindo depois a corôa com o mestrado da Ordem pela morte de seu cunhado D. Joao II, e ainda n'este tempo ali estavam os padres e ali armaram cavalleiros Vasco da Gama e outros capitães, que foram na primeira expedição á India.

«Quando estes voltaram é que o sr. rei D. Manuel os transferiu para Lisboa, entregando-lhes em 1502, a grande casa da synagoga dos judeus e outros bens em satisfação dos que tinham no Restello, que lhes tinham sido doados pelo infante, e entregou estes aos monges de S. Jeronymo, trazendo os Freires para Lisboa a imagem de pedra de Nossa Senhora de Belem e dedicaram a casa da synagoga a Nossa Senhora da Conceição e ali continuaram a fazer as suas funcções e a armar cavalleiros da ordem, mas sem viverem em clausura e inteiramente independentes do convento.

«Seguiu-se o sr. D. João III, que por bullas apostolicas reuniu perpetuamente na corôa os tres mestrados das ordens militares e continuaram os padres do mesmo modo, sujeitos só no espiritual ao prelado de Thomar, mas não ao prior do convento como superior d'elles, porque não eram regulares.

«N'esta casa se conservaram até ao terremoto de 1755 em que ella foi destruida e foi então que o sr. rei D. José os mandou passar para a egreja da Conceição, á Ribeira Velha, aonde hoje se acham, que era a antiga Misericordia, da fundação do sr. rei D. Manuel, e que aqui se tem conservado sem viverem em clausura ou em commum e sem que em cousa alguma estivessem sujeitos ao convento, mas collados nos seus beneficios, independentes do prior do convento.»

—Quando foi a extincção das Ordens religiosas os morado-

res do sitio da Ribeira Velha e immediações fizeram uma representação ao governo pedindo a conservação e existencia da egreja da Conceição Velha dos Freires da Ordem de Christo, como monumento nacional (1).

Na representação cita-se o facto do governo d'então ter mandado á academia real das sciencias que examinasse os templos e edificios extinctos, para escolher quaes deviam ser conservados, por artes ou memorias historicas, relativas á época da monarchia e bem assim construir obeliscos com inscripções para serem collocados na villa de Sagres, afim de perpectuarem a memoria do immortal infante D. Henrique, das suas descobertas e expedições maritimas. Os requerentes entendiam, e entendiam bem, que a todos estes relevantes objectos tem relação o templo de Nossa Senhora da Conceição dos Freires, por estar n'elle exposta á veneração publica a imagem de Nossa Senhora de Belem, vulgò do Restello, a quem aquelle heroe portuguez dedicára a egreja que mandou fundar n'aquella praia, aonde se preparavam com exercicios religiosos esses argonautas e capitães luzitanos, que escureceram gregos e romanos, antes de levantarem ferro e sahirem a barra de Lisboa. E dizem que convertida esta a outra fundação e destino e substituida por um templo que mandou levantar el-rei D. Manuel, que se destruiu pelo terremoto de 1755, ainda se conserva n'este templo de Nossa Senhora da Conceição o famoso grupo de esculpturas de pedra, de mais de meio relevo, que na fachada mandára pôr aquelle augusto monarcha, em que se vê a Mãe de Deus, a familia real, o papa e outras pessoas, em que entra algum d'aquelles capitães, todos em adoração; e sendo sabido pela historia as transacções que houveram entre estes dois imperantes a respeito das conquistas, el-rei D. José, sizudo respeita-

---

(1) O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, tratando da egreja da Conceição Velha, termina com a seguinte nota o 1.º volume dos seus *Estudos historicos e archeologicos:*

«E' justo que consigne aqui os nomes d'esses bons portuguezes. Foram estes os srs. Manuel Ignacio Amorim do Valle, Manuel Sergio da Silveira, que fôra conego secular da Congregação de S. João Evangelista, Thomaz Corrêa de Sá, vigario thesoureiro d'aquella collegiada, José Francisco Barbosa e Manuel Gerardo de Seixas; os quaes fizeram um requerimento ao governo, com grande numero de assignaturas, que promoveram, pedindo a conservação d'aquelle templo, ao que os poderes publicos annuiram.»

dor do renome portuguez, seguindo as traças dos seus predecessores e Grãos-Mestres da Ordem de Christo, mandou collocar n'esta sua nova fundação tanto a imagem de Nossa Senhora do Restello como o grupo, para indicarem a todos qual era a sua natureza e altos feitos, a que deviam relação.

O governo de então, depois de ter mandado ouvir a procuradoria geral da corôa, defferiu o pedido, e a egreja, que ficou sem rendimentos certos, tem tido culto até hoje, devido isto ás esmolas dos devotos e aos esforços empregados para obter donativos pelos mesarios das differentes irmandades ali erectas, todas ellas pobres.

As principaes despezas do culto estão presentemente a cargo da irmandade de Santa Cruz e Passos, que tem cêrca de 1:200 associados e que ali está desde 1872, tendo tido no anno economico findo a receita de 626$365 réis, como se vê do mappa affixado na sachristia.

—Em 1833 havia 510 conventos, sendo 380 de frades e 130 de freiras.

Os conventos de frades tinham de rendimento rs.	763:544$361
Os conventos de freiras rendiam rs.....	398:566$959
Somma réis.....	1.162:111$320

Nos tres annos, de 1835 a 1838, foram vendidos bens nacionaes no valor de 7.584:000$000 réis. De então para cá a média tem sido de 200 contos annuaes, o que prefaz a bonita somma de quinze mil contos.

Estes dados foram apresentados pelo distincto e conceituoso escriptor, já fallecido, o sr. Miguel Lobo de Bulhões, redactor do *Commercio do Porto*.

—Mais uma curiosidade, que é digna de registo. A despeza do reino, no reinado de D. Affonso V, elevava-se apenas a 40:346$426 réis.

No reinado de D. João III, a despeza do reino tinha subido a 315:679$600 réis.

A quantos milhares de contos não sóbe hoje?!... Os politicos que o digam.

XIII

Irmandades

A irmandade do Santissimo Sacramento.—Quando e por quem foi creada.—O primeiro compromisso.—Esmolas regias.—O contra-sepulchro.—Procissões publicas e noticias varias.—A irmandade da Conceição.—Legados e contas.—A irmandade de Passos.—A antiga procissão.—O primitivo compromisso.—A imagem do Senhor Morto.—Legados e varias informações.

Na actual egreja da Conceição Velha existem tres irmandades: a do Santissimo Sacramento da Ressurreição e Caridade, que tem o seu ultimo compromisso approvado por decreto de 17 de novembro de 1862; a de Nossa Senhora da Conceição, com compromisso approvado por alvará de 21 de junho de 1886; e a de Santa Cruz e Passos de Christo, com compromisso approvado por alvará de 23 de agosto de 1870.

Á irmandade do Santissimo Sacramento, que veiu do convento do Carmo, pertencem as imagens do Senhor Jesus da Ressurreição e Nossa Senhora da Conceição, que estão no seu altar. Tem cruz, cereaes e varas de prata, e todos os annos recebe um lausperenne (1), festejando o Orago no domingo de Paschoa.

Esta irmandade, com o titulo adjunto da *Ressurreição,* foi creada na egreja conventual do Carmo em 1562, sendo regente

(1) A instituição do Sagrado Lausperenne em Lisboa, foi alcançada pelo arcebispo D. Luiz de Souza, do papa Innocencio XI, em 1682.

do reino o cardeal D. Henrique, pela entrega que lhe fizeram do governo os tres estados, na menoridade de el rei D. Sebastião.

Foram seus immediatos instituidores o padre mestre frei Antonio Caldeirão, prior do convento, e D. Affonso Henriques de Faro, um dos mais illustres fidalgos da côrte

A sua capella da parte do Evangelho, na antiga egreja, tinha sido mandada construir por D. Catharina de Menezes, mulher de D. João Coutinho, alcaide-mór da villa de Santarem, com obrigação de lhe servir de jazigo, provendo-a por isso de ornamentos de prata e dotando a com 60$000 réis de juro de vinte, *o melhor*.

Senhor Jesus da Ressurreição

Na parede lateral da capella fez a irmandade levantar um padrão, constando de dois grandes e preciosos paineis, com moldura de talha dourada, um da Ressurreição de Christo e o outro da Instituição do Santissimo Sacramento.

O 1.º juiz da irmandade, antigamente chamava-se *mordomo,* foi Fernando de Lima Brandão, e o 2.º D. Affonso Henriques de Faro.

A primeira vez que a irmandade appareceu em publico com capas encarnadas foi na festa da Ressurreição do anno de 1562, sendo então lidos aos irmãos os artigos do seu primeiro compromisso, confirmado pelo mesmo cardeal regente, que concedeu á corporação grandes indulgencias.

O cardeal D. Henrique assistiu em pessoa á primeira reunião da mesa e offereceu a esmola perpetua de uma arroba de cera lavrada em cada anno, paga no Paço da Madeira, á custa dos contractadores.

Depois, sendo já rei, em 1579, concedeu mais duas arrobas de cera, paga na Casa das Carnes, com determinada applicação para o contra-sepulchro, ou *sepulchro particular,* armado para

deposito do Santissimo Sacramento desde sexta feira de Paixão de manhã até domingo da Ressurreição, fazendo-se então como acção propria a procissão do Senhor, pelo ambito exterior do convento.

D. João IV confirmou os mesmos legados a 27 de junho de 1646, e D. Pedro II, quando regente, a 8 de fevereiro de 1673.

Nas procissões publicas encorporava-se a irmandade do Santissimo da Ressurreição com as outras parochiaes, guardando-se a preferencia na sua antiguidade.

Sahia em procissão com o Santissimo Sacramento nas terceiras domingas de cada mez e assistia no convento do Carmo ao Oitavario do Corpo de Deus, e a outras festividades.

O primeiro compromisso foi confirmado por el-rei D. João V, por alvará de 3 de setembro de 1712, e como ardesse pelo terremoto, foi por copia mandado pôr em execução pela rainha D. Maria I, a 30 de maio de 1787, com a clausula de ser cortada a palavra — *sanguinidade* — que por vezes se encontrava no mesmo documento.

Por cada irmão que fallecesse mandava a irmandade resar 60 missas e outras tantas por alma de cada umà das suas legitimas mulheres, isto desde 14 de janeiro de 1781. Os irmãos tinham por obrigação resar uma corôa ao Senhor quando fallecesse algum associado.

Tambem determinava o compromisso que quando houvesse votação, esta se fizesse por meio de *favas* brancas e pretas.

Como dissemos, esta irmandade passou em 1837 para a actual egreja da Conceição Velha, com auctorisação do cardeal patriarcha, de 5 de abril do mesmo anno.

Em 1791, o preço das missas, que era de 100 réis, passou a 120 réis cada uma.

Em 30 de abril de 1853 foi nomeada pelo governador civil uma commissão administrativa a esta irmandade. Em 16 de abril de 1886 foi pela mesma auctoridade nomeada uma outra commissão. A de 1853 requereu ao nuncio apostolico a commutação das missas, que estavam por celebrar desde 1848.

Antigamente a irmandade pagava a missa dos domingos e dias sanctificados, assistindo á mesma com tochas accesas. As missas eram applicadas pelos irmãos vivos e defunctos.

Em 8 de março de 1874 foi approvada uma proposta do

sr. Rosa Araujo, para ser mandada celebrar uma missa, com assistencia da irmandade, por alma de João Nepomuceno Ferreira, que outr'ora prestou relevantes serviços a esta irmandade, sobresaindo de entre elles o haver conseguido a transferencia da mesma irmandade do Carmo para a Conceição Velha.

— Por alvará de 10 de setembro de 1844, assignado pela rainha D. Maria II, sendo ministro de estado Antonio Bernardo da Costa Cabral, foi approvado o compromisso de uma Associação de beneficencia, creada na Irmandade do Santissimo Sacramento da Ressurreição, da Real Capella de Nossa Senhora da Conceição.

Essa associação foi mais tarde, em 3 de novembro de 1862, por um decreto especial, annexada á irmandade do Santissimo, que ficou com o sub-titulo de *Ressurreição e Caridade.*

— A irmandade da Conceição tem a seu cargo fazer a novena e festa do Orago em tempo proprio. A antiga irmandade pertencia á corporação dos correeiros, e teve, durante muitos annos, por juiz o sr. conde da Calheta, depois marquez de Castello Melhor, que pagava 50$000 réis de jóia em cada anno.

O compromisso antigo d'esta instituição, ardeu no fogo do terremoto. Está isso declarado n'aquelle que para o substituir foi approvado pela rainha D. Maria I, de 4 de março de 1779. D'este existe na egreja um exemplar, escripto á penna, em pergaminho, com illuminaduras differentes, ao costume da época. Conserva-se dentro de um estojo apropriado, e está encadernado em veludo de seda carmezim, com guardas de seda douradas. E' volumoso; encerra 115 folhas de pergaminho, numeradas só de um lado. A illuminadura da primeira pagina, é notavel; apresenta, entre silvados, a imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Ao tempo tinha sido annexado á bandeira do officio de correeiro, que era a da Senhora da Conceição, os dois ramos de *celleiro* e *ferieiro*, que pelo compromisso ficaram fazendo parte da corporação.

No preambulo do regulamento vê-se que a irmandade foi estabelecida — «não só para honorifico do mesmo officio mas tambem para merecerem, com os logares que n'ella occupassem no serviço espiritual, serem graduados para a pretenção dos logares que temporariamente vão servir os mestres do dito officio á bandeira de que é cabeça na casa dos *Vinte e Quatro.*»

N'este documento, que é datado de 1779, a egreja dos Frei-

res da Ordem de Christo tinha já a denominação official de Real Egreja de Nossa Senhora da Conceição. O titulo de Real parece vir da sua fundação.

A mesa da irmandade da Conceição era composta de 14 pessoas. A' sua festividade principal de 8 de dezembro, assistia a mesa de *capa* e *volta*, como ainda hoje usam os irmãos da irmandade de S. Roque. Acompanhavam os associados á sepultura, dando aos mesmos habito e cova. Quando algum irmão estava doente e *sangrado* o irmão enfermeiro devia visital-o e soccorrel-o, se fosse pobre.

O sr. Rosa Araujo creou depois uma Associação de Escravos de Nossa Senhora da Conceição, que durou cerca de 20 annos, fazendo festividades com grande pompa e dando abundantes bodos a pobres, no dia 8 de dezembro de cada anno.

A actual irmandade data de 1886. O sr. Rosa Araujo foi d'ella juiz até que morreu.

Na chamada sacristia dos Passos existe um quadro de Nossa Senhora da Conceição, com moldura dourada, que pertenceu á casa do despacho da antiga irmandade. A pintura parece ser boa, posto tenha soffrido retoques.

A irmandade teve ha annos um legado para ajuda da novena, deixado pelo sr. Luiz Antonio Panarra, de dois contos de réis em inscripções. Todos os annos se tem dado cumprimento a este legado, mas na Boa Hora existe um processo, multando a irmandade em 180$000 réis, por terem sido dadas, fóra de tempo, as contas de tres annos.

A mesma irmandade tambem recebe os juros de 100$000 réis, legados por D. Luiza Francisca Bordás, para ajuda do azeite da lampada. Com este tambem se deu um caso devéras extraordinario.

O fallecido Rosa Araujo, na qualidade de Juiz da Irmandade, deixou de dar contas ao respectivo juizo das capellas, annexo ao hospital de S. José, do cumprimento do legado, com respeito a tres annos. Soube-se ha pouco tempo, quando o negocio se liquidou, que as custas d'esse processo subiam a mais de 48$000 réis! Os juros recebidos eram apenas de 6$240 réis e a propria inscripção não valia então mais que 34$000 réis!

Vae sem commentarios.

— A imagem de Nossa Senhora tem um diadema de prata

com 11 estrellas, pezando mil seiscentos quarenta e duas grammas.

— A irmandade dss Passos recebe um lausperenne em maio, festejando o seu Orago n'um domingo d'aquelle mez. A imagem é muito antiga. Pertenceu ao convento de S. Domingos (1) e d'ali sahia em procissão na quaresma. Estava n'uma capella dos claustros, pois na egreja havia outra, que ainda existe, e chegou a ter uma rica irmandade, com bellos paramentos e pratas, de que faz uso a irmandade do Santissimo da freguezia de Santa Justa e Rufina.

A procissão era levada a effeito na primeira sexta-feira de Quaresma, e dava volta ao Rocio. Fez-se até 1828, segundo nos informaram.

A imagem do Senhor Jesus dos Passos foi encarnada de novo em 1870 por Francisco de Borja Gomes, artista de talento, que mostrou na obra a sua grande habilidade. Trabalhava n'uma loja ao Soccorro. Foi tambem quem encarnou as imagens pertencentes á Ordem Terceira do Carmo e que figuram na procissão do Triumpho. Estas imagens foram feitas na primeira metade do seculo XVIII por José de Almeida, artista notavel, o melhor do seu tempo. Era conhecido pela alcunha — *o Romano*.

— O primitivo compromisso d'esta corporação, que foi creada com o titulo de *Confraria de Santa Cruz e Passos*, na egreja do extincto hospicio de Nossa Senhora da Penha de França, tem a data de 1 de Maio de 1858, a rubrica de el-rei D. Pedro V e a assignatura do marquez de Loulé, que então era ministro do reino. A mesa provisoria era assim composta: — Juiz, Manuel Joaquim da Silva; secretario, Luiz Mendes de Sant'Anna; thesoureiro, Antonio Maria da Fonseca; procurador, Gregorio Lucas Evangelista; mordomo, Manuel Pedro.

— Em 1883 fizeram-se na egreja da Conceição Velha 5 festividades ao Senhor Jesus dos Passos, sendo algumas feitas por promessas e outras pela irmandade, pois n'esse anno foram recebidos dois lausperennes.

---

(1) Em 1414 foi instituida no convento de S. Domingos a irmandade de Santa Cruz e Santo André, de gente flamenga. A cêra que usavam no altar e festas era toda de côr *verde!* Não encontrámos a explicação d'esta exquisitice e não sabemos se era a esta irmandade que pertencia a imagem do Senhor dos Passos, que hoje está na Conceição Velha.

A festividade de 1881 tinha sido precedida de novena, a instrumental, com praticas doutrinaes em todas as tardes. Os sermões n'esse anno importavam em 40$500 réis.

— A' actual irmandade dos Passos pertence tambem uma

Senhor Jesus dos Passos

imagem do Senhor Morto, bella esculptura, que lhe foi cedida pelo governo, em 27 de dezembro de 1880. Esta imagem esteve em deposito no convento do Menino Deus e tinha pertencido ao

de S. Francisco, de Xabregas. A irmandade tomou posse da imagem em 4 de fevereiro de 1881.

O altar do Senhor Morto (1) está collocado na sacristia pequena, no sitio onde esteve o magestoso grupo de figuras de pedra, que ornam a frontaria da egreja. O grupo esteve ali de 1818 a 1880.

O camarim, aonde está a imagem do Senhor dos Passos, foi construido a expensas da sua irmandade, em 1872.

Esta irmandade tem tido poucas deixas; recebeu dois contos de réis em inscripções, legadas pelo sr. Balthazar Corrêa Caldas, com a obrigação de duas missas, no dia 30 de agosto, por sua alma e de sua esposa, a sr.ª D. Gertrudes Magna de Jesus.

De D. Maria Francisca Bordás, uma inscripção de 100$000 réis, para ajuda do azeite da lampada.

Do sr. Francisco Xavier de Souza, 500$000 em inscripções, com a obrigação de uma missa, no dia 24 de novembro, por alma da sr.ª D. Maria Adelaide Moreira de Souza e ter uma lampada accesa deante de uma pequena imagem de Nossa Senhora da Piedade, que se encontra á esquerda, no altar do Senhor dos Passos.

---

(1) Este altar já mandado fazer pelo mesario Justiniano José Marques, fallecido, como dissemos, em 1890. A familia d'este cavalleiro ainda manda, nos dias 11 de todos os mezes, rezar uma missa por sua alma n'este mesmo altar.

XIV

Nossa Senhora das Mercês

Quando começou a ser festejada Nossa Senhora das Mercês.—O cyrio do Pão e Agua.—Nova confraria.—Depois do terremoto.—Aonde eram feitas as festas annuaes.—A juncção com a confraria da Pureza.—A freguezia da Senhora das Mercês.—O compromisso antigo.—O altar da Senhora. —A Ordem militar das Mercês e Redempção de Captivos.

Todos os annos se faz na egreja da Conceição Velha uma festividade á Senhora das Mercês, uma bella imagem (1), que foi restaurada ha poucos annos a expensas do fallecido mesario, o sr. Justiniano José Marques, e que está collocada na sacristia chamada dos Passos. A festividade é feita a expensas de uma associação de devotos, fundada em 1893.

Esta imagem começou a ser festejada no anno de 1309, em virtude do voto que alguns habitantes de Lisboa fizeram, ao grassar uma terrivel epidemia, de irem festejar a Santissima Virgem, ao logar da Merceana, se o flagello desapparecesse, á similhança do que fazia a rainha Santa Izabel, esposa d'el-rei D. Diniz, que ia solemnisar o Divino Espirito Santo, todos annos, á sua egreja da villa de Alemquer.

Reza a historia que a epidemia, que se desenvolveu em segui-

(1) Esta imagem foi feita de novo em 1771. A antiga ardeu em S. Nicolau. A confraria, á falta de Orago, festejou na capella da calçada da Gloria, por muitos annos, uma imagem de Nossa Senhora do Populo, que o prior lhe tinha cedido.

da ao espantoso terremoto, que se sentiu pelas 6 horas da manhã de 22 de fevereiro de 1309, é das que, em Portugal, tem feito maior numero de victimas, e por isso o voto dos moradores de Lisboa foi tambem excepcional, qual o de fazerem romaria sustentados unicamente a pão e agua, devoção esta que ficou sendo conhecida pelo *cyrio do pão e agua*.

Sahiu o dito cyrio da egreja de S. Bartholomeu dos Navegantes e a festividade realisava-se a 25 de novembro de cada anno; porém, em 1431, o cyrio partiu de Lisboa mas não foi recebido pelos mordomos na Merceana, que tinham cortado todas as relações com a capital, em razão de grassar aqui outra epidemia, tambem succedania do terremoto de 24 de Abril d'esse anno.

Os festeiros recolheram desgostosos e protestaram não voltar ao sitio e organisaram desde logo, na egreja de S. Bartholomeu, já então freguezia de S. Nicolau (1), uma nova confraria, que ficou denominada de Nossa Senhora das Mercês e Redempção dos Captivos, que mais tarde teve compromisso, approvado pelo nuncio Jeronymo Riceno, por antonomasia *O Cabeça de ferro*, aos 27 de janeiro de 1538, com faculdade da mesma de poder edificar capella com adro e sinos (2).

A confraria foi desde logo coberta de graças e indulgencias pelos summos pontifices e mais auctoridades ecclesiasticas, que lhe concederam, além de outras, todas as regalias de que gosavam as ordens terceiras de S. Francisco; porém, ao cabo de 324 annos, o terremoto de 1 de novembro de 1755 deitou por terra o templo e a confraria ficou sem capella, cartorio, paramentos e alfayas. Tinha carneiro para sepultura dos seus associados.

As imagens que escaparam foram transferidas para a ermida de Nossa Senhora da Pureza, na calçada da Gloria, ha annos demolida, aonde esteve provisoriamente a freguezia de S. Nicolau, até 6 de agosto de 1769, que foi quando se effectuou a nova transferencia em procissão, para a ermida de Nossa Senhora da Victoria, fundada em 1556.

---

(1) A freguezia de S. Nicolau foi organisada com este titulo em 1430; já existia em 1280.

(2) Em 1728, aos 16 de janeiro, se aggregou esta congregação á archiconfraria de Santo Adrião de Roma, para participar de graças e indulgencias, mediante licença obtida do 1.º patriarcha de Lisboa, D. Thomaz de Almeida, de 3 do mesmo mez e anno.

NOSSA SENHORA DAS MERCÊS

Venera-se na egreja da Conceição Velha, em Lisboa

Por occasião da procissão houve desintelligencia entre as irmandades, sobre a preferencia do logar, em rasão de antiguidades e privilegios.

Os mesarios da confraria de Nossa Senhora das Mercês resolveram desde logo, para acabar com essas questões, transferir para outro templo as suas imagens, que passaram a 10 de novembro de 1771 para a egreja dos Freires da Ordem de Christo, vulgò Conceição Velha, juntando-se a confraria com a da Senhora da Pureza, que já ali existia, e ficando com o titulo de *Confraria de Nossa Senhora das Mercês, Pureza e Redempção de Captivos.*

A juncção das confrarias foi auctorisada pelo prelado do convento de Christo em Thomar, Pedro de Mendonça Barreto de Moura, depois de ouvido o procurador e o juiz geral das ordens. O nuncio e o cardeal patriarcha de Lisboa concederam indulgencias ás pessoas que assistiram á festa.

— A freguezia da Senhora das Mercês teve começo em 1652 n'uma capella fundada por Paulo de Carvalho, na rua Formosa, esquina da travessa dos Fieis de Deus. Paulo de Carvalho era desembargador do paço e tio do pae do primeiro marquez de Pombal. A capella, aonde está presentemente uma corporação religiosa de senhoras, que sustentam um lausperenne diario, pertence ainda á casa dos srs. marquezes de Pombal.

Na capella-mór d'este pequeno templo, estão sepultados, do lado esquerdo, os restos mortaes do grande ministro de D. José I. Foram para ali trasladados em 1856.

O poeta Manuel Maria Barboza du Bocage foi ali sepultado. Morava na travessa de André Valente.

A freguezia passou em 1835 para o magnifico tempo do convento de Jesus, aonde está presentemente.

— Temos presente um compromiso da devota congregação de Nossa Senhora das Mercês, eregida na parochial egreja de S. Nicolau. Tem a data de 1737.

Vê-se que era costume fazerem-se procissões no dia de Natal, Circumcisão, e dia de Reis, com assistencia da irmandade do Santissimo. A festividade principal era a 24 de setembro.

As votações eram feitas com *favas* brancas e pretas, ao costume da época.

Os associados tinham 50 missas quando falleciam.

As graças e indulgencias concedidas aos devotos e associados

eram tantas que foram reunidas em um compendio, em 1771, e por concessão especial do mestre general da real ordem das Mercês, Fr. Antonio Manuel de Artateso, de 12 de junho, podiam ser ganhas na capella da Senhora das Mercês, da Real Egreja de Nossa Senhora da Conceição dos Freires.

Em 1773 foi nomeado commissario o padre pregador Carlos Luiz Carneiro, religioso calçado da real e militar ordem de Nossa Senhora das Mercês e Redempção dos captivos.

N'esse mesmo anno foram offerecidas duas corôas de prata á Senhora e Menino, por Guilherme Joaquim Paes de Menezes. Importaram ambas em 46$000 réis. Ha d'isso registo.

O painel da Senhora da Pureza era festejado no ultimo domingo do mez de junho. Tinha de rendimento um padrão da tença de 14$500 réis, assentados no almoxarifado da casa dos cinco da Alfandega Grande do Assucar.

— A frontaria do altar, na Conceição Velha, aonde está presentemente a imagem da Senhora das Mercês, foi pintada gratuitamente, em 1880, pelo conhecido pintor Rambois, que com o seu socio Cinatti foram eximios em decorações do real theatro de S. Carlos.

A imagem da Senhora das Mercês veio occupar o logar aonde esteve pelo espaço de 62 annos o grupo de pedra de Nossa Senhora da Misericordia e fundadores, que em 1880 passou para o seu antigo logar, na frontaria do templo. Por baixo, no altar, está uma imagem do Senhor Morto. Um dos adminitradores da egreja teve ha annos uma ideia bem pouco luminosa. Fez tirar a imagem da Senhora das Mercês d'aquelle logar e collocou no mesmo uma imagem de S. Miguel. Como era de suppor, a estravagante ideia cahiu logo pelo ridiculo. Ficava S. Miguel com o Senhor Morto aos pés!

— A gravura que acompanha este artigo é reproducção de uma excellente photographia tirada pelo sr. Avellar, que para esta obra fez differentes trabalhos.

— A ordem das Mercês foi fundada em Hespanha, na cidade de Barcelona, sendo fundadores o rei D. Jayme, seu confessor, S. Raymundo de Penaforte e S. Pedro Nolasco. No primeiro de agosto de 1218 vestiu S. Pedro Nolasco, fundador e primeiro geral, o habito branco da ordem. A' insignia da Cruz juntou o rei D. Jayme as armas de Aragão. A ordem tinha o titulo de Nossa

Senhora das Mercês, ou da Misericordia, para redempção de captivos; religião militar e hospitaleira.

Seguiam a regra de Santo Agostinho e aos tres votos de religião que estes professavam ajustavam um outro voto, o de ficarem em refens, em poder de infieis, sendo preciso, para resgatar captivos. Tinham freiras e terceiros da Ordem. Na America contavam oito provincias, sendo uma a do Maranhão, sujeita a Portugal. A ordem teve muitos santos. S. Paschasio, bispo martyr; S. Pedro Armengol, S. Raymundo Nonato, cardeal; S. Serapião, martyr; Santa Maria do Soccorro, virgem, e S. Gonçalo Dias, pertenceram á mesma.

— A devoção de Nossa Senhora das Mercês viera a Portugal em 1282 com a chegada da rainha Santa Izabel, que estabeleceu conventos da ordem em varios pontos do reino. Na egreja parochial de S. Pedro em Alcantara faz-se ainda uma festividade annual á Senhora das Mercês e n'outro tempo saia d'ali um cyrio, que ia festejar ao sitio das Mercês, freguezia de Rio de Mouro, concelho de Cintra.

— Na antiga Casa dos Vinte e Quatro havia a bandeira de Nossa Senhora das Mercês.

— O sr. Candido Pacheco de Mello Forjaz de Lacerda foi agraciado em 1874 com o titulo de barão de Nossa Senhora das Mercês e em 1879 com o titulo de visconde. Morreu ultimamente. Era governador civil do districto de Angra.

XV

Nossa Senhora da Atalaya

A pequena imagem.—Quando começou a devoção.—O voto dos empregados da alfandega.—O bodo de 1814.—Um alvará de el-rei D. José I.—A festividade de 1872 e seguintes.—Da origem e festas na Atalaya.—A maquineta de prata da imagem.

Falta tratar de uma Imagem. É ella a Senhora da Atalaya, que está na egreja da Conceição Velha exposta á veneração publica dentro de uma maquineta de madeira dourada, logo no primeiro altar, á direita de quem entra pela porta principal. Esta imagem é muito antiga e tinha capella na alfandega, na chamada casa da India e foi quando esta repartição acabou que a imagem foi passada para a egreja aonde hoje está. A maquineta é ainda a mesma, que em todos os annos figurava na procissão.

A devoção começou por occasião da peste de 1506 e diz a tradição que os officiaes da alfandega fizeram a promessa de irem, descalços, annualmente, em romaria, ao sitio da Atalaya, no outro lado do Tejo, se escapassem ao terrivel flagello, quando viram cair fulminados dois dos seus collegas, que assistiam á abertura de volumes de carga ou bagagem, procedentes de portos infeccionados. A promessa foi cumprida até 1833, e o estado, por muitos annos, contribuiu poderosamente para o deslumbramento com que se effectuavam as ditas festas no concelho de Aldeia Gallega do Ribatejo; e o bodo, diz ainda a tradicção, era tão abundante que de vespera se matavam muitos bois, e até n'um anno foi convidada, e assistiu á festa, a officialidade de uma esquadra, que ao tempo estava fundeada no Tejo. Um empregado do cartorio da

alfandega, chamado José Agostinho, lembrava se de ter ido assistir a essas festas e contava muitos episodios, por elle presenciados.

A romaria começou no dia da Santissima Trindade do anno de 1507, indo á capella da Virgem o almoxarife, juiz e officiaes da alfandega.

No *Ramalhete do Christão,* lê-se:

«A romaria fez-se até 1833. Então procedeu-se á reforma das alfandegas e o estado baniu dos regulamentos fiscaes a obrigação de prestar culto á veneravel Imagem; e a agitação politica, em que n'essa época se achava o paiz, não permittiu a organisação immediata de uma confraria especial, que contribuisse para as despezas precisas; o que demonstra as petições que nos annos seguintes foram entregues ao prelado pelos empregados fiscaes, pedindo a dispensa do cumprimento de tão antigo voto.

«As diversas casas fiscaes foram reunidas no citado anno de 1833 e as imagens que estavam nas diversas capellas, pois cada repartição tinha a sua, aonde se diziam missas antes de começar o expediente, foram distribuidas por varios templos, sendo a Imagem da Senhora da Atalaya, intitulada Protectora das alfandegas, mandada para a Conceição dos Freires, aonde se festejava annualmente a Expectação da Virgem, com assistencia dos officiaes da alfandega, que tinham obrigação de comparecer a ella e que só podiam faltar mandando certidão de doente.»

— A titulo de curiosidade damos publicidade ao seguinte:

Despeza feita com o bodo, dado em 5 de junho de 1814, no sitio de Nossa Senhora da Atalaya do Riba-Tejo, pela alfandega de Lisboa

Carne de vacca, vitella e carneiro	190$520
Vinho	58$600
Pão	51$900
Toucinho, paios e presuntos	30$820
Peixe	24$600
Alluguel de 38 camas, 14 carretas, 26 cavalgaduras e fretes	39$680
1.000 queijos brancos e 1:500 laranjas	26$000
Arroz, manteiga de vacca e dita de porco	20$855
Azeite	13$200
Ao cosinheiro, 2 ajudantes e 10 moços	44$000
Ervilhas e outras hortaliças	14$430
Carvão e lenha	8$720
Assucar, chá, café e leite	11$960
Farinha, massas, ovos e adubos	8$410
Propinas	15$570
Despezas diversas	27$340
Alluguel de faluas	17$600
Somma	604$205

Esta nota foi copiada ha 30 annos do original no cartorio da alfandega, aonde existiam ao tempo os livros de contas e os documentos de despeza de diversas festividades. Hoje, com as vendas de papel velho para embrulhar assucar e manteiga, tudo isso desappareceu!

— O fallecido estadista Mousinho da Silveira, quando administrador da alfandega, foi sempre prosidir á mesa do bodo e tomar parte nas solemnidades, que por essa occasião se faziam na Atalaya.

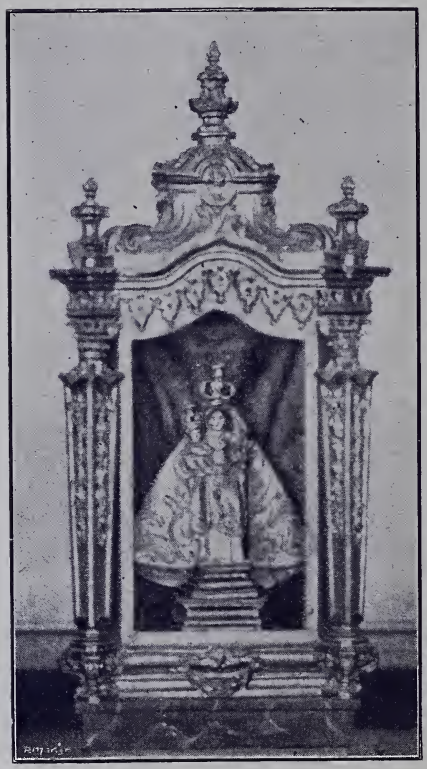
Este cyrio tornou-se notavel no seu tempo, chegando a ser considerado como o primeiro em grandeza dos que atravessavam o Tejo, idos de Lisboa e immediações.

— Lê-se o seguinte no alvará de el-rei D. José, dado em Belem, a 23 de agosto de 1753:

«Pelo antigo milagre, com que a Virgem Maria Nossa Senhora, com o titulo da Atalaya, collocada na sua ermida do termo de Aldeia Gallega do Riba-Tejo, livrou esta côrte de peste pelas preces que os officiaes da alfandega lhe offereceram em devota procissão, se erigiu uma confraria da mesma Senhora em que serviam os mesmos officiaes alternadamente, celebrando-lhe cada um anno duas festas, uma na mesma ermida com sermão e missa solemne e um caritativo jantar aos pobres na dominga da Santissima Trindade, e outra em dia da Expectação, na egreja de Nossa Senhora da Conceição dos Freires d'esta cidade, com vesperas solemnes, e com o Santissimo Sacramento exposto, para cujas despezas concorreram sempre os reis meus predecessores com esmolas competentes. E porque o trato do tempo extinguiu a dita confraria, e se continuaram as ditas festas á custa da minha fazenda, reconhecendo os reis meus predecessores a mesma Senhora como Protectora Soberana das Alfandegas d'este reino: Hei por bem, que as ditas festas se continuem perpetuamente, por ordem do provedor e feitor-mór das mesmas alfandegas, o qual deputará cada um anno quatro officiaes da alfandega grande, que as ordenem, e disponham nos tempos determinados, e obrigará todos os officiaes da mesma alfandega e das casas subalternas, que acompanhem a procissão publica que se faz na vespera da Santissima Trindade com a Imagem da mesma Senhora, sem que por esse trabalho e assistencia levem propina alguma á custa de minha fazenda, e sómente lhe poderá mandar distribuir rosarios bentos, para o exercicio da sua devoção. No sermão, missa solemne e armação da egreja e jantar dos pobres, que se faz na ermida da mesma Senhora, poderá o dito provedor e feitor-mór mandar despender pelo thesoureiro da mesma alfandega 350$000 réis e 400$000 réis na festa do dia da Expectação, que cada anno se celebra na egreja de Nossa Senhora da Conceição dos Freires d'esta cidade. E havendo de renovar a confraria extincta, se poderá despender nas ditas festas, ou em obra de caridade, todas as importancias das esmolas, com que concorrem os fieis.»

Este alvará foi copiado dos *Regimentos novos dos ordenados e emolumentos*, impresso em Lisboa, na officina patriarchal, anno de 1759, pag. 28.

Vê se por este documento que a festividade da Expectação era levada a effeito na antiga egreja da Conceição dos Freires, pois o alvará é de 1753 e essa egreja só deixou de existir pelo terremoto de 1755. Depois passou a ser celebrada a festa na actual egreja da Conceição Velha, que tem o titulo official de *Real Capella de Nossa Senhora da Conceição de Lisboa*. O retabulo que está no altar, aonde se encontra a imagem de Nossa Senhora do Restello, é o da Senhora do O' ou da Expectação e era diante d aquelle altar que os officiaes da alfandega iam render culto a 18 de dezembro de cada anno.



Nossa Senhora da Atalaya
vulgo das Alfandegas

— A 15 de setembro de 1872 realisou se n'esta egreja uma solemne festividade a Nossa Senhora da Atalaya, com o titulo de Soberana Protectora das Alfandegas, feita a expensas de uma commissão, que tinha por presidente o fallecido conselheiro Antonio José Duarte Nazareth, que ao tempo dirigia a alfandega de Lisboa. Cantou-se a missa grande de Casimiro Junior e orou o rev.do Conego Augusto Antonio Teixeira, assistindo o director geral das alfandegas, o conselheiro Antonio dos Santos Monteiro.

Effectuaram-se nos annos seguintes mais onze festividades. As differentes transformações porque passaram as alfandegas n'esse periodo, obrigando a mudança do pessoal de umas para outras casas fiscaes, e a morte de alguns empregados, fez com que de então para cá não se pensasse mais em festas, e esses cul-

tos, tão pomposos, caissem no mais profundo esquecimento. A ultima foi levada a effeito a 24 de novembro de 1883, sendo orador o rev. Antonio Ferreira Duarte. Esta imagem de tempos a tempos é allumiada a expensas de devotos, que lhe offerecem cyrios e azeite.

— Agora que temos á mão uma boa noticia da origem e festas da Senhora da Atalaya, que uma das folhas da capital publicou ha dois ou tres annos, é dever nosso o dar-lhe publicidade n'estas paginas. A noticia vae completa, para não perder nada do seu valor real. Diz assim:

Senhora da Atalaya

«Começam no proximo sabbado os festejos em homenagem á Senhora da Atalaya, cuja capella está erecta no alto do mesmo nome e á distancia de quatro kilometros da villa de Aldeia Gallega.

Esta tradicional romaria é uma das que chamam maior concorrencia; equivale para o sul á romaria da Senhora do Mont'Alto, que se festeja no proximo mez de setembro no districto de Coimbra.

A maioria dos cirios chega ali no sabbado, havendo n'esse mesmo dia varias festividades religiosas na capella. No domingo, porém, é que se realisa a festividade de todos os cirios na referida capella, que se encontra ricamente ornamenta la, e á tarde tem logar a procissão, em que se encorporam todos os cirios, e que percorre o caminho que vae do sanctuario ao cruzeiro situado em frente da villa de Aldeia Gallega; d'ali vae ao cruzeiro que fica defronte da villa de Palmella e d'ali ao sanctuario.

Ao capellão da ermida da Atalaya foi já participado que vão ali este anno em romaria os seguintes cirios: da freguezia de Samora Correia, da villa de Palmella, da cidade de Setubal, o cirio velho; da quinta do Anjo, da Carregueira e dos Olhos d'Agua. De Lisboa vão os cirios de Santa Izabel, dos Terremotos, de Santos-o Velho, da Estrella, da Ajuda, de S. Lourenço, das Francezinhas, do Beato, de Santa Joanna e de Santa Engracia.

Na porta do Sanctuario está afflxado um aviso aos romeiros, prohibindo a ida de qualquer imagem de differente invocação, sem licença do prelado de Lisboa, e prevenindo os festeiros de que só teem a devida benção religiosa os registos, rozarios e medalhas que se vendem na capella, e que os outros objectos de devoção, que se encontrem espalhados no arraial da Atalaya, não teem valor algum e a sua venda é probibida por serem contrarios á religião do Estado.

Segundo a lenda, a imagem da Senhora da Atalaya appareceu n'uma arveira proximo da fonte, lado norte, onde actualmente existe a capella, no anno de 1217, reinando D. Affonso II; o que, comtudo, está averiguado é que no anno de 1507 já iam cirios de Lisboa em romaria á Atalaya, tendo o cirio da Alfandega, de que foi o iniciador o rei D. Manuel, feito ali a sua primeira entrada no referido anno.

A origem d'este cirio é a seguinte:

No reinado de D. Manuel, em consequencia da peste que grassava em Lisboa e que fazia diariamente mais de 40 victimas, aggravada tambem com a fome, reuniram-se na casa da alfandega o almoxarife, juiz e officiaes da mesma, resolvendo ir todos em romaria á Atalaya. A estes juntou-se quasi toda a população da capital, levando cada romeiro um cirio de arratel, e para ali seguiram em vespera do dia da Santissima Trindade, indo grande parte do povo descalço, como penitencia.

Chegaram á Atalaya n'um sabbado e d'ali regressaram na segunda-feira seguinte, tendo no domingo realisado uma procissão e distribuido um bodo aos pobres.

Durante a estada do cirio na Atalaya, a mortandade em Lisboa baixou a 10 pessoas por dia e na mesma semana entraram no Tejo navios com cargas de trigo, que abasteceu largamente a cidade e termo.

Tudo isto foi tomado por milagre da Virgem Santissima e d'ahi por diante nunca os empregados da alfandega deixaram de festejar a Senhora da Atalaya.

Este cirio, porém, extinguiu-se, ao que parece, pois ha muitos annos que não realisa a sua romaria.

Os cirios

O cirio de Cezimbra, que é formado de pescadores d'aquella localidade, é um dos mais antigos, pois, segundo uma maquineta de prata que os romeiros offereceram á Virgem e que ainda se encontra na capella, esteve ali pela primeira vez em 1673.

Por occasião do terremoto de 1755, os habitantes de Aldeia Gallega, ao verem que as aguas do Tejo invadiam a villa, refugiaram-se na capella da Senhora da Atalaya, levando para ali todos os seus haveres e as vellas das embarcações, tendo sido esta a origem do cirio.

O cirio de Samora Correia é posterior ao anno de 1823. E' formado unicamente de bandeiras. A creação do cirio de Palmella suppõe-se datar do anno de 1600; é constituido tambem por bandeiras e ultimamente é que acompanha com os outros cirios, pois ha poucos annos ainda fazia se a festividade no mez de setembro.

No anno de 1606 formou-se o cirio de Setubal, e o da quinta do Anjo em 1780. Este cirio, que chega á Atalaya na manhã de domingo, é um dos mais vistosos, e conduz a imagem n'um carro brilhantemente ornamentado e seguido d'outros, tambem adornados, com os romeiros.

Por occasião das epidemias do cholera-morbus em 1833 e 1856, organisaram-se respectivamente os cirios da Carregueira e dos Olhos d'Agua, este pertencente á freguezia de Palmella.

O cirio de S. Lourenço organisou-se tambem em 1855, e depois d'uma dissidencia suscitada entre alguns romeiros, os que sairam crearam o cirio de Santa Izabel no anno de 1860.

Eis uma resumida noticia sobre os cirios mais antigos e que com mais esplendor concorrem á romaria da Atalaya.

O embarque dos cirios, este anno, parece que se realisa no Terreiro do Paço, em consequencia das obras do Porto de Lisboa, á excepção dos cirios da

Ajuda e Senhora das Dores, que se realisa no caes de Belem e o do Beato, que embarca em Xabregas, na fórma dos annos anteriores.»

— Na capella da Atalaya ainda existe uma maquineta de prata, offerecida á Senhora, pelo antigo cirio da Alfandega de Lisboa. Costuma estar exposta na capella-mór, por occasião da grande romaria, do ultimo domingo de agosto.

—O sr. Vilhena de Barbosa tratando da egreja de Nossa Senhora da Atalaya, que se venera sobre um oiteiro da margem do Sul do Tejo, a quatro kilometros de distancia da villa de Aldeia Gallega, a cuja matriz pertence, diz que esta foi reformada no seculo passado, e é pequena e de singela architectura, e tem na frente um espaçoso adro, d'onde se disfructam deliciosos panoramas em dilatadissimo horisonte. Do adro desce-se por uma escadaria de pedra, que corresponde aos tres porticos do templo, para um grande terreiro ou praça, que, principiando com bastante declive, depois se extende por terreno plano. Orlam o terreno varias casas que alli foram construidas durante o decurso do tempo, e em razão e da affluencia de gente que o sanctuario attrahe. No fundo do terreiro, em frente da egreja ergue-se á sombra de corpulento pinheiro, um cruzeiro, sob uma cúpula de pedra sustentada por quatro pilares.

Em torno d'este logarejo tudo são charnecas e pinhaes. Durante o inverno e principio da primavera é um sitio quasi ermo. Quando chega o primeiro domingo depois da Paschoa todas as casas são poucas para accommodar os hospedes e o grande terreiro é então pequeno para conter a multidão de povo que alli corre a acompanhar ou a esperar o primeiro cyrio do anno, que vae festejar a Senhora.

Não se vê nas visinhanças de Lisboa arrayal mais concorrido e pittoresco, pois que a nenhum outro, incluindo mesmo o de Nossa Senhora do Cabo, accorre gente de mais longiquas terras e de trajos mais variados. E não se limita esta animação á praça e adro da egreja. Os mattos e pinhaes que circundam o sanctuario transformam-se em vasto acampamento, onde os alegres romeiros folgam de dia, comendo, tocando, cantando e bailando; e repousam de noite minguadas horas para recomeçar, ao alvorecer, as suas devoções e folguedos.

XVI

A frontaria e as portas travessas da Misericordia

A porta do edificio antigo da Misericordia.—Quando foi construida a porta travessa.—A justificação, levada a effeito pela ordem da Trindade.—O accordam de 1576.—Uma vista de Lisboa antiga.—Trata-se do Tombo do marquez de Pombal.—A medição do edificio.—A rua de Cima da Misericordia.—O arco das Portas do Mar.—A Senhora do Populo.—Os dois recolhimentos para donzellas orphãs.—A classe da Misericordia.—Planos do marquez de Pombal.

Affirmando diversos escriptores antigos que a egreja primitiva da Misericordia tinha a porta principal voltada para o poente, e como a porta travessa, que olha para o sul, é um especimen de architectura manuelina, essa affirmativa levou-nos a empregar as possiveis deligencias para conhecer se essa porta principal era de simples construcção ou se tinha alguns ornatos dignos de menção especial. Bastante trabalhámos n'esse sentido, mas o resultado não correspondeu aos nossos desejos, pois pouco podemos apurar a esse respeito. N'outro tempo o edificio teve uma porta voltada para aquelle lado, mas, por occasião do terremoto, não a tinha já.

O *Tombo,* mandado fazer pelo marquez de Pombal, não menciona porta alguma para o poente, que era então a rua da Portagem, chamada *Arcos da Misericordia* (1).

---

(1) Na *Demonstração historica*, falla-se no arco da Portagem, vendo-se que confinava com elle a parede da rua do Principe da parte da terra e da

Quando construiram aos lados do edificio os recolhimentos para donzellas pobres taparam naturalmente a porta principal e abriram outras ao norte e sul para mais facil serventia da egreja. Da porta aberta para o lado do norte mais adiante se tratará.

Tambem ha suas duvidas ácêrca da data da construcção da porta travessa, que olha para a rua da Alfandega. Nas gravuras antigas, posto sejam algumas bastante confusas, não apparece o grande portico nem as duas grandes janellas que o acompanham.

Por cima da Alfandega e do Terreiro do Pão vê-se aquelle edificio com seis janellas relativamente pequenas e a sua elevada torre. Nas obras antigas tambem não se encontra descripta a porta travessa, o que leva a pensar que o trabalho que ali se admira não é obra da primitiva.

Ora ainda outra cousa. No archivo da Torre do Tombo existe uma *justificação,* feita pela Ordem da Santissima Trindade, para provar que frei Miguel de Contreiras foi o fundador das Misericordias, para o effeito de ser o retrato do mesmo pintado nas bandeiras d'aquelles estabelecimentos. Essa justificação foi começada na Sé, a 25 de Agosto de 1574. Nenhuma das testemunhas inquiridas fazem a mais leve referencia ao grupo de pedra, que está por cima da porta travessa, da antiga Misericordia, hoje Conceição Velha, aonde está a figura do instituidor. Todas dizem que viram as figuras de um ou dois frades da Santissima Trindade,

---

mesma parte lhe ficava correspondente a calçada da Padaria, para cuja banda havia no alto da porta um oratorio, com a imagem de Nossa Senhora do Rozario.

Nas casas que lhe ficavam immediatas, e occupavam desde o seu largo até ao Pelourinho Velho, se diz ter sido aonde foi a alfandega, pois como o achamos descripto nas antigas historias estava dentro dos muros, no fim da rua Nova dos Ferros.

Esta rua do Principe era a antiga rua dos algibebes e ficava proximo ao Terreiro do Paço, freguezia da Magdalena, conhecida n'outro tempo por a *Madanella.*

Quando ha poucos annos os srs. Macieiras fizeram obras nas suas propriedades da rua da Magdalena, appareceram, no pateo, restos da antiga calçada da Padaria, pois esta vinha dar á rua direita, hoje da Alfandega.

Na rua dos Bacalhoeiros, ha ainda uma porta de escada, aonde estão uns quadros de azulejos, que apresenta interiormente dois vãos de cantaria, que demonstram ser da primitiva. Eram portas que formavam a esquina da rua dos Arcos.

com seus habitos brancos e cruzes azues e vermelhas, pintadas nas bandeiras antigas, nas caixas das esmolas, por cima da capella dos claustros da Sé, no painel do altar mór da Misericordia, do lado do Evangelho, retabulo que tinha sido pintado por Garcia Fernandes, etc., mas nenhuma, apezar de terem sido 18 as inquirições, falla no grupo de pedra que devia estar por cima da porta travessa do então moderno edificio da Misericordia. O que faz crer que ao tempo, em 1574, ainda esse retabulo não tinha sido feito.

O accordam de 15 de setembro de 1576 determinou a forma como se havia de proceder ao pintar das bandeiras, dizendo que devia estar a imagem da Virgem ao centro, e á mão direita um papa, um cardeal, um bispo e um religioso da Santissima Trindade, o instituidor, e á parte esquerda um rei e uma rainha, em memoria do inclito rei D. Manuel e da rainha D. Leonor e dois companheiros do instituidor.

Por isso se vê que o baixo relevo em pedra, que occupa o envasamento da parte superior do portico da actual egreja da Conceição Velha foi desenhado e executado em harmonia com aquella resolução, logo tendo a egreja sido aberta ao publico em 1534 não podia ter a esse tempo, nem o tinha com certeza, por cima da porta travessa esse grupo de figuras, que só foram inventadas 42 annos depois.

Não sabemos porém quando foi executado e collocado no seu logar esse trabalho, que com toda a certeza não é da primitiva.

N'uma vista de Lisboa antiga, que existe em ponto grande, no museu das Janellas Verdes, na escada, lado esquerdo, subindo do primeiro para o segundo pavimento, vê se claramente a frontaria, lado sul, da antiga Misericordia. Nem o portico actual, nem as suas grandes janellas apparecem no desenho, que vae além do reinado de Filippe I, por apresentar já o torreão do Terreiro do Paço, chamado do *Forte* ou *Casa da India*, mandado fazer por este monarcha quando esteve em Portugal. Logo, em 1584, ainda não existia a porta nem as janellas ornamentadas no gosto em que chegaram aos nossos dias. Na Misericordia, aonde procuramos informações, nada nos souberam dizer a este respeito.

Em 1626 segundo a *Descripção Metrica*, tantas vezes citada pelo sr. Julio de Castilho, na sua *Ribeira de Lisboa,* já o edificio da Misericordia tinha uma porta travessa para a rua direita, com

o seu respectivo taboleiro ou adro, o que foi feito com provimento da camara e licença regia.

Os versos da *Descripção* dizem assim:

Segue logo (do Terreiro do Paço) uma rua
que tem de uma parte tendas
Da outra da Misericordia
uma das portas travessas.

Ás escadas d'esta porta
infinitas camponezas
todo o anno estão vendendo
flores de cheirosas hervas.

Em 1636 existiam já os 16 arcos da rua da Portagem por baixo do recolhimento da Misericordia segundo se vê do *Archivo Municipal*. Esses arcos tinham casas no interior, que ao tempo estavam allugadas a medideiras de trigo. Defronte da Misericordia havia o Terreiro, que tinha na frente 32 arcos, com 89 lojas, allugadas a 150 medideiras, que pagavam rendas ao senado.

O sitio, para aonde estava voltado o poente do edificio, que hoje é o primeiro quarteirão da rua da Magdalena, era antigamente a rua da *Portagem*, que do Terreiro do Paço ia dar á Padaria. Essa rua tinha 34,54 metros de comprimento, e 4,40 de largura do lado do sul e 2,86 do lado do norte. A medição foi feita a palmos, porém nós a reduzimos a metros, para melhor comprehensão.

Ousamos agora o que diz textualmente o *Tombo*, mandado fazer pelo marquez do Pombal:

«Rua da Portagem (1). Casas do lado direito, vindo do Terreiro do Paço. — Folhas do tombo 2:8.— Numero 1.— Casas dos herdeiros de Domingos da Costa. Partem pelo sul com a rua da Misericordia e pelo norte com os herdeiros de Domingos Vaz. Tem de frente 65 palmos e de fundo pelo sul 43 e pelo norte 40.

«Numero 2.— Lojas com seus sotãos que estavam por baixo das casas

(1) N'esta rua é que era a Alfandega antiga.

Em carta de 2 de Agosto de 1499 concedeu D. Manuel aos duques de Bragança a dizima dos pescados, que até então se cobravam por conta Real na *Portagem*.

antecedentes e pertencentes ao conde de Villa Nova. As lojinhas eram 4, sendo 3 para a rua da Portagem e 1 para a rua da Misericordia, occupando o vão desde o cunhal da frente da Misericordia até á escada de pedra que dava serventia ás ditas casas acima, e tinham, além dos sotãos por cima, alpendrada (arcos) em roda; o dito vão tinha de frente 28 e 1/4 palmos e de fundo 24.

«Folhas do tombo 219.— Numero 3.— Casas dos herdeiros de Domingos Vaz. Partem pelo sul com os herdeiros de Domingos da Costa e pelo nascente com o edificio da Misericordia. Tem de frente 58 palmos e de fundo 45.

«Numero 4 — Casas de Ventura da Costa e outros Partem pelo sul com as antecedentes e pelo nascente com a Misericordia. Tem de frente 26 palmos e de fundo 45.

«Folhas do tombo 220.— Numero 5.— Casas da Irmandade do Santissimo da freguezia da Magdalena. Partem pelo sul com as antecedentes, Tem de frente 30 palmos e de fundo 40.

«Numero 6.— Casas da Misericordia, que sómente allugava as lojas e os altos occupava o recolhimento. Partem pelo sul com as antecedentes. Tem de frente 35 palmos e de fundo as lojas 20.»

Ora aqui está como era occupado o lado poente do edificio da Misericordïa. O *Santuario Marianno*, publicado em 1721, dava já á egreja da Misericordia uma porta para o sul e duas para o norte, sendo uma d'ellas aberta em 1598.

Talvez a porta travessa e as duas janellas que hoje vemos na actual egreja da Conceição Velha fossem feitas n'esse anno, ou por ahi perto, no reinado de Filippe II. O recolhimento das orphãs, instituido por D. Antonia de Castro, passou para o edificio em 1594. Naturalmente quando fizeram umas obras fizeram as outras.

Os 16 arcos não eram da primitiva. Foram feitos quando se entaipou a porta principal. As lojas que estavam pela parte de baixo dos recolhimentos da Misericordia pertenciam a particulares, ao tempo do terremoto. É exquisito, mas é o que está escripto.

— E já que estamos com o *Tombo* ás voltas é bom que se diga mais alguma cousa acerca do sumptuoso edificio, que está sendo por nós tratado.

A rua que hoje se chama dos *Bacalhoeiros*, para aonde a actual egreja tem sahida, que se chamava ainda ha poucos annos dos *Confeiteiros* e antes *Nova dos Freires,* por occasião do terremoto, tinha o nome de *Rua de Cima da Misericordia*. Essa rua tinha de comprimento 65,78 metros e de largura, do lado da *Fancaria* 5,28. Para esse lado tinha a Misericordia 12 lojas que alugava, sendo 6 de cada lado do adro, que recolhia da rua cêrca de

2,20 metros e que tinha de comprimento 8,80. A medição do edificio, por este lado, era de 65,12 metros.

Para o nascente era a Ribeira. Havia para este lado 9 lojas e o edificio tinha de comprimento 37,18 metros.

Retalho de uma vista de Lisboa no seculo XVI, onde se vê o edificio da Misericordia, pela parte de baixo das torres da Sé

Do lado do nascente haviam 6 lojas e uma escada, serventia de um andar que havia por baixo do recolhimento da Misericordia.

Vamos ao lado do sul. O comprimento total era de 70 metros. O adro tinha de comprimento 29,48 metros. A rua da *Misericordia,* que assim se chamava á rua da banda do sul, tinha 79,64 metros de comprimento. Era rua puramente do edificio, pois tinha quasi o comprimente d'elle. Do lado da rua do *Principe,* que ficava junto do Terreiro do Paço, tinha 10,12 metros de largura e do lado da *Ribeira* 6,16. Era afunilada.

O Terreiro, que occupava o outro lado da rua, tinha 31 lojas e 2 pavimentos.

Encostadas á muralha da cidade, que corria pela *Rua de Cima da Misericordia* haviam as propriedades dos herdeiros de Domingos da Costa, Padre Fernandes Tavares de Souza e marquez de Alorna. O arco, que ainda ali se vê, (Arco Escuro), ficava na propriedade do segundo.

O arco das Portas do Mar tinha um oratorio, com a imagem de Nossa Senhora da Piedade, por cima do arco, que tambem era conhecido pelo nome de Postigo da rua das Canastras, e que cor-

respondia a uma das portas da antiga egreja da Misericordia. Vê-se que não existia a rua que hoje é dos Arameiros e que o edificio seguia mais para o oriente,

— A gravura que acompanha este artigo foi ha annos publicada pelo *Archivo Pittoresco* e encontra-se reproduzida na *Lisboa antiga,* do sr. visconde de Castilho. E' de data anterior a 1584. O sr. Vilhena Barbosa julga que a mesma é pelo menos do tempo de el-rei D. Sebastião. A gravura é muito maior, pois abrange a cidade inteira. Nós é que apenas lhe recortámos um pedaço, para apresentar, á falta de melhor, o desenho do antigo edificio da Misericordia.

Nossa Senhora do Populo

— Frei Agostinho de Santa Maria, trata, no *Santuario Marianno*, publicado em 1721, da imagem de pedra de Nossa Senhora do Populo, que ainda existe na egreja da Conceição Velha, e que damos em gravura acompanhando este artigo, e que, em outro tempo, era venerada na entrada, do lado do norte, do magnifico templo da Misericordia de Lisboa.

Diz, primeiramente, que a egreja tinha duas entradas, sendo a mais principal a que deita para o sul, com duas portas juntas e ambas de arco, e sobre ellas, dentro tambem de um grande arco, a imagem da Senhora da Misericordia, amparando e favorecendo os filhos da egreja com misericordiosa piedade, os quaes estão recolhidos debaixo do seu manto. E' a fachada que deita para a rua da Alfandega, que o terremoto deixou de pé. Diz que as figuras são de excellente esculptura, e o que mais maravilha é ter sido feita a obra em pedra lioz, que é bastante dura.

Ao tempo estava o grupo coberto com uma grande vidraça,

que não impedia de poder ser devidamente apreciado na sua formosura.

A segunda entrada, que ficava para a parte do norte, tambem era grande. Estava mais recolhida da rua, pois se descia para ella por 7 grandes degraus. Sobre a cimalha d'esta porta se via a data de 1534, em que se fizera ou acabára aquelle templo, e em frente d'elle um taboleiro de cerca de 40 palmos de largo.

Aos lados existiam dois recolhimentos de donzellas orphãs, que saiam para casar com grandes dotes. O 1.º d'estes recolhimentos teve seus principios nas costas do templo de Santo Antonio, por mandado de D. Antonia de Castro, mulher de Diogo Lopes de Sousa, pelos annos de 1590, pouco mais ou menos. Tempo depois, em 1594, passou para a Misericordia. Este ficava para o lado do occidente e sustentava 30 orphãs.

O 2.º recolhimento, ficava para a parte do nascente e era ainda mais magnifico do que o outro. Foi fundado para 40 orphãs, por Manuel Rodrigues da Costa, fidalgo da casa de el-rei e commendador da Ordem de Christo, fallecido em 7 de junho de 1684.

Estes recolhimentos, ainda que separados um do outro, ficavam unidos ao templo da Misericordia, aonde as orphãs tinham tribunas, ouvindo ali missa e assistindo aos officios divinos.

Entre os dois recolhimentos, affastados um do outro cerca de 40 palmos, se fez outra fachada ou entrada para aquelle sumptuoso templo, com duas grandes portas em feitio de arco, tudo de pedraria bem lavrada. Esta obra ficava entalhada entre os dois cunhaes dos recolhimentos. No meio das duas portas havia uma grande janella com grades de ferro reforçadas e sobre ella um grande nicho quadrado tendo dentro uma imagem da Mãe de Deus, de preciosa esculptura, formada em pedra lioz, de cinco palmos de altura, com o titulo de Populo. Esta imagem tinha sido feita á imitação da Senhora que se venerava em Roma, no convento dos padres da Lombardia, feita por S. Lucas Evangelista, tendo sobre o braço esquerdo o Menino Deus. Pela parte da rua estava o nicho encoberto com vidraças e pela parte de dentro com portas, fechadas á chave.

Frei Agostinho de Santa Maria fez diligencia para conhecer a origem e auctor d'esta imagem, e diz não ter encontrado documento algum que o elucidasse. E' tradicção, porém, que a Imagem tinha sido mandada fazer por um homem do mar, e que fora elle

que ali a mandára collocar, mas não se sabe o anno, nem dos livros da Misericordia, consultados antes do terremoto, nada a tal respeito constava. Foi ali collocada antes de 1598, por quanto nas portas de madeira do proprio nicho existia aquella era, em lettras de bronze.

O orago da capella do real hospital das Caldas da Rainha é Nossa Senhora do Populo. A imagem que ali se vê na capella-mór é do mesmo tamanho e de esculptura exactamente igual á que existe em Lisboa, na egreja da Conceição Velha, com a differença d'esta ser de pedra e aquella de madeira.

— *Nossa Senhora do Populo* é o nome de uma náu, construida no seculo XVII, que andava na carreira da India.

— Conta Jacome Ratton, nas suas *Recordações,* que antes do terremoto as classes se achavam arruadas, havendo muito poucas lojas dispersas pela cidade e d'ahi vem que quasi todos os mercadores de pannos e sedas se achavam nas duas ruas principaes, chamadas *Nova dos Ferros* e dos *Escudeiros.*

A rua Nova, do lado do sul, constava de uma arcada estreita e continuada, debaixo da qual estavam as ditas lojas e as dos retrozeiros. Os fanqueiros tinham as suas lojas em roda da praça do Pelourinho, a qual se achava no extremo oriental da rua Nova dos Ferros. Defronte da Misericordia estavam lojas de mercadores, cuja classe recebeu o nome do sitio e por isso se chamava a *classe da Misericordia.*

Lojas d'este ramo occuparam as arcas gothicas do Rocio, debaixo das quaes os mercadores tinham as suas fazendas em armarios e balcões fechados, o que lhes dava a fórma de arraial e não de lojas. Pagavam renda ao hospital real de Todos os Santos, que ali se achava pegado com o convento de S. Domingos.

Quanto á repartição de capellistas achavam-se os seus armarios e balcões do mesmo modo que no Rocio, debaixo das arcadas do palacio real, junto á capella que n'aquelle tempo servia de patriarchal, cuja frente deitava para a praça que hoje se chama do Pelourinho, subindo para ella por uma formosa escadaria de duas rampas e communicava com o paço por dois arcos sobre a rua que hoje se chama do Arsenal. O nome de *capellistas* assim como o da fazenda que vendiam, deriva da localidade em que tinham as suas lojas, junto á dita capella, por dentro e fóra das arcadas.

Ratton queixava-se de não ser permittido, ao tempo, as lojas

por diversos bairros, o que era conveniente para as pessoas que moravam a grandes distancias e mesmo porque as lojas passavam a ter maior valor.

O tempo encarregou-se de lhe fazer a vontade. Hoje as lojas estão espalhadas por toda a cidade. Já não é preciso ir de longe á baixa fazer compras. Haja dinheiro, que o que se deseja comprar com elle se encontra por toda a parte. Até ha *lojas* em 3.os e 4.os andares!

— Do plano para regular o alinhamento das ruas da cidade, feito a 12 de junho de 1758, e assignado pelo marquez de Pombal, passamos a fazer alguns extractos:

«Numero 23. Determina que a egreja de S. Julião se possa mudar para o largo da antiga patriarchal, fundando-se em parte do terreno que era da referida egreja, na conformidade do breve de sua santidade, alcançado para esse effeito.

Numero 24. Determina que a egreja da Conceição Nova se deve mudar da mesma sorte para o largo da Santa egreja patriarchal, da forma da referida faculdade pontificia, tendo ali situação mais decorosa e terreno para se accommodar competentemente, como se vê da planta feita por Eugenio dos Santos Carvalho, para as ruas que sahem do Terreiro do Paço.

Numero 26. A mesma mudança se póde praticar com a egreja da Conceição Velha, ou dos Freires, para o referido largo da santa egreja patriarchal, ou para o meio de qualquer dos dois lados septentrional ou meridional da praça do Rocio, onde será mais propria.»

A egreja de S. Julião passou effectivamente para o largo onde era a capella real do paço da Ribeira.

A da Conceição Nova ficou no mesmo logar aonde tinha sido construida, passando a Rua Nova um pouco mais para o Sul, a unir-se com a rua da Confeitaria. O plano era que a Rua Nova tivesse principio na Calcetaria «aonde entra n'ella a Rua Nova do Almada até á extremidade meridional da rua dos Ourives da Prata.»

A egreja da Conceição Velha nem foi para o tal projectado largo *das tres egrejas* nem passou a figurar no Rocio; foi occupar o logar da antiga Misericordia.

Parece que em 1758 ainda o marquez de Pombal não tinha pensado em mudar a Misericordia para outro sitio. N'uma das suas providencias diz o seguinte:

«E como esta bella rua (Rua Nova) não deve ficar pela banda do nas-

cente aonde precisamente acaba com termo tão torpe como é a obliqua e estreita passagem que vae do *Mal Cosinhado* e das *Carneçarias* por detraz da Misericordia para entrar na Ribeira. E' Sua Magestade servido que se *mascare* essa passagem com um portico, não de edificio publico, mas sim particular, por onde sómente se communiquem os que foram de pé em serventia do povo miudo, como se acha praticado em outras cortes, em casos semelhantes.»

Vê-se que o restaurador de Lisboa estava a guardar o terreno da Misericordia, sem o querer dividir em ruas, de certo com o intento de mais tarde reconstruir este edificio, inventando por isso *porticos particulares,* que serviriam de companhia ao Arco Escuro, Portas do Mar, Arco da Conceição e outros que tão mau effeito produzem.

O marquez de Pombal embirrou com a rua da *Confeitaria,* e deu cabo d'ella. N'isso fez bem. Tratando da Rua Nova e seus melhoramentos, diz: «Tudo isto é incompativel com a conservação da torpe rua que se chama da Confeitaria.» Mandou por isso reduzir as duas ruas a uma só, com o titulo de *Rua Nova de El-Rei,* e determinou que a mesma tivesse a largura de 60 palmos, e ao centro fossas com 10 palmos de largo e 14 de alto, para deposito dos despejos das propriedades visinhas, á similhança do que ainda hoje se usa em algumas cidades do norte.

Tambem mandou collocar colunellos na Rua Nova, para impedir que nos passeios entrem as carruagens, como então se praticava em Londres. Os passeios deviam ter 10 palmos de cada lado, para a passagem de gente a pé.

Tudo isto foi extrahido de uma obra assás curiosa, que tem por titulo *Memorias das principaes providencias que se deram no terremoto que padeceu a côrte de Lisboa no anno de 1755,* por Amador Patricio de Lisboa. Ha ali muito que estudar.

O auctor da *Bibliotheca Historica* diz que o nome de Amador Patricio é supposto. Na obra falta a declaração do logar da impressão, para não se saber quem seja o seu auctor. A mesma é attribuida ao proprio marquez de Pombal!

XVII

A freguezia da Magdalena

Uma reliquia da antiga egreja da Conceição dos Freires.—Fundação da egreja da Magdalena.—A imagem do Senhor Jesus dos Perdões.—Ruas que tinha a freguezia antes do terremoto.—As confrarias nas procissões.—A ermida de S. Sebastião da Padaria.—Aonde era a casa da saude.—Hospistal dos Palmeiros.—Algumas ruas com nomes exquisitos.—A medição da rua dos Prateiros.—A cidade baixa.—A ermida da Assumpção.—Descripção da egreja em 1712.—Depois do terremoto.—S. Tude.—Um conflicto antigo.—O grande predio do largo da Magdalena e a sua historia.—A descripção que vem no «Guia de Portugal».

Não vem fóra de proposito dizer duas palavras a respeito da egreja e freguezia da Magdalena. A primitiva egreja da Conceição dos Freires, foi edificada na sua área e durante seculos estiveram as sédes das duas egrejas uma proximo da outra. A actual Conceição Velha pertence á freguezia da Sé, como já pertencia a antiga Misericordia.

—Existe ainda uma reliquia da antiga egreja da Conceição dos Freires. É a porta da sua egreja, aproveitada, depois do terremoto de 1755, em porta principal da parochial egreja de Santa Maria Magdalena. Lá estão as espheras armilares a authenticarem a origem. Quem não souber ha de julgar, ao vêr a porta, que aquelle templo é manuelino, mas não é, nem nunca o foi. E' um engano!

Damos em estampa uma vista da frontaria d'esta egreja, tirada a 16 de setembro de 1897, quando na mesma egreja estava o Sagrado Lausperenne, recebido a expensas dos devotos das Dôres de Maria Santissima, e se festejava a antiga imagem de S. Tude,

advogado contra a Tosse. Na porta da egreja vê o reposteiro corrido, signal de estar o Santissimo Sacramento exposto.

Apparece á mesma porta o andador Vieira, que por accaso chegou ali no momento de ser tirada a photographia.

A Magdalena, é das freguezias mais antigas de Lisboa. De um livro antigo consta, que, em 1164, falleceu D. Fuas, prior d'aquella egreja, deixando as terras do Murganhal, com encargo de anniversario, que se fazia a 13 de setembro. Em 1369 foi o templo reduzido a cinzas. O segundo edificio foi pelos ares em 1600, com um furacão de vento, que até deu cabo do cartorio. O terceiro ardeu por occasião do terremoto de 1755. O quarto é o actual.

Em 1715 foi collocada n'aquella egreja a Imagem do Senhor Jesus dos Perdões, sendo instituidor da congregação o padre Pedro de Oliveira. Ainda hoje se dá cumprimento á obrigação primitiva, de ter o Santissimo Sacramento exposto, na propria Imagem, na primeira sexta-feira do mez. A sacristia d'esta congregação, edificada em 1775, occupa o logar aonde era a antiga ermida e hospital dos Palmeiros. A Imagem de Nossa Senhora de Belem, que ainda existe na Magdalena, era o orago d'aquelle hospital. Nunca pertenceu á egreja da Conceição, e portanto é pura phantasia o dizer-se que depois do terremoto passou para aquella egreja a imagem da Senhora de Belem, que pertenceu ao templo dos Freires, confundindo-a assim com a Senhora do Restello. Aquella Imagem era do Hospital dos Palmeiros, desde a sua instituição. É de pequenas dimensões. Está na capella do Senhor Jesus.

O Santissimo Sacramento, esteve depositado, depois do terremoto, na egreja das Freiras de Santa Apolonia.

—A freguezia da Magdalena tinha, antes do terremoto de 1755, as seguintes ruas: da Correaria, da Mercearia, do Terreiro de Martines, das Pedras Negras, dos Almazens, do Arco do Caranguejo, do Pé da Costa, da Porta do Ferro, dos Selleires, Nova da Prata, Nova (em parte), dos Confeiteiros (da banda de Vêr-o-peso), da Confeitaria (da banda dos Sapateiros), do Principe, da Portagem, da Fancaria de Baixo, das Carniçarias, de D. Juliannes, de D. Mafalda, do Hospital dos Palmeiros, da Padaria, dos Arcos da Misericordia e rua e largo do Pelourinho Velho. E os beccos do Cura, Espera-me-rapaz, Açougue, Martim Alho, D. Thereza,

EGREJA DA MAGDALENA

O portico, de estylo manuelino, pertenceu á antiga egreja da Conceição, fundada por el-rei D. Manuel

Muro da Escada de Pedra, Forno, Oliveira (na Padaria) e Amoreira.

— Pelo Tombo de Lisboa, vê-se que a egreja da Magdalena ficava no fim da rua dos Ourives da Prata, do lado direito, vindo do Pelourinho Velho. Tinha 3 portas e 83 palmos e meio de frente, Para o lado do Arco da Consolação, para onde tinha face, a medição era apenas 14 e meio palmos.

— N'outro tempo, os irmãos das Irmandades e confrarias appareciam em publico com as suas opas vestidas, tochas em punho e capellas de flores na cabeça, similhándo n'este ultimo ponto as creanças de primeira communhão ou as que passam d'esta a melhor vida!

Manuel de Campos, tratando da procissão das reliquias, que da Sé foram para S. Roque, a 25 de Janeiro de 1588, diz: — «As confrarias passavam de 50 e a do Santissimo Sacramento da Magdalena levava 150 confrades, com suas opas de grã escarlata, capellas e cirios de quatro pavios e charamellas.»

Na *Demonstração Historica,* vem a explicação das capellas serem feitas de flores, naturaes ou artificiaes, e servirem para adornar os irmãos das diversas irmandades, que appareciam com ellas em publico.

— A tradição diz que um dos anteriores templos da Magdalena tinha a porta principal para o lado da Rua da Padaria. Em 1650, havia a Calçada detraz da Egreja, que separava esta d'aquella Rua (1).

— Pela Rua da Padaria é que antigamente passavam os cortejos para a Sé, vindos da Rua Nova. Era a Rua principal do sitio (2).

A ermida de S. Sebastião, era n'esta rua, com porta para o poente e outra para o sul. Era administrada pelo Tribunal de Saude e era ali que se reunia o Conselho. Tinha uma nave, e por baixo

---

(1) Nos tempos primitivos as capellas-móres dos templos eram construidas ao nascente e as portas principaes ao poente. Até era isto uma das orientações militares.

Não quer isto dizer que aquelle templo não tivesse, em alguma das suas novas edificações, collocação differente.

(2) Do lado direito, ao subir, existia a muralha do Thesouro Real e as casas tinham concavidade na dita muralha.

da ermida havia 8 lojas; já se vê que era em primeiro andar. Tinha de frente 90 palmos e meio e de fundo 35.

A imagem tinha vindo de França, e, segundo resa a historia, esteve no Paço, e querendo el-rei D. Sebastião que a levassem em procissão para a egreja de S. Vicente de Fóra, não foi possivel (a historia não diz porquê) passar do sitio aonde a ermida foi fundada. Tinha capellão e 80$000 réis de renda.

Foi edificada a ermida, ao que parece, em 1471. El-rei dava 900 réis, em cada mez, para haver missa diaria. Via-se n'ella um grande cyrio, que pesava 28 arrobas, e 32 mais pequenos, de 12 arrateis cada um. Era a camara que tinha a seu cargo mandar reformar e fazer de novo estes cyrios.

Todos os cerieiros de Lisboa eram obrigados a terem n'aquella ermida um cyrio, do peso de 4 arrobas. Os carpinteiros tambem tinham ali o seu cyrio.

No dia de S. Braz havia missa solemne.

O regimento de 1591 determinou que o vereador do pelouro de saude servisse de provedor-mór da saude, dando-lhe por obrigação o ir todos os dias á casa de S. Sebastião da Padaria, aonde se juntavam os provedores, officiaes e mais ministros da saude, assentar no que mais convinha á salubridade publica, cumprindo ao vereador informar-se de tudo quanto dizia respeito á saude e á hygiene publicas.

— A Rua da Padaria era o sitio destinado aos sapateiros. N'ella havia o Paço dos Tabelliães, aonde se faziam escripturas e outros instrumentos de compras e vendas.

— Na freguezia da Magdalena existia o Hospital dos Palmeiros, da Invocação de Nossa Senhora de Belem. Era albergaria dos pobres peregrinos, a quem davam cama, agua e candeia, só por 3 dias. Era o *Albergue nocturno* dos tempos antigos, e talvez d'ali viesse a origem do actual. Chamava-se dos palmeiros porque aos peregrinos que vinham de Jerusalem se chamavam *palmeiros*, por trazerem palmas.

O hospital dos Palmeiros foi fundado em 1330. Era admnistrado por 25 irmãos, que entre elles elegiam provedor e escrivão. A festa principal era no dia de Nossa Senhora das Candeias. Em Cacilhas tinha este hospital uma filial.

— A Rua da *Prataria* pertencia á freguezia da Magdalena, que entre outras ruas, com nomes esquisitos, tinha o Becco do

Espera-me-rapaz. Na freguezia de S. Nicolau havia o Becco do *Calçafrades* (1).

O becco do *Espera-me-rapaz* ficava proximo da antiga Rua Nova, que era o *Chiado* da cidade antiga. Ia do Pelourinho Velho para a Portagem, que depois se tornou conhecida pela denominação de Rua dos Arcos da Misericordia.

Devia ser algum becco muito estreito e immundo. Ao tempo, as principaes ruas da *Baixa* não chegavam a ter dois metros de largura! A rua da Gibitaria, a do Selvagem e outras tinham 9 palmos cada uma, que a 22 centimetros ainda não chegavam áquella medida!

O *Tombo* dá á rua dos Ourives da Prata, depois do terremoto, 484 palmos de comprimento, desde a rua Nova até ás Pedras Negras e diz que a largura da parte do Pelourinho era de 42 palmos. Esta rua tinha sido mandada alargar no tempo de D. Affonso VI. A parte de cima não foi medida.

— Vem a proposito um pequeno extracto do *Portugal antigo e moderno,* de Pinho Leal. Diz esta importante obra:

«Todo o vasto ambito a que damos o nome de *Cidade Baixa* (ou sim-

---

(1) A proposito damos os nomes de algumas ruas da antiga Lisboa, que se encontram descriptas em 1551, no *Summario*, de C. Rodrigues de Oliveira:

Freguezia de S. Nicolau — Rua do Arco do Capitão dos Ginetes, rua da Calçada de Paes de Navaes, rua das Cabriteiras, rua do Quebra, travessa do Escangalha Pernas, becco do Deixa Estar, becco do Poço dos Namorados, rua do Pae dos seus filhos, etc.

S. Julião — Rua do Anjo Pequeno, rua do Vidro, rua do Matta Porcos, becco do Coprini, becco dos Pasteis, rua do Lava Cabeças, etc.

Magdalena — Rua da *Madanela,* travessa do Inferno, rua do Martin Alho, rua da Branca Seda, travessa do Sujo, etc.

Sé — Rua direita da Porta da Sé, rua da Porta de Ferro, rua do Barão Velho, rua do Almazem Velho, rua do Arco de S. Sebastião, rua da Praça dos Canos, rua da Camara, rua dos Conegos, rua dos Arcos da Sé, etc.

Santa Justa — Rua dos Frades de Belem, rua direita da Estalagem das Moscas, rua da Manga Lassa, rua direita da Cutelaria, rua do Lopo Infante, rua do Pato, rua das Covas, rua do Monturo do Bonete, rua do Pau travesso. rua da Mancebia, becco da Estalagem das Negras, etc.

A freguezia mais pequena, ao tempo, era a de S. Martinho, que tinha apenas 28 casas.

A rua de Affonso de Albuquerque chamava-se antigamente *rua dos Arcos* e a das Canastras era conhecida pelo nome de *Lagar de Mel.* Com esta denominação eram conhecidos uns poucos de sitios em Lisboa.

plesmente a *Baixa*), não era, antes do terremoto de 1755, mais do que um labyrinto, uma perfeita rede de ruas e beccos emaranhados, tortuosos, estreitos e immundos, que medeiavam entre o Rocio e o Terreiro do Paço.

Sómente á *rua Nova* se podia dar com propriedade o nome de *rua*.

Ao genio, á energia, e — diga-se a verdade — ao despotismo do marquez de Pombal, se deve a amplidão, a magnificencia, a boa ordem e a regularidade que hoje admiramos n'estas bellas ruas, que formam o coração de Lisboa.»

— A ermida de Nossa Senhora da Assumpção, tinha sido construida na rua dos Prateiros, do lado esquerdo, vindo do Pelourinho Velho, quasi ao meio da rua. Tinha de largura 22 palmos e de fundo 28, com o vão da casa do despacho. A actual rua da Assumpção não ficava no sitio da antiga ermida, como um escriptor notavel escreveu, pois esta era proximo á Magdalena e a actual rua está muito distante d'este sitio.

Dedicadas á Senhora da Assumpção ha ainda tres ermidas: em Palhavã, Avenida e Valle de Santo Antonio.

— O padre Carvalho, na sua *Chorographia*, em 1712, diz o seguinte:

«A egreja parochial de Santa Maria Magdalena é de tres naves, em forma quadrada, com tres portas em igual distancia, todas para o occidente e com bom frontespicio. Tem na capella-mór uma magestosa tribuna, toda dourada, das primeiras que se fizeram n'esta cidade, aonde está o Santissimo, Santa Maria Magdalena e Santa Martha. As capellas collateraes são a de Nossa Senhora das Candeias e de Santa Catharina. As que se seguem a estas estão no corpo da egreja, e são todas de pedra lavrada; as da banda do Evangelho são a de Santa Luzia, a do Menino Jesus, a de Sant'Anna e a de S. Clemente Papa; e as da banda da Epistola são a do martyr S. Sebastião, com sua irmandade dos algibebes da rua do Principe, a de Santo Eloy, admnistrada pelos ourives da prata e a de S. Cosme e Damião, que festejam os medicos, cirurgiões e boticarios, no seu dia, e a das Almas, que é previlegiada, com sua irmandade.»

— Moreira de Mendonça, na *Historia dos Terremotos*, diz que na freguezia da Magdalena se queimaram em 1755 as seguintes egrejas: a da Misericordia, com casa, recolhimento de orphãos e hospital de Sant'Anna, de que só ficou livre a capella do Espirito Santo; a egreja de S. Sebastião, da Padaria; a ermida da Assumpção, da rua dos Ourives da Prata; a egreja da Collegiada dos Freires da Ordem de Christo; e a egreja parochial da Magdalena.

Queimaram-se tambem por essa occasião as duas cadeias ecclesiasticas do Aljube e do Tronco ([1]).

— Nos *Monumentos Sacros,* se diz que a reedificação da egreja da Magdalena, feita depois do terremoto, é obra do architecto João Paulo. O seu auctor diz que na egreja cabem mais de 600 fieis, e elogia os quadros da sacristia, principalmente os de Santo Antonio, S. Thiago e S. Sebastião, e menciona como de boa esculptura as imagens que estão sobre os altares da egreja e entre ellas a de Santa Maria Magdalena, Nossa Senhora Mãe de Deus e S. José (que imitam bem as que existiam em Xabregas e que eram obras de José de Almeida), S. Camillo, Nossa Senhora da Conceição, Santo Antonio, S. Sebastião e Senhor Jesus dos Perdões, imagem de respeito e de summa veneração dos fieis.

— Na egreja da Magdalena ha a imagem de S. Tude, que n'outro tempo foi muito festejada pelas collarejas e vendedeiras da praça. A praça era á Ribeira Velha.

— Dizem varios auctores que a Irmandade do Santissimo Sacramento d'esta freguezia foi a primeira que usou opas ou capas vermelhas.

Em 1657 houve conflicto na Sé, por occasião da sahida da procissão do Corpo de Deus, entre as irmandades da Magdalena e a dos Martyres. Ambas, allegando antiguidade, queriam occupar o logar de maior honra. Não sabemos como o caso então se resolveu, mas, depois d'isso, a irmandade da Magdalena esperava a procissão á porta da sua egreja e ali permanecia até que o prestito passasse de todo.

Em 1717, porém, sahiram as duas irmandades na mesma procissão, formando alas, dando a da Magdalena a direita á dos Martyres.

A irmandade dos Martyres, em 1579, usava já capas vermelhas.

([1]) Quizemos saber aonde era a cadeia do Tronco. Por detraz do theatro de D. Maria ha o pateo do Tronco. Não era ahi, era n'outro sitio. Vamos ao *Tombo* procurar o largo da Cadeia. Lá o encontrámos. «Toma-se o becco do Tronco, descendo-se pela Rua Nova do Almada, por uma escada de pedra de seis degraus, corta-se a rua dos Fornos e vae-se sahir ao largo da Cadeia, que tem na frente as armas da cidade.» Com o terremoto ficou a rua Nova do Almada e o mais desappareceu.

Veja-se o que a este respeito escreve Frei Agostinho da Conceição, na sua *Demonstração*.

— Resa a tradição, que o prior tinha ido, por occasião do grande cataclysmo de 1755, levar o viatico a um enfermo, ao quarto andar, do grande predio, que ainda hoje existe, na frente do Largo da Magdalena, e que não cahiu pelo terremoto ([1]).

Este predio ficava na Rua das Pedras Negras e pegava pelo nascente com o Arco do Caranguejo e pelo poente com a rua dos Almazens. Pertencia á freguezia da Magdalena.

João Baptista de Castro, no seu *Mappa de Portugal,* diz que as casas aonde estava o Viatico, quando foram os primeiros abalos de terra, ficaram illesas do terremoto e do incendio, mas diz que essas casas eram na rua da Tinturaria, rua que da egreja da Conceição Velha ia dar ao convento do Corpus Christi, e pertenciam á freguezia da Conceição Nova. Não sabemos de que lado está a razão, mas o grande predio que ainda hoje está fazendo pejamento á rua de Santo Antonio da Sé, já tem escapado de dois cataclysmos, o do terremoto e o do *bota abaixo,* que depois fez destruir muito do que tinha ficado de pé.

Ahi vae uma historia, que não deixa de ser curiosa:

O predio, que tem lojas e seis andares, pertencia a João de Almada e Mello, ascendente dos Viscondes de Souto de El-rei e condes de Tavarede e primo co-irmão de Sebastião José de Carvalho e Mello, depois conde de Oeiras e marquez de Pombal. Escapou milagrosamente do incendio, desenvolvido em seguida ao terremoto, mas tambem foi respeitado pelo ministro de el-rei D. José, que não diz mandar demolir a casa dos seus parentes, obrigando para isso a torcer, na nova planta da cidade, a rua de Santo Antonio da Sé, fazendo-a passar pela frente da Magdalena até ir intestar na rua da Conceição.

---

[1] N'um artigo sobre Lisboa, encontrámos o seguinte, que vem a proposito reproduzir:

«Quando por 1749 se abriram os caboucos para a construcção do grande predio que fórma a face norte do largo da Magdalena, e esquina para a travessa do Almada, encontraram-se as inscripções que se conservam embebidas na parede oriental do mesmo predio, e além d'isso muitas pedras apparelhadas, pedaços de columnas, e diversos vestigios, emfim, de ter ali existido uma sumptuosa construcção romana.»

Sebastião de Carvalho queria mandar demolir parte do palacio do marquez de Marialva, ao Loreto, aonde foram os celebres casebres e ainda hoje é a praça de Luiz de Camões, para tornar direita a rua do Loreto até ao Calhariz.

O marquez de Marialva foi ter com el-rei, e, contando o que tinha succedido com o predio de João de Almada, pediu-lhe para gozar de identico previlegio, da rua torcer quando chegasse á sua casa.

El-rei conformou-se com o pedido, e quando o ministro lhe apresentou o projecto da rua do Loreto, disse-lhe que fizesse dar á rua, n'aquelle sitio, uma pequena volta, para não tocar no tal palacio.

Pombal, admirado, instou pela razão e teve por resposta as seguintes palavras: — *pela mesma razão porque ficou de pé a casa de João de Almada.*

E Sebastião de Carvalho, sendo d'antes quebrar que torcer, como diziam, vergou; e não teve remedio senão accommodar-se ás circumstancias. Houve no tempo tres Pedros, com que elle se não podia metter, por terem todos a protecção de el-rei, Um d'elles era D. Pedro de Menezes, marquez de Marialva, o outro D. Pedro de Noronha, marquez de Angeja, e o terceiro Pedro Teixeira, creado particular de el-rei, que o cobriu com o corpo, e ainda recebeu alguns ferimentos, quando foram os tiros, a 3 de Setembro de 1758, na calçada do Galvão, tendo havido quem dissesse que a pontaria era dirigida a elle, que, com o valimento de el-rei, se tinha tornado muito insolente, até com o proprio mordomo-mór, que era o duque de Aveiro.

— No *Guia de Portugal,* de Francisco de Almeida, se diz que a egreja da Magdalena foi benzida a 18 de Julho de 1783. A pintura do tecto representa passos da vida da santa e os apostolos; parece obra de Pedro Alexandrino. A porta principal da egreja é obra de merecimento e faz honra aos artistas canteiros que a operaram. A egreja é um pouco escura, por isso brilham ali pouco de dia os magnificos e esmerados adornos e armações, que a digna irmandade do Santissimo d'aquella freguezia ostenta sempre nas suas decentes e ostentosas festas.

Ao contrario, de noite o apparato das festas tomam então um tom magestoso e explendido, por isso que o todo do templo a isso se presta, especialmente nas festas da Semana Santa, em que o

throno, que de ordinario é ornado com gosto e esmero, se torna deslumbrante e respeitavel.

A frontaria da egreja é de boa apparencia, pena é que esteja acantonada, que a não deixa brilhar como podia e devia.

Felizmente, o ficar em frente de uma comprida rua, como é a chamada dos Retrozeiros, atenua um pouco este assoberbamento, porquanto a fachada pareça ficar um tanto ou quanto arrevesada.

O largo, em que o edificio está collocado, por isso que é muito irregular, arrevesado e em declive, prejudica tambem bastante a posição do edificio, que era digno de melhor posição.

XVIII

Freguezia da Conceição Nova

Descripção da egreja da Conceição Nova.—Aonde foi edificada esta egreja.—A ermida da Oliveirinha.—O chafariz dos cavallos.—Effeito maravilhoso das aguas.—A reedificação da egreja.—A primeira capella dedicada á Conceição.—A rua Nova dos Ferros.—O que era Lisboa n'outro tempo.—Os arruamentos da cidade.—A Immaculada Conceição jurada protectora do reino.—Moeda em honra da Conceição de Maria, mandada cunhar por D. João IV.—A ordem da Conceição de Villa Viçosa.

Diga-se tambem alguma cousa a respeito da Conceição Nova e será o padre Carvalho quem tenha a palavra:

«A parochia de Nossa Senhora da Conceição está situada na Rua Nova dos Ferros. É de uma só nave, toda de pedra e embutida, com porta para o sul, e com um bom frontespicio, com duas torres tudo em egual correspondencia. Fundou-se no anno de 1698 por esmolas dos freguezes e alguns devotos que estando muito doentes e bebendo agua da sua milagrosa fonte logo recuperaram a saude perdida, sendo lançada a primeira pedra a 15 Junho por D. Frey Pedro de Foyos, bispo de Bóna, por commissão do Cardeal D. Luiz de Souza, arcebispo de Lisboa e Capellão-mór de el-rei D. Pedro II, e se benzeu a cruz com Nosso Senhor e a imagem de Nossa Senhora da Conceição, que se achou nos alicerces do arco cruzeiro, sendo pontifice da egreja de Deus Innocencio XII.

«Em 23 de Agosto de 1699 deu licença o sr. Cardeal para se dizer a primeira missa e aos 13 de setembro do mesmo anno se fez a procissão do Triumpho do Santissimo Sacramento, que trouxe nas mãos o dito Cardeal, com o seu cabido e toda a cleresia que se achava na cidade, e collocaram o Senhor em uma ermida dentro da egreja, que ainda se estava fazendo, a qual depois de acabada poucas levarão vantagem, assim na architectura como no sitio, em que está fundada. O templo só foi acabado em 1730.»

— Muitos escriptores modernos não querem crêr que a egreja da Conceição Nova esteja no sitio aonde foi primitivamente construida. Dizem que a edificação tinha sido levada a effeito na rua Nova dos Ferros de El-Rei e que essa rua era no sitio occupado hoje pela rua de El-rei, e que estando distante d'este ponto é porque foi mudada depois do terremoto para outro logar mais ao norte. A nossa humilde opinião é que a egreja está no sitio aonde foi edificada primitivamente, a rua Nova é que mudou de direcção. Foi occupar o espaço da tal rua da Confeitaria, indo acabar no sitio aonde era a capella real dos paços da Ribeira. A egreja de S. Julião essa é que mudou de sitio (1), passando para onde se encontra presentemente. Era aonde é hoje o terceiro quarteirão, lado direito, da rua do Ouro, vindo do Terreiro do Paço, aonde está a alfayataria do sr Jacintho Nunes Corrêa. A ermida da Oliveirinha ficava no adro da egreja.

E para prova veja-se o que diz o padre Carvalho: — «Tem esta egreja no seu adro a ermida de Nossa Senhora da Oliveira, com a porta principal, com seu alpendre, para o norte, e outra para o sul, *com serventia para a Rua Nova.*»

A ermida lá está hoje na rua de S. Julião, no logar, pouco mais ou menos, aonde foi fundada A tal Rua Nova é que mudou de direcção, passando muito mais para o sul.

E já que se fallou na ermida diga-se alguma cousa d'este pequeno edificio, pertencente á corporação dos confeiteiros e que teve por juiz o fallecido José Gregorio da Rosa Araujo, que no seu tempo de florescencia foi juiz de quasi todas as irmandades de Lisboa.

Em 1712 era uma ermida sumptuosa, com boa obra de talha dourada e sua tribuna, aonde estava a imagem de Nossa Senho-

---

(1) Em 1200, no reinado de D. Sancho I, já existia a freguezia de S. Julião; tinha sido edificada no logar aonde estava uma ermida dedicada a Santa Barbara. A 4 de outubro de 1816 soffreu um grande incendio, por occasião das exequias de D. Maria I. Uma vela pegou fogo na armação e em poucas horas foi a egreja reduzida a cinzas. A freguezia esteve na Oliveirinha. Em 1821 começaram as obras da restauração e a reabertura teve logar em 1853. Ainda não tem teia no corpo da egreja. As columnas e o retabulo da capella-mór pertenciam á antiga egreja de S. Francisco, que nunca se chegou a concluir. As duas columnas, que estão na frontaria da escola polytechnica, tambem pertenciam a esta egreja.

ra. No corpo da egreja eram veneradas as imagens de Santo Christo e S. Gonçalo, esta principalmente tida por muito milagrosa. A ermida era administrada pelos *tosadores* e tinha sido fundada por Pedro Esteves e Clara Geraldes e n'ella se faz menção no livro 2.º das doações de el-rei D. Fernando, que está na Torre do Tombo. Havia tambem a irmandade dos *Lava-peixes*. O capellão tinha 50$000 réis cada anno, com obrigação de missa aos domingos e dias santificados. Na capella-mór haviam dois nichos, um d'elles com a imagem de S. Marçal, pertencente aos confeiteiros, e o outro com a imagem de Santo Antonio.

Ainda existem as tres imagens, que estavam no altar-mór e nos seus antigos logares. A pintura do tecto é de um pintor de merecimento, que foi conhecido pela alcunha de *Luiz das Taboletas*.

Na rua Nova existiu o celebre chafariz dos cavallos, que tinha tres arcos, tanque e duas bicas. A ermida da Oliveirinha occupava toda a area por cima do chafariz. A porta travessa descia por umas escadas para a rua Nova. O chafariz, segundo o tombo, feito depois do terremoto, tinha 74 palmos de comprimento e 35 de fundo.

Marinho de Azevedo, nas *Antiguidades de Lisboa*, diz que a agua do chafariz dos cavallos fazia effeitos milagrosos a quem com ella lavasse os olhos antes do nascer do sol. Tambem tinha a propriedade de fazer engordar as cavalgaduras que d'ella bebessem, e isto em pouco tempo. O mesmo auctor diz tambem que a agua do chafariz do Rei fazia aclarar a voz. N'aquelle tempo, talvez. Hoje porém aquellas aguas estão muito falsificadas e perderam todo o effeito maravilhoso que as tornavam celebres.

O chafariz de Dentro, assim denominado por ficar de dentro dos muros da cidade antiga, tambem era conhecido pelo nome de chafariz dos cavallos, em razão das aguas correrem das bocas de duas figuras de bronze, representando aquelles animaes.

— Luiz Gonzaga Pereira, no seu livro *Monumentos Sacros*, diz que a egreja da Conceição Nova foi reedificada depois do terremoto, por desenho do architecto Remigio Francisco de Abreu, considerando-se como obra de merecimento o alçado, a torre, a porta e a janella do côro. A egreja é pequena, mas póde acommodar mais de 300 pessoas.

Em 1836 foi collocado no côro o orgão que estava na egreja

da Graça, e como a egreja ficasse mais escura, pela falta de luz da janella, tapada pelo orgão, mandaram abrir os dois oculos, que estão aos lados da mesma janella.

— Em 1754, o patriarcha D. Thomaz de Almeida, collou na egreja parochial da Conceição Nova, com o titulo de reitor, o gentil-homem Braz José Ribeiro Leite.

A reedificação das capellas foi acabada a 18 de fevereiro de 1792 e as obras todas a 30 de Agosto de 1794.

— Diz João Baptista de Castro que na egreja da Conceição Nova, por occasião do terremoto de 1755, abateu o côro e abriu a frontaria entre as duas torres, ficando tudo o mais em pé. Morreram ainda assim 76 pessoas.

— O tecto da egreja foi pintado por Francisco Leate e é tido como obra conscienciosa. São ricos os paramentos brancos e encarnados que este templo possue. Eram da real egreja de Mafra.

— A primeira capella que houve em Portugal dedicada a Nossa Senhora da Conceição, foi mandada fazer em Lisboa no convento da Santissima Trindade em 1283, pela rainha Santa Izabel, mulher de el-rei D. Diniz.

O convento da Trindade foi fundado em 1294, reedificado em 1560 e demolido em 1835.

A rainha santa deu avultadas esmolas a este convento, impondo-lhe a obrigação de remir os captivos.

A casa do refeitorio é a sala principal da fabrica de cerveja, que existe ha muitos annos na rua da Trindade. Os claustros estão repartidos pelos predios immediatos.

— Lê-se no *Summario de Varia Historia*:

«Como é sabido, a cidade baixa era uma rede de travessas e beccos, em todas as direcções. Onde hoje se vêem as quatro ruas do Ouro, Augusta, da Prata e Fanqueiros, cortadas regularmente por outras ruas, formando um grande parallelogramma, havia travessas tão estreitas, que não era possivel passar uma carroça a par de uma cavalgadura, e muitas vezes aconteceu ser a cavalgadura esmagada de encontro ás paredes das casas, quando os conductores das carroças eram imprudentes.»

E mais adeante o seguinte:

«Quem quizesse ir do Terreiro do Paço para o Rocio, tinha que dar algumas voltas. O caminho mais direito era pela rua do Oiro, e era este o itenerario: No Terreiro do Paço entrava no arco dos Prégos que conduzia á rua

Nova, seguia por esta até á rua do Oiro, entrando n'esta, inclinava-se para o lado de leste, seguia-se o largo dos Douradores, rua dos Douradorres, lago da rua dos Escudeiros; d'aqui partiam as duas ruas dos Escudeiros e dos Odreiros e ambas ellas desemboccavam no Rocio.»

—Ao tempo do terremoto havia na rua Nova 35 propriedades do lado do norte e 51 do lado do sul. É o que consta do tombo da cidade mandado fazer pelo marquez de Pombal. Do lado do Norte existia a egreja de Nossa Senhora da Conceição Nova, que tinha 65 palmos de frente.

Todas as casas tinham arcos, ou alpendradas como então se dizia, á maneira dos que existem em casas da rua direita de Belem e na do Caes, no mesmo sitio. Os arcos eram em numero de 148.

A rua dos Confeiteiros, ou da Confeitaria, ficava nas costas da Rua Nova, para o lado do rio. A muralha da cidade passava por esta rua e do lado do sul existiam predios e lojas mettidos no grosso da muralha, que tinha cerca de 16 palmos de grossura.

A rua Nova terminava no Pelourinho Velho, aonde iam dar as ruas da Prataria, Gil Eannes e do Vêr-o-peso.

—Era na rua Nova, mandada abrir por el-rei D. Diniz, que moravam os commerciantes e industriaes de mais grosso trato. Em 1552, queixava-se o auctor da *Estatistica*, que existe um manuscripto na Bibliotheca Nacional, de que n'aquella rua estivessem accumulados diversos officios, perturbando assim a ordem estabelecida no fim do seculo XIV, que os mandava collocar em differentes arruamentos. N'aquelle tempo havia na rua Nova 20 lojas de mercadores de pannos, 30 de fazendas diversas, 13 tendas de marsaria e especiarias de todo o genero, 9 boticas, 11 livreiros. 60 serigueiros e differentes tendas de tosadores, luveiros, sapateiros, fanqueiros, alfaiates, alimpadores de barretes e cerieiros. Estavam ali lojas de 16 officios, que deviam estar nos seus competentes arruamentos.

E fallando da rua dos Confeiteiros, que estava por debaixo das pousadas e paços do infante, diz o citado manuscripto, que *ella não tinha senão moscas e abelhas* e que muito melhor parecia em tal rua boticarios, livreiros e cerieiros, em logar de confeiteiros e sapateiros, que ali existiam, ficando n'este ponto a cidade muito mais limpa.

— Mais dois extractos:

«A Rua Nova, designada assim por antonomasia, passava pouco mais ou menos pelo sitio em que hoje está lançada a Rua Nova d'El-rei: a sua origem remontava quasi ao berço da monarchia, e já no tempo de D. Fernando era o centro da actividade commercial da cidade, então frequentada de estrangeiros de diversas nações, que vinham buscar o nosso trato e commercio.»

A. Herculano.

«Antes do terremoto de 1755 não havia dentro dos muros de Lisboa uma rua que se podesse chamar larga senão esta. Era obra de el-rei D. Diniz, pelos annos de 1310. Contava 60 palmos (13m,60) de largura e era a mais bonita, rica e luxuosa d'aquelle tempo. Era o *Chiado* dos nossos avós, em razão das bellas lojas que a guarneciam, e onde se vendiam porcelanas, sedas e outras varias mercadorias da China e do Japão, livros e muitos outros objectos.»

Pinho Leal.

— E tratando da antiga Lisboa, em 1787, Beckfort, que descrevia bem tudo quanto via, diz o seguinte:

«Depois de jantar puzemo-nos na rua para pagar visitas. Nunca vi em minha vida tão amaldiçoados altos e baixos, tão abruptas ladeiras, tão ingremes subidas, como se topam a cada passo caminhando por Lisboa; cincoenta vezes me julguei a ponto de despenhar-me no Tejo, ou de tombar em vallas areientas, entre chinellos velhos, gatos mortos, e ciganas fuscas, que se accoutam n'essas espeluncas e esconderijos para lêr a *buena dicha,* ou vender amuletos contra febres e quebrantos.»

Effectivamente todos os escriptores são unanimes em affiançar que as ruas da cidade antiga eram estreitas, tanto ou mais do que as de Alfama, irregulares e sujas, estavam mal calçadas e para as ruas eram lançadas as immundicies das casas. Em certos sitios havia monturos, para aonde eram lançados, á vontade, animaes mortos. Quem escreve estas linhas lembra-se de ter visto os seus ascendentes fazerem uso dos lenços de assoar para pegarem nas argolas, quando queriam bater ás portas das casas, pois as immundicies subiam pelas paredes acima até aos primeiros andares! A respeito de illuminação era tambem uma desgraça! O intendente de policia Pina Manique começou, em 17 de dezembro de 1780, anniversario da rainha D. Maria I, a illuminação das ruas de Lisboa. A rainha pagava os lampeões e os moradores o azeite, que era de purgueira e fazia grande fumaceira. A illuminação do

Rocio data de 1801. O theatro de S. Carlos, nos primeiros tempos, era illuminado por meio de velas de cebo. Na noite de 8 de junho de 1808, na festa dada em honra de Junot, as velas de cebo foram substituidas por velas de cêra, segundo diz o sr. dr. Benevides n'uma das suas obras.

— O decreto de 15 de novembro de 1760 determinou assim os arruamentos da cidade baixa:

Rua Nova d'El-rei — N'ella se devem arruar os mercadores da classe de capella, applicando-se as lojas que d'elles sobejarem para as vendas de outros mercadores de loiça da India, de chá e mais fazendas do seu trafico.

Rua Augusta — Mercadores de lã e seda, e se não chegarem as lojas devem tomar as da rua de Santa Justa.

Rua Aurea — Ourives de ouro, e as que sobejarem podem accommodar-se os relojoeiros e volanteiros.

Rua Bella da Rainha — Os ourives da prata e nas lojas que sobejarem se alojarão os livreiros, que antes viviam na sua visinhança.

Rua Nova da Princeza — Os mercadores de fancaria, destinando as que sobejarem para os de quinquilheria.

Rua dos Douradores — Esta rua será destinada para os douradores, batefolhas, latoeiros de lima, e as lojas que ficarem livres poderão ser para tendas, tabernas ou outros misteres.

Rua dos Correeiros — Terão suas lojas os correeiros, selleiros e torneiros.

Rua dos Sapateiros — Deverão arruar-se de um lado os sapateiros e do outro lado ficará livre para os diversos misteres do povo.

Rua de S. Julião — N'ella se arruarão os algibebes.

Rua da Conceição — N'ella tomarão loja os mercadores de retroz.

Rua de S. Nicolau — Será destinada para as lojas de quinquilherias que ali couberem.

Rua da Victoria — N'ella se accommodarão as lojas de quinquilherias que da outra sobejarem.

Rua da Assumpção — N'ella tomarão loja os da classe de sirgueiros, assim de chapeus como de agulha.

Rua de Santa Justa — Será destinada para os que não tiverem bastante accommodação na rua Augusta.

As ruas trasversaes da cidade baixa, as quatro ultimas foram mais tarde *travessas,* e ha poucos annos voltaram a ser *ruas* O decreto citado falla em ruas. A rua Nova de El-Rei soffreu ha poucos annos um córte. Tiraram-lhe o *Nova,* naturalmente porque entenderam que já não estava em idade de ser assim tratada. O mesmo fizeram á rua Nova da Princeza.

— D. João IV jurou em côrtes, a 25 de Março de 1646, e

com elle os 3 estados do reino, defender com dispendio da propria vida, se tanto necessario fosse, a Conceição Immaculada da Mãe de Deus; e elegeu a mesma Senhora, n'este glorioso mysterio, Protectora e Defensora do Reino, e lhe fez a monarchia tributaria, e a si e aos seus successores, em cincoenta cruzados de ouro em cada anno, applicados para a egreja parochial de Villa Viçosa.

Na Universidade de Coimbra foi feito egual juramento aos 28 de junho do mesmo anno, sendo reitor Manuel de Saldanha, que morreu bispo de Coimbra.

D. João V, em 1717, fez expedir cartas regias aos prelados mitrados, para que se celebrasse no reino uma festividade annual em honra da Immaculada Conceição de Maria.

D. João VI instituiu, por decreto de 6 de fevereiro de 1818, a Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, padroeira do reino, dando-lhe estatutos aos 10 de Setembro de 1819.

— Vem a proposito dizer que D. João IV, depois que fez tributario o reino á egreja de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, mandou lavrar uma moeda grande de prata, tendo de um lado a imagem de Nossa Senhora da Conceição, com os pés na meia lua, sobre um globo, e o dizer: *Tutelaris Regni;* e do outro as armas reaes, com a corôa cerrada, postas no meio da cruz da Ordem de Christo e as lettras: *Joannes Quartus D. G. Portugalix, & Algarbiæ Rex.* Esta moeda valia 450 réis. O mesmo monarcha tambem mandou lavrar uma moeda de ouro, com a mesma esculptura e lettra, no valor de 12$000 réis.

Publicamos em seguida a zinco-gravura d'essa moeda, que de uma das faces, além da meia lua e do globo, apresenta as outras metaphoras porque a Virgem é invocada da egreja, como são o sol, o espelho, o horto, a casa de ouro, a fonte e a arca do santuario.

— A primeira Ordem militar, com o titulo de Conceição, foi instituida em 1618, pelo duque Fernando I, de Mantua. Esta Ordem foi confirmada pelo papa Urbano VIII, que lhe deu a regra de S. Francisco.

Houve uma ordem de Capuchos, com a invocação da Conceição, que foi introduzida em Portugal em 1715. Tinha em Lisboa um hospicio á Carreira dos Cavallos, (hoje rua Gomes Freire), aonde ainda existe uma capella.

— A 8 de Dezembro de 1854 teve logar a Solemnissima Definição do Dogma da Immaculada Conceição da Virgem Maria, pela bulla *Ineffabilis Deus*, facto o mais glorioso do reinado do Fidelissimo Rei o Senhor D. Pedro V.

— Os militares da guarnição do Porto elegeram Nossa Senhora da Conceição para sua Protectora, a 23 de agosto de 1733.

El-Rei D. João VI deu á Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, por elle fundada, um caracter puramente honorifico, que tinham já ao tempo todas as outras ordens militares.

— Diz Souza de Macedo, na sua *Eva e Ave*, que foi D. Brites da Silva, portugueza illustre em sangue e santidade, quem instituiu em Toledo a Ordem das religiosas da Conceição. Esta regra foi approvada pelos pontifices Xisto IV e Julio II.

A egreja de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa é tida pela mais antiga que houve na peninsula com esta invocação. Depois do juramento das côrtes de 1646, D. João IV mandou escrever em marmores, para serem collocados sobre as portas das cidades e villas do reino, aquelle mesmo juramento, já por nós referido. Ás Portas da Cruz, esquina da calçada do Cascão, ainda hoje existe uma lapide com aquella inscripção.

Por cima do Arco do Marquez de Alegrete ainda existe a inscripção mandada gravar por D. João IV. Diz assim: — *A Virgem Maria Senhora Nossa, foi concebida sem peccado original.*

XIX

Conclusão

Parece-nos que fica claramente demonstrado o facto da existencia da velha imagem de Nossa Senhora do Restello, que sempre acompanhou os Freires da Ordem de Christo, desde a sua ermida em Belem até ao templo da Conceição Velha, aonde está; que a egreja, mandada construir por el-rei D. Manuel, no sitio aonde foi a synagoga dos judeus, era aonde esteve a primeira freguezia da Conceição, e que recebeu do povo o nome de Conceição Velha, quando a mesma freguezia passou para a Conceição Nova; e que a actual egreja da Conceição Velha occupa, depois do terremoto de 1755, o logar aonde esteve o templo da Misericordia, mandado construir igualmente por el-rei D. Manuel, como claramente se vê da sua frontaria (1).

(1) Dizia-se que a Imagem existente na Conceição Velha não era a da primitiva e isso levou naturalmente a commissão do centenario a mettel-a no esquecimento, havendo até quem julgasse que a verdadeira Imagem é a que está em Belem. A esta foi feita uma grande festa, quando o sr. conde do Restello foi guindado áquella dignidade.

Esses boatos são completamente destituidos de fundamento.

Dizia-se, e está escripto, Alexandre Herculano o apresentou no *Panorama* e diversos escriptores modernos o repetiram, que a actual egreja da Conceição Velha occupava o logar da antiga *esnoga*, o que se vê não ser assim. A antiga Conceição Velha, a outra egreja da Conceição que existiu proximo á Magdalena, é que occupou esse logar. No logar da actual foi a Misericordia, e antes d'isso tudo ali era praia.

E se o historico e venerando templo de Santa Maria de Belem é digno de attenção e respeito por attestar aos vindouros as glorias da patria, nos aureos tempos do rei Afortunado, a pequena egreja da Conceição Velha, que se encontra entallada entre a casaria pombalina da Rua da Alfandega, tambem tem todo o direito a ser por nós venerada, por ser igualmente filha dos altos feitos de Vasco da Gama, e por conter em si duas apreciaveis reliquias:— a frontaria, aonde se vê el-rei D. Manuel, de tamanho natural, e a familia real, em adoração á Virgem Mãe de Deus; e a Imagem da mesma Virgem, que em 1497 assistiu, na sua ermida do Restello, á partida da expedição para a India e que sobre ella lançou a sua benção.

Ao bom exito da expedição se deve a existencia dos dois templos, paginas de pedra que devem estar sempre abertas aos nossos olhos e aos olhos dos nossos filhos e netos. Faremos, pois, com a ajuda de Deus, diligencia para as não fechar.

Agora um pedido aos leitores. Que se inscrevam como associados de qualquer das irmandades ou associações de devotos erectas n'esta egreja, mórmente da irmandade de Santa Cruz e Passos, por ser esta a corporação que sustenta hoje o culto diario, que é o que leva mais dinheiro.

A joia, tanto para homens como para senhoras, é apenas de 200 réis e o annual, que póde ser pago por uma, duas ou quatro vezes, é de 240 réis.

Por conta da irmandade, ha missa, ao meio dia, em todos os dias de semana, e ás sextas-feiras está a egreja aberta até hora e meia depois do anoitecer, para quem quizer fazer oração e beijar o pé á veneranda Imagem do Senhor Jesus dos Passos.

São resadas quatro missas por alma de cada associado que fallecer, annunciadas com a precisa antecedencia no *Diario de Noticias,* para as pessoas de familia as poderem ouvir. Nos ultimos vinte annos tem esta irmandade mandado celebrar 2:688 missas, por alma dos seus associados fallecidos.

Mas para que a receita, que é quasi toda eventual, possa fazer face á despeza, é preciso que as pessoas devotas, que se interessam pela conservação do culto d'esta egreja, dispensem continuamente á mesma a sua tão necessaria coadjuvação; que se

inscrevam, se ainda o não fizeram, como associados, pedindo a outras pessoas para se inscreverem tambem; vindo assistir, todas as vezes que possam, aos actos religiosos, lançando suas esmolas nos mealheiros e contribuindo para o culto com offertas de cêra, azeite, flôres, alfaias e paramentos, pois de tudo se precisa, quando não ha rendimento proprio; a egreja, não sendo freguezia, não tem por isso os rendimentos d'estas.

Como é sabido, a egreja da Conceição Velha pertence ao estado, mas o estado não contribue com cousa alguma para o seu custeio. Se está aberta e no estado de asseio em que se encontra é porque, diga-se a verdade, a irmandade dos Passos, dos seus pequenos rendimentos, trata de acudir a todas as necessidades da egreja, e vê-se que não ha altar que esteja menos bem tratado.

O culto prestado á Imagem da Senhora do Restello tem sido promovido pela irmandade dos Passos, e é a ella a quem se deve ultimamente a noticia da existencia da mesma Imagem, completamente ignorada por muita gente.

Tambem pedimos ás pessoas, que tenham adquirido este folheto, que façam com que outras pessoas tambem o venham adquirir por meio de uma pequena esmola, pois d'esta fórma beneficiam a mesma egreja.

Todas as offertas, ainda as de mais pequeno valor, são sempre bem recebidas e toda a cêra, proveniente de promessas, é logo accesa, e á vista mesmo da pessoa que a apresenta. O mesmo succede ao azeite, etc.

Por vezes, e principalmente por occasião da ultima crise commercial, se tem julgado impossivel o poder continuar o culto d'esta egreja, por falta de rendimentos proprios e fallecimento de diversos bemfeitores. Felizmente o culto tem continuado, não com a magestade e grandeza de outros tempos, mas modestamente e sem pompa.

É, porém, muito notado o não haver missa aos domingos e dias de santos de guarda. Foi essa uma economia que se fez ha poucos annos, quando se reconheceu que a receita não chegava de maneira nenhuma para a despeza.

Para haver missa n'esses dias chegou-se a organisar uma *Associação Promotora do Culto,* mas as esmolas obtidas por esse meio não chegavam, nem hoje chegam, para satisfazer metade

do vencimento do sachristão, quanto mais para pagar ao celebrante.

Seria bem recebida, estamos certos d'isso, qualquer corporação que se organisasse e que tomasse a seu cargo o estabelecer missas aos dias sanctificados. As que estão estabelecidas na egreja não o podem fazer, porque todas ellas luctam com difficuldades para poderem cumprir o determinado nos seus compromissos e para isso pedem repetidas vezes esmolas aos associados por meio de circulares.

Appellamos, pois, para as pessoas devotas, que tantas provas de interesse dão pela continuação do culto d'este historico templo, para que façam propaganda entre as pessoas do seu conhecimento em favor do mesmo culto. Todas as receitas são rigorosamente applicadas ao fim a que são destinadas e a escripturação clara e em dia, franca sempre para quem a quizer examinar.

Alexandre Herculano costumava frequentar a loja de livros da viuva Bertrand & Filhos, ao Chiado, esquina da antiga rua da Figueira, que era a editora das suas obras.

Assentava-se n'um banco, da parte de fóra do balcão, e ali estava de conversa, ás vezes, por horas esquecidas.

Tivemos a fortuna de o conhecer pessoalmente e n'uma occasião, entrando ali, ouvimos ao fecundo historiador o seguinte:

«Perguntaram uma vez a um preto em que era que seu amo se occupava.

— Meu amo, respondeu elle, está sempre n'uma casa cheia de livros, fazendo livros novos.

— Mas como é que elle os faz; muda-lhe as capas?

— Não, senhor. É escrevinhador. Copía o que encontra nos livros velhos e com isso faz livros novos».

Assim estamos nós. Este nosso trabalho não é mais do que a imitação do que fazia o amo do preto. Quasi tudo o que aqui se encontra foi escripto e repetido em differentes obras antigas, servindo-nos, comtudo, de guia, o que encontrámos no pobrissimo archivo dos Freires.

E desculpem os leitores se a mesquinhez do escripto não correspondeu á grandeza do assumpto que se pretendeu tratar.

Indice

		Pag.
I	De Relance	1
II	As synagogas dos judeus	13
III	A Ermida do Restello	21
IV	Vasco da Gama	33
V	Nossa Senhora do Restello	41
VI	Os Freires de Christo	51
VII	A antiga egreja da Conceição dos Freires	67
VIII	Belem e Jeronymos	83
IX	Da origem e estabelecimento da Misericordia	93
X	A antiga egreja da Misericordia	107
XI	A actual egreja da Conceição Velha	121
XII	Extincção das ordens religiosas	141
XIII	Irmandades	147
XIV	Nossa Senhora das Mercês	155
XV	Nossa Senhora da Atalaya	161
XVI	A frontaria e as portas travessas da Misericordia	169
XVII	A freguezia da Magdalena	181
XVIII	Freguezia da Conceição Nova	193
XIX	Conclusão	203

Vende-se na sachristia da egreja da Conceição Velha
e nas principaes livrarias

91-B9728

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00028 1192